

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM FILOSOFIA DA ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA EM ENFERMAGEM**

**CUIDADO DE SI OU VIOLÊNCIA CORPORAL?
A PRODUÇÃO DA VELHICE FEMININA NA MÍDIA**

YOLANDA FLORES E SILVA

**Florianópolis – SC
Novembro - 1999**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM FILOSOFIA DA ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA EM ENFERMAGEM**

**CUIDADO DE SI OU VIOLÊNCIA CORPORAL?
A PRODUÇÃO DA VELHICE FEMININA NA MÍDIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem – Universidade Federal de Santa Catarina,
Para obtenção do título de Doutor em Enfermagem.
Área de Concentração: Filosofia Em Enfermagem

Doutoranda: Yolanda Flores e Silva

Orientadora: Dra. Lúcia Hisako Takase Gonçalves

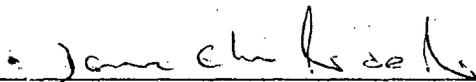
**Florianópolis – SC
Novembro - 1999
Agosto - 2000**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM FILOSOFIA DA ENFERMAGEM

**CUIDADO DE SI OU VIOLÊNCIA CORPORAL? A PRODUÇÃO DA VELHICE
FEMININA NA MÍDIA**

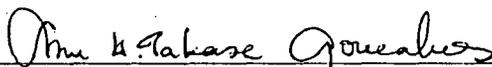
Yolanda Flores e Silva

Tese defendida em 16.11.1999 para obtenção do título de Doutor em Enfermagem -
Área de concentração: Filosofia da Enfermagem; e aprovada pela Comissão
Examinadora designada pela Portaria nº 074/PEN/99, atendendo as normas da
legislação vigente no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC.



Dr^a. Denise Elvira Pires de Pires - Coordenadora do Curso

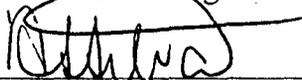
BANCA EXAMINADORA:



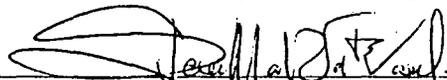
Dr^a Lucia Hisako Takase Gonçalves Presidente/Orientadora



Dr^a Ana Lúcia Magela de Rezende - Membro



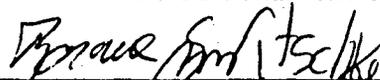
Dr^a Alcione Leite da Silva - Membro



Dr^a Zuleide Maria de Vasconcelos Varela - Membro



Dr^a. Cornelia Eckert - Membro



Dr^a. Rosane Gonçalves Nitschke - Suplente

Dr^a. Ymiracy Nascimento Souza Polak - Suplente

*À você... meu sol, meu arcanjo protetor,
agradeço pela efetiva (e afetiva) colaboração neste trabalho
que é fruto de uma intensa e permanente solidificação de
aprendizado em meu processo de envelhecer; hoje sei mais
do que nunca que a idade é uma verdade e não me iludo, ser
velha é se drogar na juventude, ser jovem é antes de tudo
saber envelhecer... gostaria de poder usufruir esta passagem
com você!*

AGRADECIMENTOS

A Dra.Lúcia, grande orientadora, grande mulher, que nestes últimos anos me acompanhou num processo harmônico, num desejo tranqüilo de realizar um doutorado sem traumas e sem sofrimentos. Obrigada por ter entendido meu ritmo, meus esquemas egoístas e solitários de trabalho.

Ao Dr. Theophilos Rifiotis, uma pessoa muito especial que me introduziu no mundo dos discursos de Umberto Eco. Por sua capacidade e disponibilidade durante sua disciplina Análise de Discursos, que tanto me ajudou a descobrir os caminhos possíveis para os resultados que agora apresento, o meu muito obrigada.

A todos que com sua presença (ou ausência muito saudosa), ajudaram a tornar a tarefa de construir esta tese em uma realidade muito prazerosa.

E finalmente, ao Programa de Bolsas da Capes, que durante dois anos financiou os custos de capacitação no qual se forjou este trabalho.

RESUMO

Cuidado de Si ou Violência Corporal? A Produção da Velhice Feminina na Mídia

Apresento os resultados de um estudo sobre a produção do envelhecimento feminino em um periódico feminino, através da análise de estratégias discursivas de alguns artigos, utilizando o referencial metodológico de Umberto Eco, com seu modelo de cooperação textual. A partir de uma análise discursiva de algumas matérias com enfoques voltados para o ensino do “cuidado de si”, constatei que a mídia vem produzindo um novo modelo de envelhecimento feminino. Neste novo modelo, o recurso do disfarce, da maquiagem, das plásticas, das dietas e muitos outros cuidados corporais, vêm permitindo a formação de um novo modelo de ‘velhice’ feminina, na qual se ressaltam um ideal de existência estética para as mulheres, com muitos cuidados ‘violentos’, caros e geradores de dependência.

ABSTRACT

This study show the conclusions of a investigation on the production of the woman aging profile in a woman brazilian monthly journal, through the analysis of discourse strategies of some articles, using the methodological strategy of Umberto Eco with his model of literal cooperation. From discourse analysis of some articles with approaches directed to the education of the “care from itself”, I evidenced, that the media comes producing a new model of woman aging, where the feature of the disguise, the make-up, plastic surgery, the diets and many other corporal cares, comes allowing the formation of a new model of ‘woman oldness’, where if they stand out an ideal of aesthetics existence for the women, with many ‘violent’ and expensive cares, and the generation of personal dependence.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Introdução	10
Referências Bibliográficas	20
Capítulo 1 - O Envelhecimento Humano	21
1.1- Sobrevivência e Envelhecimento - Algumas Considerações	21
1.1.1 - A Velhice: Natural ou Socialmente Construída?	22
1.1.2 - Do Olhar de Cícero às Idéias de Darwin	28
1.2- Sobrevivência e Envelhecimento - Algumas Considerações Atuais	33
1.2.1 - A Difusão do Liminar: Gênero, Ritos e Grupos Etários	37
1.2.1. a - Gênero e Velhice	38
1.2.1. b - Dos Ritos aos Conflitos	43
1.2.1. c - Grupos Etários e Velhice no Contexto do Curso da Vida	47
Referências Bibliográficas	52
Capítulo 2 - O Cuidado Humano	55
2.1 - As Práticas do Cuidado de Si	55
2.2 - Cuidado e Consumo	58
2.3 - Não Cuidado e Exclusão	60
Referências Bibliográficas	64
Capítulo 3 - O Processo de Comunicação	65
3.1 - Considerações Sobre Linguagem, Comunicação e Mídia	65
3.1.1 - Teoria da Comunicação	65
3.1.2 - Linguagem, Língua e Escrita	66

3.1.3 - Meios de Comunicação e Mídia.....	73
Referências Bibliográficas	79
Capítulo 4 - Tecendo os Fios dos Discursos.....	81
4.1 - Sobre os Objetivos do Estudo	81
4.2 - Os Caminhos Para a Constituição do <i>Corpus</i>	82
4.2.1 - O <i>Locus</i> Cultural da Pesquisa	83
4.2.2 - As Revistas - Tipos de Matérias e Universo Gráfico-Visual... ..	86
4.3 - Os Caminhos Percorridos: Etapas Para a Análise Metodológica... ..	93
4.4 - O Modelo de Cooperação Textual de Eco.....	98
4.5 - Anotações e Exemplos de Registros	106
Referências Bibliográficas	118
Capítulo 5 - Teia dos Discursos.....	119
5.1 - A Aranha e Seus Fios Discursivos	119
5.1.1 - Mulher de Meia Idade: Dominadas e Dominantes?	119
5.1.2 - Mulher de Meia Idade: Falas e Silêncios	126
5.1.3 - Mulher de Meia Idade: Violências e Promoção da Ilusão	140
Referências Bibliográficas	150
Capítulo 6 - Cuidado de Si e Violência : Reflexões Finais.....	152
6.1 - Algumas Diferenças a Considerar.....	153
6.2 - O Cuidado e o Envelhecimento Feminino.....	154
6.3 - Considerações Finais	158
Referências Bibliográficas	163
Bibliografia.....	164
Consultada.....	164
Anexos.....	176

INTRODUÇÃO

“Pensei que a idade era uma época mais calma. Os setenta anos foram interessantes e bastante serenos, mas os oitenta são apaixonantes. Minha intensidade emocional aumenta com a idade...Dentro de nós há uma chama intensa que é quase incomunicável. Em uma rebelião silenciosa e ardente, gritamos em silêncio: vivi minha vida, não é? O que mais se espera de mim?” (Shalomi-Schachter & Miller, 1996, p. 26)

A mídia descobriu a velhice e os velhos.

Manchetes do tipo “A Vida Vence a Velhice”, “Remédios e Terapias Fortalecem os Idosos”, “Brasileiros Vivem Mais e Melhor”, são chamativas e estão na televisão ou em revistas do tipo informativa tais como as revistas femininas de auto-ajuda e orientação, tão comuns desde os anos 60, quando surgiram as primeiras revistas de fotonovelas.

Este tipo de literatura, embora tenha seu berço nos romances para moças nos anos finais do século XIX, encontrou seu apogeu nos últimos 30 anos, como lembra Sant’Anna (1995)ⁱ, com informações para mulheres sobre como se tornar bela ou parecer mais jovem. Este gênero de informação abundante tanto em jornais quanto em revistas entre os anos 1900 e 1930, apontava “os defeitos” femininos e as fórmulas para combatê-los. Segundo Sant’Anna (idem), são “conselhos” como estes que vem conquistando desde aquela época grande parte do mercado editorial dos periódicos populares do país, garantindo às revistas um mercado fixo de vendas com a circulação de muitos títulos semanal, quinzenal ou mensalmente

O que me chamou a atenção, no que se refere aos textos analisados neste estudo, é o olhar maciço sobre a mulher e o seu corpo, com a produção de matérias quase que exclusivamente voltadas para a “recuperação”, “cuidado”, “embelezamento” e

“rejuvenescimento” desta. Estas revistas têm muita repetição de informações e estão sempre vendendo alguma fórmula ou regra do cuidado de si (expressão popularizada por Foucaultⁱⁱ no seu "História da Sexualidade", no capítulo "Cultura de Si", quando trata da necessidade do homem de ocupar-se consigo mesmo) que vão das unhas a formas de se expressar e se comportar. Meus questionamentos iniciais foram: mas, afinal, que razões podem levar milhares de mulheres a consumir este tipo de informação? Que sentido a mulher atual encontra nestes conteúdos e por que razão se identificam com os mesmos? Que fatores socioculturais suscitam a adesão aos discursos lá impressos? O que está dito e o que está implicitamente dito no conteúdo destas matérias?

Diante destes questionamentos, passei a examinar o conteúdo de algumas revistas, mas centrei-me particularmente em uma delas, para tentar responder parte das perguntas acima, observando mais especificamente o discurso dirigido à mulher que envelhece neste final de milênio. Meus objetivos se voltaram para a produção dos sentidos através das formações discursivas repassadas por este tipo de mídia e as relações que considero serem estabelecidas de “assujeitamento” das mulheres a um mercado editorial que determina como a mulher deve envelhecer e que tipos de relação deve ter consigo e com os outros.

O estudo realizado levou em conta, sobretudo, as ‘falas’ escritas na mídia feminina que parecem ‘dizer’ às mulheres que tipo de comportamentos e cuidados devem estabelecer para si como metas, a fim de preservarem seus casamentos, a juventude passada e continuarem a ser aceitas. Também procurei examinar alguns aspectos voltados para a questão do consumo de produtos, bem como a importância dada aos mesmos enquanto uma espécie de ‘fonte da juventude’ ou ‘máquina do rejuvenescimento’, oferecida como uma promessa de uma vida relativamente saudável e de qualidade. Ainda que eu tenha realizado um estudo onde o referencial básico foge em parte de minha orientação profissional como enfermeira, procurei focalizar meu interesse também no aspecto saúde. Algumas das informações publicadas nestes periódicos (principalmente aquelas que enfocam os cuidados com a saúde), se constituem para mim em verdadeiros pacotes comerciais que, em decorrência dos interesses econômicos por detrás, sugerem-me a possibilidade do repasse de matérias altamente prejudiciais, incompletas ou ainda desnecessárias às mulheres.

Como enfermeira de uma instituição asilar nos anos 80, de um centro de saúde municipal nos anos 90, e como docente desde 1995, estou desde o ano de 1986 trabalhando e identificando questões de estudo sobre o envelhecimento humano e a prática da enfermagem frente a este universo de pessoas que necessitam de serviços e assistência especializada.

Todas estas experiências, muito importantes do ponto de vista profissional e pessoal, vêm servindo como fonte de reflexão aos muitos questionamentos que sempre fizeram parte do meu processo individual de pensar o envelhecimento feminino. Assim, em 1985, estudei as relações pessoa a pessoa – marco teórico de Joyce Travelbee - entre mulheres velhas institucionalizadas e os profissionais da saúde (tema de minha monografia de graduação); e em 1989, fiz um estudo etno-antropológico sobre a importância das práticas informais de saúde nos tratamentos domiciliares acompanhados por mulheres e terapeutas populares velhas em uma comunidade da ilha de Santa Catarina (dissertação de mestrado em Antropologia Social).

Nos anos que se seguiram, quando fui me envolvendo mais com a Antropologia, através do ensino nas áreas da Saúde e Ciências Políticas e Sociais na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, elegi a temática envelhecimento como assunto para muitos de meus estudos, seminários, oficinas e orientação de monografias na graduação e em cursos de especialização. Desta forma, continuei estudando e aprendendo sobre o processo de envelhecimento, o que ampliou meu caminho e meu olhar para esta abordagem, a partir da qual passei a fazer uma série de teias de interesse, relacionando a velhice a outras temáticas importantes, tais como gênero, violência, grupos etários e comunicação, dentre outras possibilidades, que ampliaram meus conhecimentos na área do envelhecimento humano.

Nesta trajetória, onde muitas são as pesquisas sobre mulheres, nasceu o desejo de pesquisar sobre a produção da velhice saudável nas revistas femininas dirigidas a um público específico acima de 40 anos. A princípio, o que pode ter parecido simples, foi se mostrando como algo complexo, parte de um universo amplo de possibilidades e desdobramentos, algo que extrapolou, sem dúvida, o campo biomédico.

Consegui, a meu ver, com este trabalho, demonstrar que alguém com formação e prática de enfermagem, não necessita sempre alinhar seus projetos de pesquisa a objetivos que respondam com ações práticas a uma determinada situação ou problema. A

idéia de só produzir algo que visasse ações imediatas sempre me preocupou. Partilho a idéia de que enfermeiras podem pensar e realizar estudos que se projetem para além de seu suposto campo de ação, ampliando desta forma não apenas seu próprio conhecimento, mas trazendo para a profissão novas possibilidades para debate e reflexão que, necessariamente, não precisam levar à prática imediata. Da ampla gama de questões que analisei, nesta tese, a maioria delas continua sem resposta e provavelmente muito pouco poderá ser utilizado imediatamente na prática assistencial de enfermeiras que trabalham com pessoas acima de 60 anos. Em síntese, estou apresentando hoje apenas um esboço de uma pequena fatia de um determinado conhecimento sobre a produção do envelhecimento através de discursos encontrados na mídia que, espero, possa originar novas questões que futuramente voltarão, com certeza, a ser analisadas, podendo, ou não, gerar projetos de melhoria da qualidade da assistência e do ensino voltados para o envelhecimento humano.

Com relação a temática trabalhada, quero lembrar sobre a atualidade da mesma, principalmente levando-se em conta que o ano de 1999 foi proclamado pela ONU- Organização das Nações Unidas¹, como sendo o ano internacional do velho e de como nos últimos anos vem se popularizando com muita rapidez estudos e discussões sobre o envelhecimento e o destino destes velhos. O que vemos, portanto, é uma grande preocupação com a situação da pessoa que envelhece nas sociedades urbano-industriais que, do ponto de vista do imaginário cultural, segundo Rifiotis (1994)ⁱⁱⁱ, não é um fato novo.

O texto “Diálogo” de Marco Túlio Cícero, filósofo, político, jurista e orador, nascido em 106 a. C., considerado o mais característico representante do ecletismo em Roma, é uma tese sobre a arte de se envelhecer bem. No tópico sobre ‘O Envelhecimento Humano’ (capítulo 1), relato a preocupação de Cícero com a velhice, fazendo uma defesa apaixonada sobre a virtude e o desafio de vivenciar esta condição de vida, mostrando que a velhice pode ser ocupada e capaz de oferecer e dar prazeres, bem como interagir de forma positiva com os mais jovens.

¹ Os princípios das Nações Unidas em favor das pessoas de idade foram adotados pela Assembléia Geral das Nações Unidas (resolução 46/91) em 16 de dezembro de 1991. Nesta reunião se estabeleceu que o penúltimo ano do século seria dedicado a exortação dos governos para que incorporassem os princípios da ONU aos seus programas nacionais quando possível. Os princípios defendidos pela ONU são: Independência, Participação, Cuidados, Autorealização e Dignidade. (<http://www.un.org/esa/socdev/iyop/esiyoppo.htm>)

Como se observa, em Cícero, os jovens e os não tão jovens, devem desde cedo cultivar a busca do conhecimento; do cuidado de si, físico e intelectual, de modo a transformar o prazer das paixões em um prazer ideal dirigido ao espírito, e transformar a impaciência em calma e prudência, para que na velhice possam ser respeitados e até desdenhar da própria morte.

Este “cuidado de si” enquanto uma preocupação com o que se é, era para Sócrates (quem primeiro falou sobre isto), uma conversão de valores e idéias, quando o ser humano se concentrava em si e tomava consciência de suas necessidades através de práticas de reflexão e cuidados com o espírito e o corpo. Desta forma, o cuidado consigo, no sentido socrático, chega até nós com a interpretação de vários “olhares”² que afirmam ser este “cuidado” capaz de dar aos seres humanos o “governo de si” (expressão também popularizada por Foucault quando trata do “cuidado de si”), sendo um momento de eterno “acordar” de possibilidades independentemente da idade de quem o realiza. Ainda assim, a velhice se mostra como uma etapa de vida assustadora para a maioria das pessoas. Conseguiu-se uma maior longevidade humana, mas ainda nos sentimos frustrados em não poder garantir, com absoluta certeza, um estado físico e psíquico de eterna disposição e saúde, onde as pessoas, embora com idades cronológicas avançadas, possam desenvolver atividades diversas, manter uma fisionomia bonita de acordo com os padrões estéticos predominantes, e morrer quando já há muito passaram pela idade socialmente criada e denominada de terceira idade³.

Os estudos realizados no Brasil sobre envelhecimento falam desta terceira idade que invade o país, mostrando através de censos demográficos uma população, já em 1991, com mais de 7 milhões de pessoas acima dos 65 anos de idade, sendo que mais da metade destas (3,9 milhões) eram do sexo feminino. Este crescimento populacional dos velhos em nosso país, é resultado de um declínio rápido e sustentável da mortalidade, levando a um

² O cuidado de si no sentido Socrático, esteve presente na história do ser humano ao longo de mais de 20 séculos de existência, ficou ausente no período primitivo cristão, que pregava a penitência e o sofrimento como valores santos e capazes de levar o homem ao Reino de Deus, mas reapareceu na voz de inúmeros filósofos, de Montaigne a Kant (Eizirik, 1997).

³ Debert (1997), no texto “A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas”(RBCS, vol. 12, n. 34, junho), afirma que esta forma de tratamento teve origem na França, com a implantação nos anos 70, das *Universités du Troisième Âge*. O uso tem sido bastante popularizado por não representar ainda uma conotação depreciativa das pessoas acima de 60 anos.

aumento da esperança de vida bastante significativo, com um crescimento diferencial por sexo decorrente de uma menor mortalidade feminina (Beltrão & Camarano, 1997)^{iv}.

É com base nestes dados e na projeção de que em 2020 teremos um velho para cada treze jovens (até o ano 2000 seremos um para cada vinte), que observamos esta grande preocupação com a gestão do envelhecimento e suas conseqüências (Berquo, 1996)^v. Para as instituições, em particular, o resultado deste processo de envelhecimento trará um aumento de problemas que resultam na necessidade de crescimento proporcional de respostas às demandas por serviços, benefícios e atenção, a este segmento da população.

De um lado temos a velhice, como um produto de nossa civilização, uma alteração da natureza em decorrência dos avanços médicos e tecnológicos, sendo visto como um benefício e resultado da inteligência e criatividade humana, e do outro observamos vários países, entre eles o Brasil, buscando soluções para os altos custos sociais e econômicos com aposentadorias, assistência e serviços especializados (na saúde, educação, urbanismo, turismo, entre outros), bem como para a criação de espaços e atividades adaptados às condições do segmento mais velho da população.

A situação é tal, que a velhice passa por vários discursos. O discurso de uma velhice desatualizada e sem atividades, portanto improdutivo, o que significa para uma parcela da sociedade a idéia de manter pessoas em um total estado de inutilidade, decadência e marginalização. Por outro lado, outros discursos e, entre eles, este para o qual lancei meu olhar, que é o discurso da eterna juventude ou velhice ‘disfarçada’, que propõe entre outras coisas, muitas atividades e ocupações como forma de valorização e aceitação social, tomado como um valor que pode (e deve) ser alcançado a qualquer custo pelas pessoas que estão entrando ou que já fazem parte da população reconhecida como parte do grupo da 3^a idade.

Embora os velhos permaneçam sendo vistos como um embaraço para a população mais jovem, a denominada ‘meia-idade’ ou madureza, é vista como um marco de passagem que definirá como cada pessoa irá enfrentar sua “terceira idade” ou situação de “velho jovem”. Isto, segundo meu ponto de vista, é um modelo de envelhecer encontrado principalmente em determinados grupos de pessoas (homens e mulheres) das classes média e alta da nossa sociedade. E por que classe média e alta? Porque este modelo de transformação perpassa os sonhos de consumo e de valorização bastante fortes neste

segmento social, a tal ponto que consegue adotar novas denominações como substitutas do termo velho⁴, tornando o uso mais constante da palavra idoso ou pessoa da terceira idade como substitutos. É também nestes dois grupos sociais que existe uma maior possibilidade da adoção de formas de consumo e estilos de vida voltados para a manutenção corporal e de atividades que requerem um mínimo de independência econômica e física, cada vez mais difícil de se encontrar nos segmentos mais empobrecidos de nossa população.

Os discursos voltados para as pessoas da meia-idade, que em pouco tempo farão parte do grande contingente “jovens velhos”, mais especificamente as mulheres de classe média e alta que caminham para este quadro, foram alvo deste estudo. Isto porque, a meu ver, são dirigidos a estas mulheres que neste momento estão na maturidade, os discursos sobre um modelo de juventude e eterna disposição física, mental, sexual e social, como um produto a ser vendido e consumido para que haja uma plena aceitação destas em suas famílias e nos grupos sociais onde estão inseridas.

Neste sentido, o título que inicialmente dei ao meu projeto de tese, deixa de ser procedente, uma vez que considero hoje não ser a mídia a construtora destes discursos veiculados, mas alguns grupos de elite, que se organizam para construir modelos que sejam assimiláveis pela sociedade e divulgados por intermédio da mídia. A mídia neste caso, como diria Bourdieu (1998)^{vi} é o porta-voz autorizado a descrever, afirmar e até sugerir ações/orientações para homens e mulheres que neste momento atravessam os ritos de consagração da maturidade à velhice rejuvenescida, modelo padrão do que se considera “velhice saudável”. Também é esta mídia que produz um modelo de submissão paradoxal que a meu ver consegue levar as pessoas a vivenciarem o que Bourdieu (1999, p. 7-8)^{vii}, denomina de:

“violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento“

⁴ É importante lembrar a conotação pejorativa do termo “velho”, e como este termo, assim como os termos “velhote”, “velhinho”, entre outros, são usados para reforçar a situação de exclusão social dos velhos, fortemente associada a decadência física, incapacidade para o trabalho e pobreza.

Esta violência, nem sempre explícita ou reconhecida pelos sujeitos que as vivem, pode ser percebida na regulação dos corpos, nas atribuições de modelos de normalidade e anormalidade a diferentes estados ou comportamentos. Daí a importância da corporeidade, primeiro espaço de preocupação entre as pessoas que envelhecem, que sentem nas perdas físicas a perda da própria identidade, um suporte forte para a constituição de suas subjetividades.

Rolnik (1997, p.20)^{viii} ao tratar de subjetividade⁵, fala dos novos modelos sociais que estão sendo criados na chamada era da globalização. A autora afirma que “no atual processo de globalização, há uma intensidade de misturas que por vezes pode pulverizar as identidades dos sujeitos e isto implica dizer que se vem produzindo “kits” de perfis padrão de acordo com cada órbita do mercado para serem consumidos pela subjetividade”. As pessoas, no entender de Rolnik, tentam produzir um perfil padrão ou modelo que seja de fácil aceitação principalmente nos espaços urbano-industrializados das grandes cidades.

A partir desta abordagem novos questionamentos surgiram e além dos citados no início, cheguei a estes: a mídia está produzindo realmente um perfil/modelo de mulher-velha rejuvenescida? Que orientações esta mídia oferece que me faça pensar na formação deste modelo? Que leitora-modelo é idealizada para a leitura de textos como estes apresentados pelas revistas femininas? Quem é esta mulher que se prepara para a velhice? E sendo velha e do sexo feminino o que lhe é sugerido para permanecer socialmente aceitável?

Neste estudo, levando em conta como o segmento feminino que envelhece está em maior número do que o masculino, e observando a subjetividade envolta neste processo entre as mulheres e a própria mídia, percebi que a imagem feminina desejada parece ser aquela da mulher que não apresenta sinais de sua idade real. Isto significa incluir como parte do aceitável, o impedimento das manifestações físicas da velhice, ligadas a

⁵ Para este estudo, a subjetividade é definida como sendo os traços de formação dos sujeitos sociais, sendo ressaltada como a busca da compreensão das formas e exercícios de sociabilidade, ou daqueles processos de satisfação ou insatisfação que levam as pessoas a se associarem com outras dentro de regras previamente estabelecidas que condicionam as condutas de cada pessoa (KOURY, M. G. P. e col. , 1996.) ou ainda segundo Eizirik (1997), como sendo a relação que uma pessoa estabelece consigo mesma, através de uma série de procedimentos que são propostos e prescritos em todas as épocas e civilizações, tendo por objetivo fixar ou produzir uma identidade, mantê-la ou transformá-la em função do momento social vivido.

determinados padrões estéticos, bem como a inatividade, a tristeza e as doenças. Esta imagem feminina, ainda em construção neste momento, leva-me a pensar que existe uma tendência, conforme discuti na análise, de privilegiar mulheres adultas ativas física e mentalmente, geradoras de lucro na medida que possam também ser consumidoras.

Como se pode ver, a meia-idade e todo o processo para o envelhecimento, estão muito além do campo de estudo biomédico. A velhice não é apenas um fenômeno que gera crises no sistema de saúde, previdenciário e social, ela também é parte de um processo em constante transformação que inclui crises de palavras e discursos. Ou seja, a velhice é também um fenômeno discursivo.

Assim, organizei em cinco capítulos os resultados de minha investigação, onde tentei compreender e interpretar um pouco dos discursos apresentados pela mídia sobre o envelhecimento saudável dirigido às mulheres. O primeiro capítulo é uma apresentação das temáticas envelhecimento e cuidado humano, situando estudos com referenciais nas áreas da filosofia, saúde, antropologia e literatura feminista. O objetivo deste capítulo é fazer uma revisão teórica que permita situar a questão no contexto urbano-industrializado de nossas cidades brasileiras e, em particular, fornecer elementos que permitam uma melhor compreensão do *corpus* escolhido para este estudo.

No segundo capítulo, discuto alguns aspectos teóricos do processo de comunicação, apresentando como se realiza a comunicação (teoria da comunicação), a importância da língua e da escrita para a organização dos principais meios de comunicação existentes hoje, chegando, por fim, aos meios de comunicação propriamente ditos, a mídia escrita, e os caminhos que ela utiliza para argumentar e produzir a sedução e a persuasão do receptor de suas mensagens.

Na etapa que compreende o terceiro capítulo, que denomino de “tecendo os fios dos discursos”, escrevo sobre o *corpus* deste estudo, iniciando com o problema e os objetivos de minha proposta de pesquisa, os caminhos para a constituição do *corpus*, que inclui a apresentação do *locus* cultural das revistas, o universo gráfico e visual que elas utilizam e, por fim, os princípios metodológicos adotados, que estão inseridos em um modelo de análise de discurso que se remete aos princípios de Michel Pêcheux e utiliza como técnica de organização do material a ser analisado o modelo de cooperação textual de Umberto Eco.

O quarto capítulo, “teia dos discursos”, inicia a discussão do material analisado, em que procurei ligar os fios dos discursos, colocando a figura da mulher no grande centro de minha teia de ‘falas’ e discursos, sobre sua identidade produzida através de orientações sobre como deve cuidar-se, olhar-se e viver. O poder e a governabilidade das ações desta leitora-modelo, sugerem um controle de suas ações, comportamentos e a rejeição de si mesma caso fuja do estabelecido. Esta discussão faço com alguns teóricos que trabalham questões ligadas à dominação, violência simbólica, gênero e grupos etários.

Finalmente, no quinto capítulo, onde estão as considerações finais desta tese, revejo os discursos dos textos analisados e apresento minhas preocupações com o “cuidado” ou auto-cuidado ou o ‘cuidado de si’ ensinado nas revistas femininas. Nas matérias destas revistas, concluo, o “cuidado de si” cria um novo modelo de envelhecimento feminino, onde o recurso do disfarce, da maquiagem, das plásticas e dietas, ressaltam um ideal de existência estética para as mulheres, com muitos cuidados “violentos”, caros e geradores de dependência.

Termino, portanto, esta introdução, adiantando-lhes que não foi de interesse trazer, através dos resultados aqui apresentados, soluções aos medos e conflitos que envolvem o envelhecer humano e suas conseqüências. Também não se quer defender ou dizer o que profissionais, mulheres, velhos, enfim, a sociedade, deve realizar ou ser. A minha intenção, idealizada, é a de compreender a produção de um ou mais discursos sobre um momento do curso da vida que é o envelhecimento. Ou seja, seguindo uma afirmação de Debert (1998: p.62)^{ix}, afirmo que não caberá a nós “resolver um problema social, mas compreender como um problema social é constituído e como é o conjunto de representações que orientam as práticas destinadas a solucioná-lo”.

Referências Bibliográficas

-
- ⁱ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: Fragmentos Para Uma História do Corpo no Brasil. In: _____ (org.). **Políticas do Corpo – Elementos Para Uma História das Práticas Corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- ⁱⁱ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ⁱⁱⁱ RIFIOTIS, Theophilos. **Aldeia de Jovens: a Passagem do Mundo do Parentesco ao Universo da Política em Sociedades Banto-Falantes. Abordagem Sócio-Antropológica da Dinâmica dos Grupos Etários Através do Estudo da Literatura Oral**. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- ^{iv} BELTRÃO, Kaizô Iwazami & CAMARANO, Ana Amélia. Características Sócio-Demográficas da População Idosa Brasileira. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 1, p. 106 – 119, 1997.
- ^v BERQUO, Elza. Considerações Sobre o Envelhecimento da População no Brasil. In: NERI, Anita Liberalesso & DEBERT, Guita Grin (orgs.). **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.
- ^{vi} BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- ^{vii} BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- ^{viii} ROLNIK, Suely. Toxicômanos de Identidade – Subjetividade em Tempo de Globalização. In: LINS, Daniel (org.). **Cultura e Subjetividade – Saberes Nômades**. Campinas: Papyrus, 1997.
- ^{ix} DEBERT, Guita Grin. A Antropologia e o Estudo dos Grupos e das Categorias de Idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.). **Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos Sobre Identidade, Memória e Política**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

CAPÍTULO 1 - O ENVELHECIMENTO HUMANO

“Mas todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza. E a velhice, seguramente, faz parte delas! Todos os homens desejam alcançá-la, mas, ao ficarem velhos, se lamentam”

(Cícero,1997, p. 9)

1.1 - Sobrevivência e Envelhecimento – Algumas Considerações

Para muitas sociedades, o nascer representa o milagre onde se garante não só a perpetuação da espécie, mas da sociedade e da cultura como um todo, uma vez que os mitos e os ritos sobre a crença do nascimento garantem também a confiança na continuidade do planeta e, porque não dizer, do universo. Nascimento e morte se situam na história da humanidade como momentos especiais, ritos de passagem para quem os vive e para quem convive com as vidas que chegam e que se vão. Já o envelhecer, o ficar velho, embora também considerado um momento liminar, suscita sentimentos contrários àqueles sentidos entre o nascer e o morrer. Envelhecer, traz medo. Nascer, traz alegrias e, na maioria das vezes, esperança.

Em nossos dias, quando as ciências biomédicas, auxiliadas por áreas como a engenharia genética, a cosmetologia, as cirurgias plásticas, a área desportiva, a nutrição entre outras, se aventuram pelo mundo da alta tecnologia em busca de um aumento da longevidade humana, é tido como frustrante para muitos cientistas não terem conseguido até o momento desenvolver a “pílula da juventude”. Com esta "pílula", acredita-se ser possível garantir um estado físico e psíquico de eterna disposição e saúde, situação na qual as pessoas, embora com idades cronológicas avançadas, pudessem desenvolver atividades

diversas, manter uma fisionomia bonita, e exuberante, tal qual se exige e até se impõe na maioria as sociedades ocidentais urbanas.

Esta forma de viver o envelhecimento, como um momento ou rito de passagem (Van Gennep, 1960)ⁱ, por vezes assustador, tem sido bastante maquiado de forma a esconder o passar dos anos e o declínio da vitalidade das pessoas. Tem também levado muitas pessoas a desenvolver atitudes de cuidado e/ou ações, que a meu ver parecem desnaturalizar o processo de sobreviver/existir e envelhecer. É justamente por refletir sobre a possibilidade de desnaturalização da velhice no processo de envelhecer humano, que resolvi desenvolver, com o auxílio do pensamento de alguns filósofos e naturalistas¹, algumas reflexões sobre a velhice humana, na perspectiva de entender como e/ou por que, este processo natural passa a ser algo socialmente construído.

1.1.1 - A Velhice: Natural ou Socialmente Construída?

Encontrei na enfermagem referência aos cuidados da saúde como essenciais à sobrevivência da humanidade e como parte integrante de muitas culturas humanas. Esta sobrevivência, segundo alguns dicionários da língua portuguesa (Ferreira, 1991; Faria & Cavel de Magalhães, 1976; Caldas Aulette, 1974)ⁱⁱ, seria a capacidade que o ser humano possui de continuar a ser, existir, viver, escapar, resistir, afrontar com firmeza doenças, desastres, os predadores e a morte. Vendo com os olhos de leigo, ser um sobrevivente é ter atitudes constantes de precaução e cuidado, de modo a resistir a toda ameaça. Estes cuidados para a sobrevivência, seria, como afirma Hayflick (1996, p.13)ⁱⁱⁱ, “um complexo arsenal de atos e atitudes, alterando a ordem natural da vida não civilizada”, com a eliminação de nossos predadores e a elaboração de projetos tecnológicos capazes de permitir a proteção física dos seres humanos, seja pela criação de espaços e ambientes adequados à vida cotidiana ou a invenção de aparelhos, medicamentos e outras parafernálias que possam garantir o controle do viver humano.

Analisando por este prisma, a velhice é um momento da existência humana, construída socialmente a partir do avanço tecnológico das ciências biomédicas. Ou seja, a

¹ As reflexões aqui inseridas contam com idéias resgatadas a partir das fases humanista e helenística da filosofia, sendo citados filósofos como Platão, Sócrates, Aristóteles e alguns representantes dos sofistas. Hipócrates também é citado, visto que a origem da medicina como “saber científico autônomo”, ocorreu na Segunda metade do século V e IV AC, fazendo parte desta fase humanista de interesse para nosso estudo. Cícero é o representante do período helenístico tendo vivido entre 106 e 43 AC., tendo sido o mais característico representante do ecletismo de Roma (Reale & Antiseri, 1990). Por que escolhi trabalhar mais com esse grupo de filósofos? Porque a maioria deles concebe o cuidado de si e a idéia de envelhecimento a partir de uma perspectiva construtiva e menos depressiva e depreciativa do que a concepção encontrada entre alguns filósofos contemporâneos, como Bobbio, por exemplo. Este recorte realizado não significa excluir os demais filósofos de um estudo futuro. Significa muito mais uma escolha que, de certo modo, foi o passo inicial para as reflexões que elaborei durante o desenvolvimento da pesquisa de doutoramento.

longevidade e a sobrevivência das pessoas é fruto do avanço do conhecimento científico-tecnológico em nosso século. Já observando a sobrevivência humana e o envelhecimento a partir de uma lógica filosófica, veremos que não é tão simples, ou tão rapidamente explicável, responder se o envelhecimento é natural ou socialmente construído ou se o sobreviver humano é um termo ou valor criado para explicar a resistência humana às intempéries.

Problematizar sobre o que seja sobrevivência, ligando esse termo a um outro, como o envelhecer, pode ser uma tarefa arriscada e cheia de incertezas, tanto quanto tentar desmarcar o que seja vida, amor e felicidade, visto que o que tenho em mente é discutir sobre um termo que na filosofia se enquadra como um valor amplamente desejado entre as pessoas: o sobreviver, ultrapassar tempo e espaço, chegando, por fim, ao máximo de permanência no ambiente terrestre.

Ao observar o que Russ (1994, p.304)^{iv} afirma como sendo um valor, posso perceber que o sentido geral filosófico para a palavra valor, é o de ser desejável, correspondendo a uma ação da consciência (ex: os valores do verdadeiro, belo, bem): características das coisas tais como são preferidas, mais ou menos desejadas, julgadas superiores, desejáveis, etc”. Este sentido, se encaixa perfeitamente no desejo das pessoas de prolongar a vida além de determinado limite ou expectativa biologicamente possível em dado contexto de desenvolvimento tecnológico.

Falar em sobrevivência, portanto, torna-se uma empreitada de risco, visto que se deve ter cautela, a fim de não reduzir esta palavra a um único significado, pouco satisfatório e até insuficiente, na explicação da permanência ou existência do ser humano.

Mas para chegar a discutir o que seja sobrevivência e, por fim, relacionar este termo a velhice, foi necessário retomar algumas reflexões dos primeiros filósofos, os chamados físicos ou naturalistas, que tinham como problemas fundamentais, por excelência, questionamentos tais como os que solicitavam a explicação do surgimento do cosmo, as fases de sua geração, assim como as forças originárias neste processo. Para estes filósofos, o homem (e aqui utilizo este termo, porque as discussões dos filósofos gregos era voltada apenas para o 'homem', espécie do gênero masculino, pertencente a elite grega), tinha ainda um papel secundário em suas discussões, visto que a preocupação maior era com a descoberta do “princípio gerador do cosmo e com a divindade responsável por esta

geração, que Anaxímenes, filósofo pré-socrático², denominou de infinito” (Reale & Antiseri, 1990, p.34)^v.

O período filosófico humanista, que sucedeu esta fase naturalista, é que descobre o homem e o torna protagonista da história da humanidade. Segundo Mondin(1980)^{vi}, na filosofia clássica grega, por volta do século IV a .C. , o homem é visto a partir de uma perspectiva cosmocêntrica; pensadores como Plotino, Platão e Aristóteles se destacam, conseguindo elaborar pensamentos com uma perspectiva que o autor chama de antropológica. Entretanto, apesar destes filósofos discutirem sobre as questões ligadas à essência do homem, como corpo e alma, cabe aos sofistas, segundo Reale & Antiseri (1990), o deslocamento do eixo da pesquisa filosófica do cosmo para o homem, tendo como temas predominantes de discussão, a ética, a política, a retórica, a arte, a educação, a língua, a religião, ou o que denominamos hoje de cultura. Em síntese, são os sofistas que iniciam o período humanista da filosofia antiga, trazendo à vista as questões relacionadas à sobrevivência física e não apenas à sobrevivência do espírito.

Os sofistas viam o mundo a partir de uma visão mais materialista e realista, porém, o pouco que se escreveu sobre eles, destaca de forma negativa as suas posições e condutas. No entanto, não há como negar que a arte da retórica foi bastante difundida por eles, bem como suas posições sobre a construção social do viver humano.

Por volta de 450 a.C., Atenas era o centro do mundo grego e era particularmente importante o domínio da retórica para se poder participar de forma ativa das assembleias populares e dos tribunais. O poder da palavra para persuadir e convencer e a eloquência dos discursos antecederam os estudos aristotélicos. A importância do pensamento discursivo era tão forte entre os gregos, que estes reverenciavam a deusa *Peithó*, divindade que tinha como característica principal seduzir e fascinar através da fala e da persuasão sobre o outro (Silveira, 1996)^{vii}. Naquele período, os filósofos itinerantes, que se autodenominavam sofistas, ganhavam a vida ensinando aos cidadãos a arte de bem falar e alguns novos valores, que envolviam discussões sobre o que seria natural ou socialmente construído na sociedade (Gaarder,1991)^{viii}.

² O período pré-socrático compreende a fase naturalista, onde encontraremos os primeiros filósofos, entre eles Tales de Mileto, reconhecido como o primeiro filósofo, sendo que a sua importância se deve sobretudo a uma afirmação sua de que a água era a origem de todas as coisas. A água seria a *physis*, que para o vocabulário da época significava “fonte originária”, a gênese (Os Pré-Socráticos: Vida e Obra, 1996).

Eles ensinavam que para fazer prevalecer um ponto de vista, seria preciso ter o domínio de algumas técnicas básicas de argumentação e refutação, saber que, os sofistas, mediante alguma compensação material, repassavam e difundiam. Neste ponto, é que se percebe a distinção entre filósofos e sofistas, sendo que os segundos, mediante alguma compensação material, tentavam romper, de certa forma, através de seus discursos, com os velhos esquemas de ensino na cidade-estado Atenas. O significado da verdade e do compromisso pedagógico dos sofistas era com a difusão do conhecimento a pessoas de vários lugares na própria Grécia e fora dela, tendo para isto tornado a prática da difusão do saber a base de várias atividades profissionais, tais como a de professor, advogado, jornalista, entre tantas outras, que se utilizam das palavras e dos discursos para o convencimento e a persuasão.

Ora, sabemos, a partir do que a história nos conta, que a maioria dos filósofos gregos pertenciam às camadas abastadas de sua sociedade, alguns até nobres eram, a maioria vivendo na cidade-estado Atenas, e repassando seus conhecimentos a outros de condição idêntica. Assim, os sofistas foram censurados por suas idéias. Eles rejeitavam tudo o que consideravam especulação filosófica desnecessária” (Gaarder,1991,p.77), não consideravam importante permanecer na cidade estado, viviam como nômades, eram pagos e teorizavam a igualdade entre os homens (ressalto mais uma vez que esta igualdade não inclui mulheres, crianças e escravos, mas apenas os homens livres), ensinando inclusive aos que não pertenciam a elite grega. Muito pouco, entretanto, ficou documentado sobre o que realmente ensinavam.

Platão e Aristóteles (Plebe,1978)^{ix}, seus opositores, ao refutarem as idéias dos sofistas, afirmaram também o que de bom havia no que realizavam, inclusive esclarecendo sobre os três grupos de sofistas que a filosofia conheceu, sendo que somente o primeiro grupo ou a primeira geração de sofistas era considerada digna de respeito por Platão e seus contemporâneos. Os outros dois grupos: os erísticos (“perderam interesse pelos conteúdos e também perderam a reserva moral dos mestres”) e os políticos-sofistas (tinham discussões que seriam chamadas hoje de ideológicas), eram considerados por estes filósofos, segundo Reale & Antiseri(1990, p.76), como a degeneração do fenômeno sofista.

Entre os sofistas mais reconhecidos estão Protágoras e Górgias, o primeiro considerado o pai da retórica, sendo que sua técnica de ensino mais conhecida era a que criava discursos opostos sobre a mesma temática, mostrando que, de acordo com o argumento, é possível provar que tanto um lado como o outro são falsos ou verdadeiros, certo ou errados, tal e qual vemos hoje, durante julgamentos, quando advogados e promotores argumentam de forma distinta um mesmo tema ou problema.

Já Górgias usava as técnicas da argumentação associadas com a poesia que, segundo ele, tinha por objetivo criar situações contraditórias e produzir no ouvinte a adesão às suas idéias. Com Górgias é que se chega à função manipuladora da palavra, que atua (observando por um prisma simbólico) como sendo uma droga poderosa, que tanto pode servir para cura, como para matar - um *phármakon* - remédio que pode ter um efeito dinâmico e positivo ou exercer efeitos entorpecentes, de ilusão sobre uma determinada realidade.

Ouaknin (1996)^x, um filósofo hermenêutico de nossos tempos reforça esta idéia sofista, chegando a afirmar que é possível utilizar a palavra como terapia, não apenas para manipulação ideológica, oferecendo como exemplo, dados sobre uma confraria de "Terapeutas" que vivia no século I d.C. ao sul de Alexandria, que descrevia em um livro como curavam corpos e almas através do diálogo entre paciente e terapeuta (seria esta uma primeira versão de atuação de psicólogos e psicoterapeutas?) ativando o universo psíquico e as emoções dos que estavam doentes.

Buscar convencer, era para os sofistas uma arte, na qual o argumento, o uso da palavra, poderia ser utilizado por quem tinha o conhecimento e, por natureza, por qualquer homem, visto que cada homem era considerado por eles (desde que pudesse pagar) como igual a qualquer outro (Reale & Antiseri, 1990, p.82).

Também, para os sofistas, era importante afirmar que os sentimentos, comportamentos e forma de expressão, por exemplo, não poderiam ser considerados como algo inato dos seres humanos e sim como algo construído a partir dos usos e costumes de uma determinada sociedade. Ao trabalharem com estas questões sobre o que seria natural e social e a arte de persuadir com o uso da palavra, os sofistas, de certa forma, confirmam o que Platão defendia em seu discurso: existe uma relação entre o homem e o que o rodeia, entre seu corpo e sua alma, entre o que faz e o que acredita. Segundo Platão, no diálogo Fédon a saúde, a força e a convicção, provêm dos alimentos e dos discursos legítimos (Platão, 1996)^{xi}.

Quando falavam sobre o que seria natural e/ou socialmente construído, os sofistas buscavam uma ligação sobre esta temática e outras que apresentavam o homem como um ser que precisava atender determinadas necessidades físicas, emocionais e sociais, para manter-se e dar continuidade à sua existência (Gaarder, 1995).

Hipócrates em seu tratado "sobre as águas, os ventos e os lugares" (Reale & Antiseri, 1990, p.116), afirmava que para se obter a cura ou encontrar respostas sobre a saúde e a doença, dever-se-ia ver o homem no conjunto em que se encontra naturalmente inserido, visto que a "natureza dos lugares e daquilo que os caracteriza incide sobre a

constituição e o aspecto dos homens e, portanto, sobre a saúde e sobre as doenças. O médico que quer curar o doente deve conhecer precisamente estas correspondências”.

A nosso ver, o que Hipócrates pretendia era explicar que existiam situações que podiam ser provenientes do homem em seu estado natural e situações socialmente construídas em seu ambiente, que facilitavam ou dificultavam um processo de cura e, conseqüentemente, o processo de continuar existindo, sobrevivendo ao tempo. É possível imaginar, retomando Hipócrates, o homem como um ser concreto, que se relaciona com o que come, o que bebe, seu estilo de vida e as instituições e valores que criou para si e seus semelhantes. A sobrevivência e o instinto de conservação, são alguns destes valores criados pelo homem, que ao longo de sua existência, vão sendo aperfeiçoados um pouco mais ou um pouco menos de acordo com cada cultura e sociedade. Este pensar hipocrático, a nosso ver, tem sua base nas discussões sofistas sobre o que se constrói socialmente para manter vivo o ser humano.

A retórica sofista e a capacidade de falar e/ou discursar sobre os procedimentos necessários à sobrevivência humana, foram aceitos em parte pela arte retórica da medicina hipocrática, tendo sido observados na prática de pensar e agir dos médicos da antigüidade e idade média. Quando os médicos se afastaram destas práticas de pensar e agir? Acredita-se que o afastamento desta reflexão filosófica-sofista, ocorreu a partir dos discursos matemáticos cartesianos do século XVII³, que trabalham com a razão única, absoluta e atemporal, interditarão a possibilidade dialógica da argumentação, que apresentava a possibilidade desta construção de explicação para os fenômenos da vida e formação dos grupos etários entre os seres humanos. Mais tudo isso foi substituído pelo experimento e a formulação de teorias expressas em linguagem matemática (Silveira,1996; Capra,1983)^{xii}.

³ O nascimento da ciência moderna foi acompanhado de um dualismo extremo entre o espírito e a matéria, vindo à tona com René Descartes que tinha uma visão da natureza fundamentada na idéia de dois reinos separados e independentes: o da mente e o da matéria. Esta divisão cartesiana permitiu aos cientistas da época até os dias atuais, verem o mundo material como uma vasta quantidade de objetos reunidos numa grande máquina. Como conseqüência, as pessoas, em sua maioria, vêem-se como egos isolados de seus corpos e estes corpos por sua vez, possuem diversos compartimentos isolados de acordo com suas atividades cotidianas (Capra, 1983;25).

1.1.2 – Do Olhar de Cícero às Idéias de Darwin

Em função do exposto acima, é que novas discussões sobre a sobrevivência e o envelhecimento humano, só vão ocorrer muitos séculos depois da era pré-cristã, cabendo a naturalistas como Darwin o retorno às mesmas.

Mas, muito antes de Darwin, é possível encontrar em Roma, Cícero (1997)^{xiii}, que viveu entre 106 e 43 a.C., e que, no último período de sua vida, escreveu sobre a velhice. Na época, contava 63 anos, tendo dedicado a seu amigo Ático um “Diálogo Sobre a Velhice”, cujo principal objetivo era fazer uma apologia a velhice. Assim, Cícero imagina uma conversa entre Catão, censor que ficou célebre na história por sua vivacidade e atividades mesmo quando já vivia seus 84 anos, com o segundo, Cipião, denominado africano.

O que nos deixou Cícero sobre a velhice? Na verdade, este, através dos diálogos tenta responder às censuras impostas aos velhos. Cícero acreditava que os velhos não tinham que se preocupar mais com as pequenas coisas, seus conselhos deveriam dirigir-se aos grandes negócios, sendo este um bom uso para toda a sabedoria acumulada pela idade. Para ele, o envelhecer deveria ocorrer em constante aprendizado e a morte durante os momentos de estudo. As respostas do filósofo às censuras da sociedade romana sobre o declínio da força física, eram dadas através da boca de Catão, que ao falar sobre a diminuição das forças, afirmava que esta ocorria entre aqueles que não se cuidaram na juventude e que, no declínio da vida, é possível conservar-se com energia, desde que se evite a devassidão. Para ele, no que concerne ao espírito, este nunca se esvai, acontecendo tão somente entre os que não cultivaram a busca do conhecimento entre os anos de primazia do corpo. Quanto aos prazeres, Cícero responde que os prazeres mudam, que na velhice as pessoas ficam livres da tirania das paixões, e que o prazer ideal é aquele que se dirige ao espírito, devendo, ocorrer longe de ruídos e negócios tumultuados. Por fim, respondendo à censura, que afirma ser a velhice uma vizinha da morte, respondeu mostrando a morte como algo perfeito e natural na velhice, sendo considerada um começar que, segundo Platão, lembrando Sócrates, é o início da verdadeira vida (Platão, 1996).

Este documento, escrito na era pré-cristã, talvez tenha sido o primeiro documento escrito em defesa dos velhos, numa época que, segundo a literatura, não era comum o envelhecimento, uma vez que as pessoas morriam prematuramente em decorrência das condições de vida. Constatamos a partir de dados históricos que Ático, a quem Cícero dedicou o “Diálogos”, já tinha 66 anos e Catão 84. O que se pode concluir, observando estes dados, com relação ao que afirmei anteriormente neste mesmo parágrafo?

Primeiro, que não se morria na juventude tão facilmente quanto nos faz crer a literatura, principalmente entre nobres e abastados, pois a vida era pródiga e farta. Difícil era ser mulher, escravo e criança, pessoas do povo, pois para estes a condição de não cidadão livre impunha condições de vida precárias que levavam à morte precoce. Segundo, que o medo da velhice, não é um fato novo, bem como o medo de não sobreviver ou ter uma existência sem sentido.

Assim, não seria errôneo afirmar, que naquela época o medo da morte, de ser superado por outros bem mais jovens, era uma realidade que levava filósofos como Cícero a discutir sobre velhice, algo a mais dentre os temas ligados ao cosmo e a existência do universo. É possível “ver” e “ouvir” as muitas discussões sobre a existência do homem e o que fazer para continuar existindo e permanecer sobrevivendo ao longo de sua história de vida. Aliás, a busca do conhecimento é antes de tudo a busca pela permanência, pela continuidade e conservação da espécie.

Darwin, séculos depois destes primeiros filósofos, incluindo-se Cícero, escreveu sobre o instinto de conservação dos seres humanos (e aqui usarei esta expressão, porque para Darwin as mulheres e crianças já estavam incluídas como parte da espécie humana), afirmando que este se manifesta principalmente diante do perigo. Para ele, era evidente que assim como os animais, os humanos possuem instintos de conservação tão fortes, tornando-se por vezes uma pessoa incapaz de socorrer outra se a sua própria vida estiver em risco (Darwin, 1974)^{xiv}.

Não somente Darwin, mas também os sofistas e Cícero falaram de sobrevivência. Os sofistas evocando necessidades e liberdade, Cícero falando dos cuidados necessários para esta sobrevivência, e Darwin, de forma mais explícita, trabalhando com o termo preservação que, segundo Gaarder (1995), é sinônimo de sobrevivência, significando o esforço pela manutenção da vida. Duas foram as teorias mais estudadas por Darwin, a primeira que falava sobre a evolução biológica das espécies e a segunda, de uma seleção natural destas mesmas espécies.

Na sua segunda teoria, é que o naturalista enfatizou a idéia de instinto natural e social, como forma de realizar ou não determinadas ações ou cuidados de preservação individual e coletiva. É também nesta teoria, que se observa a idéia de moral enquanto um valor determinante do que seja certo ou errado para a concretude de determinadas atitudes. Para Darwin, o instinto de conservação ou preservação da espécie humana, tinha a ver com os valores morais cristãos e também com um pensamento muito defendido por Sócrates, (resgatado posteriormente por Cícero e finalmente por Foucault) que tratava do cuidado de si como sendo a superação das fraquezas, o autodomínio e a autonomia dos seres humanos aos maus instintos para poder sobreviver ao tempo (Reale & Antiseri, 1990). Este pensamento de Sócrates já era uma primeira introdução da noção de “cuidado de si”, no qual cada ser humano em vez de praticar um filosofia da natureza, é convidado a mudar o objeto de seu cuidado para si mesmo, voltado para seu corpo e sua alma.

Neste momento, as idéias de Darwin se separam do pensamento sofista e ficam mais próximas das idéias de Sócrates e de Cícero que expõem de forma diferente noções sobre o “cuidado de si”. Como eles, Darwin acreditava na idéia de uma concentração do ser humano sobre si mesmo, de uma total governabilidade deste sobre suas ações físicas e espirituais (aqui ele ainda não fala da governabilidade do estado ou das instituições sobre o ser humano) sendo necessário para isto decidir fazer o bem e preocupar-se com o melhoramento de si. Como Sócrates, ele acreditava na normatização do que seria certo ou errado, como forma de dirigir melhor as relações entre as pessoas. Já os sofistas, neste ponto, tinham idéias diferentes, para eles não deveria existir uma norma absoluta para o que é certo ou errado, era necessário relativizar e de acordo com determinados valores e normas culturais/sociais, modificar os critérios que estabelecem qual conduta é certa e o qual a errada. O gesto de cuidar do que se tem era, para os sofistas, mais importante do que cuidar do que se é.

Mas, o que concretamente tem tudo isto a ver com a discussão sobre sobrevivência e produção do envelhecimento?

As idéias sobre certo/errado, principalmente sobre o que o ser humano considera bom e melhor para a sobrevivência, seu bem-estar, enfim, sua vida, faz-me retomar a Hayflick (1996) e sua afirmação sobre o envelhecimento ser um produto da civilização, da tecnologia e da ciência. A natureza, para este biólogo, planejou para os seres humanos,

uma eliminação gradativa através das doenças e dos predadores, com a morte ainda na juventude. Com o progresso, segundo ele, o que se tem observado é a manutenção e a sobrevivência da espécie humana, de uma forma que foge ao natural, passando a velhice a ser um produto do progresso socialmente construído, principalmente considerando o desenvolvimento das ciências biomédicas e a eliminação dos fatores capazes de levar à morte do ser humano antes deste chegar a envelhecer.

A velhice, observada a partir deste enfoque, é considerada um fenômeno antinatural, produto de nossa civilização moderna, de certa forma naturalizada ou aceita como certa e boa, coerente com a idéia de Caponi(1992)^{xv}, que afirma ser a sociedade e tudo que nela está inserida, fruto da deliberação humana ou arbítrio humano. Ou seja, mesmo que a velhice seja uma produção antinatural, de tanto se fundir com o natural e de tentarmos vê-la como algo que gostaríamos de viver, passa a ser vista como natural, embora tenha sido uma criação deliberada, imposta como uma necessidade dos sujeitos. Se visualizarmos o processo do viver humano, de acordo com Hayflick, dever-se-ia seguir a natureza física dos seres humanos e simplesmente morrer antes do envelhecer; entretanto, homens e mulheres, crianças ou velhos, sempre buscam mais, e suas ações enquanto produto do viver, se voltam para a busca do maior tempo possível de vida terrestre. Para isso, produzem necessidades e constróem artifícios de sobrevivência que terminam por transformar o que nos rodeia, de acordo com a pertinência e a eficácia que este fato pode proporcionar de ampliação da existência humana.

Mas, o que é exatamente esta necessidade dos sujeitos? Para mim são ocorrências impostas pela vontade e arbítrio do ser humano, que deseja continuar sendo parte do universo, resistindo ao que Hayflick considera como natural, que é a exterminação sem envelhecimento da espécie humana.

Disso se conclui, que embora a velhice seja algo que almejamos (visto que a morte ainda é um fenômeno considerado misterioso e amedrontador), como se fosse natural envelhecer, ainda assim, seguindo o pensamento de Hayflick, ela é uma construção do ser humano. Para este autor existe o desejo de perpetuar a espécie através do nascer, de continuar existindo, ensinando, produzindo, determinando e se constituindo como parte de uma história da atividade humana no planeta e no próprio cosmo.

Os seres humanos parecem acreditar que o mundo necessita de seus conhecimentos, e de tudo que estes possam produzir em termos de mudanças, criação e destruição incessante, em um eterno ritmo de vida que se desdobra em ciclos da infância à velhice, findando enfim com a morte. Até que ponto isto pode ser bom? Creio que algo torna-se bom, quando seus objetivos traduzem uma necessidade da maioria dos sujeitos e não de um pequeno grupo, e quando esta necessidade não está vinculada unicamente às necessidades potencialmente utilizáveis. Sendo assim, a contemplação de uma espécie envelhecida e experiente e a própria transgressão do que seja natural, pode ser um bom motivo para se desejar esta velhice socialmente construída.

Em suma, os seres humanos são parte de um mundo onde as relações e o viver são condicionados não somente pela ordem do que seja natural, mas também do que seja produzido a partir das necessidades sentidas. Assim, o ser humano em si, o que o rodeia, o planeta “limpo”, seria o ambiente natural onde este viveria e morreria.

Segundo o livro do Gênesis (Bíblia Cristã)^{xvi}, se não fosse o pecado original, nem precisaríamos envelhecer, sentirmos dores ou morrer. Mas, o planeta não é um espaço, onde somente o natural seja parte de sua essência. Hoje, nem sabemos mais o que já estava e o que foi colocado pelo ser humano, nem mesmo com plantas e animais pode-se afirmar uma total e absoluta “esterilidade” com a relação a mão inventiva e criativa do ser humano.

Nas distintas situações da vida, muitas coisas foram criadas de acordo com a cultura, a história e o pensar humano. A própria cultura é dinâmica e nem sempre favorece a existência humana, sendo preciso avaliar cada situação, cada grupo humano, cada sociedade. Neste momento, lembro a teórica de enfermagem Leininger, que ao realizar seus estudos sobre o cuidado humano, apresenta os paradoxos e a diversidade cultural com que precisamos conviver, seja para uma proposta de cuidado assistencial ou para viver cotidianamente. Com relação ao envelhecer, a cultura de cada pessoa deve ser considerada, porque neste universo criativo do ser humano, mais do que a sua vontade, existe também todo um contexto que pode facilitar ou dificultar este processo de envelhecimento.

É muito mais do que o desejo humano de permanecer vivo, sendo um velho-jovem integrado às solicitações de um modelo de sociedade, mas é, antes de tudo, a busca de todos os meios possíveis para diminuir os agravos e problemas deste momento. E isto, a meu ver, é que torna o ser humano infinitamente poderoso, visto que o desejo de continuar

a ser e existir, o faz buscar artifícios capazes de levá-lo a uma sobrevivência maior do que aquela que a natureza originalmente construiu.

Um desejo que depende, segundo alguns teóricos, da vontade e do desejo de continuar, de existir e de sobreviver. Em função disto, é que afirmo existir uma cultura do envelhecimento ativo e jovem, na qual as pessoas, a exemplo do que já afirmava Catão nos diálogos de Cícero, são incentivadas a cuidarem de si para envelhecer com beleza e realizando atividades que demonstrem sua utilidade (nem sempre saúde e dignidade). É um cuidado de si, às portas do novo milênio, não muito distinto do que se propunha na época de Sócrates: assim, medicamentos rejuvenescedores/fortalecedores, exercícios especiais, alimentos sintéticos, cirurgias plásticas, bem como filosofias e ideologias de auto-ajuda voltadas para um viver regrado, são incentivados e consumidos com sofreguidão.

É a busca da eterna juventude, numa tentativa de sobreviver mais e com qualidade, quando o envelhecer das pessoas vem sendo gradativamente produzido, como uma deliberação do arbítrio do ser humano, que aspira não só estar no planeta durante a juventude e maturidade, mas permanecer como velho, existindo para usufruir do que construiu no curso de uma longa jornada. Esta necessidade não é um fenômeno deste século, embora o momento atual seja o que possui o aparato tecnológico e científico em melhor condição de oferecer a mais ampla possibilidade de uma aproximação da satisfação deste desejo humano.

1.2 – Sobrevivência e Envelhecimento: Algumas Considerações Atuais

A partir das considerações anteriores, observamos um desejo crescente dos seres humanos de sobreviver cada vez mais. Ainda assim, a velhice é parte de um momento da vida no qual os medos e angústias são fortes e muito concretos. Este medo já explícito nos escritos de Cícero, não é menor do que aquele expresso por Bobbio (1997)^{xvii}, principalmente no que se refere ao que ele denomina de a velhice biológica, quando o organismo já não consegue trabalhar com o mesmo impulso, e tal como uma máquina bastante utilizada, vai aos poucos necessitando cada vez mais de consertos e reformas, cuidados e mais cuidados. O velho, como observa Bobbio, citando Jean Améry, vai se

marginalizando quando não consegue acompanhar física e mentalmente a marcha da história, quando mente e corpo não acompanham mais o avanço cultural e social, porque já não consegue acompanhar e entender as mudanças que ocorrem ao seu redor.

Como ficar indiferente à velhice? Esta velhice que é um fenômeno exclusivo dos organismos vivos, sendo todos eles afetados do nascimento até o fim de sua existência, por fatores intrínsecos e processos de desgastes e degradação, não comuns aos seres inorgânicos (Hayflick, 1996).

No processo de envelhecimento sofremos transformações acompanhadas de alterações que incluem a aparência, o comportamento, e até mesmo as experiências e papéis sociais. Em síntese, o que se passa com o organismo vivo, do ponto de vista biológico e não biológico, é uma desorganização crescente em todo seu sistema biológico e social que implica em uma diminuição gradual de todo o funcionamento do viver humano. Existe um desgaste dos órgãos vitais, que levam a mudanças normais (e óbvias) da idade, tais como, a perda da força e do vigor físico, visão diminuída, crescimento de pelos nas orelhas e nas narinas (considerados como problemas estéticos sérios porque afetam a auto-estima), problemas de memória de curto prazo, queda de cabelo, perda de massa óssea, diminuição da altura, da audição, entre outras perdas.

Também nestas mudanças normais da idade, há um desgaste emocional com todas as perdas típicas desta fase da vida. Isto porque tais mudanças, embora possam ser “maquiadas” e disfarçadas por uma série de recursos que hoje estão à disposição das pessoas muito antes delas atingirem a velhice propriamente dita, são modificações menos aparentes, também normais, mas, que dentro deste processo, lembram outras mudanças mais preocupantes que, se não cuidadas, aumentam a vulnerabilidade a doenças e acidentes.

E é este o estágio em que a maioria das pessoas gostaria de não precisar chegar, visto que esta desorganização orgânica pode gerar dependência física, mental e social. No item que trata sobre “Cuidados”, defendidos na carta de princípios da ONU (Organização das Nações Unidas) sobre o envelhecimento no mundo, percebemos a preocupação em defender cuidados e proteção aos velhos, de modo que seja mantida a independência dos mesmos e uma vida de qualidade.

“Las personas de edad deberán:

Poder disfrutar de los cuidados y la protección de la familia y la comunidad de conformidad con el sistema de valores culturales de cada sociedad;

Tener acceso a servicios de atención de salud que les ayuden a mantener o recuperar un nivel óptimo de bienestar físico, mental y emocional, así como a prevenir o retrasar la aparición de la enfermedad;

Tener acceso a servicios sociales y jurídicos que les aseguren mayores niveles de autonomía, protección y cuidado;

Tener acceso a medios apropiados de atención institucional que les proporcionen protección, rehabilitación y estímulo social y mental en un entorno humano y seguro;

Poder disfrutar de sus derechos humanos y libertades fundamentales cuando residan en hogares o instituciones donde se les brinden cuidados o tratamiento, con pleno respeto de su dignidad, creencias, necesidades e intimidad, así como de su derecho a adoptar decisiones sobre su cuidado y sobre la calidad de su vida”.

Nestes princípios defendidos pela ONU desde a assinatura da carta em 1991, observa-se a prioridade dada à preservação da autonomia e do bem estar físico, mental e social, dos direitos humanos e da liberdade, onde quer que este velho ou velha esteja. Prioridades que deveriam ocorrer independentes de qualquer discurso ou lei e que, não são prioridades na maioria dos países do mundo. Liberdade, autonomia e bem estar na velhice, bem como a preservação do direito de ser, de viver e de estar em qualquer lugar, não são prioridades para os governantes de muitas sociedades neste planeta.

A velhice nos restringe, diminui nosso campo de ação e de liberdade. Principalmente se levarmos em conta, que em uma boa parte dos estudos sobre o envelhecimento, a característica comum entre eles é a constatação dos problemas de saúde, das perdas físicas, dos problemas crescentes de incapacidades relacionados com mobilidade e conseqüente perda de autonomia.

Esses estudos realizados mostram apenas uma velhice sombria e triste, com supostas possibilidades de mudanças através do uso de produtos e serviços nem sempre acessíveis à maioria da população. Isto significa dizer que, retornando novamente ao pensamento de Bobbio (idem) , da velhice física ou biológica, passamos à velhice

psicológica, e finalmente chegamos a velhice cultural, o que significa dizer que uma boa parte da população envelhecida passa a viver em completa incompatibilidade com o resto do mundo, cheia de medos, depressão, distância e solidão.

Como então experimentar todo este processo, em um momento em que se fazem previsões para o ano 2025, de que uma em cada sete pessoas da população mundial terá 60 anos ou mais? Como obter um viver de qualidade, em países como o Brasil, onde a preocupação vital das pessoas ainda limita-se a exigir benefícios que não atendem as reais necessidades das pessoas que envelhecem sem a possibilidade de permanecerem ativas e produtoras/consumidoras de serviços? Como enfrentar nossa sociedade tão preocupada com a beleza, considerando em muitos casos a velhice como um momento negativo e obscuro? Como transpor esta passagem entre a juventude e a velhice? Quem irá explicar as transformações a serem vividas? Quem irá formar-se nesta escola de velhos? Os filhos e netos dos velhos de hoje? Os que conseguiram sobreviver a transição? Os mais jovens com seus novos conhecimentos? E quem irá ser formador(a) ou orientador(a) destas escolas? Os(as) especialistas? Se assim for, que discursos produzem estes “meios”, e estes(as) especialistas? Que construção eles(as) nos oferecem para vencer o medo, a debilidade, a dor, a dependência, a diminuição da capacidade de seduzir e da proximidade da morte?

Em meio a tantas questões, é possível perceber que a velhice não tem um caminho único de trânsito. Não se envelhece apenas biologicamente, existe uma soma de distintos fatores, já discutidos pelos primeiros filósofos e sofistas, que juntos apresentam à sociedade o(a) “novo(a) velho(a)”. Este velho ou velha, carrega consigo fatores individuais e coletivos que são extremamente significativos nesta caminhada.

A deficiência, a incapacidade e a invalidez⁴ são situações que amedrontam e que são lembradas nos ritos que representam a passagem entre a juventude e a velhice (Gonçalves e col, 1992)^{xviii}. O medo, embora podendo ser expresso de distintas formas, tem similaridades mesmo em culturas bastante diferentes, visto que o envelhecer é uma passagem de uma situação determinada e socialmente mais aceita, para outra na qual os obstáculos e desafios se caracterizam principalmente pela discriminação e restrita aceitação social.

⁴ Gonçalves e col. (1992) definem deficiência como sendo a perda ou anormalidade de estrutura ou função anatômica, fisiológica ou psicológica; incapacidade, como a restrição ou falta de capacidade para executar tarefas ou atividades dentro das margens do que se considera normal; e, por fim, invalidez, como sendo uma desvantagem ou limitação para a realização de atividades ou a execução de papéis ou funções consideradas normais, segundo padrões de idade, sexo e fatores sócio-econômicos e culturais.

1.2.1 - A Difusão do Limiar: Gênero, Ritos de Passagem e Grupos Etários

Em função de toda diversidade que envolve o envelhecer humano, como um tema cujo foco de investigação supõe uma integração a partir de uma multiplicidade de perspectivas, é que o mesmo está tratado aqui por distintas disciplinas, como a Filosofia (enfoque do tópico anterior), a Biologia, a Antropologia e outras áreas que tratam do estudo do envelhecimento, tais como a Geriatria e a Gerontologia⁵ (Beauvoir, 1990)^{xix}. Na aparência, podemos supor que este é um tema esgotado nos seus mais diferentes enfoques. No entanto, esta impressão logo se dilui, uma vez ser este um tema possível de ser estudado a partir de pelo menos dois enfoques que considero importantes.

O primeiro delestrata da exclusão das pessoas que estão envelhecendo ou que já são reconhecidas como velhas. Em estudos sob esse enfoque é comum a velhice ser tratada como um problema social, como um fenômeno triste, depressivo, com perdas físicas, mentais e sociais expressivas, corroborando-se a idéia de que pessoas velhas são imagens sublimadas de um tempo que já passou, restando finalmente um velho ou velha inútil, triste e adoecido(a).

No segundo enfoque, observo uma certa negação desta velhice, com uma ênfase excessiva na juventude, na estética, tendo este velho ou esta velha que assumir uma subjetividade que termina por impedi-lo(a) de manifestar publicamente suas perdas e sentimentos. Neste modelo, o(a) velho(a) deve estar “conservado(a)”, sereno(a), saudável e ativo(a), ou ter uma imagem sublimada de velhos(as) de conto de fadas (os que não ganham papéis de bruxos e bruxas), do avozinho ou avozinha, sábios, de cabelos brancos, cheios(as) de experiência.

É óbvio que outros enfoques podem ser encontrados, mas deti-me nestes dois, que são de certa forma, aqueles que fazem chegar a questão de minha pesquisa sobre os discursos da velhice saudável nas revistas femininas. Nestas duas maneiras opostas de concebê-la, pode-se dizer que a velhice é assumida como algo familiar e presente, seja para pensar em uma velhice problematizada ou em uma velhice idealizada e supostamente saudável.

Estas caracterizações parecem muito importantes quando se procura compreender que tais atitudes ante a velhice se encontram circunscritas a marcos temporais definidos. Quero dizer, a emergência de estudos voltados para esta temática, está intimamente ligada ao desenvolvimento de nossas sociedades complexas, entendidas como resultantes dos processos de urbanização, tecnificação e industrialização, que

⁵ Em termos de área do conhecimento humano sistematizado, é bastante recente o estudo dos processos do envelhecimento e suas repercussões. A Gerontologia ficou conhecida a partir dos estudos de Elie Metchnikoff em 1903 e a Geriatria, um campo de ação mais delimitado as patologias do envelhecimento, em 1909, pelo médico norte-americano Ignaz L. Nascher.

permitiram que as pessoas pudessem morrer menos na infância e viver mais na vida adulta, especialmente a partir do século XX (Ariès, 1981)^{xx}.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que as pessoas velhas foram redescobertas pelas chamadas disciplinas científicas das mais diferentes áreas neste final da década de 90. O que se espera a médio e longo prazo é uma diminuição cada vez maior de jovens no mundo e se os dados estatísticos concretizarem-se, uma população de pessoas em processo de envelhecimento, especialmente de mulheres, estará chegando ao século XXI com uma série de possibilidades, ou não, de uma vida de relativa qualidade.

Duas questões se colocam: se as mulheres têm uma longevidade maior do que a dos homens (Berquo, 1999)^{xxi} como este processo está sendo vivenciado por elas? Em que contexto discursivo de tantos campos conceituais constituído por problemas, perguntas e categorias, pode-se inserir o tema envelhecimento feminino?

Acredito que as possibilidades conceituais variam de acordo com o referencial de cada pesquisador(a). Em meu caso, as escolhas são bastante diversificadas e tem a ver com minha história acadêmica e profissional, que nos últimos anos vem sendo parte de uma “combinação” bastante saudável com outras áreas do conhecimento, tais como a Antropologia, a Filosofia e, finalmente a Semiótica associada a Sociolinguística para o estudo dos discursos. De uma forma geral, estes referenciais permitiram-me a elaboração de associações conceituais com vias de aproximações por vezes convergentes e por vezes contraditórias (remeto-me neste momento a Bourdieu e Foucault, que embora trabalhem com poder e dominação numa linha parecida, defendiam entre si posições diferenciadas de pesquisar e expor sobre estas temáticas), porém em nenhum momento impossíveis de serem realizadas. Por isso, sinto muita tranquilidade em continuar este tópico, apresentando outros recortes sobre envelhecimento: gênero e velhice, dos ritos aos conflitos, e grupos etários e velhice no contexto da vida.

1.2.1 . a – Gênero e Velhice

Sobre a questão gênero, sabe-se que por volta dos anos 60, quando as preocupações com o envelhecimento humano no mundo ficaram mais visíveis, passou-se a falar sobre as diferenças entre homens e mulheres enquanto dois polos de uma relação binária, separados em esferas diferentes da vida social. As teorias que faziam parte destas discussões, correspondem ao segundo período do movimento feminista, denominado de o feminismo da diferença (Scott, 1995)^{xxii}, um movimento nada homogêneo, tendo produzido diversas interpretações com perspectivas teóricas voltadas para áreas como a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia.

Pesquisadoras feministas americanas e européias conseguiram inserir nos estudos universitários programas de estudos sobre a mulher, porque perceberam ser estes espaços, lugares de reflexão, discussão e denúncia da situação de discriminação vivida pelas mulheres. Assumiu-se na época que a condição de

subordinação e dominação das mulheres era um fato universal, não havendo diferenças nem distinção entre idade, raça, etnia ou cultura, sendo estas relações de gênero sinônimo das relações desiguais entre homens e mulheres. Ora, essa polaridade entre o universo feminino e o masculino, baseado apenas nas relações de desigualdade, não é suficiente para explicar as diferenças entre homens e mulheres, entre feminino e masculino. Neste sentido, percebeu-se que antes de se estudar as mulheres, seria importante estudar todo o contexto social produtor dos processos de formação da feminilidade e da masculinidade, ou seja, dos sujeitos femininos e masculinos, no universo de suas relações e seus significados, antes considerados como naturais e, portanto, não modificáveis (Rivera, 1998)^{xxiii}.

Este processo de construção da identidade de gênero é bastante complexo, de um lado temos o conceito de gênero, que é colocado como uma construção social e histórica, e de outro observamos que esta construção pode ser diferenciada dentro de cada sociedade, diferenças que atendem a momentos e, portanto, a uma temporalidade, mostrando-nos que o conceito de gênero é dinâmico, histórico, social e lingüisticamente determinado (Louro, 1996)^{xxiv}. Isto não significa esquecer as diferenças biológicas entre homens e mulheres, embora estas passem a ser vistas sob um prisma diferenciado das discussões que ocorriam até então, que enfatizavam as diferenças biológicas como explicação e justificativa para as diferenças/desigualdades entre homens e mulheres.

Muitos destes trabalhos (que enfatizam as diferenças principalmente corporais) segundo estudos de Cabral (1994)^{xxv}, que cita Thomas Laqueur (pesquisador que fez uma revisão teórico-histórica da literatura médica a respeito dos corpos masculino e feminino por volta do século XVII), apresentam os corpos concebidos como verticalmente ordenados, pressupondo-se uma hierarquia entre eles, na qual as mulheres ocupavam o lugar inferior e os homens o topo. O corpo feminino, portanto, era visto como uma versão diminuída e inferior do corpo masculino, teoria ainda defendida em muitos centros de pesquisa de países onde é feito o uso de explicações biológicas para justificar as desigualdades sócio-político-culturais entre homens e mulheres nos dias de hoje.

Neste sentido, criou-se um conflito que ainda está por se resolver. Muitas teóricas feministas, na tentativa de denunciar as discriminações contra as mulheres, terminaram incentivando uma forte separação entre as categorias de análise de teor biológico e social. As muitas afirmações generalistas destas feministas, deixam de lado as diferenças biológicas e centram esforços nas explicações sobre personalidade, comportamento e linguagem. Com isto, argumentam diferenças e semelhanças entre homens e mulheres, esquecendo que estas envolvem toda uma construção social de significados e de estruturas que se vinculam a inúmeros tipos de representações culturais, inclusive as relacionadas às diferenças biológicas. Isto equivale a dizer que as categorias de análise para estudos de gênero têm que ser mediadas por muitas categorias e contextualizações explicativas, relacionadas à biologia e à fisiologia corporal, ao grupo social e sua cultura e é claro à temporalidade.

Alcançar este objetivo nos estudos de gênero, com certeza não vai diminuir a polêmica e a controvérsia que sempre farão parte desta discussão, existindo aqueles que aceitam o determinismo biológico extremo, bem como o determinismo cultural, ambos errados em seus extremismos, porque não observam

ambas as abordagens cuja importância e significado podem ser diferenciadas em cada contexto, indo muito além da diferença sexual percebida.

Aliás, segundo Pierucci (1999)^{xxvi}, até fins dos anos 60, início dos anos 80, as feministas evitavam o uso da palavra “diferença”, uma vez que o termo “igualdade” entre os sexos era a grande chamada para o que consideravam ser o desejo de todas as mulheres, com relação a idéia da existência de uma hegemonia total, do igualitarismo abolicionista da marginalização da mulher. Evitava-se o uso do termo “diferenças”, porque ainda temiam-se discussões em torno das velhas questões (também discutidas por filósofos e sofistas, basta lembrar as idéias de Aristóteles sobre a mulher e seu papel na sociedade grega), quanto à natureza das diferenças entre homens e mulheres.

Mas, apesar das generalizações e discussões por vezes radicais, foi com as feministas que mulheres e homens puderam constituir em nível teórico esta categoria “gênero”, na qual as especificidades, as experiências, os comportamentos e até a constituição de seus corpos passaram a ser vistos sob outra ótica, suplantando-se assim a idéia de inferioridade feminina enquanto algo concedido pela natureza divina de um Deus punidor.

Sabemos que os novos discursos não extinguiram as discriminações, mas diminuíram em muito as diferenças de condições de aceitação social existentes entre homens e mulheres e entre as próprias mulheres. Mas, falar de diferenças não significa falar de discriminação somente dos homens contra as mulheres; é bom lembrar que existem diferenças mesmo entre as mulheres. A discriminação se apresenta também entre elas de acordo com a experiência de vida de cada uma, a classe social, a etnia, a crença religiosa e a idade.

Com relação a idade, ou seja, no que se refere as implicações de se envelhecer e ser mulher, é possível se observar várias formas distintas de conceber a experiência do envelhecimento, porém duas delas referidas por Debert (1994: p.33)^{xxvii} merecem ser citadas nesta reflexão, porque mostram que a diferença de idade é apenas um detalhe, uma vez que a classe social, o tipo de trabalho realizado pela mulher, o fato de ser negra ou branca, tudo é contabilizado como algo que pode ser positivo ou negativo durante este processo. Enfim, as perspectivas de se envelhecer bem não dependem somente do cuidado de si ou de uma valorização social e política das pessoas envelhecidas:

“ as mulheres na velhice experimentariam uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação – enquanto mulher e enquanto idosa. Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria marcada por uma série de eventos associados a perdas como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade. Nas

sociedades ocidentais, a esse conjunto de perdas deve-se somar o sub-emprego, os baixos salários, o isolamento e a dependência que caracterizam a condição das mulheres de mais idade” (Debert, idem)

“ outros autores, no entanto, tendem a olhar com mais otimismo o envelhecimento feminino. A velhice feminina seria mais suave do que a masculina, na medida em que a mulher não experimenta uma ruptura em relação ao trabalho tão violenta quanto a dos homens na aposentadoria. Os vínculos afetivos entre filhos e mães são mais intensos e por isso os filhos estão mais dispostos a cuidar delas do que de seus pais idosos” (Debert, idem)

Estes dois enfoques sobre a velhice feminina podem ou não ser vivenciados pelas mulheres, porém não devem ser vistos como padrões para todas. Como afirmei anteriormente, as mulheres, assim como os homens, vivem de formas diferentes e em contextos desiguais. Existem mulheres, como aquelas que nasceram nos anos 60/70, que iniciam seu processo “oficial” de envelhecimento agora, com uma vida profissional bem mais ativa do ponto de vista de uma vida mais pública, do que suas mães e avós, que foram criadas e viveram em um mundo mais privado, dentro de casa.

Estas mulheres têm, é claro, uma ligação (ainda!!) bem mais afetiva com seus filhos do que seus maridos, mas os serviços de creche, as escolas em tempo integral e as múltiplas atividades de seus filhos fora de casa quebraram muitos dos vínculos relacionais mais comuns no passado, pelo menos em termos físicos. Estas mulheres, embora com idades semelhantes a outras que vivem em contextos rurais, com certeza têm realidades e preocupações diferentes, assim como as negras, as que moram em favelas, as mendigas, todas mulheres com possibilidades de viverem a velhice de acordo com as perspectivas de seu contexto social. Algumas tendo recursos e a possibilidade da convivência com seus familiares e outras não, o que na prática pode significar perda de vínculos e dificuldades de convivência e auxílio na velhice.

Como é possível avaliar, são experiências marcantes e com certeza diferentes do envelhecimento masculino, e são diferenças que não estão restritas somente às diferenças de gênero, podendo, segundo Debert, estarem relacionadas à classe social, à etnicidade e a religião. Em resumo, a velhice, considerando o gênero, não é uma experiência homogênea, mesmo entre aqueles(as) que fazem parte do mesmo grupo social, é preciso observar o fenômeno do envelhecimento com o olhar nas experiências e nos contextos apresentados pela sociedade.

O consideramos problemático na velhice feminina é a projeção e o significado social (como um peso) desta fase da vida para as mulheres. Acredito, a exemplo de muitos outros(as) estudiosos(as) na área, que existe uma diferença entre “envelhecer” e “tornar-se velha”. No envelhecer, vive-se uma situação comum a todas as pessoas, todos envelhecem, todos sofrem perdas importantes, principalmente biológicas. Já o

“tornar-se velha”, é um conceito social, com muito mais cobranças às mulheres do que aos homens, principalmente quando suas culturas não lhes oferecem papéis de cuidadoras ou de “sanadoras” da dor e dos males do corpo físico, quando atingem a velhice cronológica.

Este “tornar-se velha” pode ser também fortemente vinculado à aparência. Percebe-se, de forma muito forte, uma exigência de perfeição estética maior com as mulheres no que diz respeito ao uso e ao desuso social de seus corpos: já que não podem mais reproduzir, devem pelo menos aparentar um visual saudável, bonito e esteticamente apresentável. Assim, alguns cuidados de saúde são associados em muitos momentos a valores de atração físico-corporal com ênfase em regimes, tratamentos dermatológicos, tinturas, cirurgias de correção plástica, que enfatizam a juventude, a beleza física, como uma forma de aumentar a aceitação social da mulher que está envelhecendo. Como afirma Motta (1996, p. 73)^{xxviii} citando Garcia Marquez,

“os homens quando envelhecem florescem numa espécie de juventude outonal, parecem mais dignos, se tornam engenhosos e sedutores. . . enquanto suas murchas esposas tinham que se aferrar ao braço deles, para não tropeçarem até na própria sombra”.

Na prática, podemos afirmar que um corpo de velha, fragmentado biologicamente, sofre se não é reconstruído para se adequar a imagem social dos tempos atuais. O tempo é cruel com as mulheres e a sociedade também o é. A sociedade tem criado concepções e modelos sociais que estão voltados para a juventude e o início da maturidade. Deste modo, o modelo considerado decadente do corpo feminino que envelhece, é rigorosamente desprezado e associado a imagens estereotipadas como a que Marquez (1987, p.417)^{xxix} retrata em seu romance “O Amor nos Tempos do Cólera”:

“Atreveu-se a explorar com a ponta dos dedos seu pescoço flácido, o peito encouraçado de varetas, as cadeiras de ossos carcomidos, as coxas de corça de velha...Tinha os ombros enrugados, os seios caídos, e as costelas forradas de um pelame pálido e frio como uma rã”

Por ser o envelhecimento, do ponto de vista social, um fenômeno mais feminino do que masculino, em decorrência do grande número de mulheres sobreviventes a seus maridos, pais e irmãos, parece ser nelas que se concentram as regras do “cuidado de si”, ressaltando-se em muito as “restaurações” corporais e é claro, as proibições. Dentre estas proibições, a sedução e a sexualidade são aquelas mais rigorosamente lembradas, seja pelos amigos ou pelos filhos que vigiam suas mães viúvas. Na verdade, muitos filhos ressaltam a “santidade”, a sabedoria e a idade de suas mães e avós, numa manipulação clara de reter o feminino que existe em todas elas.

As mulheres, jovens ou envelhecidas, são profundamente marcadas pelas proibições ditadas principalmente pelas crenças religiosas familiares. Nas religiões cristãs, a lembrança do pecado original causado pela mulher, que não resistiu a tentação, é uma cobrança constante, a ponto de muitas mulheres só valorizarem sua feminilidade e sexualidade com objetivos claros de conquista do macho reprodutor mais adequado a ser pai dos filhos que pretendam ter. Ao findar o período de reprodução, estas mulheres consideram-se descartadas da vida sexual, provavelmente, em função destas crenças e da idéia de que sedução, feminilidade e beleza são adjetivos próprios da juventude.

Neste sentido, há ainda uma longa discussão a ser feita, que vai da idéia de “utilidade” das pessoas, em grupos sociais que não as prezam, sejam quais forem suas idades, origens, gênero, dentre muitos outros atributos. A partir destas concepções de utilidade é que se produzem modelos padrão do que se considera aceitável e necessário ao viver social de hoje. Independente das decisões dos especialistas, a sociedade está produzindo um modelo de velho e velha que, em vez de se empenhar cada vez mais na busca por uma vida mais livre, termina por se escravizar a manipulações claras quanto a sua conduta de vida e procedimentos, sendo que as mulheres, neste processo aparentemente “liberador”, tornam-se condutoras e vítimas de mais outras formas de dominação e subordinação. Desta forma, apesar de ser bastante positiva a caminhada feminina para o envelhecimento, ela ainda está bastante atrelada a domesticidade, a negação da capacidade de liderança e aptidão para a vida pública, aos padrões estéticos de beleza masculinos e a não apropriação e determinação das decisões sobre seus corpos, incluindo-se o direito de envelhecer com rugas, cabelos brancos e celulites, se assim o desejarem.

1.2.1. b - Dos Ritos aos Conflitos

Vale a pena iniciar este tópico lembrando que a passagem entre o que se convencionou chamar de meia-idade e a velhice, não é uma etapa fácil de ser vivida, particularmente entre as mulheres. Isto não está relacionado apenas aos aspectos de cunho social, visto que é um período marcado por transformações físicas, psíquicas e sociais, que podem ou não serem vividos com muito ou pouco transtornos. As perguntas que muitos se fazem são: o que determina a ocorrência destes transtornos nestes períodos? Que fatores interferem na relação da mulher com as outras pessoas neste momento de suas vidas? Que momento é este? Por que o vivemos? Somos parte de um todo ou somos marginalizadas por sermos quem somos e estarmos ficando velhas?

Para se chegar a uma resposta sobre esta possível marginalidade feminina na meia-idade, resolvi retomar alguns escritos de Arnold Van Gennep (1960), que introduziu no discurso antropológico o termo marginalidade, relacionando-o aos fenômenos de passagem de uma etapa ou idade da vida a outra.

Van Gennep, em seus estudos, demonstra que as sociedades humanas têm formas muito particulares de conceber e simbolizar os fenômenos de passagem; fenômenos estes com hiatos que ele denomina de liminaridade ou momentos de transição. Nestes momentos de transição, são permitidos rituais comunicacionais para enfatizar as passagens de uma categoria a outra, ou de uma idade ou momento de vida

a outro. Estes são os ritos de passagem tão estudados e citados na antropologia, observando-se que em quase todos os estudos o referencial citado mais importante é o da obra de Van Gennep.

Entretanto, segundo Cabral (1996)^{xxx}, a influência do conceito de rito de passagem na Europa deve-se muito ao trabalho de Henri Junod, amigo e mentor de Van Gennep, que ao fazer sua monografia etnográfica sobre os Tsonga de Moçambique, escreve sobre os rituais de mudança nas aldeias Tsonga, apresentando três séries de ritos que marcam as cerimônias da “mudança”: os ritos sociais, os ritos protetores e os ritos de passagem. Ou seja, existem ritos que servem como uma apresentação social da pessoa ou pessoas aos novos pares com quem ela vai relacionar-se; existem ritos que são vistos como protetores, tendo estes um sentido mais simbólico de proteção física e espiritual; e finalmente, temos o rito de passagem propriamente dito, que é a mudança total de papéis e comportamentos de um marco de referência a outro.

Neste sentido, nas categorizações cronológicas de idade, a meia-idade feminina e a passagem para a velhice, seriam dois destes momentos de passagem. Esta meia-idade se iniciando por volta dos 35 anos, compreendendo o que costumamos denominar de climatério, correspondendo à época anterior e posterior que circunda a menopausa (última menstruação). Este período do viver feminino, citando Turner (1969)^{xxxi}, sobre ritos de passagem, leva-me a crer que é uma etapa, um momento liminar, uma posição interestrutural, criação de um modelo de sociedade na qual existem “estruturas de posições” convencionalmente atribuídas e organizadas através das leis, dos costumes, dos valores, pelas convenções e cerimoniais, tão naturalizados entre os humanos nos rituais ligados às separações, às novas relações e às novas idades. Nesta concepção de Turner, a liminaridade não está relacionada somente às transições e passagens, mas abrange todos os fenômenos anteriores, durante e após a transição propriamente dita de uma etapa de vida à outra.

Assim, pode-se afirmar que a meia-idade e os problemas decorrentes ou vivenciados durante este processo, não desaparecem simplesmente porque se chegou à menopausa. Em uma sociedade onde a mulher é vista como tendo importante papel reprodutor (isto em quase todas as culturas urbanizadas e não urbanizadas das sociedades ocidentais), sendo este papel associado à feminilidade, não é de se estranhar que antes, durante e após o período mais expressivo desta mudança, ela sofra ansiedades e conflitos relacionados com a perda da fecundidade, as perdas estéticas (rugas, cabelos brancos, flacidez muscular), as perdas motoras, mentais e visuais, entre outras.

Esta mulher, além de estar sujeita às mudanças em seu próprio corpo, também é submetida a uma série de mensagens sobre como deve viver, incluindo-se aí reprimendas e sanções àquelas que gostam de seduzir e de expressar seus desejos. A liminaridade neste contexto, associa-se então a um tipo de marginalidade, que a meu ver é uma criação cultural que não precisa necessariamente ser permanente, mas, que se revela bastante definida quando legitimada em determinado espaço de tempo. O poder para legitimar estas formas de marginalidades, se insere na idéia de poder simbólico de Bourdieu (1989, p.14)^{xxxii}:

“ o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo”

A liminaridade enquanto um constructo social, sujeita a este poder simbólico, é uma construção cultural, em um processo no qual o dominado participa desta construção, fazendo deste momento, uma etapa que se configura para muitos como um ato de violência, violência esta simbólica, não pura como nos casos em que o dominado não colabora.

A partir destas idéias, pode-se afirmar que neste momento liminar da vida feminina, a mulher pode participar ativamente deste processo, que em muitas situações, inclui a marginalização. Não existe neste caso (assim como em outros) um lado que seja mais “correto” ou mais “errado”, pessoas “más” ou menos “más” que outras. O que há é um processo no qual existe uma relativa centralidade na figura de uma pessoa que está envelhecendo ocorrendo momentos em que se permite a expressão de determinadas atitudes e atos e, em outros, onde se reprimem condutas e comportamentos.

Seria então este o motivo para as mulheres aceitarem tão pacificamente as normas restritivas impostas a elas durante a meia-idade? Na verdade, ao trabalhar com as questões de gênero tão discutidas pelas feministas, observo como o falar feminino sempre foi muito reprimido, e vejo que as feministas, num ímpeto de denunciar e finalmente falar, buscam em seus estudos mostrar que as condutas e comportamentos relacionados ao gênero feminino, cultivadas nas mais distintas sociedades, quase sempre são vistas como situações que ressaltam a inferioridade da mulher e a pouca importância delas nessas sociedades. Ou seja, os estudos feministas ressaltam o lado vítima e subordinado da mulher. Entretanto, adotando uma visão processual da vida cultural, e observando o viver das mulheres em diferentes grupos, vejo (sem querer cultivar uma aceitabilidade e culpabilização da mulher por sua condição social), que a mulher vive uma eterna contradição entre o que acredita ser o melhor para ela e o seguimento das tradições que vem sendo parte de sua vida desde o nascimento. Ao mesmo tempo que ela quer dizer ao mundo que permanece viva, mesmo quando não é mais fecunda, em alguns momentos parece estar se entregando muito docilmente às exigências de viver dentro de determinadas normas e padrões que lhe são impostos, como se esta fosse a única forma de ser melhor aceita na meia-idade e na velhice.

Esta relação conflituosa parece sempre estar presente na vida da mulher e é parte deste relacionamento conflituoso da mulher consigo mesma, com as outras mulheres, com sua família, amigos, enfim, com aqueles com quem se relaciona. Por isso, é muito difícil responder porque as mulheres, ainda que excluídas após o desaparecimento da sua função reprodutora, são também participantes ativas deste processo de marginalização. O fato de tecer estas considerações não me permite concluir ser a mulher uma participante voluntária nesse processo, embora seja tão ativa quanto o homem no processo de discriminação enquanto membro ativo da sociedade, detentora também do poder para manipular simbolicamente muitas das estruturas de mediação existentes neste momento de liminaridade.

Os efeitos deste processo na vida da mulher de meia-idade ainda são pouco discutidos na antropologia, embora estudos como o de Greer (1994)^{xxxiii}, demonstrem que apesar da inexistência de ritos de

passagem públicos para a mulher que chega ao climatério e, posteriormente, a menopausa, algumas mulheres criem ritos muito particulares para mostrar ao mundo esta mudança em suas vidas.

Na mídia, na literatura, nos debates entre especialistas, o climatério é proclamado como um momento de auto-avaliação e mudanças. Para as mulheres é feito todo um “comercial” sobre a prevenção à solidão (síndrome do ninho vazio), a depressão (falta de objetivos) e, principalmente, aos “distúrbios do climatério”. Greer defende a hipótese de que os sintomas da menopausa vêm se agravando com o avanço da tecnologia, à medida em que mais especialistas se interessam em “estudar” o fenômeno, e mais “soluções” vão encontrando para aliviar as mulheres de seus infortúnios e para deixarem-nas mais jovens e amadas. Assim, é comum durante esta passagem, no final deste século, a mulher de poder aquisitivo das classes médias e alta ser plenamente assistida através de terapias hormonais, histerectomias preventivas, plásticas e tratamentos estéticos, vitaminas fortalecedoras e especialistas do rejuvenescimento (“personal trainer”, nutricionistas, massagistas, psicanalistas, entre outrose muitos outros especialistas!!!)

Este momento de liminaridade da mulher vem aparentemente sendo vivido como parte de um grande espetáculo “midiático”, através de vários veículos para informar e explicar sobre como se cuidar e como realizar a passagem para a velhice, mas ainda assim se veem às voltas com o não saber nada sobre si. Cada informação é oferecida de forma incompleta e a continuidade desta depende da compra dos serviços do especialista. Ou seja, ao mesmo tempo que a mulher do final do século XX tem ao seu dispor toda a informação conhecida sobre si mesma e as transformações por que passa, existindo inclusive o argumento de que as mulheres hoje exercem controle sobre a própria vida, esta mesma mulher, no entender de Greer, se submete muito docilmente aos especialistas.

Em síntese, boa parte dos estudos existentes sobre a liminaridade feminina da meia-idade à velhice, apresenta um discurso dominante onde parece imperar uma interlocução intensa entre especialistas, público mobilizado e as pessoas que estão no processo de mudança etária. É uma desconstrução da velhice tradicional com uma busca desenfreada de uma velhice rejuvenescida, na qual, por enquanto, parece haver interesses muito maiores em criar novos mercados de consumo do que oferecer bem estar e qualidade de vida às que envelhecem.

Debert (1997)^{xxxiv} comenta no texto sobre a criação da denominação “terceira idade”, que embora viáveis, as condições construídas socialmente para se alcançar esta nova representação de envelhecimento, neste final de século, não podem ser vistas como verdades para todas as pessoas que irão envelhecer no Brasil e no mundo.

A primeira condição diz respeito ao privilégio de ser aposentado, como se todos na sociedade usufruíssem das mesmas condições materiais e econômicas após a sua jornada profissional e pudessem igualmente ter aposentadorias dignas. A segunda condição está relacionada à concepção autopreservacionista do corpo, com o encorajamento da adoção de estratégias para o combate a degeneração física. Nesta condição observo como os especialistas e a mídia promovem debates para convencer as pessoas de suas responsabilidades individuais no combate a decadência física, e oferecem serviços e produtos que, na maioria

das vezes, só podem oferecer uma aparência esteticamente apresentável e que no ideário popular tem sinônimo de saúde e bem estar. A terceira condição (para os que ainda não envelheceram) inclui novamente a aposentadoria, que no novo modelo não mais estará vinculada ao rito de passagem da maturidade a velhice, ou seja, uma pessoa não precisa estar ou ser considerada velha quando se aposenta, uma vez que ela pode permanecer trabalhando e sendo ativa enquanto desejar, seja na atividade que sempre desempenhou ou em outras que a sociedade irá lhe apresentar para que continue sendo considerada uma pessoa útil.

Nesta nova estrutura, ampliam-se as etapas ou grupos intermediários entre a vida adulta e a velhice. Para substituir o termo velhice surgem outras denominações como terceira idade, que no dizer de Peixoto (1998)^{xxxv}, é um novo vocábulo que substitui a denominação velho⁶, considerada em muitas situações como um termo desrespeitoso, diferente do termo terceira idade que está fortemente vinculado hoje aos programas de envelhecimento bem sucedido, ativo e independente das Universidades da Terceira Idade. Observa-se ainda, ser esta classificação correspondente ao chamado “jovem idoso” que, no entender dos especialistas, mais do que uma categoria de passagem, é o modelo de velho do novo milênio, que busca, nesta etapa da vida, satisfação, prazer e realização, a partir de uma maior vigilância de seus hábitos e de suas necessidades culturais, sociais e psicológicas.

Este “jovem idoso” vai estar no que Eizirik (1997, p.39)^{xxxvi} afirma ser o momento em que o cuidado é visto como um acordar. Este cuidado está como sinônimo de atenção, vigilância e um gerenciamento constante de tudo o que se realiza, “quem não se cuida e se atira no ritmo das coisas vive falsamente”. Desta forma, as pessoas que envelhecem viverão uma nova ética do “cuidado de si”, inscrita no momento presente, entendendo-a como forma de subjetivação e de domínio de si, do outro e da situação vivida (a passagem de uma idade a outra).

Nesta passagem da meia-idade à velhice, os seres humanos parecem incluir todas as tecnologias ou formas de governabilidade para o conhecimento de si e a conseqüente manutenção de símbolos e significados que, de alguma forma, não apenas lhes permitem transformar e modificar modelos e papéis sociais, e se submeterem, quando necessário, a certo tipo de fins ou dominação, a fim de obter uma melhor aceitação e visibilidade na mudança de grupo ou faixa etária. É a respeito de grupo etário e da atribuição desta denominação a temática velhice que escrevo a seguir.

1.2.1. c – Grupos Etários e Velhice no Contexto do Curso da Vida

A velhice em nossas sociedades ocidentais, invariavelmente não é reconhecida como parte de um processo histórico e cultural, de caráter ambíguo, na qual podemos observar sentimentos e sensações os mais distintos, tais como, vislumbrar a velhice como um momento de tranquilidade, sabedoria, distinção, ou como

⁶ Peixoto afirma que o termo velho em nossa sociedade urbana ocidental tem uma forte conotação de decadência física e incapacidade para o trabalho, o que para muitas pessoas está fortemente vinculada à idéia de pessoas envelhecidas e pobres (p.72).

um período em que a pessoa pode ser vista como retrógrada, obsoleta, “camisa velha”, alguém que se assemelha a um “traste” e até mesmo a morte⁷ (Ferreira, 1986)^{xxxvii}.

Neste sentido, é importante lembrar que a velhice adquire as mais distintas conotações e modelos de acordo com o contexto sócio-cultural da sociedade onde ela ocorre. Do ponto de vista antropológico, pode-se afirmar que os vários papéis possíveis de serem assumidos pelos seres humanos em suas sociedades, tem muito a ver com demarcações biológicas de diferenciação que dividem as idades ou as etapas de desenvolvimento humano no ciclo da vida. Em *Aldeias de Jovens...* Rifiotis (1994)^{xxxviii} confirma este pensamento, ao afirmar que é possível encontrar em todas as sociedades, categorias de divisão que marcam biologicamente as idades da vida e que esta noção de idades pressupõe diferentes momentos e uma sucessão de direitos e deveres, como um critério de diferenciação fundamental, que embora biológico, ganha uma conotação significativa nas sociedades humanas.

É importante, portanto, enfatizar que ao caracterizar as pessoas por idades, a sociedade busca atingir um de seus objetivos principais que é a garantia da perpetuação de sua estrutura social, de suas normas e de seus valores. Os grupos etários oriundos desta categorização por idades ou etapas, exercem a função de promover os papéis das pessoas individualmente, atendendo desta forma as necessidades do sistema social como um todo.

Esta estrutura social, que exige das pessoas um aprendizado contínuo etapa por etapa, vem determinando, de certa forma, esta hierarquização das idades, em que o processo de ensino é desempenhado por pessoas que se encontram nas idades mais velhas para aquelas que se consideram mais jovens. Talvez por isso, é que a idéia de sabedoria esteja vinculada ou qualificada como algo próprio de pessoas velhas, como sinônimo de experiência, de acúmulo de conhecimento, dando uma condição de autoridade a este; autoridade esta questionada, quando esta pessoa é considerada um velho-velho, que no dizer de Cícero (1997, p. 11), pode ser o velho que não cultivou desde a mocidade um caráter inteligente, agradável e divertido.

“Será de fato a idade que devemos incriminar? Nesse caso eu deveria padecer dos mesmos inconvenientes, e , comigo, todas as pessoas idosas. Ora, sei de muitos que vivem sua velhice sem jeremiadas, aceitam alegremente estar liberados da carne e são respeitados pelos que os cercam. É portanto ao caráter de cada um, e não a velhice propriamente, que devemos imputar todas essas lamentações. Os velhos inteligentes, agradáveis e divertidos são capazes de suportar melhor a velhice”.

⁷ Eis alguns conceitos de velha, velho e palavras derivadas segundo Ferreira: “velha, feminino, substantivo do adjetivo velho, mulher idosa, mãe, morte; velhada, ato ou dito próprio de velho. Reunião de velhos, os velhos; velha-guarda, os de maior idade, ou mais velhos de determinado grupo de pessoas; velharia, ato, dito ou tudo aquilo que é próprio de velhos. Traste ou objeto antigo, costume antiquado; velhice, estado ou condição de velho. Idade avançada, antiguidade, vetustez, pessoas velhas, rabugice ou disparate próprio de velhos; velho, muito idoso, homem velho, que tem muito tempo de existência, gasto pelo uso, usadíssimo, camisa velha, desusado, antiquado, obsoleto, homem idoso, pai”.

Ser um(a) jovem idoso(a) ou um(a) idoso(a) velho(a), como veremos adiante, são fases ou idades ou ainda etapas da vida das pessoas que estão em processo de envelhecimento e que já ultrapassaram os 60 anos de idade. Veras (1994)^{xxxix} define as seguintes faixas etárias de abordagem cronológica para diferenciar as idades de pessoas acima de 60 anos, são elas: de 60 a 69 anos o jovem idoso, de 70 a 79, os meio-idosos e acima de 80 anos, os idosos velhos ou da quarta idade.

Esta classificação não é considerada da mesma forma em todas as sociedades, e o que se sabe é que nas sociedades tradicionais⁸, aqueles que são denominados de idosos velhos, são os que não conseguem mais estar no setor de produção de serviços destas comunidades, porque do ponto de vista do vigor físico não conseguem mais caçar e plantar. Enfim, seus corpos não têm forças para a realização de um trabalho mais concreto de sustento de si e da família. Entretanto, cabem a estas pessoas a possibilidade de se tornarem veículos e gerenciadores do conhecimento do patrimônio cultural de sua comunidade, ou como diria Bobbio (1997, p.20):

“O velho sabe por experiência aquilo que os outros ainda não sabem e precisam aprender com ela, seja na esfera da ética, seja na dos costumes, seja na das técnicas de sobrevivência” .

Esta afirmação ressalta a idéia de experiência adquirida com o passar dos anos. Tem que ser vista com cuidado, uma vez que a idade não garante sabedoria e muito menos experiência. Mas, ainda assim, demonstra que existe um papel para o velho, que embora ressalte uma expectativa nem sempre viável, é pelo menos o que se espera socialmente. Este é o prestígio possível esperado, principalmente naquelas sociedades que Bobbio denomina de menos evoluídas, aquelas em que ainda faltam organização e tecnologias adequadas, enfim, sociedades que pararam no tempo e, por isso, permitem que “velhos(as) sábios(as)” repassem aos mais jovens seus conhecimentos e experiência.

Este é o pensamento de Bobbio e talvez de muitos outros, e portanto, deve ser visto com reservas; deve-se cuidar para evitar a relativização e generalização destas particularidades para todas as sociedades não urbanizadas em seu conjunto. A caracterização das idades, como as pessoas vivenciam estes momentos, os conflitos do avanço da idade cronológica e as funções que cada pessoa desempenha, pode ser (e é) diferenciada em uma mesma região, rua ou na mesma família. Estar em uma sociedade tecnicamente “evoluída”, ou não, é apenas um dos fatores de determinação da situação dos velhos em qualquer sociedade.

Ariès (1978), ao escrever sobre a construção social de categorias de idades, afirmou que na Idade Média a criança não existia enquanto uma categoria, enquanto uma idade social. A categoria velhice também não. Com relação a velhice, observando os estudos de Beauvoir (1990) e Neri (1995)^{xl}, podemos perceber

⁸ Neste estudo o termo “tradicional” está sendo utilizado apenas para diferenciar o conjunto de sociedades não industriais das que são consideradas urbanizadas e industriais, o termo está sendo utilizado como tendo uma função contrastiva, não sendo usado para qualificar ou diminuir as sociedades a que nos referimos.

não haver muita diferença quanto a realidade da existência da categoria “velho” e da categoria “criança” estudada por Ariès. Sabe-se que até o início do século XIX, existiam três noções sobre a velhice humana:

- uma Primeira colocando a velhice como um castigo concedido aos seres humanos após o pecado original;
- a Segunda mostrando a velhice como uma situação reversível, se o ser humano for digno e bom, podendo chegar ao segredo da imortalidade, se os deuses assim permitirem;
- a Terceira enfatizando a idéia de que a natureza possui nos confins de terras longínquas, fontes da juventude, que podem restaurar a juventude perdida e aumentar o tempo de vida (Birren & Birren, 1990)^{xli}.

Como é possível observar, a velhice é negada já há muito tempo através de credices e mitos que nascem a partir da necessidade dos seres humanos de não viver ou aceitar pacificamente a realidade marginalizada de ser velho. Na passagem do século, defensores do estudo do ser humano velho, tentam compreender as especificidades e diferenças deste período do ciclo da vida e assumem que não é possível avaliar ou assistir esta categoria etária, sem estudá-la mais profundamente, de forma sistematizada e científica. Assim, criam as disciplinas Gerontologia (em 1903) e Geriatria (em 1909), a primeira disciplina preocupando-se com o estudo do velho na sociedade e a segunda com o estudo clínico das mudanças biológicas e patológicas da velhice (Neri, idem).

Desta forma, o(a) velho(a) vem para a esfera da visibilidade e coloca-se como uma categoria etária com identidade social, parte de um grupo etário, uma criação arbitrária do ser humano, um fenômeno construído decorrente dos processos de socialização definidores da organização social de cada grupo humano. Para que este reconhecimento pudesse se realizar, é importante enfatizar que isto foi possível principalmente em função do desenvolvimento das tecnologias médicas e das lutas políticas que envolveram a crença na necessidade de assegurar às pessoas seus direitos em qualquer etapa da vida. Por isso, definir em algumas sociedades o que é ser velho(a), se torna muito importante, se observarmos que na maioria destas, maturidade e envelhecimento, enquanto etapas da vida, recebem o seu lugar, de acordo com a percepção histórico-cultural vivida ou aceita em um dado momento histórico.

A Gerontologia e a Geriatria, especialidades que foram criadas para estudar o processo do envelhecer humano, vêm ao longo dos anos tentando transformar algumas idéias discriminadoras sobre a maturidade e o envelhecimento, tentando oferecer uma visão diferenciada ou pelo menos uma idéia de velhice que possa ser mais aceita histórica e socialmente no milênio que em breve se iniciará. Neste sentido, nos deparamos com uma nova imagem de velhice que vem sendo construída, considerando tanto as mudanças ocorridas no curso da vida das pessoas, como o novo modelo de atribuições e responsabilidade que se designam às pessoas nesta fase contemporânea do planeta. É neste momento também que observamos a criação de uma série de etapas intermediárias entre a idade adulta e a velhice e entre a velhice e o morrer, com denominações novas tais como maturidade, meia-idade, terceira idade, aposentadoria ativa e finalmente, a quarta idade.

Se por um lado existe uma revitalização da etapa “velhice” enquanto um momento a ser vivido plenamente, por outro, é demonstrada a necessidade de departamentalizar a idade das pessoas em vários degraus ou matizes, de modo que a idéia de velhice possa ser vista sob o ângulo de uma suposta homogeneidade que, a meu ver, não existe, visto que a velhice, principalmente a feminina, pode ser olhada sobre vários ângulos, entre eles o de envelhecer sem culpas, percebendo a velhice apenas como um momento a mais, algo que pode ser perfeitamente administrado, através da adoção de formas de consumo e estilo de vidas adequados, que não sejam necessariamente aqueles indicados pelos especialistas.

Referências Bibliográficas

- ⁱ VAN GENNEP, Arnold. **The Rites of Passage**. London: Routledge and Kegan Paul, 1960.
- ⁱⁱ CALDAS-AULETTE, J. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Delta, 1974.
FARIA, M. & CALVET DE MAGALHÃES, S. **Dicionário Trilingüe**. Lisboa: Confluência, 1976.
FERREIRA, A. Buarque de Holanda. **Novo Dicionário do Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- ⁱⁱⁱ HAYFLICK, L. **Como e Por Que Envelhecemos**. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- ^{iv} RUSS, J. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Scipione, 1994.
- ^v REALE G. & ANTISERI, D. **História da Filosofia – Antigüidade e Idade Média**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1990. v. 1 e 2.
- ^{vi} MONDIN, Battista. **O Homem, Quem é Ele? Elementos de Antropologia Filosófica**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1980.
- ^{vii} SILVEIRA, R. Y. Martinelli da. O Discurso Terapêutico. In: **II Seminário Internacional Filosofia e Saúde**. Florianópolis, 1996. Anais do II Seminário Internacional Filosofia e Saúde, 1996.
- ^{viii} GAARDER, J. **O Mundo de Sofia – Romance da História da Filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ^{ix} PLEBE, A. **Breve História da Retórica Antiga**. São Paulo: EDUSP, 1978.
- ^x OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- ^{xi} PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores)
- ^{xii} CAPRA, F. **O Tao da Física**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- ^{xiii} CÍCERO. **Saber Envelhecer e a Amizade**. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- ^{xiv} DARWIN, C. **A Origem do Homem e a Seleção Sexual**. São Paulo: Hemus, 1974.
- ^{xv} CAPONI, G. A. **La Demanda dei Fundamento-Para una Psico-Análisis dei Justificacionismo**. Rosário: Keynes Universitário, 1992.
- ^{xvi} **BÍBLIA CRISTÃ. Gênesis: A Origem do Mundo e Da Humanidade**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.
- ^{xvii} BOBBIO, Norberto. **O Tempo da Memória – De Senectute e Outros Escritos Autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

-
- ^{xviii} GONÇALVES, L. H. T. e col. Ser ou Estar Saudável na Velhice. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 100-113, jul./dez. 1992.
- ^{xix} BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- ^{xx} ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ^{xxi} BERQUO, E. Considerações Sobre o Envelhecimento da População no Brasil. In: NERI, A. L. & DEBERT, G. G. **Velhice e Sociedade.** Campinas (SP): Papirus, 1999.
- ^{xxii} SCOTT, Joan. Genre: Une Catégorie Utile D'Analyse Historique. In: _____. **Cahiers du Grif.** Paris: Teirce, 1988.
- ^{xxiii} RIVERA, M. S. **Evolução da Consciência feminina. Sonhos de uma Filosofia do Direito de ser Mulher e Expressar-se nos Serviços de Saúde.** Florianópolis, 1999. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina.
- ^{xxiv} LOURO, G. L. Nas Redes do Conceito de Gênero. In: LOPES, M. J. M. & MEYER, D. E. & WALDOW, V. L. (ORGS.). **Gênero e Saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- ^{xxv} CABRAL, J. T. **Constituição Histórica da Sexualidade Humana na Tradição Ocidental: Uma Contribuição Para a Educação Sexual.** Florianópolis, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.
- ^{xxvi} PIERUCCI, Antonio Flávio. **Ciladas das Diferença.** São Paulo: Editora 34, 1994.
- ^{xxvii} DEBERT, Guita Grin. Gênero e Envelhecimento. **Estudos Feministas,** Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, p. 33 – 51, 1994.
- ^{xxviii} MOTTA, Alda Brito da. Recontando o Tempo da Madureza. In: KOURY, M. G. P. & LIMA, J. C & RIFIOTIS, T. (orgs.). **Cultura e Subjetividade.** João Pessoa: UFPB, 1996.
- ^{xxix} MARQUEZ, G. G. **O Amor nos Tempos do Cólera.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- ^{xxx} CABRAL, J. de Pina. A Difusão do Limiar: Margens, Hegemonia e Contradições na Antropologia Contemporânea. **Mana – Estudos de Antropologia Social.** Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 25 –57, abr. 1996.
- ^{xxxi} TURNER, Victor. **The Ritual Process: Structure and Anti-Structure.** Harmondsworth: Penguin Books, 1969.
- ^{xxxii} BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.
- ^{xxxiii} GREER, Germaine. **Mulher – Maturidade e Mudança.** São Paulo: Augustus, 1994.
- ^{xxxiv} DEBERT, Guita Grin. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. **RBSC,** São Paulo, v. 12, n. 34, p. 39 – 56, jun. 1997.
- ^{xxxv} PEIXOTO, Clarisse. Entre o Estigma e a Compaixão e os Termos Classificatórios: Velho, Velhote, Idoso, Terceira Idade... In: BARROS, M. M. Lins de. (org.). **Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos Sobre Identidade, Memória e Política.** Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- ^{xxxvi} EIZIRIK, M. F. Ética e Cuidado de Si: Movimentos da Subjetividade. **Educação, Subjetividade & Poder,** Ijuí, v. 4, n. 4, p. 36 – 43, jan./jun. 1997.

-
- xxxvii FERREIRA, A . B. de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.
- xxxviii RIFIOTIS, Theophilos. **Aldeia de Jovens: a Passagem do Mundo do Parentesco ao Universo da Política em Sociedades Banto-Falantes. Abordagem Sócio-Antropológica da Dinâmica dos Grupos Etários Através do Estudo da Literatura Oral**. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- xxxix VERAS, R. P. **País Jovem com Cabelos Brancos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- xl NERI, A . L. (org.). **Psicologia do Envelhecimento**. Campinas: Papirus, 1995.
- xli BIRREN, J. E. & BIRREN, B. A . The Concepts, Models, and History of the Psicologia of Aging. In: BIRREN, J. E. & SCHAIE, K. W. (orgs.). **Handbook of Psicologia of Aging**. 3ed. San Diego: Academic Press, 1990.

CAPÍTULO 2 - O CUIDADO HUMANO

"O cuidado , na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o ethos fundamental do humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem fazer e das ações um reto agir" (Boff, 1999, p. 12 -13').

2.1 - As Práticas do "Cuidado de Si"

Quem não ouviu em algum momento na academia a expressão "cuidado de si", tão discutida por Foucault e seus discípulos? Ele desenvolve toda uma discussão sobre o cuidado de si, no capítulo sobre a "Cultura de Si" em seu livro "História da Sexualidade 3"ⁱⁱⁱ mostrando este 'cuidado' como sendo algo que os gregos cultivavam como 'nobre', e totalmente voltado para a arte da existência, um princípio quase sagrado. Este cuidado consigo descrito por Foucault, no mundo helenístico e romano invocava a necessidade do cuidado individual dando total independência as pessoas para se 'olharem', mas ao mesmo tempo incitava a sociedade a transformar, corrigir, purificar e promover o cuidado do outro (ou a governabilidade sobre o outro), quando este não atendia ao modelo sugerido de cuidado consigo.

Foucault se mostrava bastante cuidadoso ao unir e escolher as palavras que descrevem esta "Cultura de Si", mostrando a evolução de diferentes políticas de corpo, prazeres e desejos, que numa síntese significavam para ele próprio a expansão do biopoder

e o controle vigiado sobre os corpos. Longe de proporcionar a liberdade expressa por Boff na citação acima, o "cuidado de si" descrito por Foucault parece muito mais uma preocupação moralista, criada para reter a 'carne' e promover o aperfeiçoamento da 'alma'.

Para tanto, neste universo grego, se criaram uma série de atividades ou conjunto de ocupações denominada de *epimeleia*, que tinham por objetivo os cuidados do corpo e da alma através de regimes de saúde, exercícios físicos sem excesso, satisfação corporal, meditação e leituras. Para aqueles que consideravam difícil esta prática do "cuidado de si", havia a possibilidade da contratação de um conselheiro privado para a sustentação destas ocupações. Seria mais ou menos o equivalente ao que se faz hoje quando se contrata um "personal trainer" para que este organize com uma determinada pessoa uma série de exercícios para emagrecimento ou fazer o que se tornou bastante comum entre atrizes de cinema e televisão, que é o que denomino de "reformatação" do corpo. Inicia-se com ginásticas e exercícios realizados com aparelhos, ingestão de medicamentos para assegurar músculos esculpidos, e em seguida, quando estas medidas não são suficientes, procura-se um cirurgião plástico para o retoque final.

Na proliferação generalizada do "cuidado de si" entre os gregos e atualmente entre nós, percebe-mos uma correlação direta entre estes cuidados e a prática médica. As noções de distúrbios físicos são associados aos distúrbios da alma, tidos como um estado patológico curados através da panacéia médica. Desta forma, instituiu-se a medicalização e a "pedagogização" do viver diário (proibição a determinados alimentos, instituição de exercícios e caminhadas diárias, controle da sexualidade, etc).

Nestas práticas, ao mesmo tempo individuais e sociais, criam-se receitas precisas de exames e exercícios codificados, devidamente aprovados pelos sujeitos reconhecidos como mais experientes (médicos e filósofos no mundo grego; médicos(as), psicólogos(as), pedagogos(as), enfermeiros(as), publicitários(as) e meios de comunicação hoje). É possível inclusive apreender que entre os sujeitos reconhecidos como mais experientes, existe um jogo de poder e de disputa sobre quem vai definir enquanto autoridade as condutas corporais, sexuais e moral das pessoas. A exemplo do cuidado consigo no mundo grego estudado por Foucault, existe também o incentivo aos exercícios de abstinência e provações, hábitos considerados importantes para a 'limpeza espiritual' da alma. Não é ato que o mercado de venda esotérica tenha aumentado suas vendas nesta última década. Há

um desejo de se preparar a "alma", de se buscar estratégias de limpeza e purificação através do poder sobre si mesmo e de poder sobre os outros, havendo inclusive a prática da confissão (a um 'guru' ou psicólogo) como sendo uma das ocupações mais incentivadas neste processo de cuidado consigo mesmo.

Para Rabinow & Dreyfus (1995)ⁱⁱⁱ a tecnologia da confissão sempre esteve muito forte e presente principalmente durante exames médicos, sendo esta a forma usual utilizada para se persuadir as pessoas, havendo como argumento a idéia de que através da confissão a pessoa aprende um pouco mais sobre si mesma. Foucault vê a confissão, e especialmente a confissão sobre corpos e sexualidade, como um componente muito forte da expansão das tecnologias de disciplina das pessoas e da sociedade como um todo. Existe segundo ele, uma co-relação direta entre o poder político, o poder religioso, o poder médico e a produção das tecnologias disciplinares dos corpos. Através da confissão, os prazeres, as emoções e os 'descuidos' com o corpo são conhecidos para logo em seguida serem medidos, corrigidos e regulados.

Segundo Fischer (1996)^{iv}, a confissão seguida da vigilância sobre os corpos dos sujeitos, na concepção de Foucault, vem transformando, em diferentes culturas ocidentais, o cuidado consigo em práticas cada vez mais austeras, onde o examinar-se e o sacrificar-se passam a ser medidas exigidas nas práticas de purificação. Inspirados na máxima socrática do "conhece-te a ti mesmo", a prática de vigilância sobre os corpos permanece atual e o "cuidado de si" enquanto uma prática higiênica, leva as pessoas a sentirem-se como únicas responsáveis por seus problemas. Os mecanismos da confissão levam as pessoas a falar sobre si mesmas para que os especialistas lhes digam o que são e como devem se conduzir.

As ciências médicas associadas à psiquiatria, à psicologia, à pedagogia e à mídia, apresentaram discursos bem elaborados ao longo do século XX, capazes de organizar cientificamente o que Foucault estudou sobre o "cuidado de si" entre os gregos. Embora Foucault, seja constantemente criticado pela sua intenção de ver poder em tudo, não era somente sobre o poder que ele organizava seus estudos. O saber, principalmente o pseudo saber sobre algumas práticas de cuidado consigo, que terminam por constranger e inibir a sexualidade, por exemplo, é que foram os discursos mais descritos e analisados por ele. A tecnologia política do corpo e o cruzamento das relações entre poder, saber e corpo é que

terminam por incentivar o que ele denominou de "poder pastoral" sobre os corpos , bastante descrito em seus estudos na Idade Clássica^v.

Este poder pastoral ou o poder apresentado por Foucault concretizado através de múltiplos órgãos disciplinadores da sociedade, tais como a família, a escola, os grupos de especialistas e os meios de comunicação, se constitui em uma trama ou teia de fios capazes de mobilizar toda a sociedade para a 'verdade' mais difundida como a verdade do momento. Neste sentido, os sujeitos aceitam e obedecem a verdade aceita como a mais correta e através de práticas consigo mesmo e com o 'outro' com quem convivem, entram neste universo de pastoreio e controle de corpos e mente. É o princípio de não mais se preocupar consigo para chegar à felicidade, mas renunciar a si mesmo para ser aceito.

É quando a cultura do "cuidado de si" em vez de enveredar pelo que Boff (idem) denomina de "suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência" (p.11), passa para o exercício das obrigações reguladoras, opressivas e por vezes perigosas. São as "Patologias do Cuidado", que no entender de Boff, podem pecar pela negação, pelo descuido ou pela obsessão, estendida de si mesmo para o 'outro'.

2.2 - Cuidado e Consumo

Costuma-se dizer que vivemos na era da comunicação, onde imagens e mensagens são repassadas simultaneamente para todas as partes do planeta, seja através dos livros ou de tecnologias eletrônicas como a Internet. Esta é a era da indústria cultural que articulada às forças do poder econômico, manufatura bens simbólicos que atuam sobre a consciência dos sujeitos. O que consideramos como lazer, assistir a televisão, fazer a leitura de uma revista informativa ou brincar nos "chats" da Internet, fazem parte desta indústria que cito acima e muito raramente não tem articulações diretas com a parafernália que envolve a venda de publicidades para o consumo imediato. Nada disto funciona sem anunciantes de carros, bancos, hotéis, produtos de beleza, produtos alimentícios e medicamentosos. Conforme o público a que se destina (o que traz audiência ou aumento de assinaturas), o meio de comunicação faz transações volumosas e milionárias com empresas que oferecem os mais distintos bens de consumo.

Há como que uma naturalização da presença de publicidade seja na televisão ou em revistas femininas. É natural 'vender' produtos estéticos às pessoas, assim como o melhor 'personagem' para apresentar à sociedade. Eco (1993)^{vi} faz uma leitura crítica sobre o papel dos agentes sociais e as articulações e estratégias de poder dos meios de comunicação sobre a sociedade. Dentre os muitos constructos teóricos de Eco sobre essa influência direta e ideológica dos meios de comunicação, está o que ele chama de criação dos mitos e dos modelos de consumo de personagens 'vendidos' ao público.

Neste sentido Lasch (1983)^{vii} afirma ser este momento da criação dos mitos e modelos de consumo, como o limiar de uma nova cultura, onde a preocupação consigo mesmo, ou o "cuidado de si", vincula-se principalmente à beleza. Esta preocupação com a beleza e a estética, está segundo Belloni (1988)^{viii} diretamente relacionada ao medo de envelhecer e o fascínio pela celebridade. Existe uma propagação maciça de modelos de vida associados a imagens de corpos perfeitos, levando os seres humanos a buscarem no mundo fantástico do consumo, mercadorias que atendam ao que consideram como sendo as suas necessidades de cuidado consigo.

Boff (idem) chama este cuidado consumista de patologia do cuidado, quando este se torna desnecessário e exacerbado. Para ele tão ruim quanto a negação ou o descuido por si mesmo, é a obsessão pelo cuidado, como quando buscam o perfeccionismo do corpo através de múltiplas cirurgias plásticas ou o uso permanente de distintas dietas de emagrecimento para se chegar ao padrão ideal veiculado pela mídia. Atitudes como esta são cada dia mais comuns no que Debort (1997)^{ix} denomina de sociedade do espetáculo, onde toda a política de vida parece estar fundamentada nas aparências, na imagem de rostos e corpos para o convencimento. É a degradação evidente do ser substituindo o ter para chegar ao prestígio imediato, sendo permitido parecer aquilo que não é.

Mulheres e homens, em quase todas as idades, voltam-se cada vez mais para si mesmos, para o prazer dos corpos e a obsessão pela juventude, sendo sua personalidade moldada para a compra e o consumo de produtos que possam torná-los(as) mais aceitáveis ao sistema. Neste tipo de sociedade, o essencial é comunicar-se para convencer e vender personagens, tipos e mitos que possam ser símbolos desta cultura de massa.

Para que o mito torne-se cada dia mais concreto para as pessoas, instaura-se um poder quase de polícia para a vigilância acirrada do "cuidado de si". É o poder pastoral chegando aos dias atuais. Foucault (1990)^x, ao resgatar as origens do poder pastoral e suas principais características na antigüidade, utiliza figuras como a dos reis, faraós e pastores, para mostrar como estes cuidam de seus 'rebanhos' com a promessa de levá-los à salvação. Nos dias de hoje a mídia e os especialistas reproduzem este poder pastoral estimulando a preservação em nossa sociedade de práticas de responsabilidades individuais, obediência aos especialistas e sacrifício e mortificação.

É óbvio que o poder pastoral em final de milênio, não pode ser comparado ao poder organizado nos séculos XVI ou XVII. Mas, eu diria, que estamos hoje com um arsenal bem mais sofisticado e atraente para nossa organização de poder pastoral. Se pensarmos em termos de mídia, basta pararmos para ver uma novela ou folhear uma revista feminina. O brilho, as cores, a preocupação em oferecer produtos com uma roupagem atraente, faz com que se venda tudo.

O número de 'funcionários' que se prestam a fazer o poder pastoral vem aumentando cada dia, saindo da esfera das cobranças dos especialistas e da própria mídia, para a esfera do privado, quando qualquer pessoa se ver às voltas com o vizinho, o amigo, o filho ou seus pais, cobrando-lhe o peso ideal, o corpo ideal e a conduta ideal. Enfim, a criação de um personagem que se constrói pela compra das idéias e de produtos, que visam principalmente, o controle social sobre a vida e as relações entre as pessoas.

2.3 - Não Cuidado e Exclusão

A exclusão é um tema presente na mídia, no discurso político, nos planos governamentais e nos discursos que se constróem em defesa das minorias. Exclusão não significa necessariamente falar de mendigos, negros, índios, mulheres ou crianças, mas quase sempre o termo ou a expressão exclusão social está relacionado às desigualdades brutais que levam à marginalização cada vez maior em todas as camadas sociais destes segmentos. Vendo deste modo, ainda assim, não se deve pensar que a pobreza econômica

seja o elemento mais significativo para que se determine se alguém é excluído ou não, embora seja o que mais facilmente nos vem a mente.

Fazendo um recorte com o pensamento de Xiberras (1993: p. 21)^{xi} encontramos a seguinte definição para excluídos: "são todos aqueles que são rejeitados de nossos mercados materiais ou simbólicos, de nossos valores". Do ponto de vista da utilização desta definição, o fenômeno exclusão e a condição de excluído, vai cair na rede principalmente das desigualdades sócio-econômicas e políticas. Quando os sujeitos/pessoas não podem partilhar de bens materiais e de direitos sociais e políticos, terminando por se inserirem na pobreza e na não acessibilidade aos bens produzidos pela sociedade.

Entretanto, levando em conta a discussão que venho realizando nesta tese, não é necessariamente esta forma de exclusão que situo aqui. Embora, com relação ao envelhecimento humano, a pobreza seja um elemento bastante forte a ser considerado, quando se tenta discutir velhice, "cuidado de si" e qualidade de vida. Mas porque discutir então exclusão neste tópico? Ora, até o momento venho tentando refletir sobre as razões que levam uma pessoa a se submeter a cuidados nem sempre necessários e às vezes extremamente dolorosos. Por que alguém se deixa influenciar a ponto de se permitir cuidados que tenham mais a ver com uma imagem vendida do que consigo mesmo?

Dentro deste universo de conceitos, embora se escreva muito sobre a negociação das diferenças, pouco ou nada se faz para que se respeite este processo de representações que tornam cada um de nós um ser único e específico em seu lugar e momento histórico. O medo da "apartação social", termo utilizado por Cristóvão Buarque (1993)^{xii}, para descrever o processo pelo qual se separam as pessoas, colocando-as como um desigual, um "não semelhante", um ser excluído dos meios de consumo, dos bens de serviço e até mesmo do gênero humano, responde em parte a questão que faço acima.

Não é apenas ser velho ou velha que assusta, mas a desqualificação, a desinserção e a desafiliação, ou seja a "apartação", a ruptura com o que é socialmente aceito, que pode levar as pessoas a aceitarem de forma submissa a governabilidade de seus corpos e mentes. O não cuidado (não falo aqui do descuido ou da negação do cuidado), o desinteresse por

produtos ou serviços considerados 'in', podem tornar uma pessoa excluída e até estigmatizada por ser vista como um sujeito 'diferente'.

A alteridade ou a construção do outro e de suas diferenças não é obrigatoriamente uma construção definitiva e nem tão pouco deve ser aceita sempre como inquestionável. Mas, deve-se deixar espaço para que as diferenças não sejam vistas como algo que é parte de uma cultura exótica ou de uma cultura marginal, algo que incite a segregação intencional dos sujeitos.

Para se envelhecer bem propaga-se a idéia de que muitos cuidados são necessários para a manutenção corporal. As pessoas que se organizam em programas denominados de grupos da terceira idade ou da maioridade, as associações voltadas para a organização dos (as) velhos(as) em torno de seus direitos sociais e o aumento de interesse pelas especialidades ligadas a geriatria e gerontologia, sugerem-me que o poder pastoral do cuidado obsessivo pregado pelos meios de comunicação são reforçados nestes setores. Isto significa dizer que a rejeição ao 'cuidado' sugerido pela mídia e pelos especialistas pode ser cobrada nas famílias e nestas entidades organizadas para velhos(as), que terminam por responsabilizá-los por problemas ou agravos de saúde quando estes não seguem a 'cartilha' deste novo modelo de envelhecimento.

A exclusão nestes casos ocorre, e como afirmei anteriormente, pode nem ser econômica, uma vez que uma pessoa velha com recursos também é excluída quando não consegue construir uma imagem positiva de envelhecimento, o que Debert (1999)^{xiii} chama de reconfiguração da imagem da velhice. Embora esta nova imagem não seja uma representação comum a todos os (as) velhos(as) de nosso país e se saiba que as diferenças econômicas estabelecem uma distinção entre os(as) velhos(as) em geral, existem nos programas de reinvenção desta nova velhice, todo um planejamento de "cuidados" para que a imagem do(a) velho(a) dependente e abandonado seja banido de nosso meio social.

Para não ser excluído(a) nossos(as) velhos(as), preferem buscar artifícios para manterem o frescor e as sensações que parecem ter ficados para trás, naquela juventude que parece tão recente. De uma maneira consciente ou inconsciente, a aceitação de muitas das produções oferecidas pela mídia, é até o momento uma das principais resistências à velhice e a própria morte. Embora, a longo prazo, talvez se torne uma prisão muito maior

ter um corpo modificado e sem 'identidade', uma réplica da juventude, conseguida com custos altíssimos, através de cuidados violentos e dolorosos. Neste ponto, concordo com uma afirmação de Debert (idem), sobre a importância de se manter um diálogo aberto com os especialistas, e eu diria, que este diálogo também deve se estender a mídia e aos próprios interessados que são os que envelhecem. Não discordo de se trabalhar o cuidado com critério visando a diminuição dos agravos próprios do processo de envelhecimento humano. O que considero terrível é fazer do cuidado necessário um cuidado obsessivo, que quando não realizado pode levar a exclusão e até a morte social daqueles que não conseguiram disfarçar os declínios biológicos estéticos visíveis.

Referências Bibliográficas

-
- ⁱ BOFF, L. **Saber Cuidar. Ética do Humano – Compaixão Pela Terra.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- ⁱⁱ FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3 - O Cuidado de Si.** 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ⁱⁱⁱ RABINOW, P. & DREYFUS, H. **Michel Foucault - Uma Trajetória Filosófica Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ^{iv} FISCHER, R. M. B. **A Paixão de Trabalhar Com Foucault.** In: COSTA, M. (org.). **Caminhos Investigativos. Novos Olhares na Pesquisa em Educação.** Porto Alegre: Mediação, 1996.
- ^v FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir.** 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- ^{vi} ECO, U. **Apocalípticos e Integrados.** 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- ^{vii} LASCH, C. **Cultura do Narcisismo.** Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- ^{viii} BELLONI, M. L. **Reflexões Sobre a Mídia. Coleção OPM,** Florianópolis: UFSC/CED, 1988.
- ^{ix} DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ^x FOUCAULT, M. **Tecnologias del Yo y Otros Textos Afines.** Barcelona: Paidós: Ibérica, 1990.
- ^{xi} XIBERRAS, M. **Les Théories de l'Exclusion.** Paris: MeridiensKlincksicck, 1993.
- ^{xii} BUARQUE, C. **A Revolução das Prioridades.** Brasília: INESC, 1993.
- ^{xiii} DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice.** São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999.

CAPÍTULO 3 – O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

“A língua especial se distingue da linguagem científica porque encerra a heteronomia sob a aparência da autonomia: incapaz de funcionar sem a assistência da linguagem comum, ela deve produzir a ilusão da independência lançando mão de estratégias de ruptura simulada, empregando procedimentos diferentes conforme os campos e, no interior de um mesmo campo, conforme as posições e os momentos” (Bourdieu, 1998, p. 134)¹

3.1 – Considerações Sobre Linguagem, Comunicação e Mídia

3.1.1 – Teoria da Comunicação

O esquema de comunicação hoje existente nos coloca frente a vários tipos de comunicação: seja pessoa a pessoa (oral/gestos), por instrumentos (telefone/ telégrafo/ computador), por códigos (Morse), por cartazes, mensagens radiofônicas, enfim, uma gama de possibilidades criadas pelo ser humano para enviar e receber mensagens.

Este é o objetivo da comunicação: a transmissão de mensagens, na qual se necessita de um emissor ou destinador, responsável pela emissão da mensagem; de um receptor ou destinatário, capaz de receber a mensagem (o que não significa necessariamente que a mensagem seja compreendida); a mensagem, objeto da comunicação, constituída pelo conteúdo das informações transmitidas; o canal de comunicação, que é a via de circulação da mensagem, os meios técnicos que o destinador tem acesso para assegurar que a mensagem chegue ao destinatário (meios sonoros, visuais); e finalmente, o código que

oferece um conjunto de signos e regras capazes de serem codificados e decodificados por uma pessoa, um grupo de pessoas, um animal ou uma máquina (Vanoye, 1998, p. 3)ⁱⁱ.

Como disse anteriormente, o fato de recebermos uma mensagem não significa que a compreenderemos, contudo, uma transmissão bem sucedida de uma mensagem requer não apenas um canal físico, mas também um destinatário que consiga entender o teor da mensagem, sua inserção contextual e circunstancial.

Assim, é possível se receber uma mensagem e não haver comunicação compreensível para o receptor (uma conversa entre pessoas que desconhecem a língua um do outro); é possível haver uma comunicação restrita, quando os signos em comum são poucos (uma leitura de um texto em uma língua estranha quando ainda estamos estudando); uma comunicação ampla (quando se domina razoavelmente o uso da Internet consegue-se passar correspondências eletrônicas, mas às vezes não sendo possível solicitar determinados serviços a instituições que estão inseridas na rede); e uma comunicação perfeita, quando se compreende todos os signos que são transmitidos e passar adiante a mensagem com um mínimo de ruído ou perturbação na transmissão.

Para que o ruído seja o mínimo possível, o emissor ou destinador deverá observar o que se denomina de referente, podendo este ser situacional (contexto de situação do emissor e do receptor e as circunstâncias de transmissão da mensagem) ou textual (remete ao contexto lingüístico). Também é importante observar se esta comunicação será unilateral (quando não se tem reciprocidade ou resposta), ou bilateral (quando emissor e receptor se alternam em seus papéis). Cabe ainda dizer que uma mensagem proveniente de um emissor pode ser recebida por diferentes receptores e cada um deles dar um sentido ou valor distinto a esta, de acordo com o seu referencial de vida, seja pessoal ou profissional.

Em cima de todos estes conceitos de termos aparentemente tão estranhos, é que estão os domínios da teoria da comunicação. De uma forma geral, esta teoria tem por objetivo básico a explicação da transmissão da informação, a qual, no sentido comum, designa um conjunto de indicações relativas a fatos, pessoas, objetos e situações. Estas indicações podem ser remetidas a vários domínios, tais como o das telecomunicações, da informática e da lingüística (Moles, 1957)ⁱⁱⁱ. É na lingüística, através da linguagem escrita, que chegamos ao universo de nosso estudo, buscando os significados possíveis dos discursos produzidos através de um organismo de difusão da informação, as revistas femininas.

3.1.2- Linguagem, Língua e Escrita

Nossas sociedades, diferentemente de algumas sociedades negro-africanas, que têm no testemunho verbal transmitido de geração em geração uma tradição chamada de tradição oral ou oralidade (Rifiotis, 1994)^{iv}, têm na tradição escrita sua forma de divulgar suas manifestações literárias, atividades humanas e culturais.

Os primeiros escritos foram o resultado da formação de palavras que, por sua vez, nasceram à partir da combinação de certos sons arbitrariamente associados a um sentido, sendo que estes sentidos

podiam ser muito diferenciados de acordo com o tipo de som emitido. Assim, aprendemos que cada língua possui um número ilimitado de sons funcionais que constituíram os fonemas, elementos sonoros da comunicação (Giovannini, 1987)^v.

Na Antropologia, o estudo de uma língua começa necessariamente por seus fonemas, ou seja, pelo estudo dos sons que são emitidos por determinado povo ou grupo. E foi a partir destes fonemas que se chegou a um acordo para o estabelecimento de um alfabeto fonético internacional que, ao classificar as categorias de sons emitidos pelos seres humanos, segundo o modo de emissão, chegou finalmente às vogais e às consoantes, duas categorias que, ao formarem o alfabeto fonológico, tornaram possível a escrita (Leburthe-Tolra & Warnier, 1997)^{vi}.

A língua, portanto, é constituída em quase todas as sociedades do mundo, por um alfabeto fonológico, como um código, como um produto que foi aos poucos conscientemente construído pelo espírito e pela necessidade humana de se comunicar. A língua possibilitou a comunicação e a criação de civilizações, sendo a oralidade uma opção disponível no processo de contato e interação entre os povos. Contudo, muitas civilizações como as que habitavam a Mesopotâmia, por volta de 4000 a. C., sentiram a necessidade de registrar as atividades relacionadas à comercialização de produtos, criando assim formas de registros, através de códigos e símbolos, que se tornaram os primeiros escritos da época.

Esta escrita, nesta parte do mundo, embora relacionada à economia agrícola, não foi utilizada apenas para propósitos comerciais, também era praticada pelos sacerdotes que foram os primeiros a utilizá-la para o registro de seus mitos e rituais. Woolley (1963) e Bottéro (1982)^{vii} confirmam estes fatos, mas afirmam que o uso da escrita para o registro dos cultos religiosos, não tirava sua principal característica que era a de registrar dados ligados a economia da sociedade mesopotâmica. Esta escrita que a princípio era pictográfica passou depois a ideográfica¹, possuindo um alfabeto muito difícil. Isso forçava aos sacerdotes da época o estudo dos milhares de signos existentes, durante muitos anos, contribuindo assim para que entre os não letrados se solidificasse a tradição oral, que era um patrimônio acessível para toda e qualquer pessoa da comunidade, como o é ainda hoje em algumas sociedades africanas, tais como as estudadas por Rifiotis (idem).

Segundo Ferreira (1992)^{viii}, evidências apresentadas em vários trabalhos antropológicos, realizados em culturas indígenas, confirmam esta afirmação, e mostram como a oralidade, transmitida de geração a geração, não apenas é utilizada para atualizar os sistemas culturais existentes, como também atua como canal de socialização, atendendo aos interesses de letrados e não letrados, não reduzindo como se pensa a transmissão da história e da herança cultural destas sociedades.

¹ Como escrita pictográfica, se denomina a escrita dos sumérios, que se constituía de um sistema de natureza icônica, baseada em representações bastante simplificadas dos objetos da realidade...diferenciava-se da escrita ideográfica, porque esta já era constituída de alfabeto, símbolos gráficos que representavam mais claramente as idéias da época (FERREIRA, A. B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 913 / 1326).

Porém, num plano mais geral, a oralidade era utilizada para repassar as experiências vivenciadas ligadas aos mitos, às tradições religiosas e à própria língua, enquanto a necessidade econômica foi o que realmente incorporou a tradição escrita a vida humana. Giovannini (1987, p.29) afirma que:

"Chegou-se à escrita por razões essencialmente econômicas. Os produtos da terra eram postos em circulação e uma grande parte deles acabava como tributo ao deus da cidade. Portanto, eis que surge a necessidade de um sistema de controle e de contabilidade, que foi gerenciado pela poderosa casta dos sacerdotes"

Para Goody (1986)^x, a escrita permitiu que se fizesse uma comunicação diferente da oralidade, oferecendo ao(a) leitor(a) outros percursos não permitidos ao ouvinte. Para ele, a escrita surge para substituir a linguagem oral, naquelas circunstâncias (ou em contextos) nas quais deixam de ser operacionais, o que não significa dizer que esta seja melhor ou superior.

Desta forma, a partir da invenção do alfabeto, a escrita tornou-se um instrumento a mais, somando-se em algumas sociedades à linguagem oral, enquanto possibilidade de comunicação. Ainda assim, a comunicação escrita sempre foi bastante restrita a um grande número de pessoas e grupos humanos, visto que para ler um texto escrito, o(a) leitor(a) terá que ter uma série de atributos e particularidades, tais como ser alfabetizado, ter capacidade de decifrar as convenções lingüísticas idealizadas pelos seres humanos e, finalmente, compreender o sentido e as intenções do texto (Kleiman, 1989)^x.

Este sentido e significado, as relações entre língua, cultura e sociedade, bem como a análise do texto e de seu conteúdo, abrangem todos os aspectos de uma situação de comunicação, sendo um dos campos da lingüística o estudo destas relações. A Sociolingüística e a Etnolingüística ou Antropologia Lingüística, que conheceram avanços significativos na França com Calame-Griaule (Laburthe-Tolra & Warnier, 1997)², são disciplinas que trabalham estas questões.

Para este estudo, em particular, considero importante saber sobre o nascimento da escrita. Num mundo onde a televisão e o computador são imperadores da informação rápida, considero que a leitura de textos impressos, ainda é um dos muitos meios de comunicação mais acessíveis o(a) leitor(a). Porque a leitura, embora restrita aos alfabetizados, pode ser realizada mesmo nos lares mais pobres, nas

² Estes autores, citam a definição de Calame-Griaule para etnolingüística, observando a necessidade de não confundir esta área do conhecimento lingüístico com a sociolingüística. Enquanto a primeira se define como sendo: "o estudo das relações entre linguagem, cultura e sociedade consideradas em si mesmas, e não como contribuição secundária dos dados, seja da etnologia, seja da lingüística", a segunda área, trata do "estudo das relações entre a sociedade e a língua, no sentido de código de expressão comum a um grupo dado"(p.296). Para Calame-Griaule, ao se analisar a linguagem (principalmente a oral), não se deve, como antropólogo, se fixar apenas na língua e em seu conteúdo, mas em todos os aspectos que envolvem a situação da comunicação a saber: a mensagem, seu agente, o contexto, o estilo e o auditório ou público a quem se destina a mensagem (Calame-Griaule, 1965).

bibliotecas, nas bancas de revistas, nos salões de cabelo femininos, nas barbearias, enquanto os computadores e a televisão são mais restritos por serem instrumentais mais dispendiosos.

Entretanto, a compra de livros ou revistas e as restrições econômicas, se constituem em séria barreira a leitura. Ainda assim, pode-se afirmar que a leitura é um dos meios de comunicação mais difundidos em nossa sociedade; meio este, segundo alguns estudiosos como Goody (1968)^{xi}, responsável por mudanças sociais profundas, bem como pelo desenvolvimento do intelecto dos seres humanos. Estas observações, a meu ver, parecem desconsiderar outras atividades intelectuais que são diferenciadas e que não estão relacionadas à leitura. Será que as pessoas não letradas que estudaram plantas medicinais ou tecnologias de plantio agrícola ou como elaborar instrumentais adequados para o dia-a-dia das famílias de nossos antepassados, não tinham que desenvolver habilidades muito específicas, inclusive intelectuais, porém sem leitura?

Mas, pensando em termos de escrita, não podemos deixar de considerar que a fala não é permanente e que a memória, como afirma Ferreira (idem), muitas vezes não é confiável. É por isso, que reafirmo a importância da escrita que, como uma memória artificial, oferece corpo à linguagem e aos discursos.

Mas uma leitura não é algo que se possa fazer de qualquer jeito. Segundo Nunes (1994)^{xii}, a leitura pode ser realizada a partir de vários princípios e olhares, tais como a coerência, o prazer, a busca da verdade, a comparação, entre outros. O(a) leitor(a) constrói o sentido de um texto, o que me leva a pensar na possibilidade de um engajamento entre este e o autor, sendo a leitura, portanto, um ato social, na qual o(a) leitor(a) e autor(a) interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados (Kleiman, idem).

Eco (1995)^{xiii} afirma que um texto escrito é um artifício que tende a produzir o seu leitor-modelo³, existindo um autor-modelo que é aquele que cria estratégias textuais capazes de produzir um certo leitor-modelo. Cria-se, assim, a cooperação textual, na qual o(a) autor(a) busca um(a) leitor(a) que seja crítico(a) e capaz de criar sentidos para seu texto, tendo, portanto, de torná-lo coerente, a partir de uma materialidade e subjetividade lingüística e não lingüística, que se pode denominar de conhecimento prévio (textual, de mundo, enciclopédico, entre outros) capaz de estabelecer esta interação entre leitor(a) e autor(a).

Para os objetivos desta reflexão inicial, interessa destacar que se pode tomar a escrita como uma das possíveis manifestações do discurso de uma sociedade. Que tais manifestações recobrem o viver cotidiano e as obrigações de certa forma importantes neste viver social, como o cuidado de si durante o processo de envelhecimento. Olhando isto como um ponto de partida, posso afirmar que o leitor-modelo atua sobre o discurso escrito como o faz um detetive ao procurar desvendar os mistérios de um crime, ou

³ Usarei sempre este termo e outros relacionados, no masculino, quando os mesmos forem citações textuais do modelo de cooperação textual de Eco.

seja, buscando indícios que revelem a lógica e o sistema que gerou a sua realização⁴. Aqui temos dois detetives, o(a) autor(a) e o(a) leitor(a), que irão juntos, pensando no que foi escrito e para quem foi escrito, tentando, de certa forma, chegar ao que se supõe que seja o discurso do "não dito".

Para compreender este "não dito", é preciso ter conhecimento sobre o que foi escrito, quem o escreveu e a sociedade a quem se destina. Só assim será possível buscar entender, minimamente, os processos de produção destes discursos que fazem parte de nossa configuração social e que são capazes de determinar a noção do que seja uma pessoa velha, os nomes que tem, a idade ideal, os comportamentos e as formas de um viver considerado ideal. Os discursos estão no que está escrito, e o que está escrito deveria ser visto como algo mais autônomo do que os "textos orais", uma vez que se torna uma entidade mais fixa, embora com manifestações e possibilidades infinitas de compreensão.

Na escrita (assim como na comunicação oral ou falada), segundo noção proposta por Saussure (1974)^{xiv}, o signo lingüístico deve ter uma estreita unidade entre o significante (a imagem da forma fônica, signos gráficos ou grafemas – as letras do alfabeto) e o significado (elemento conceitual não perceptível, imagem mental do que foi registrado através do significante). Em outras palavras, o código lingüístico utilizado estabelece que um dado significante diz respeito a um determinado significado. Se representássemos através de um triângulo, no seu vértice teríamos o interpretante, que seria aquele que garantiria a decodificação e o uso social da mensagem que nasce deste processo de comunicação, na posição de poder observar vários níveis de realidade.

Uma das teses defendidas por Saussure, é de que a língua garante a todo ser humano o domínio das noções e interações sobre e entre os seres vivos, do passado ao presente, assim como seus destinos e suas experiências. O interpretante aqui vai garantir a interação e a comunicabilidade (uma comunicação pode ocorrer sem comunicabilidade, ou seja, sem compreensão), possibilitando condições de interação e compreensão do sentido da organização social de um povo com sua distribuição de tarefas, na instituição de mitos e rituais, na nomeação da natureza, das pessoas, objetos e localidades.

Isto significa dizer que, na comunicação através da linguagem escrita, existem alguns procedimentos para que exista comunicabilidade ou uma competência comunicativa. Tais procedimentos são operações estratégicas de entendimento do "outro" durante o processo comunicacional, neste sistema simbólico de representação da fala. Uma das principais operações para compreensão de um texto escrito é a classificação da mensagem escrita, segundo Roman Jakobson (1971)^{xv}:

mensagem com função referencial: textos brutos, sem comentários ou juízos;

mensagem com função expressiva: textos com juízos e valores, textos críticos e subjetivos;

⁴ Neste momento lembro novamente do trabalho de Rifiotis (1994) em sua "Aldeia de Jovens..." na qual ele faz este mesmo paralelo, só que colocando o pesquisador como o detetive em busca de respostas a suas questões e objetivos de estudo. Na linguagem oral, e mais especificamente no que ele denomina de

mensagem com função conativa: textos com informação persuasiva e sedutora;

mensagem com função fática: textos que instauram ou facilitam a comunicação;

mensagem com função metalingüística: textos explicativos, com definições;

mensagem com função poética; textos que valorizam a informação pela dramatização e poetização;

Embora aparentemente simples, esta forma de classificação não deve encobrir a real complexidade das mensagens escritas, nas quais cada palavra da mensagem é construída com uma certa "intenção" pelo(a) emissor(a). Em cada texto, conforme a intenção do(a) emissor(a), a mensagem apresenta uma ou mais particularidades, podendo inclusive ter várias destas funções na totalidade da informação veiculada ao destinatário ou receptor. Na mídia, a complexidade desta classificação se torna muito concreta, quando se avalia o número de conteúdos e mensagens possíveis de serem repassados a um grande público em apenas alguns minutos sem que se saiba ao certo, os resultados destas mensagens a nível de percepção.

Isto se dá porque os meios de comunicação de massa, ou o que denominamos de mídia, são capazes de produzir e veicular rapidamente toda uma sorte de conteúdos e significados, podendo inclusive "desrealizar" o mundo. Segundo o dizer de Jeudy (1994)^{xvi}, a mídia, utilizando de forma sistemática muitas de suas funções pode produzir discursos persuasivos para determinar comportamentos e estilos de vida. Esta "desrealização" sendo efetuada, à medida que produz uma fascinação, na qual as imagens se transformam em real e ao mesmo tempo estão em uma constante reprodução de algo a ser dito, é uma visualização perpétua dos acontecimentos (Jeudy, idem), criando o que Foucault(1995)^{xvii} denomina de "efeitos de verdade", algo que pode ser tomado como verdadeiro, que não é a mesma coisa de se supor que seja realmente verdade.

Para compreender esta mídia tão fascinante, creio ser necessário também compreender como ela se insere em uma cultura escrita, e como os discursos são produzidos e veiculados através dela. Para Possenti (1993)^{xviii}, discurso é um termo vago, que pode querer dizer tudo ou nada. Já Van Dijk (1996)^{xix} afirma que o discurso é uma construção representada na memória de quem o faz e de quem o decifra, tendo por base informações visuais e lingüísticas. Ao ser dada uma interpretação a ele, seja de um acontecimento ou enunciado, se constróem significados, que podem ser representativos ou não para este ou aquele grupo.

Lingüistas, sociólogos(as), antropólogos(as), semióticos(as), filósofos(as), enfim, toda uma gama de estudiosos(as) trabalham ou apresentam algo em que o termo discurso é utilizado, principalmente para

"oralidade", ele busca o que a sociedade "esconde", seguindo a lógica do criminoso, adotando a postura suserida no clássico de Edgar Allan Poe em "A Carta Roubada".

atribuir sentido e/ou significado a leituras realizadas em cima de textos ou falas. O fato é que, retomando o pensamento de Orlandi (1996)^{xx} e Nunes (idem), existem múltiplas e variadas funções nas mensagens escritas e suas formas de leituras e estas (re)produzem os sentidos e os significados construídos em nossa sociedade. A legibilidade de um texto está intimamente relacionada com a natureza de seu conteúdo, as condições em que foram produzidos, a produção dos sentidos e sua historicidade, enfim, o contexto vivido por autores e leitores.

Nesta questão sobre cultura escrita e leitura, percebo que conforme o tipo de texto, o discurso por ele veiculado pode ser controlado, selecionado, organizado e redistribuído através de distintos procedimentos, que tanto podem excluir como incluir leitores(as). As exclusões podem ocorrer por barreiras impostas pelo não acesso a alfabetização, havendo neste caso a impossibilidade da leitura dos textos escritos; já a interdição pode ocorrer independentemente da possibilidade do(a) leitor(a) ser ou não alfabetizado(a), visto que mesmo tendo acesso aos códigos e signos, poderá haver a impossibilidade da compreensão dos significados e ainda do não poder falar ou escrever tudo que sabe ou acredita. Foucault (1996, p.28)^{xxi} dizia que a interdição é uma das mais evidentes e familiares barreiras de acesso aos discursos:

"Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não se pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grande rede complexa que não cessa de se modificar"

Considero, desta forma, que os textos, entendendo-os como escrita ou fala (oralidade), decorrem de atividades realizadas pelos seres humanos como produção de discursos, sendo tal atividade acessível a determinados grupos ou pessoas que têm o domínio dos signos e/ou símbolos da linguagem na qual o discurso é produzido.

Consequentemente, passamos a crer que esta atividade, embora excludente ou interdita a um número "x" de pessoas, é articulada observando-se três aspectos, citados por Koch (1997)^{xxii}, motivação, finalidade e realização, sendo que o modelo textual escrito, a princípio, não tem o seu sentido no próprio texto, mas é construído a partir dele, o que se encontra exposto é apenas uma parte do próprio texto. Para a compreensão de um texto faz-se necessário recorrer a vários sistemas de conhecimentos, processos e estratégias cognitivas e interacionais a fim de se chegar a um sentido adequado ao contexto de autores(as) e leitores(as).

Para Van Dijk (idem, p.18), os discursos não ocorrem soltos no vácuo, eles são produzidos e interpretados por quem fala e por quem ouve (falantes e ouvintes), em situações específicas de um contexto sociocultural amplo. Os usuários da língua constroem suas representações muito antes dos textos

serem veiculados, sendo que muitas das histórias orais e escritas são interpretadas à luz de "intenções", nem sempre explícitas imediatamente a todo e qualquer leitor.

"Tanto o locutor quanto o ouvinte terão as motivações, propósitos ou intenções ao entrarem em uma interação verbal e o mesmo se aplica para as ações subsequentes com as quais as ações verbais estão relacionadas dentro da mesma situação. Assim visto, o pressuposto pragmático deveria ser generalizado como um pressuposto interacionista... Isso implica, por exemplo, que a representação do discurso na memória dependerá dos pressupostos do ouvinte sobre os propósitos (objetivos) e outras motivações do próprio ouvinte ao ouvir a estória"

Neste ponto, cheguei novamente à idéia de discurso enquanto um processo não acessível a todas as pessoas, podendo ser enigmático ou desprovido de sentido ou até ter sentidos demais, dependendo do leitor a quem ele se dirige. Na procura pelo sentido do discurso do "outro", pode-se observar a possibilidade não só da exclusão e interdição, mas da manipulação dos sentidos, vista por Lopes (1978)^{xxiii} como uma das formas de dominação inventadas pelo ser humano, para relacionar-se com seu próximo, ditar regras, definir valores e antivalores. É a velha idéia do(a) autor(a) do discurso, visto como uma "autoridade", dono de área "X", sempre se atribuindo e recebendo atribuições de detentor de saberes e poderes.

Bem, e qual seria a noção de discurso usada neste trabalho? Incorporei a de uso corrente nas ciências sociais, afirmando, de início, as diferenças entre manifestações escritas e discurso, visto que o ato de escrever é a materialização, por meio de signos e símbolos⁵ de uma produção de significados. Neste sentido, saio da teoria dos significados de Geertz (ibidem), que toma a cultura como um texto e chego ao texto propriamente dito, o que já está escrito, para através dele, entender finalmente o que ele quer nos dizer. Este "dizer", é o discurso.

3.1.3 – Meios de Comunicação e Mídia

Em uma sociedade da informação, onde a necessidade da comunicação entre os muitos grupos humanos é importante para se estabelecer a possibilidade de divulgação e troca de mensagens, falar de mídia e não falar de meios de comunicação, é no mínimo cometer uma heresia. Hoje nada se faz sem comunicação, seja ela direta ou indireta entre os sujeitos. Mas, o que é realmente um meio de

⁵ Adoto para este estudo a noção de signo proposta por Saussure citada por Eco (1991), que afirma ser o signo lingüístico, um objeto que une coisas e palavras, conceitos e imagens, o significante e o significado. Sendo este significante e significado impostos pela língua e pela cultura, o significante sendo a imagem da forma cônica e codificada da língua e o significado a imagem mental da "coisa" (ECO, U. *A Estrutura Ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1991).

comunicação? Antes de tudo é preciso ter claro que muitos são os meios de comunicação e cada um deles possui sua particularidade, sua função, seu espaço de produção. Bertrand (1999, p. 39)^{xxiv} entende um meio de comunicação como sendo,

“uma empresa industrial que, por meios técnicos específicos, difunde, simultaneamente ou quase, a mesma mensagem a um conjunto de indivíduos esparsos. Esta definição descarta o telefone, as pesquisas de opinião e o sufrágio universal. O correio e os cartazes podem ser excluídos pelo fato de suas mensagens serem quase só comerciais. Os fonogramas são antes de tudo o material que o rádio utiliza. Quanto ao cinema, tornou-se não só mais um meio de comunicação quanto um fornecedor da telinha através da televisão a cabo, dos satélites e dos videocassetes. No sentido corrente, os meios de comunicação são os jornais e as revistas, o rádio e a televisão. Estes meios, dentre outras funções, fornecem rapidamente uma informação sobre atualidade”.

Dito isto, fica entendido que embora haja comunicação entre as pessoas nas relações que se estabelecem, do ponto de vista comunicacional a comunicação aqui tratada está relacionada aos meios de comunicação de massa ou mídia, que gerencia, produz e emite informações em todos os espaços ou áreas do conhecimento.

Temos a mídia de informação geral, a mídia de opinião, a mídia especializada e a mídia publicitária, todas oferecendo os mais distintos serviços, tais como os acontecimentos em nível mundial, as discussões sociais, a imagem de mundos distantes e suas culturas, o entretenimento e a compra.

Todas estas possibilidades de repasse de mensagens são realizadas por profissionais jornalistas, que possuem, como quase todo profissional, um código com regras e normas de práticas para o exercício do jornalismo, que muitas vezes entra em choque com as funções da mídia. Estas, segundo Bertrand (1999), podem ser resumidas no seguinte esquema: a) tudo que for de interesse deve ser publicado (mesmo que faça sofrer, mesmo que signifique a morte de alguém, mesmo que humilhe); b) o mundo deve ser visto por todos (todos os lugares devem ter um espaço da mídia, nada pode ficar escondido, nada pode ficar em segredo); c) a mídia deve ser um fórum de discussões sociais (não importando as ideologias, os partidos políticos, as influências e o poder dominante); d) a mídia deve tentar vender tudo o que for possível (discursos, imagens, produtos...).

Estas funções da mídia, entram em discordância com o código do jornalista, que, citando novamente Bertrand (idem), tem como regra primeira, o respeito ao direito do próximo e a não

publicação de matérias quando a situação ou o fato publicado não for de interesse público e interferir na sua vida pessoal.

Na prática, sabe-se que esta regra raramente é respeitada e que na formação do profissional da comunicação midiática o que lhe é ensinado é que a notícia é mais importante do que qualquer coisa, devendo ele não apenas publicar o que objetivamente 'ver', mas também ir a busca de notícias, 'cavar' informações que possam não apenas comunicar um determinado fenômeno, mas que, inclusive, possa convencer pessoas sobre as 'verdades' publicadas.

Para tanto, existem códigos para a transmissão das informações de modo que cada matéria ou artigo seja atraente, tenha concisão, estilo, formatos adequados e ilustrações compatíveis com o teor da mensagem. Estas mensagens, por sua vez, devem ser produzidas com força argumentativa, devem convencer o receptor para obter dele (este receptor pode ser uma pessoa, um grupo, um auditório) a adoção de determinado comportamento ou o compartilhar de valores, crenças, idéias, enfim, de uma opinião.

Para Breton (1999, p. 10)^{xxv}, existem diferentes maneiras de convencimento ou persuasão utilizadas pela mídia: a manipulação, a propaganda, a sedução, a argumentação e a demonstração. Para ele, apenas a demonstração pode ser vista como uma maneira científica de convencer, todas as outras estão ligadas a retórica e conforme a sua utilização podem exercer manipulação mental para coação, apresentando certa dose de violência, que Breton (idem, p.8), denomina de 'estupro de massas'.

Os discursos a meu ver, nascem da boa argumentação e não é sem conseqüências para aqueles que participam através da escuta ou da leitura. E onde entra a "*mass mídia*" nesta denominação que chamamos de discurso? A mídia ou o *medium* com o plural *media*, é um meio de comunicação que possui algumas particularidades, que não difere em seu todo do que foi escrito anteriormente sobre meios de comunicação,

"Envolve todos os meios de expressão humana e efeitos artificiais da técnica, incluindo-se os mais simples e naturais, como a voz e o gesto - conforme queria McLuhan - bem como artificios especiais de sonoplastia, videoplastia, etc...dizemos que os meios de propagação coletiva (media) são os meios cuja finalidade perspicua é a transmissão de uma mensagem de um centro emissor para uma pluralidade de indivíduos receptores"

(Mesquita, 1993: 35-36)^{xxvi}

Esta mídia possui vários meios, veículos e canais possíveis de serem utilizados para a transmissão de mensagens, podendo a mesma se processar em níveis distintos que podem centralizar-se nos sentidos sensoriais, oral/escrito, gestual, artístico, ambiental e cinético-visual. As revistas, que constituem o meu objeto de estudo, estão inseridas, enquanto "meios", como instrumentos temporais,

gráfico-visuais, captados pelos órgãos senso-receptores, enquanto ondas luminosas. Seu conteúdo escrito atinge a realidade por meio de signos que podem ser representados por letras, figuras, desenhos e fotos para formação da mensagem.

A partir destas reflexões, creio ter chegado ao momento de fazer um balanço e algumas observações sobre esta relação linguagem, língua e comunicação e meios de comunicação e mídia:

Primeiro, a cultura escrita mudou as relações dos seres humanos com seu mundo e estabeleceu de forma mais fixa, através da língua representada por um alfabeto, possibilidades de veicular através do que chamamos de "memória artificial", seus valores, crenças, idéias, enfim, sua história. A escrita, tornou-se, portanto, um importante instrumento de codificação de mensagens, capaz de estabelecer um processo de comunicação técnico, gerando, desta forma, o que conhecemos como meios de comunicação de massa;

Segundo, o discurso não é o texto escrito, mas as manifestações do "olhar" das pessoas acerca do que foi escrito sobre suas vidas, fatos, fenômenos, objetos, animais ou outras pessoas. E mais, o discurso só existe de fato quando o argumento utilizado consegue estabelecer um contato entre as duas pontas do canal de comunicação: o emissor(a) (autor(a)) e o(a) receptor(a) (leitor(a)); e só tem sentido quando é criado em um determinado contexto social, espacial, temporalmente localizado (Finco, 1996)^{xxvii}, devendo estar histórica e culturalmente inscrito, tendo várias funções interligadas às funções da escrita, que podem ser explicativas e/ou formadoras (Silva, 1998)^{xxviii}, entre outras possibilidades;

Terceiro, a mídia escrita é parte de uma gama de possibilidades criadas pela cultura escrita, para convencer, veicular e difundir informações, bem como manifestações discursivas acerca de opiniões, valores e necessidades dos sujeitos.

Não se pense porém nesta arte do convencimento como algo somente ruim, existem às vezes idéias estereotipadas em torno do discurso jornalístico, como se ele, apenas ele, fosse o responsável pela construção do que se produz na sociedade. Para se compreender um discurso jornalístico, faz-se necessário vê-lo como um discurso plasmador/revelador da sociedade contemporânea, produzido no interior de uma determinada e específica instituição (a empresa jornalística), cuja função é tentar textualizar a realidade que vivemos (Berger, 1996)^{xxix}.

Cabe portanto ao(a) jornalista (emissor(a)) ir ao fato acontecido para produzir sua notícia ou texto, mediando interesses sociais e profissionais que dizem respeito ao sentido que este texto terá para a vida das pessoas, seus trabalhos, seu cotidiano de conflitos e de política. Desta forma, nenhum texto pode ser considerado neutro, mesmo quando apresenta objetivamente a informação, sem uma opinião formada (a não neutralidade já existe quando se escolhe escrever apenas uma descrição do fato). A luta no campo jornalístico, acredito, gira em torno do ato de nomear, de incluir ou excluir fatos, de qualificar ou desqualificar, de dar voz ou não a determinado segmento social.

Observando o que escreve Bourdieu (1989/1987)^{xxx}, entendo o processo de comunicação e o trabalho jornalístico como parte de um poder social simbólico, no qual através de textos (escritos ou

falados), se faz crer, se faz ver, se confirma, se transformam visões e ações sobre o mundo, graças ao poder de mobilização das massas. Ele afirma que o poder simbólico das palavras faz as coisas acontecerem:

“o poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. E somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, a descrição faz as coisas. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem. Isso significa que ele não faz nada? De fato, como uma constelação que começa a existir somente quando é selecionada e designada como tal, um grupo (classe, sexo, região, nação) só começa a existir enquanto tal, para os que fazem parte dele e para os outros, quando é distinguido, segundo um princípio qualquer, dos outros grupos, isto é, através do conhecimento e do reconhecimento”. (Bourdieu, 1989, p. 167)

Enfim, na discussão sobre o papel da mídia, neste processo de transmissão das palavras e dos discursos, é importante termos claro que os meios de comunicação são variados, a mídia jornalística é apenas uma das escolhas, estando esta ligada a distintos poderes, dos quais o poder dominante é o que irá dominar os fluxos de informações (com ideologias e finalidades específicas) nos meios de produção material e intelectual de uma determinada sociedade.

Para Key (1996, p. 28 e 30)^{xxxi}, os pressupostos práticos do que veio a ser os meios de comunicação de massa e a sua proposta de veiculação e possível manipulação das informações e significados, remonta no mínimo ao filósofo grego Protágoras (485-410 a.C.), o mais famoso dos sofistas⁶. Para seus críticos, a única preocupação dos sofistas era a de vencer um debate, inclusive utilizando meios desonestos, por isso o "sofisma" é nos dias atuais, um termo utilizado para designar argumentos ou raciocínios falaciosos.

"Os primeiros sofistas gregos eram professores de retórica, então considerados, nas palavras de Aristóteles, como "todos os meios de persuasão disponíveis". Sofista significava originalmente uma pessoa engenhosa e hábil..."

⁶ "Na Grécia clássica, conforme o que coloquei no capítulo I, os sofistas foram os mestres da retórica e oratória, professores itinerantes que ensinavam sua arte aos cidadãos interessados em dominar melhor a técnica do discurso, instrumento político fundamental para os debates e discussões públicas, já que na *polis* grega as decisões políticas eram tomadas nas assembléias. Contemporâneos de Sócrates, Platão e Aristóteles, foram combatidos por esses filósofos, que condenavam o relativismo dos sofistas e sua defesa da idéia de que a verdade é resultado da persuasão e do consenso entre os homens"(JAPIASSU, H. & MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1991. p.227).

O relativismo dos sofistas não agradou aos que se denominavam os verdadeiros "filósofos" e, para Key (ibidem), é este relativismo que é a base sofista dos meios de comunicação de massa, principalmente na indústria da publicidade.

"A verdade, como qualquer profissional de mídia sabe, pode ser criada, ignorada, adaptada a qualquer propósito, modificada ou virada pelo avesso. A verdade transforma-se em credibilidade e torna-se válida aos olhos do espectador e não mediante uma rigorosa estrutura de fatos confirmáveis. Esta perspectiva relativista não pode, no entanto, ser percebida conscientemente pelo público... estas influências que os homens não percebem conscientemente - o subliminar" .

Mas será a mídia um espaço de práticas e transmissão de discursos desonestos somente? Acredito que não. Prefiro acreditar que esta sociedade de nosso viver contextual, constrói nossa realidade a partir de nossos próprios desígnios ou a partir do convencimento imposto por autoridades, por instituições, pela economia (basta lembrar os grandes cartéis de drogas que comandam povos e países pelo medo, através dos meios de comunicação) e a mídia, nestes casos, é o instrumento de veiculação de uma construção já realizada, embora possa interferir na mesma.

A produção do espetáculo veiculado é parte do que vivemos. A mídia reproduz o espetáculo, o que não quer dizer que esta mesma mídia não interfira neste espetáculo, uma vez que a difusão das mensagens, na maioria das vezes, é produzida teoricamente por uma minoria para uma maioria da sociedade. Esta maioria (que na prática, pode corresponder a uma minoria econômica, intelectual ou social), simula um esboço de retroalimentação (as cartas das leitoras pode ser um exemplo nas revistas femininas), mas isso, como afirma Kientz (1973)^{xxxii}, é apenas um embrião de intercâmbio, onde o discurso, quando bem utilizado, cria a idéia de um vínculo de afinidade, proporcionando a oportunidade (para a mídia), de veicular informação para formação e explicação de práticas e saberes cotidianos (Silva, 1998).

Nesta busca pelos significados dos discursos sobre o envelhecimento feminino saudável, observei que os discursos veiculados já circulam nos grupos sociais para os quais se dirigem. Embora, esta não fosse uma questão refletida no início de minha proposta, foi se revelando à medida em que fui conhecendo mais profundamente o *corpus*, ou seja, os textos escolhidos, o modelo lingüístico adotado para descrição das informações dos mesmos, e o modelo teórico para compreensão do "não dito" explicitamente.

Referências Bibliográficas

-
- ⁱ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- ⁱⁱ VANOYE, F. *Usos da Linguagem – Problemas e Técnicas na Produção Oral e Escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ⁱⁱⁱ MOLES, A. *Théorie de l'Information et Perception Esthétique*. Paris, 1957.
- ^{iv} RIFIOTIS, Theophilos. *Aldeias de Jovens: a Passagem do Mundo do Parentesco ao Universo da Política em Sociedades Banto-Falantes. Estudo da Dinâmica dos Grupos Etários Através da Literatura Oral*. São Paulo, 1994. Teses (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humans, Universidade de São Paulo.
- ^v GIOVANNINI, G. (org.). *Evolução Na Comunicação: do Sílex ao Silício*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- ^{vi} LEBURTHE-TOLRA, P. & WARNIER, J. P. *Etnologia-Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ^{vii} BOTTÉRO, J. *Écriture et Civilization en Mésopotamie*. In: ANDRE-LEIKNAM, B. & ZIEGLER, C. (orgs.). *Naissance de l'Écriture: Cunéiformes et Hiéroglyphes*. Paris: Ministère de la Culture, 1982.
- WOOLLEY, L. *Prehistory and the Beginnings of Civilization, History of Making: Cultural and Scientific Development*. London: Unesco, 1963. V.1.
- ^{viii} FERREIRA, M. L. *Escrita e Oralidade no Parque Indígena do Xingú: Inserção na Vida Social e a Percepção dos Índios*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 35, p. 91-112, 1992.
- ^{ix} GOODY, J. *A Lógica da Escrita e a Organização da Sociedade*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- ^x KLEIMAN, A. *Texto e Leitor – Aspectos Cognitivos da Leitura*. Campinas: Pontes Editores, 1989.
- ^{xi} GOODY, J. *Restricted Literacy in Northern Ghana*. London: Cambridge Press, 1968.
- ^{xii} NUNES, J. H. *Formação do Leitor Brasileiro – Imaginário da Leitura no Brasil Colonial*. Campinas: UNICAMP, 1994.
- ^{xiii} ECO, Umberto. *Os Limites da Interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ^{xiv} SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Cultrix, 1974.
- ^{xv} JAKOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- ^{xvi} JEUDY, H. P. *Pesquisador de Processo Midiáticos*. In: RAMOS, S. (org.). *Mídia e Violência Urbana*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1994.

-
- ^{xvii} FOUCAULT, M. **Tecnologias del Yo y Textos Afines**. Barcelona: Paidós, 1995.
- ^{xviii} POSSENTI, S. **Discurso, Estilo e Subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ^{xix} VAN DIJK, T. A. **Cognição, Discurso e Interação**. São Paulo: Contexto, 1996.
- ^{xx} ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 3ª ed. São Paulo: UNICAMP/Cortez, 1996.
- ^{xxi} FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- ^{xxii} KOCH, I. G. V. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.
- ^{xxiii} LOPES, E. **Discurso, Texto e Significação: Uma Teoria do Interpretante**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- ^{xxiv} BERTRAND, Claude-Jean. **A Deontologia das Mídias**. Bauru: EDUSC, 1999.
- ^{xxv} BRETON, Philippe. **A Argumentação na Comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- ^{xxvi} MESQUITA, V. **Alguns Aspectos da Linguagem nos Meios de Propagação Coletiva**. In: MESQUITA, V. & CYSNE, F. P. **Termômetro de McLuhan: Bases Para a Reflexão Interdisciplinar**. Fortaleza: UFC, 1993.
- ^{xxvii} FINCO, H. **O Paradoxo Benetton: Um Estudo Antropológico da Publicidade**. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.
- ^{xxviii} SILVA, Y. F. e "Todo Dia é Dia das Leitoras de Barbara"- O Discurso Formativo/Explicativo na revista Feminina Barbara. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 133 – 148, nov., 1998.
- ^{xxix} BERGER, C. **Em Torno do Discurso Jornalístico**. In: NETO, A. F. & PINTO, M. J. **O Indivíduo e as Mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1996.
- ^{xxx} BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- _____ . **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ^{xxxi} KEY, W. B. **A Era da Manipulação**. São Paulo: Scritta, 1996.
- ^{xxxii} KIENZ, A. **Comunicação de Massa – Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

CAPÍTULO 4 – TECENDO OS FIOS DOS DISCURSOS

“ O ser existe antes mesmo que se fale dele. Mas podemos transformá-lo de evidência irresistível num problema (que espera resposta) apenas enquanto falamos a seu respeito... portanto, visto que o senso comum é incapaz de pensar o ser antes de tê-lo organizado no sistema, ou na série desordenada, dos entes, os entes são o modo em que o ser vem ao nosso encontro, e é preciso começar a partir dali” (Eco, 1997, p. 25-26)¹

4.1 – Sobre os Objetivos do Estudo

Os objetivos deste estudo foram o de observar e compreender a produção dos discursos acerca do processo de envelhecimento feminino considerado saudável, em mulheres que estão vivendo a sua liminaridade ou momento de transição, no que se convencionou chamar de meia-idade ou madureza. A revista *Bárbara* foi o veículo escolhido para este estudo sendo que outras revistas aqui citadas foram lidas como reforço e para que se pudesse fazer uma observação comparativa entre matérias de teor jornalístico semelhante.

Neste caso, a especificidade de minha análise e reflexão, está baseada em preocupações que acredito ser de fundamental importância. Estas preocupações referem-se a tentativa de compreensão e a interpretação sobre a produção de discursos midiáticos voltados para o que acredito ser uma rede de saber e poder sobre a mulher que está envelhecendo. Este poder se constitui como sendo um dos pilares básicos de um modo de produção dos saberes que, com a ação eficiente e invasora da mídia, consegue penetrar na intimidade das pessoas e em seus cotidianos privados, propondo-lhes formas de como cuidar-se, modificar-se e formar-se, dentro de uma perspectiva de consumo alheia, na maioria das vezes, ao que considero como saudável e necessário ao bem-estar das pessoas.

Defendo a idéia de que a mídia está difundindo uma “nova forma de envelhecer”, principalmente entre as mulheres, propondo-lhes uma multiplicidade de normas, regras e práticas do “cuidado de si”,

repassadas como absolutamente necessárias para uma relação de aceitação e convivência social consigo mesmas e com a sociedade.

Neste sentido, espero neste estudo mostrar esta rede de discursos existente nas matérias veiculadas em revistas femininas, sobre o envelhecimento e as muitas e distintas formas de 'não envelhecer'. Não pretendi, em nenhum momento, sugerir formas de solução para o que considero um problema, que é o que se veicula e o que se está produzindo como a manipulação dos corpos femininos e a negação de uma velhice enrugada, mas, propor uma discussão sobre as responsabilidades que a mídia tem ao repassar este tipo de discurso muitas vezes aceito sem contestação pelos especialistas que atuam nas áreas ligadas à Gerontologia e à Geriatria, bem como à Enfermagem

4.2 – Os Caminhos Para Constituição do *Corpus*

Podemos distinguir vários momentos em que se é obrigado a recorrer a um método sistemático de ação quando se está desenvolvendo uma pesquisa:

1. durante a preparação da proposta de monografia;
2. na pesquisa de campo e coleta dos dados;
3. no tratamento das informações e dados de campo;
4. e, finalmente, durante a elaboração do texto final.

É conveniente, inclusive, observar como outros(as) pesquisadores(as) já trabalharam este tema ou temas afins. Neste momento, então, pode-se deparar com muitos trabalhos, poucos trabalhos ou nenhum. No meu caso, a temática velhice, vem tendo bastante destaque, principalmente nas áreas médicas, mais especificamente nos ramos que se denominam Geriatria e Gerontologia. Assim, há estudos os mais variados, que tratam do processo de envelhecimento, dentro de uma perspectiva biológica ou biomédica, em nível internacional e nacional, com avanços consideráveis nas áreas sociais e de políticas públicas.

Com relação à velhice e à mídia, encontrei nas produções de pesquisa de Guita Grin Debert um número expressivo de trabalhos e orientações nesta área. Esta cientista política, que participa como professora do programa de pós-graduação em Gerontologia Social (mestrado e doutorado) da UNICAMP e tramita de forma muito especial entre a Antropologia e a Gerontologia, foi, de certa forma, a inspiradora para o trabalho que apresento.

Em suma, optei por uma pesquisa sobre os discursos acerca do envelhecimento veiculado pela mídia escrita, observando a abordagem assumida com relação ao "saber" que se veicula sobre o processo de envelhecimento feminino saudável. A importância de analisar este ponto de vista neste gênero de periódico, é verificar a forma como são divulgadas determinadas informações, inclusive pesquisas científicas. É comum a

apresentação das novas tendências e estudos sobre o que seria um envelhecer saudável, que é apresentado ao leitor ou leitora como uma proposta de "ensinar como fazer", dar "dicas", enfim, explicar e formatizar condutas de um viver supostamente saudável após os 40 anos. Para chegar a estas considerações, busquei na pesquisa qualitativa/exploratória os caminhos possíveis para a leitura de minhas indagações, tendo nos estudos semióticos de Umberto Eco e nos estudos antropológicos sobre ritos de passagem, gênero, poder, dominação e envelhecimento, o aporte teórico para o recorte de minhas preocupações.

Como os campos por onde caminhei são diferentes dos trilhados normalmente na área da saúde e da Geriatria/Gerontologia, muitos conceitos e termos utilizados neste tópico terão notas explicativas para uma melhor compreensão do processo metodológico percorrido.

4.2.1– O *Locus*¹ Cultural da Pesquisa

Sair a campo... fazer pesquisa de campo, buscar nas pessoas e descobrir através delas histórias e experiências de vida. Esta era a minha experiência com pesquisa, sair para uma determinada localidade e conhecer a realidade de pessoas diferentes ou iguais ao que sou e faço. Creio que esta era a minha maior motivação para realizar qualquer trabalho e isto tem muito a ver com a Enfermagem e com a Antropologia, que embora situando seus objetivos em ângulos diferenciados, fazem do estudo em campo, o seu referencial para chegar ao conhecimento da realidade.

A leitura de textos de revistas femininas, destinadas ao lazer e consideradas populares, como parte de um estudo de "campo" é, no mínimo, diferente de tudo que realizei até o momento, mas foi o veículo ideal para o que considero como sendo a primeira etapa de uma pesquisa, que pretendo ampliar, sobre os discursos produzidos acerca do envelhecimento feminino saudável.

E por que Bárbara? Na verdade, esta escolha deu-se em função de uma série de pré-requisitos, que foram sendo construídos durante a pesquisa. A revista Bárbara, no meu entender, é um veículo privilegiado de produção e circulação de saber e significados acerca da mulher que está envelhecendo e que se encontra em um momento de liminaridade e até de marginalidade estrutural (Turner, 1974)ⁱⁱ. Outras revistas foram lidas, mas Bárbara produz um tipo de texto que responde perfeitamente ao tipo de análise que desejei realizar, voltado para uma mídia que se caracteriza por multiplicar uma infinidade de informações e ofertas de produtos a um público feminino que o mercado (e a sociedade) chama de mulher da meia-idade. A seguir, darei algumas informações gerais sobre as revistas, enquanto veículos de informação, para que se possa ter uma visão mais ampla das razões para a escolha de Bárbara.

As revistas, assim como outros veículos informativos da mídia, têm vários objetivos e públicos. No Brasil, segundo Tahara (1998)ⁱⁱⁱ, existem 851 revistas em circulação, sendo que as consideradas com maior

¹ Este termo está relacionado ao tipo de revista lido, seu modelo gráfico, padrões de codificação e categorias de mensagens.

expressão (assinaturas e público de banca de jornais/revistas), são das editoras Abril, Bloch, Três, Visão e RGE. Como características básicas, três itens são importantes para tornar uma revista popular: a circulação nacional, boa impressão, uso de cores e uma grande variedade de assuntos no gênero escolhido como “carro-chefe” temático.

Ainda assim, o Brasil não é considerado um país com grandes tiragens de vendas por assinatura ou em bancas de jornais se comparados aos países da Europa e os Estados Unidos. As revistas, principalmente as dedicadas ao lazer, são as que têm ótima aceitação do público, enquanto as dedicadas às informações sobre atualidades, notícias políticas entre outras, têm uma tiragem limitada, principalmente por causa da concorrência com a TV e os jornais.

Assim, as revistas procuram, principalmente as voltadas para o público feminino, atrair a atenção de suas leitoras e leitores, com espaços destinados às temáticas consideradas na moda, com discussão complexa ou com novidades, em vez da simples informação cotidiana. Isto tudo é associado a concursos, presentes, edições especiais, suplementos e é claro, a uma boa qualidade de impressão e um bom uso de ilustrações, principalmente fotográficas. Existem diferenças marcantes entre as revistas semanais, as quinzenais e mensais. As primeiras, mais informativas, como *Veja* e *Isto É*, por exemplo, procuram se identificar com uma linha política ou um grupo dominante, como o governo, um partido, uma religião, grupos econômicos, enfim, a tendência do momento (Patrício, 1998)^{iv}. E isto vale para todas as revistas de uma forma em geral, não importando sua classificação², visto que para uma boa tiragem é importante se especializar em uma temática específica ou voltada para um público consumidor “X”.

Independentemente de seu público, existem enquadramentos de organização e planejamento, comuns a quase todas, como, por exemplo: boa qualidade de impressão, papel e distribuição; capas estudadas em cada edição, visando atingir e identificar seu leitor-modelo; não concorrer com o rádio e a televisão, mas fomentar notícias que já tenham interesse prévio a partir dos veículos citados; observar equilíbrio entre texto, cores e ilustrações, principalmente se a revista é para um público de massa; usar pessoas bonitas, sempre ter nus, seja para informar, fazer publicidade ou para textos voltados para sexualidade; títulos chamativos; trabalhar com um ídolo (na capa e com um texto sobre ele relacionado à temática principal enfocada pela revista no período).

Como é possível perceber, empreender uma análise de revistas é entrar em um labirinto de gêneros, seja pelo número ou pela diversidade existente. Existiram momentos, durante este entrar “em campo”, que me questionei sobre a importância de estudar e analisar estes conteúdos, às vezes tão disparatados, fragmentados e até repetitivos. Uma verdadeira teia de discursos, na qual títulos e subtítulos,

² Patrício (1998:138), classifica as revistas em oito especialidades: 1. Revistas de ensaio, teoria e pesquisa (com títulos frios, pouco uso de cores, textos densos e quase ausência de publicidade); 2. Revistas técnicas e manuais (com muitos desenhos, esquemas, gráficos e publicidade); 3. Revistas técnicas de lazer (as mais vendidas são as voltadas para carros, foto-cine, saúde e ecologia); 4. Revistas de lazer especializadas (moda, casa, jardim, esporte, música, culinária, etc); 5. Revistas triviais femininas (com horóscopo, fotonovelas, vida de famosos, etc); 6. Revistas semanais informativas (atualidade política, econômica, social, cultural, lazer,

independentemente de conhecimentos prévios na área de comunicação, caracterizam as revistas a partir de dois pólos quanto aos seus conteúdos. Estes conteúdos podem ser atrativos ou voltados para algo considerado “in”, ou na moda, ou “out”, o que Kientz (1973)^v denomina de conteúdo de evasão ou temas para distrair, despistar, divertir. As revistas femininas possuem os dois pólos e, conforme o público (ou o tema do momento), pode programar textos mais “in” ou mais “out”.

Nas leituras realizadas, é possível perceber que nas revistas existe a idéia de iniciação (ou aprendizado) do público a que se destina, onde os conselhos e informações são, como diria Fischer (1997)^{vi} formativos-explicativos, onde os artigos são categorizados como predominantemente ‘in’. Esta foi então, mais uma razão para a escolha que fiz, uma vez que a revista Bárbara, citando como exemplo o editorial abaixo, se coloca como a revista para a mulher que entra na maturidade:

“Abril de 1996 – parece que foi ontem... a emoção da primeira edição nas mãos, uma festa de lançamento, Bárbara indo para as bancas. O suspense que vem logo depois, porque a gente nunca sabe se vocês, leitoras, vão gostar ou não... Abril de 1997, Bárbara é uma revista muito querida pelas leitoras, com um longo e brilhante futuro pela frente! A idéia surgiu há três anos, mais ou menos, aqui na Editora Símbolo, a partir da constatação de que as mulheres maduras estavam abandonadas pelas revistas. De fato, todas as femininas cuidam da beleza, sugerem moda, falam de comportamento e oferecem viagens para jovens de 15 a 35 anos. Barbara nasceu, então, para ser a revista feminina da mulher de 40 anos ou mais”^{vii}

A editora-chefe, neste texto, nos apresenta uma revista jovem lançada há pouco mais de um ano (completou 3 anos em abril de 1999), para um público de mulheres acima de 40 anos que, mensalmente, pode comprar nas bancas, a um preço de R\$ 4,90 (quatro reais e noventa centavos - valor em 1999), um periódico de mais ou menos 98 páginas, ocupado com conteúdos relacionados a beleza e saúde, leitura e lazer, corpo e mente, casa e cozinha, moda e estilo, seção de cartas das leitoras, variedades (com subtítulos: espelho meu, sabor de saúde, olho clínico, corpo e amor e perfil (onde são retratadas com suas histórias de vida, mulheres que se destacam como atrizes, cantoras ou empresárias, que saíram do nada e que estão acima dos 40 anos).

A editora Símbolo, através da distribuidora Fernando Chinaglia, é a responsável por sua distribuição em todo país, seja em bancas de revista ou no sistema por assinatura. A comunicação com a revista pode ser realizada por telefone, correio eletrônico ou pelo sistema convencional, através dos correios. Nestes três anos de existência, a revista já passou por algumas mudanças bastante significativas, entre elas a retirada do subtítulo (anexo 1), que vinha logo após o nome Barbara – “A Vida Começa aos 40”, a inclusão de fotos de

esporte, etc); 7. Revistas de desenho em quadrinhos (para público infantil e adulto); 8. Revistas “sexy-shop” ou “hardcore” (com nus femininos, masculinos, seja artístico ou pornográfico).

leitoras ilustrando as reportagens e, finalmente, a diminuição da faixa etária, percebida nas matérias, que hoje utilizam, inclusive, fotos de mulheres mais jovens nas faixas entre 35 e 40 anos³.

Para a análise em questão, fiz sorteio dos textos inseridos nas matérias que estão na revista correspondendo a algumas das categorias estudadas por Melo(1970)^{viii} - textos informativos, opinativos e educativos, isto quer dizer que não entram no sorteio os textos que eram somente publicitários ou aqueles que não atendiam às características de um texto do tipo narrativa. Entre os textos sorteados, muitos deles não poderiam ser classificados como tendo características de somente uma ou outra categoria, uma vez que os conteúdos de suas matérias variavam muito, desde conselhos, opiniões, muita publicidade e informação voltadas para saúde, comportamento (“como segurar o marido”), estética (com dicas sobre plásticas rejuvenescedoras), entre outras.

As outras revistas: Cláudia, Via Vida e Maturidade (que desde final de 1997 está sendo editada na Internet), foram lidas, a fim de se obter um parâmetro de comparação com Bárbara. Em Cláudia, foram lidos os textos voltados para a mulher com mais de 40 anos e em Via Vida e Maturidade (revistas voltadas para o público com ou acima de 60 anos), foram lidos aqueles textos que abordavam os mesmos assuntos tratados em Barbara.

O que se pretendia com isto? Retomando o que foi dito no tópico 2.1, do capítulo 2, fui observar os discursos da produção e circulação de saberes acerca do envelhecimento saudável feminino, objeto a meu ver relevante para um estudo crítico sobre como a sociedade, através da mídia, fala à intimidade das pessoas, propondo-lhes, através de suas matérias, como agir sobre si mesmas e até modificar-se para estarem adequadas às expectativas sociais.

4.2.2 – As Revistas: Tipos de Matérias e Universo Gráfico-Visual

A menos de um ano do fim milênio, existe a lembrança constante sobre o novo século que está prestes a começar. No Brasil, nas universidades, a passagem para o novo milênio é lembrada a partir da mudança das “idades” de nossa população. Invariavelmente é comum lermos textos que se iniciam assim: “a população brasileira vem envelhecendo de forma rápida desde o início da década de 60”, ou , “a partir de 1960, com o declínio da fecundidade em algumas regiões desenvolvidas do Brasil, iniciou-se o processo de envelhecimento populacional”... A lembrança deste envelhecimento, que pode ser visto como um ganho coletivo, alcançado principalmente graças às novas tecnologias no campo da saúde, vem se traduzindo também como uma ameaça, quase que um perigo à reprodução do viver social, seja no nível das relações sociais ou no que diz respeito ao cuidado de si (considerado deficiente) para evitar a perda da autonomia e gastos com serviços de assistência a saúde e prestação de serviços.

³ É importante citar que Bárbara coloca as idades de todas as pessoas fotografadas para as matérias e somente após a retirada do subtítulo “A Vida Começa aos 40” é que passaram a colocar fotos de mulheres mais jovens.

Neste contexto, surgiram em todo o país entidades, associações, universidades e outras formas associativas, engajando pessoas que estão preocupadas com a situação dos velhos, assim como um movimento em prol do “cuidado de si” (denominação popularizada por Foucault e utilizada por mim neste estudo, mas não pelas entidades) entre os próprios idosos, devidamente “alertados” pelos especialistas sobre a problemática de envelhecer em um país não devidamente preparado para cobrir os custos deste processo a médio e longo prazos.

Nos meios de comunicação, este alerta ao envelhecimento da população vem sendo realizado em todos os veículos disponíveis, sendo que na mídia escrita, nos últimos 10 anos, surgiram alguns periódicos especializados em discutir a questão. O primeiro destes denomina-se “Maturidade – Para Você Que Não Nasceu Ontem”, fundada em maio de 1989 pela Maturidade Vídeo e Editora Ltda. de São Paulo, de periodicidade bimestral, vendida em pouquíssimas bancas de jornais e revistas, estando atualmente (desde 1997) no site do Universo Online na Internet. Os textos lidos de Maturidade dos anos de 97/98/99, são os que se encontram inseridos na Internet, onde cada número está subdividido quase sempre (às vezes há números com menos de cinco categorias de matérias) pelas temáticas: comportamento, nutrição, ciência, aposentadoria, saúde, perfil, memória, turismo, sexualidade e links. A linguagem de seus textos se enquadra no jornalismo científico, com jargões especializados, de acordo com o tema tratado, sem explicação do significado destes termos (em sua maioria) e sem que os(as) autores(as) destes textos assumam sua autoria (raros o fazem).

De 1996 para cá, outras revistas também foram surgindo, entre elas “Via Vida – Para Você Viver Bem a Terceira Idade” (outubro de 1996), de periodicidade mensal com uma tiragem de 15.000 (quinze mil exemplares), editada por T&D Editora Empreendimentos Culturais Ltda. Seus textos seguem também a linha do jornalismo científico, associando autores jornalistas e especialistas em geriatria e gerontologia que assumem a autoria de seus artigos; suas matérias modificam-se a cada edição, mas em geral seguem o padrão de Bárbara e Maturidade, com textos que enfocam: comportamento, saúde, estilo de vida, turismo e lazer & hobby. Semelhante a Bárbara, em suas capas há um ídolo também escolhido e em cima deste é focado um tema para servir de exemplo a outras pessoas de faixa de idade semelhante. Diferentemente de revistas mais populares como Cláudia e Bárbara, estas revistas se caracterizam por não colocar nus (artísticos ou não) em suas matérias. Por outro lado, tem um nível de impressão, fotografia, papel e textos, menos “in” (ou popular) do que as revistas femininas vendidas em bancas de jornais, tanto é que Maturidade e Via Vida são bastante vendidas em congressos para especialistas ou leigos engajados.

Um pouco diferente destas duas, com um enfoque já muito parecido com o de Bárbara, porém totalmente voltada para homens e mulheres acima de 50 anos, há também “Sras.&Srs.” editada desde 1997 pela Argonautas Editora, que apresenta assuntos parecidos com os enfocados nas revistas semanais de informação, incluindo não apenas temas ligados ao envelhecimento, mas também aqueles voltados para economia, cidadania, consumo, gastronomia e debates políticos. Seus artigos são também assinados, sendo que aqueles escritos por especialistas vêm com referências biográficas profissionais de seu autor.

Finalmente chega-se à “Idade Melhor”, também lançada em 1997 pela editora Vimarç e distribuída pela Fernando Chinaglia (mesma de Bárbara), no país. Sua produção é, em tudo, idêntica a Via Vida e Sras&Srs. com uma mistura de estilos e conteúdo. Pouco encontrada nas bancas de jornais, não tem nada a acrescentar neste mercado novo da “terceira idade”.

Levando em conta as características descritas de todas as revistas citadas, é que considerei Via Vida e Maturidade adequadas para uma leitura comparativa entre seus textos e os de Bárbara e com isto ter uma visão geral dos estilos e discursos tratados. Quanto à revista Cláudia, esta foi escolhida por ser, a exemplo de Bárbara, uma revista popular de informação e entretenimento, sendo considerada uma das revistas femininas mais antigas no mercado editorial, com mais de 35 anos de circulação e que, no momento, vem acrescentando às suas matérias, temas voltados para as mulheres que conhecem Cláudia desde seu nascimento.

Desta forma, trabalhei observando dois mundos editoriais, aparentemente diferentes dos de Bárbara, porém, nos dois, existem artigos que se direcionam à mulher que está na faixa de 40 anos ou mais; Via Vida e Maturidade (que são voltadas para um público mais velho) possui, inclusive, um enfoque preventivo em suas matérias voltando-se também a um público que ainda não envelheceu, e Cláudia, embora levante questões mais ligadas a menopausa e a estética, consegue também fazer um trabalho informativo com discurso semelhante.

O importante nisto tudo é ressaltar que, não importando o público a que se destina, estas revistas se caracterizam por apresentar matérias repetitivas (que sempre são bastante aceitas por estarem na moda), com temáticas na qual existe a premissa de que a leitora já conhece o que se está apresentando. Mesmo assim, alertam que suas leitoras não conhecem tudo e que a revista, ainda que respeitando o saber prévio de sua receptora, está ali exatamente para oferecer informações mais profundas ou dicas de como chegar à informação completa. Outro ponto a ser lembrado, é a temporalidade destas temáticas e dos discursos ali trabalhados, ou seja, são discursos formativos/explicativos (caracterizados pelo repasse de informações), essencialmente ancorados no tempo presente e na construção de um tempo futuro, enquanto um processo de produção de sentidos para construção de uma nova realidade. Em síntese, o que se tem é um discurso jornalístico, situado enquanto matéria prima, como parte de discussões que estão ocorrendo na sociedade, e que se torna matéria da mídia por apontar para alguma consequência (futuro) ou realidade que precisa ser, de alguma forma, modificada ou tornar-se circulante (conhecida) para atingir a um determinado público.

Na realidade, todas as evidências indicam que a mídia nestes anos 90, já na preparação para o novo milênio, vem multiplicando as informações e a publicidade de produtos cujo destino é o mercado que se convencionou chamar de “terceira idade”. Como afirma Debert (1996)^{ix}, existe uma reelaboração sobre as concepções de corpo que vem ampliando uma cultura consumista de autopreservação do mesmo, pela qual as pessoas que estão envelhecendo, são encorajadas a adotar estratégias instrumentais para combater seus problemas de deterioração corporal. Neste universo de “educação do público”, existem as revistas populares vendendo produtos, serviços e normas de práticas do “cuidado de si”.

Neste sentido, observo que existe um público definido para estas normas de cuidados e práticas de si, e que para este público, a exemplo de Fischer (1996), consigo apreender que existem, nos diferentes discursos existentes (principalmente os assinados por especialistas), jogos de poder para definir o sujeito que está envelhecendo e que condutas sexual, moral e de gênero devem adotar para serem aceitos. Esta mídia, por sua vez, raramente inclui em seus artigos a realidade dos velhos ou pessoas que estão envelhecendo sem recursos. Neste ponto, observa-se a exclusão neste tipo de mídia de homens e mulheres que lutam por aposentadorias dignas, subempregados ou desempregados, moradores de asilos ou sem tetos, mulheres, negros, enfim, o lado dramático de um grande contingente da população mundial.

Esta nova representação sobre o envelhecimento, principalmente na revista *Bárbara*, segue, em muito, o discurso gerontológico atual, que está empenhado em transformar a velhice em uma questão política e em propor práticas de promoção do envelhecimento bem sucedido. A diferença aqui, é que a gerontologia amplia este discurso às pessoas marginalizadas economicamente, fisicamente e socialmente, enquanto a revista trabalha especificamente com um público que garanta a compra dos produtos oferecidos e, conseqüentemente, o aumento de venda publicitária e garantia de continuidade da revista no mercado. A “iniciação”, o rito de passagem de um grupo etário a outro, é difundido a milhares de pessoas (principalmente as mulheres), mas está ao alcance de apenas “algumas bolsas” (Kientz, 1973) de pessoas que, para estarem “in”, ou seja, atualizadas, na onda, precisam conhecer os códigos que abrem o acesso ao campo dos iniciados.

Este mundo visual, que tem algo a dizer, e também produz discursos ou mensagens não verbais bastante significativas, o faz com mensagens consideradas de maior conteúdo “in”, introdutoras das temáticas consideradas pela revista como carro-chefe das matérias naquela semana. É nas fotos que se excluem ou se incluem tipos, posturas, visuais, modelos e personagens considerados atraentes e atualizados. E é nesta mulher das fotos que muitas mulheres vão encontrar o seu gabarito padronizado (altura, peso, estatura, largura ideais), o sonho, a evasão dos problemas e a solução para viver de forma bem sucedida neste mundo iniciático. Em nenhuma das revistas analisadas encontra-se mulheres enrugadas (a não ser alguém do peso da atriz Derci Gonçalves), sem maquiagem, obesa e acima da tabela, roupas diferentes das divulgadas pelos publicitários, negras ou de profissões consideradas sem status⁴.

É óbvio que não se pode imputar às revistas a culpabilização única e exclusiva do modelo produzido em suas páginas, a construção da realidade ocorre na sociedade e a mídia amplia esta realidade através de uma produção organizada e elaborada a partir de critérios de aceitação ou rejeição do público a quem se destina a mensagem oferecida. No que se refere à apresentação audiovisual em uma revista, segundo Key (1997)⁴, existem técnicas audiovisuais para se repassar informações e convencer alguém sobre um produto, uma marca, uma pessoa ou uma ideologia, independentes do real mérito ou natureza do produto oferecido. Desta forma, ao levar em conta que a sociedade é quem constrói a realidade, é possível considerar que a mídia ao retratar uma mulher branca, jovem, atraente, independente financeiramente, está apenas retratando o

⁴ Entenda-se como profissão sem status, aquelas que não se enquadram no jogo competitivo do mercado profissional ou que não estão na moda. Profissões como a de esteticista (mesmo que não tenha uma

que é reconhecido como ideal em nosso universo cultural de consumo. Criam então os arquétipos que são adequados ao gosto e aos sonhos de um determinado grupo social que, como afirma Morin (1962)^{xi}, tem desejos secretos de perfeição, assim como recalques e frustrações inconfessadas de desejos não realizados.

Assim, a imagem e o discurso visual de Bárbara, como o de Cláudia, diferentes de Via Vida e Maturidade (mas nem tanto), têm uma função estética, ressaltada pelo colorido, bom gosto de composição (inspirada muitas vezes em ações cinematográficas) e uma função metalingüística que, segundo Eco (1991)^{xii}, é a imagem dentro da imagem. Ou seja, o sentido dentro do sentido, a algo mais a ser visto e interpretado que se reflete no conteúdo da fotografia.

Por exemplo: em algumas matérias sobre mulheres famosas que passaram dos 40 anos, as fotografias destas representam, do ponto de vista estético, muito mais do que o que o texto expressa sobre suas vidas. Cada uma delas é apresentada como bonita (segundo códigos correntes: todas brancas, portanto presumivelmente de ascendência européia – o que, segundo Eco, significa prestígio), ricas, famosas, cultas e de bom gosto, entre 40 e 50 anos, oferecendo ao público de Bárbara exemplos estéticos ligados ao corpo, às roupas, bem como “lições” de como chegar aos 40 anos “maduras, felizes e donas de seu nariz...sem perder a beleza e a sensualidade” (Eco, 1991, p.51).

Entendo, observando a partir da perspectiva de Eco, que estes personagens são modelos a serem imitados como objetos de identificação e projeção, uma vez que suas imagens denotam beleza, bom gosto e alegria de viver em seus envelhecimentos bem sucedidos e bem cuidados. Eco (1991, p.167) diria que estas mulheres se revestem de valores antonômásticos, ou seja, pessoas que o público deve imitar, “aquele que vocês deveriam e poderiam ser”. Esta é a idéia a ser propagandeada e informada.

Como afirma Key (1996), a propaganda e o jornalismo informativo trabalham observando perspectivas similares. O público é o alvo e está embutido em todas as matérias e publicidades, cada sentença, cada imagem, cada cenário está oferecendo ou vendendo algo, em que “a credibilidade se baseia não em percepções factuais verificáveis, mas nas identificações e projeções do público”(p.113). No caso de Bárbara, voltada para um público feminino das classes A e B a idéia, através das mensagens visuais, parece ser a de reforçar o que Key denomina de pensamento positivo a respeito de si mesmo e para reforçar este enfoque evitam-se informações desagradáveis, em conflito com as percepções de sucesso que a revista quer repassar.

Isto quer dizer que as informações visuais e não visuais são mentiras? Acredito que não, elas são a verdade parcial de nossa realidade. Não se vive exclusivamente situações mal sucedidas, a vida tem em seu todo as duas experiências: sucesso e fracasso. O que as revistas procuram enfatizar é o que é desejado pelo público, ou seja, a inclusão permanente do sucesso, mesmo que algumas das pessoas retratadas nas imagens fotográficas vivam momentos de fraudes, brigas, drogas e depressão. Key (1996, p. 112), ao escrever sobre as matérias da *People*, confirma a percepção citada acima:

qualificação universitária), é considerada por exemplo, como competitiva, de excelentes ganhos e altamente necessária neste momento de autovigilância corporal e busca da boa aparência.

“ A pseudo-informação embelezada e romantizada a respeito das celebridades, por exemplo, confirma interminavelmente os objetivos estereotipados unidimensionais com os quais as platéias se identificam. Numa abordagem realística, as pessoas comuns nunca farão sucesso na revista People. A People cria e sustenta celebridades fictícias projetadas para vender a revista e seus anúncios. Das revistas feitas para os fãs adolescentes às entrevistas com ricos e famosos veiculadas pelas redes de televisão, a indústria da exploração das celebridades funciona como anúncio para anúncios”

Resumindo, a mensagem visual reforça o que se pretende oferecer com a mensagem lingüística, sendo comum o uso dos dois tipos de mensagens neste tipo de informativo. Em todos os textos lidos existem muitas fotos publicitárias ou de reforço a uma informação. Como afirma Vanoye (1998, p. 151)^{xiii}, reforçando um pouco afirmações de Eco do início deste tópico, as fotos ou mensagens visuais são mensagens figurativas que, acompanhadas das mensagens lingüísticas, reforçam o discurso que se deseja repassar, levando à interpretação pensada pelo autor da matéria e à produção de uma metalinguagem,

“metalinguagem é a linguagem que fala da própria linguagem. É o instrumento necessário que se quer definir ou exprimir um aspecto qualquer da linguagem (do código) que se está utilizando. Assim, a função metalingüística intervém essencialmente nos textos explicativos ou didáticos... Barthes, por exemplo, mostrou que os textos que comentam as fotografias das revistas de moda constituem uma metalinguagem na medida em que explicitam o “código” relativo à vestimenta”

Esta metalinguagem, relacionada às fotografias, reforça o discurso mais aparente sobre o envelhecimento bem sucedido que define, explica e produz a mulher madura ou da meia-idade que interessa, propondo-lhe uma multiplicidade de normas, regras e práticas do cuidado de si, práticas necessárias até certo ponto, visto que as realidades individuais é que diriam da necessidade ou não destas práticas.

Foucault (1985)^{xiv} operacionaliza alguns conceitos sobre as “práticas de si”, a “relação consigo” e o “cuidado de si”, como parte de uma cultura de si, onde os seres humanos ocupam-se consigo mesmos, numa relação de poder do sujeito sobre si mesmo, que é exercida através de diferentes práticas, que são vivenciadas em um contexto histórico de reconhecimento sobre o que é bom para si mesmo como sujeito. Isso, por sua vez, exige destes sujeitos, que eles se submetam a aprendizagens, exercitando e aperfeiçoando valores e regras de conduta adequadas (segundo um referencial estabelecido por seus pares), levando-se em conta cultura, condição social, gênero e idade.

Desta forma, pode-se afirmar que a produção de imagens na mídia e seus discursos não são uma construção isolada desta mídia, mas uma produção reconhecida e aprovada em nossa sociedade ocidental, que atinge principalmente o corpo e a sexualidade dos sujeitos, expondo publicamente (quase que de forma obsessiva) o que antes ficava como parte de um conhecimento ou práticas privadas.

Os sujeitos⁵, na concepção foucaultiana, aceitam este tipo de controle ou governabilidade, que implica em um poder entre as pessoas e destas consigo mesmas, através de uma exposição constante e contínua de si. A subjetivação se apresenta neste contexto, como sendo o reflexo deste poder sobre si mesmo, e a imposição de normas e valores de conduta, voltados predominantemente para questões estéticas do cuidado de si.

“O cuidado de si, para Epicteto, é um privilégio-dever, um Dom obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação”(Foucault, 1985, p.53).

Embora as práticas citadas por Foucault remontem aos primeiros anos da Era Cristã (Fischer, 1997), o conhecer-se, a prática da aprendizagem através dos conselhos dos mais conhecedores sobre esta ou aquela informação, o sacrificar-se para acompanhar as normas de conduta e apresentação continuam percorrendo os caminhos de homens e mulheres das sociedades ocidentais e, de acordo com o momento, silenciam ou reaparecem fortes e dominantes. Neste sentido, a mídia parece auxiliar na imposição ou em formas de submissão à subjetividade, oferecendo ao seu público a produção de verdades onde a velhice bem sucedida é aquela em que se possa permanecer desejável e atraente enquanto sujeitos ativos e necessários à sociedade.

À mulher esta imposição de valores foi bem maior que ao homem. A razão disso é que ao longo da história, a visão de Aristóteles que via a mulher como um ser incompleto, passivo e receptor da semente masculina e que perdia sua pouca importância quando não podia gerar filhos, fosse em função de problemas de saúde ou quando cessavam as regras (Gaarder, 1995)^{xv}, sempre foi muito forte, sobretudo para as Igrejas Cristãs.

Dito de outro modo, coube a mulher as regras estéticas mais duras, como forma de valorizar um corpo que, a rigor, para as sociedades utilitaristas, perde seu sentido prático quando não mais oferece um produto (os filhos). Assim, os cuidados consigo, especialmente os cuidados com o corpo, longe de buscarem bem-estar e qualidade de vida, são criações de necessidades nem sempre tão saudáveis quanto nos parecem ser a princípio. Mulheres famosas são fotografadas e incentivadas a uma fala sobre como se alimentam, que exercícios praticam, a que cirurgias se submetem, que especialistas procuram para manter o ideal de beleza e

⁵ Falar em “sujeitos” quando se cita Foucault, é falar de modos de subjetivação, que ele entende como sendo práticas, técnicas ou exercícios pelas quais as pessoas se observam e se reconhecem como um “lugar de saber” e de produção de verdades, num determinado campo institucional e numa dada formação social (FOUCAULT, M. El Sujeto y el Poder. Revista Mexicana de Sociología. México, v. 2, n.3, p. 3-20, jul./set. 1988.).

juventude capazes de torná-las ainda necessárias aos seus pares, às suas profissões, enfim, a uma vida “alegre, feliz e livre”, apesar de já estarem na idade considerada não tão útil à sociedade que vivemos.

Estes discursos e falas ficam mais claros, na medida em que se aprende como fazer a ligação entre o registro escrito e o visual. Enquanto o que está escrito pretende (segundo seu autor) esclarecer, afirmar ou mesmo apontar caminhos para “este viver”, de acordo com as regras vigentes e na moda, as imagens evocam campos tópicos voltados para o que Key (1996) denomina de subliminar (aquilo que não precisa ser dito, mas que leva a indução do que deveria ser entendido), sendo este subliminar a mensagem final do comportamento ou atitude realmente desejável. As revistas femininas, a meu ver, têm mais de subliminar do que poderia se supor. É no subliminar que se vendem as idéias, os produtos, as regras, as condutas, enfim, o discurso formativo-explicativo, o “ethos” pedagógico assumido por estas revistas que têm em seu trabalho a perspectiva de transmitir conhecimento com a intenção de motivar e persuadir.

4.3 – Os Caminhos Percorridos: Etapas Para a Análise Metodológica

Os procedimentos para se realizar uma análise de discurso, emergem de um texto com mensagens visuais ou escritas, ou ainda das falas de pessoas dentro de uma situação contextual que nos interessa enquanto foco de pesquisa. A idéia, ao se fazer este tipo de análise, é capturar o que está por trás das palavras, o “não dito”, o subliminar, como coloquei em tópicos anteriores. Não se faz análise de discurso (AD) da mesma forma com que se trabalha com análise de conteúdo (AC), embora as duas formas possam se complementar e enriquecer estudos no qual se deseje codificar e categorizar conceitos para se chegar a conteúdos da prática.

A análise de conteúdo (AC), segundo Ducrot & Todorov (1998, p.225)^{xvi}:

“Visa com efeito definir processos mecânicos, ou mecanizáveis, que permitem descobrir a organização de textos relativamente grandes, o que exige que se saibam reconhecer as diversas ocorrências de uma mesma idéia sob formas diferentes”

Segundo Bardin (1977)^{xvii}, a AC seria aquela análise que se refere a uma sistemática e organizada classificação e categorização de materiais textuais, no qual se buscam conteúdos manifestos através da descrição objetiva e quantitativa do conteúdo destes, para finalmente interpretá-las.

Já a análise de discurso (AD), é um tipo de análise que pertence ao campo da AC, se diferenciando desta por tentar estabelecer ligações entre as condições de produção na qual as pessoas ou sujeitos da pesquisa se encontram e as manifestações semântico-sintáticas que se encontram na superfície lingüística dos discursos. Nestes discursos se considera a posição de quem escreve e de quem lê a matéria ou mensagem

escrita, havendo uma verdadeira conexão entre o exterior (sociedade) e o discurso, com suas relações de força, poder, sentido, condições e processos de produção. Embora não seja incorreto, não são comuns textos analisados a partir de uma perspectiva quantitativa, um só texto (observando-se determinadas condições) pode ser suficiente por exemplo, para a formação de opinião acerca de determinado discurso.

Pêcheux (1997)^{xviii}, em suas reflexões, costumava afirmar, que o discurso ao mesmo tempo que é perfeitamente transparente pode ser profundamente opaco, conforme as palavras e frases utilizadas ou as marcas e objetos simbólicos que se associam ao tema definido no texto. Por exemplo, em um periódico jornalístico, o enunciado pode assumir o significado do autor da matéria e também do provável leitor imaginado pelo autor, podendo assumir vários e distintos significados visíveis imediatamente após a fala ou a leitura, mas, também, pode assumir a posição de algo subliminar, que apesar de ter um significado muito concreto, enquanto palavra, pode também negar um fato ou um fenômeno. Como diria Pêcheux (idem, p. 33-34):

“ Neste espaço de necessidade equívoca, misturando coisas e pessoas, processos técnicos e decisões morais, modo de emprego e escolhas políticas, toda conversa (desde o simples pedido de informações até a discussão, o debate, o confronto), é suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis...As “coisas-a-saber” representam assim tudo o que arrisca faltar à felicidade (e no limite à simples sobrevivência biológica) do “sujeito pragmático”: isto é, tudo o que o ameaça pelo fato mesmo que isto exista (o fato de que seja “real”, qualquer que seja a tomada que o sujeito em questão tenha ou não sobre a estrutura do real); não é necessário ter uma intuição fenomenológica, uma pegada hermenêutica ou uma apreensão espontânea da essência do tifo para ser afetado por essa doença; e mesmo o contrário: há “coisas-a-saber” (conhecimentos a gerir e a transmitir socialmente), isto é, descrições de situações, de sintomas e de atos (a efetuar ou evitar) associados às ameaças multiformes de um real do qual “ninguém pode ignorar a lei”- porque esse real é impiedoso”

Em síntese, o que se sabe sobre a AD é que esta inclui o sujeito em sua análise ao mesmo tempo que não o considera como sendo a única fonte e o responsável direto pelo sentido que produz, embora o veja como co-responsável de parte deste processo de produção. Isto faz com que a AD se torne uma prática de análise dividida entre uma função crítica e uma função instrumental, é crítica no sentido de questionar o que se coloca como discurso para os sujeitos, é instrumental porque construiu ao longo de sua trajetória uma técnica para reflexão do que os sujeitos pensam expresso pela linguagem, apreendendo o sentido que há na língua de uma determinada sociedade em um dado contexto histórico (Orlandi, 1990)^{xix}.

Todos estes pressupostos ligados a AD: a importância dos sujeitos (autor e leitor), o discurso tendo que estar ligado a um contexto histórico contextual, a idéia de que leitor e autor produzem juntos os sentidos e significados de um texto, mas não são os únicos responsáveis pela construção do discurso ali inserido, entre outras possibilidades, é que me fizeram ver que seria possível trabalhar com a AD.

Eco foi então a escolha para a análise e coleta dos dados. Na semiótica, Eco segue os postulados de Peirce e outros autores que, por sua vez, seguem caminhos semelhantes e em linhas teóricas não conflitantes com as de Pêcheux. Eco faz AD e AC, por isso procurei trabalhar com uma linha de análise seguindo os níveis de cooperação textual sugeridos por ele, acreditando em sua premissa de que:

“ As palavras trazidas pelo autor são um conjunto um tanto embaraçoso de evidências materiais que o leitor não pode deixar passar em silêncio, nem em barulho. Se bem me lembro, foi aqui na Inglaterra que alguém sugeriu, anos atrás, que é possível fazer coisas com palavras. Interpretar um texto significa explicar porque essas palavras podem fazer várias coisas (e não outras) através do modo pela qual são interpretadas” (Eco, 1993, p. 28).^{xx}

Valendo-me deste referencial, elaborei um esquema de análise no qual determinei as seguintes etapas básicas para compor a minha AD, com uma adaptação dos níveis de cooperação textual de Eco citados, posteriormente, ainda neste capítulo.

Na primeira etapa, fiz o que denominei de Pré-análise , organizando um primeiro momento de leitura com a escolha, através de sorteio, a ordenação e classificação dos textos , decodificação das frases e palavras mais utilizadas para situar ou fazer prevalecer um determinado discurso ligado ao tema do estudo. Nesta etapa, utilizei todo os níveis de cooperação textual de Eco, observando sua adequação aos textos escolhidos. Foi neste primeiro momento que observei a repetição de informações, necessárias talvez em outro contexto textual, porém repetitivas para o tipo de texto que escolhi trabalhar. Observando este contexto foi o que achei necessário fazer a adaptação do modelo de análise de Eco, retirando alguns níveis de análise ali contidos, por considerar que os níveis selecionados para a análise já me davam as informações, a meu ver, suficientes para o alcance de minha proposta de trabalho. Estes dados, posteriormente, foram submetidos a várias leituras para que pudesse ter uma compreensão das idéias ali contidas e para tanto foi utilizado um referencial teórico pertinente às categorias que se apresentavam neste primeiro momento de reflexão analítica.

Na segunda etapa, já tendo uma escolha mais definitiva dos textos passei ao que chamei de Análise dos Níveis de Cooperação Textual, no qual fiz a separação dos textos observando a classificação utilizada pelas próprias revistas (matéria sobre “saúde”, “comportamento”, “beleza”, “editorial”, etc.) e a categorização elaborada a partir de uma esquema específico ligado a categorias de mensagens de Melo

(1970). Na maioria dos textos analisados, pelo menos três categorias das estudadas por Melo faziam parte do teor das mensagens inseridas em uma única matéria.

A terceira etapa, é quando se inicia a discussão dos dados obtidos, que dá o nome ao quarto capítulo, **Teia dos Discursos**. Neste tópico procurei sistematizar os resultados à luz de referenciais teóricos que considerei pertinentes e não contraditórios entre si, como se fossem uma grande teia de aranha, onde os fios saem de vários lugares mas terminam em um denominador comum que é o centro da teia, local onde a aranha encurrala sua presa. Assim, um dos fios condutores teóricos utilizados são aqueles relacionados as discussões que Foucault faz sobre o poder, o saber e a idéia de governabilidade e cuidado de si dos corpos das pessoas desde os primórdios da Grécia antiga.

Outros fios não menos nobres são também referenciados na discussão (utilizados desde o início em todos os tópicos desta tese), e eu diria, tão importantes quanto Foucault, uma vez que auxiliaram-me na compreensão das questões ligadas à subjetividade, no reforço aos conceitos de cultura, ritos de passagem, liminaridade e gênero.

Finalmente, advirto que, apesar de trabalhar com AD e reportar-me constantemente à *lingüística*, neste estudo, em particular, não se fez uma análise *lingüística* utilizando os mecanismos sintáticos comuns nos estudos realizados pelos especialistas desta área. Aqui, busquei articular-me na proposta desenvolvida por Eco (que tem ligações teóricas na sócio e etno *lingüística*) adaptando-a à teoria do Discurso, em uma das três áreas do conhecimento da linguagem⁶ defendidas por Pêcheux, citado por Minayo (1994)^{xx}, que visa compreender os modos de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social dos discursos produzidos nos mais diferentes campos da vida em sociedade. Isto significa dizer, que não fiz uma exploração semântica das palavras, das frases, tão comuns nas análises de discursos realizadas por especialistas da *lingüística*.

O texto, em minha proposta de trabalho, não é olhado sintática ou morfologicamente; procurei vê-lo muito mais como uma unidade significativa portadora de sentidos e significados dentro de um determinado contexto. Ao mesmo tempo que o vejo completo enquanto *corpus*, considero-o inacabado enquanto discurso, em virtude das inúmeras possibilidades que ele proporciona para que se olhem fenômenos e situações do viver humano (Orlandi, 1987)^{xxi}.

Neste sentido, o *corpus*, este estranho, seja na palavra em si, seja no que ele significa enquanto parte deste trabalho, se insere no que Nunes (1994) chama de o ponto máximo para quem escolhe fazer AD. Na verdade não é possível dar uma forma acabada e definitiva a este *corpus*, pois na medida em que se trabalha, tira-se, coloca-se de volta, refazem-se escolhas, dentro de um universo de possibilidades criado, obviamente, pelo(a) pesquisador(a).

⁶ Pêcheux tinha por proposta trabalhar a linguagem, articulando três áreas do conhecimento: a do materialismo histórico (onde ele incluía as transformações sociais a partir da ideologia dominante), a lingüística (onde os estudos semânticos das palavras estão diretamente ligados às ciências da linguagem) e a teoria dos discursos (onde o texto é visto como parte de um contexto histórico cultural que se insere na

Greimas (1977)^{xxii} afirma que o primeiro passo para se determinar o *corpus* desejado é se questionar: o que é preciso buscar? Por onde começar? Como proceder? Como ele mesmo conclui, estas não são questões fáceis de responder, porque significam que necessitamos de material para trabalho que seja representativo na análise do fenômeno a ser estudado; que possa, inclusive, dissecar a temática escolhida de forma exaustiva e, por fim, que seja relativamente homogêneo, isto é, que não apresente distâncias muito diacrônicas entre a análise lingüística e a análise discursiva.

Neste momento, não estou somente escrevendo sobre a escolha dos textos que analisei, mas também sobre o modelo teórico adotado para responder ao objetivo que me trouxe até aqui. Por isso, para entender toda a análise fiz, em tópicos anteriores, uma revisão sumária sobre a teoria da comunicação, a fim de localizar cada leitor desta tese no referencial básico que é a origem do discurso midiático, constituído pela linguagem e escrita.

Finalmente, chego ao material de análise, o *corpus*, a revista "Bárbara", que possuía em suas matérias os dados e informes que se enquadravam no perfil de textos que achei pertinente analisar. Ela foi a escolha e a referência para toda a análise apresentada, embora outras revistas tenham sido lidas. Esta escolha se deu em parte, por ser ela a primeira revista onde encontrei uma referência a mulher de 40 anos, a partir da elaboração de um estudo preliminar sobre os editoriais desta revista (Silva, 1998). Na oportunidade, identifiquei um discurso sobre maturidade e velhice saudável bastante dirigido às mulheres de classe média e alta e muitos silêncios sobre outras formas de envelhecimento, além de uma preocupação intensa com o "cuidado de si". Por isso, decidi pela escolha deste *corpus*.

Para caracterizar mais ainda este *corpus*, tentei ver se haviam outros estudos e pesquisas sendo realizadas sobre mídia, gênero e envelhecimento, tendo encontrado estudos como os de Pires (1998)^{xxiii}, orientada por G. G. Debert, que utiliza uma perspectiva comparativa para o tratamento dos dados sobre velhice, com um referencial metodológico para análise e compreensão dos discursos diferente do que aqui foi usado.

A extensa pesquisa bibliográfica que realizei, confirma que este trabalho com o referencial de Eco, não vem sendo usado para pesquisas com esta temática e, mais especificamente, na área da saúde. O trabalho de Rifiotis, já citado anteriormente, embora discuta questões ligadas aos discursos sobre velhos, faz seus estudos em narrativas africanas utilizando como modelo teórico os pressupostos de G. Calame-Griaule, V. Propp, C. Levi-Strauss e A. J. Greimas.

O destaque deste estudo, portanto, além da discussão que realizo no próximo capítulo sobre dominação e as muitas violências simbólicas resultantes do "cuidado de si", está na ênfase que dei à Análise dos Discursos da mídia voltados para a saúde e o envelhecimento saudável, utilizando como referencial elementos da sociolingüística associado a outros referenciais da antropologia, da filosofia e da saúde,

perspectiva de ser passível de analisar a partir de vários olhares, seja do autor do texto ou dos sujeitos referidos no mesmo e leitores)

permitindo-me elaborar um modelo de representação dos discursos sobre velhice, enfocando as relações de poder e de constituição dos sujeitos ou como bem coloca Fischer (1997)^{xxiv}, de processos de subjetivação.

Finalmente, para encerrar este tópico, ressalto que a análise da revista se deu em fascículos correspondentes a 2 anos editoriais, inseridos no período de 1997/1998/1999, o que me permitiu fazer a análise de 24 edições de "Bárbara", escolhidas através de sorteio, num total de 18 editoriais e 44 matérias (20 textos de 1997, 20 de 1998 e 4 de 1999), inseridas nas temáticas saúde, beleza, comportamento e sexualidade.

As demais revistas (Cláudia, Via Vida e Maturidade) foram por mim lidas para observar se o enfoque com relação a envelhecimento saudável era o mesmo; destas foram lidos 36 textos, também sorteados dentre aqueles que apresentavam questões semelhantes às analisadas em "Bárbara". Estas revistas foram lidas para uma confirmação de algumas inferências minhas quanto as temáticas tratadas e a presença de um enfoque pedagógico formativo/explicativo nas matérias, entre outras possibilidades. Mas, não elaborei uma análise profunda de todos os textos da mesma forma como decodifiquei Barbara, onde cada matéria foi analisada seguindo-se o modelo metodológico de Cooperação Textual de Eco (1986)^{xxv} e outros referenciais para análise teórica, principalmente nas discussões sobre "cuidado de si".

4.4 - O Modelo de Cooperação Textual de Eco

A leitura de qualquer texto é, a meu ver, um processo dialético, que não se faz isoladamente. É assim, porque uma leitura é antes de tudo um processo histórico-social, que faz parte da vida das pessoas que desejam ou precisam se informar. Para se compreender um texto escrito, mais do que ser uma pessoa alfabetizada, o ser humano necessita ter conhecimentos prévios de mundo, de vida, para construir um sentido para o texto. Alguns conhecimentos do leitor ou leitora podem ser parte de sua formação, mas também podem ser estimulados, sejam pelos modos de utilização das palavras ou pela introdução de referências ou símbolos que sabemos que "aquele(a)" leitor(a) irá reconhecer. Com Eco, aprendi que para cada texto existe um leitor imaginado pelo autor que, ao escrever, não apenas emite informações sobre os mais distintos assuntos, mas também insere nas palavras o que se deseja que alguém saiba, mesmo que não esteja explicitamente dito.

Umberto Eco escreve sobre isto e a orientação básica de seu trabalho no campo da Semiótica⁷, segundo Nöth (1998)^{xxvi}, pressupõe conhecimentos que muitas vezes são excluídos da semiótica, chegando aos domínios do biológico e da natureza física. Por esta razão, ainda segundo Nöth (idem), o perspectivismo semiótico de Eco, nesse contexto, é uma abordagem das mais frutíferas, uma vez que consegue trabalhar e

⁷ A semiótica (ou semiologia), é a ciência dos signos, que estuda a vida dos signos no seio da vida social. Desta forma a semiótica ou semiologia, que para Barthes, está em processo de construção, se apresenta como

argumentar em campos distintos da semiótica, contribuindo assim para o estudo dos fenômenos em disciplinas que têm bases biológicas.

Em meio a tantas possibilidades e sabendo que Eco vem desenvolvendo vários estudos sobre o que a mídia produz e veicula, procurei em seus livros o modelo seguido por ele para suas análises. De uma forma geral, "Estrutura Ausente"/"Obra Aberta"(1991), "Apocalípticos e Integrados"/"Interpretação e Superinterpretação" (1993), e "Os Limites da Interpretação"(1995)^{xxvii}, foram livros necessários para a revisão de uma série de conceitos e denominações com as quais não lido cotidianamente em nível profissional.

"Lector in Fabula" (1986), lançado no Brasil bem antes dos livros citados acima, referência todos eles e os cita como base para a construção do modelo de cooperação textual ou o "leitor-modelo". Uma de suas referências teóricas de apoio é fundamentada em C. S. Peirce, filósofo norte americano que, segundo Ducrot & Todorov (1998)^{xxviii}, foi o responsável, através de sua obra, pela independência da semiótica como disciplina. No capítulo 2 de "Lector...", são descritos os fundamentos da cooperação textual, tendo por base os fundamentos semióticos de Peirce, no que se refere aos significados dos termos que Eco mais utiliza para explicar seu referencial, tais como o que seja texto, interpretante, *ground*, significado e objeto. Peirce citado por Eco (1986, p. 14), afirmava:

"Um signo, ou representâmen, é alguma coisa que está para alguém em lugar de alguma coisa em qualquer relação ou capacidade. Isso se endereça a alguém, ou seja, cria na mente daquela pessoa um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido. O signo que é criado eu o chamo de interpretante do primeiro signo. Este signo está para alguma coisa, o próprio objeto. Ele está para aquele objeto, não sob todos os aspectos, mas com referência a uma espécie de idéia, que chamei de ground da representação"

A partir das idéias de Peirce, explicitadas por Eco, é possível entender o que representa cada termo utilizado no referencial de Eco para efetuar uma análise. Assim, termos como *ground* representam as idéias de um texto, são os conteúdos de uma expressão, de uma fala, enfim, de um texto, podendo ser igual ao que chamamos de significado. Mas, não podemos esquecer, que este *ground* não é um objeto fixo. Pela sua determinação ele é acima de tudo dinâmico, uma vez que representa algum aspecto de um objeto imediato de estudo. Nesse sentido, o que é denominado de interpretante e significado, por Eco, são distintos enquanto objetos de estudo, mas podem ser a mesma coisa de acordo com o contexto e até mesmo a pessoa a quem é dirigido o texto. Em resumo, o que se apreende é que todos estes termos se referem à compreensão de um

uma disciplina de referência para estudos em distintas áreas, que queiram compreender a natureza dos discursos (BARTHES, R. *La aventura Semiológica*. Barcelona: Paidós, 1993).

determinado fato, fenômeno ou objeto, conforme as premissas, a natureza e o enfoque de quem escreve e lê um texto.

Portanto, é possível observar como Eco confere importância ao leitor, enquanto destinatário das mensagens que lhes são enviadas, uma vez que o texto para ele é considerado incompleto, devendo ser atualizado pelo mesmo. No texto, está o que Eco chama de "não-dito", o que não está manifestado na superfície, ao nível de expressão. Este "não-dito" precisa ser atualizado continuamente, por isso, esta ênfase dada por ele à necessidade de movimentos cooperativos e conscientes da parte do leitor durante qualquer leitura.

Ele também afirma, (Eco, 1986, p. 38) que o texto e, portanto, seu autor ou autora, prevêem o(a) leitor(a). Ou seja, o texto postula a cooperação do(a) leitor(a) como condição para sua geração:

"Podemos dizer melhor, que o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões do movimentos de outros - como, aliás, em qualquer estratégia. Na estratégia militar (ou xadregística - digamos em qualquer estratégia de jogo), o estrategista projeta um modelo de adversário"

A seleção deste(a) leitor(a) faz com que seu autor ou autora, projete um leitor-modelo, prevendo inúmeros artificios para defini-lo(a), tais como: a língua, a temática, um dado patrimônio lexical. Enfim, o autor institui uma certa competência para seu leitor, e espera com isso a sua cooperação no sentido de oferecer significados a sua "fala"/"escrita" a partir de regras, valores e crenças historicamente reconhecidas e aceitas pelos dois. Eco(idem) ainda afirma que os textos oferecidos para este(a) leitor(a) podem se apresentar como abertos ou fechados, sendo que para ele não existe "*nada mais aberto do que um texto fechado*" (p.42), e é com esta convicção que ele considera, ainda, ser o texto com infinitas interpretações, o texto ideal para estudo, de modo que o(a) autor(a) possa construir estratégias textuais para dirigir seu/sua leitor(a) na aventura interpretativa.

No processo de comunicação, o(a) emitente (autor(a)) e o(a) destinatário(a) (leitor(a)) vêem o texto como um sistema de nós ou de juntas, cheio de intenções e hipóteses de significados que, no contexto de autor e leitor, pode ser abundante de interpretações levando-se em conta o quadro teórico e o contexto onde está inserido. Não existe, necessariamente, uma construção de idéias ou papéis em um texto, visto que quem escreve apresenta no que está escrito uma intenção de alguma coisa já construída socialmente, restando ao leitor ou leitora aceitar e assumir as idéias ali veiculadas e produzir ou não uma ação de aceitação ou negação ao que foi produzido.

Nesta perspectiva, observa-se que a provável leitora das revistas femininas, não irá ler algo em construção, a matéria que lhe é oferecida é a produção de algo que já foi construído socialmente por ela

mesma e/ou seus pares. As revistas reforçam o saber existente e construído, pressupondo um certo saber prévio sobre os acontecimentos que irá relatar, mas não pressupõem que sua leitora saiba tudo, pois sempre há algo mais a ser dito e a revista está ali exatamente para isto, para oferecer informações consideradas por seus editores como mais profundas e também como mais convincentes se ainda houver qualquer dúvida desta leitora quanto à veracidade da temática abordada.

Estes textos se enquadram na condição de textos de função metalingüísticos, ou seja, são textos explicativos ou didáticos, mas, que não excluem a possibilidade de reunir as outras funções de um texto, bem como os domínios possíveis de uma mensagem, na qual se inclui a narrativa, categoria que inclui os tipos de textos mais citados por Eco. Os textos narrativos podem ser naturais ou artificiais. Estes textos, segundo Van Dijk, citado por Eco em "Lector..."(p. 54-55):

"São textos que se referem a eventos apresentados como eventos realmente acontecidos (por exemplo, as notícias do dia nos jornais), ao passo que a segunda (referindo-se a narrativa artificial), se refere a indivíduos e fatos atribuídos a mundos possíveis, diferentes daqueles de nossa experiência. Naturalmente, a narrativa artificial não respeita muitas das condições pragmáticas a que está submetida a narrativa natural (por exemplo, o autor não se empenha em dizer a verdade nem em provar as próprias asserções)...o modelo proposto (o de cooperação textual) concerne a textos narrativos em geral, sejam eles naturais ou artificiais"

Os textos por mim analisados se enquadram na perspectiva de construção de uma narrativa natural, embora em alguns deles eu tenha encontrado muito do que Eco denomina de narrativa artificial, levando-se em conta alguns traços bastante específicos apresentados pelos mesmos, tais como:

Primeiro: a partir de uma fórmula especial introdutória (neste caso podem ser as manchetes), os leitores são levados a não perguntarem se os fatos apresentados são verdadeiros ou falsos;

Segundo: personagens são apresentados para contar uma história ou serem utilizados como exemplos de determinado fenômeno a ser discutido;

Terceiro: existe uma seqüência para apresentação dos fatos em um espaço e tempo localizados;

Quarto: as ações tem início, meio e fim;

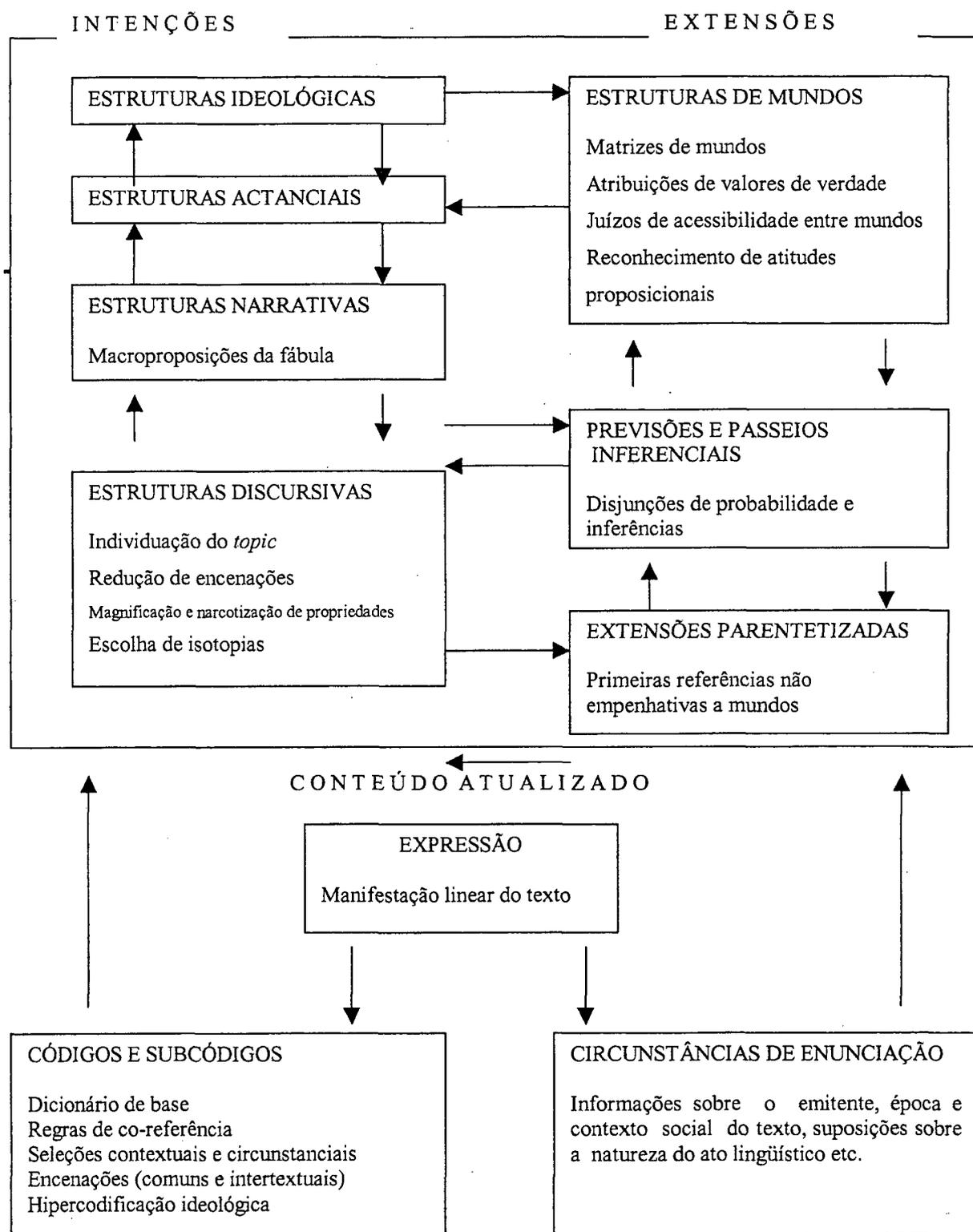
Quinto: todos os eventos narrados podem ser resumidos por macroproposições.

Levando em conta este paralelo entre os textos artificiais e naturais citados por Eco e os traços específicos enunciados acima, que são características dos textos que analisei, afirmo que estes textos, em sua maioria baseados em fatos reais e, portanto, podendo se inserir na qualidade de narrativas naturais, podem ser vistos como estando no domínio dos textos artificiais. Além disso, tendem a poder sair do que

convencionalmente chamamos de narrativa e passar a outros domínios como os da descrição, da resenha, do resumo e do comentário crítico.

Considerando todos estes pressupostos e a gama de possibilidades e abertura dadas por Eco para realizar este estudo é que escolhi o modelo de cooperação textual de “Lector in Fabula”. Este modelo possui níveis de análise textual que Eco restringiu inicialmente a textos narrativos, porém, como ele mesmo afirma, o modelo, a partir de oportunos ajustamentos poderá ser aplicado a outros tipos de textos, seja escrito ou não escrito, não literários, não verbais, ou seja, o autor deixa em aberto o modelo de cooperação textual para inclusive ser utilizado na análise de pinturas, cinema e teatro.

É um modelo onde existem vários níveis e subníveis de análise, que são como gavetas que em alguns momentos precisam ser abertas e, em outros não necessariamente. Estas “gavetas” do modelo de cooperação, segundo nosso entendimento, servem como um roteiro para a análise de nossos textos, que em sua maioria são de função metalingüística.



É possível, utilizando-se a primeira parte do modelo de cooperação textual (Expressão/Circunstâncias de Enunciação/Códigos e Subcódigos) e alguns níveis do conteúdo das intenções, analisar as idéias e principais fatos de um texto, bem como explicar seu contexto, conteúdo, objetivos explícitos e implícitos de produção, ou não, de uma dada realidade. A seguir, apresento o modelo de Eco e após, a forma simplificada que resolvi adotar neste estudo, por considerar que alguns níveis se tornariam repetitivos, por seu conteúdo, no decorrer da análise.

O modelo apresentado tem várias conexões entre os níveis de cooperação textual (vejam setas), podendo ser usado apenas partes dele, associando-se ou não com outros modelos de análise, sendo o seu início de baixo para cima, ou seja, a partir da "expressão" (manifestação linear do texto). Considerando todas estas possibilidades e , após um pré-teste na qual utilizei com alguns textos o modelo completo, reconhecendo que alguns níveis se tornam repetitivos, resolvi simplificá-lo, retirando parte dos tópicos do nível das "extensões" em minha análise. Desta forma, o modelo simplificado utilizado aqui, segue o roteiro abaixo.

NÍVEIS DE COOPERAÇÃO TEXTUAL (MODELO SIMPLIFICADO)

<i>INTENÇÕES</i>	
1. nível da expressão	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Manifestação linear do texto (síntese do texto)
2. nível das circunstâncias de enunciação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Contexto da matéria
3. nível dos códigos e subcódigos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dicionário de base (palavras ou termos significativos para a ação do texto); ▪ Regras de co-referência (expressões ou termos ambíguos relacionados ao tema estudado); ▪ Seleções contextuais e circunstanciais (palavras ou frases que se reportam a um contexto temporal e espacial); ▪ Hipercodificações ideológicas (frases ou palavras estereotipadas ou com duplo sentido); ▪ Frames ou encenações comuns intertextuais (parecidas com as hipercodificações podem induzir a um pensamento ou idéia estereotipada)
4. Estruturas	
4.1-Estruturas Discursivas: <i>Topic</i>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aventam uma hipótese sobre determinada circunstância textual; ▪ Isotopias (termos guarda - chuva que dão ênfase a temática expressa no texto);
4.2-Estruturas Narrativas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Macroproposições (síntese ou contração das estruturas discursivas do texto);
4.3-Estruturas Actanciais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Caracterização dos personagens do texto, seus atributos e participação na ação ou situação apresentada;
4.4- Estruturas Ideológicas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação dos juízos de valor e os papéis sugeridos e dirigidos ao leitor-modelo;

Como citei anteriormente, fiz uma simplificação do modelo de Eco (Lector...p. 56), que, a meu ver, é suficiente enquanto base para a análise metodológica definida. Neste modelo não farei um levantamento etnográfico para certificar-me do contexto onde os textos foram criados. Contudo, mesmo sem realizar um estudo etnográfico, consegui, associando esta análise de caráter metodológico à análise teórica no qual utilizo alguns outros referenciais, articular uma discussão de caráter contextual-crítica, suficiente, neste momento, para discutir o modelo discursivo veiculado nos textos analisados.

Para concluir este sub-tópico, gostaria de evidenciar que, até a finalização da análise, fui definindo sistematicamente os contornos de como utilizar o referencial de Eco, ao mesmo tempo em que incluía na discussão dos resultados muitas das idéias de saber, poder, cuidado de si e governabilidade de Foucault, e sobre poder e violência simbólica de Bourdieu, que me respaldam na análise dos resultados.

4.5 – Anotações e Exemplos de Registros

Este item tem por objetivo exemplificar o registro de minha análise, dentro do modelo adaptado de Eco (1986), centrando-o nos níveis de cooperação textual, indicada por ele como adequado para uma cooperação interpretativa do “não dito”, isto é, do que não está manifestado em superfície em nível de expressão.

Apresento dois registros de matérias da revista *Bárbara*, que servem como exemplos práticos de como os registros foram realizados para que se pudesse chegar às teias dos discursos. Cabe destacar que cada registro está descrito exatamente como foi elaborado, sendo parte da segunda etapa desta pesquisa. Resolvi deixá-los exatamente como os elaborei, passo a passo, para que o(a) leitor(a) acompanhe o caminho percorrido, o mais próximo possível da realidade que vivi neste processo de análise, que se iniciou em agosto de 1997 e terminou em maio de 1999. Durante este percurso, como experiência e parte das exigências relacionadas à disciplina de análise de discurso, cursada no mestrado de Antropologia da UFSC no segundo semestre de 1997, fiz um artigo onde analisei alguns editoriais da revista *Bárbara*. A partir deste artigo publicado em 1998^{xxix} em uma revista para um público de bibliotecários(as), que trabalha basicamente com análise de discurso, foi que avancei na análise dos textos, conforme as recomendações da comissão editorial da revista e do prof. Rifiotis, que ministrou a disciplina citada.

REGISTRO 1 (anexo 2)

Texto 1 – Um Ano de Sucesso e Alegria^{xxx}

Matéria: Editorial

Categorização: Informativo/Opinativo/Diversional

Revista: Bárbara, ano II, abril de 1997.

Níveis de Cooperação Textual

1. Expressão: manifestação linear do texto (síntese da matéria)

Bárbara completa um ano, sendo querida pelas leitoras. Foi idealizada para as mulheres maduras abandonadas pelas revistas. Bárbara nasceu para ser a revista feminina da mulher de 40 anos (ou mais). Sucesso repentino. Mulheres queriam ver na revista mulheres iguais a elas, pessoas “de verdade”. Bárbara é uma revista aceita porque fala a linguagem da leitora e é plenamente compreendida. Um grande beijo e parabéns por ter escolhido Bárbara para seu sua melhor amiga.

2. Circunstâncias de Enunciação (contexto da matéria)

Editorial assinado por Laís de Castro, editora chefe da revista Bárbara. Apresenta uma linguagem bastante informal, com o uso de marcadores discursivos que reforçam uma intimidade com a leitora (Bárbara fala a sua linguagem; A leitora queria ver na revista mulheres iguais a ela), denota emoção (Parece que foi ontem...a emoção da primeira edição; O suspense... a gente nunca sabe) e a preocupação de se alinhar com a leitora na posição de mulher, de amiga, fazendo uso de palavras na primeira e terceira pessoa para aproximar-se e se fazer íntima (Vamos caminhar juntas; Parabéns por Ter escolhido Bárbara para ser sua melhor amiga). O editorial está em um número de aniversário do primeiro ano da revista, abril de 1997.

3. Códigos e Subcódigos

3.1 – Dicionário de Base (palavras, termos ou frases significativas na temática do editorial)

Bárbara

Revista Feminina

Mulheres Maduras

Mulher de 40 anos

Mulheres Iguais

Pessoas de Verdade

Bárbara Fala

Sua Linguagem

Plenamente Compreendida

Longa Jornada

Caminhar Juntas

Beijo

Parabéns

Sua Melhor Amiga

3.2– Regras de Co-referência (palavras, termos ou frases que se referem a algo que pode ser visto de forma ambígua)

Mulheres maduras estavam abandonadas...

A leitora queria ver na revista mulheres iguais a ela...

Pessoas de verdade, das mais variadas profissões...

Bárbara fala hoje a sua linguagem....

Vamos caminhar juntas...

Parabéns por ter escolhido Bárbara para ser a sua melhor amiga...

3.3 – Seleções Contextuais e Circunstanciais (palavras, termos ou frases que se reportam a um contexto temporal e espacial)

Abril de 1996

Parece que foi ontem...

Abril de 1997

A idéia surgiu há uns três anos...

Mulheres maduras estavam abandonadas pelas revistas...

Bárbara nasceu, então...

A revista feminina da mulher de 40 anos (ou mais)...

Sucesso repentino...

Fizemos alguns ajustes...

Característica da editora Símbolo: nós andamos depressa...

Em um ano, já fez história...

Este é o primeiro ano de uma longa jornada...

3.4 – Frames ou Encenações Comuns Intertextuais (palavras, termos ou frases que podem representar uma situação estereotipada)

Mulheres maduras estavam abandonadas... (somos abandonadas após os 35 anos?)

Oferecem viagens para jovens de 15 a 35 anos...(são considerados jovens? Por quê?)

A revista feminina da mulher de 40 anos (ou mais)...(por que precisamos de uma revista especial?)

Sucesso repentino...(aceitação imediata?)

Mulheres iguais a ela....(em que sentido? As mulheres são diferentes?)

Pessoas de verdade....(modelos não são pessoas de verdade?)

Nós andamos depressa....(as mulheres andam devagar?)

Sua melhor amiga....(mulheres maduras não têm amigas e por isso precisam da revista?)

3.5 – Hipercodificação Ideológica (palavras, termos ou frases que podem ter duplo sentido – reforço a frame)

Mulheres maduras estavam abandonadas...

Jovens de 15 à 35 anos....

Mulheres iguais a ela...

Pessoas de verdade...

Sua melhor amiga....

4. Intenções

4.1 – Estruturas Discursivas Topic (palavras, termos ou frases que aventam uma hipótese sobre determinada circunstância textual)

Mulheres maduras estavam abandonadas pelas revistas..

De fato, todas as femininas cuidam da beleza...oferecem viagens para jovens..

Revista feminina da mulher de 40 anos (ou mais)...

Foi um sucesso repentino...

Mais do que modelos – a leitora queria ver na revista mulheres iguais a ela...pessoas de verdade...

Nós andamos depressa...

Bárbara, em um ano, já fez história, ganhou o respeito editorial e, acima de tudo, a aceitação e o carinho das leitoras...

Bárbara fala hoje a sua linguagem...

Vamos caminhar juntas...

...Sua melhor amiga...

Isotopias (palavras ou termos guarda-chuva que dão ênfase ao tema – base da matéria)

Mulheres maduras

Revista feminina

Mulher de 40 anos

Mulheres iguais

Pessoas de verdade

Melhor amiga

4.2 – Estruturas Narrativas

Macroproposições (frases sínteses criadas ou retiradas do texto para representar o que se infere como sendo o objetivo ou objetivos da matéria)

Bárbara, a revista da mulher de 40 anos (ou mais)

Bárbara, a sua melhor amiga

4.3 – Estruturas Actanciais (onde estão as caracterizações dos personagens do texto identificadas pelo possível leitor)

Mulheres maduras

Mulher de 40 anos (ou mais)

Mulheres iguais (a leitora)

Pessoas de verdade

Das mais variadas profissões

4.4 – Estruturas Ideológicas (atribuição de valores)

Mulheres maduras estavam abandonadas

Jovens de 15 a 35 anos

Pessoas de verdade

REGISTRO 2

Texto 2 – Beleza Instantânea^{xxxI}

Matéria: Saúde e Beleza (Cosméticos)

Categorização: Informativo/Opinativo/Publicitário

Revista: Bárbara, ano III, junho de 1998.

Níveis de Cooperação Textual

1. Expressão : manifestação linear do texto (síntese da matéria)

Cosméticos deixaram de ser um sonho de consumo. Produtos, fórmulas quase milagrosas são a mais nova tendência do mercado. Às vezes o efeito é temporário. Podem ser encontrados cremes e máscaras que, graças a certos polímeros, proteínas ou minerais, formam uma película invisível capaz de esticar (temporariamente) a pele “quase” como uma cirurgia plástica. Saúde em primeiro lugar. Existem limitações. Os produtos atuam como: quase uma plástica, esticador de pele para disfarçar rugas, máscara firmadora, relaxante para pernas, esmalte de secagem rápida, hidratante concentrado, regenerador de pele, eliminador de ressecamento de cabelos, soro da juventude, nutritivo da pele, difusor ótico e fixador de maquiagem.

2. Circunstâncias de Enunciação (contexto da matéria)

Matéria assinada por Beatriz Marques Dias, editora contribuinte das sessões sobre comportamento e saúde. O texto traz informações (fornecidas unicamente pelos fabricantes) de 24 produtos que estão no mercado de cosméticos para rejuvenescimento instantâneo corporal. Nestas informações estão os nomes de todos os produtos, fabricantes e preços, assim como orientações de uso e ação das fórmulas químicas dos produtos e o nome de pesquisadores e instituições de pesquisa americanas e brasileiras. A matéria está assinada no final do texto, com uma observação sobre o fornecimento das informações pelos fabricantes, sem ter sido realizado teste dos produtos pela revista.

3. Códigos e Subcódigo

3.1 – Dicionário de Base (palavras, termos ou frases significativas na temática do editorial)

Beleza Instantânea

Recuperam a Pele em Tempo Record

Cosméticos Com Ação Imediata

Fórmulas Quase Milagrosas

Criatividade e Mudanças Velozes

Compostos Químicos

Formulações Mais Concentradas

Veículos Inovadores

Película Invisível
Esticar (temporariamente)
Quase como uma Cirurgia Plástica
Ilusão Ótica
Rugas e Linhas de Expressão
Limitações
Benefícios Localizados
Melhores Resultados

3.2 – Regras de Co-referência (palavras, termos ou frases que se referem a algo que pode ser visto de forma ambígua)

Beleza instantânea...
Pós que escondem rugas....
Sonho de consumo...
Fórmulas quase milagrosas...
A novidade anterior fica logo ultrapassada...
Esticar (temporariamente) a pele...
Ilusão ótica...
Disfarçando as rugas....
Apagam sinais de cansaço....
Alívio é imediato....
Se fazer passar por alguém que ficou um mês de férias...
Promete regenerar a pele no primeiro despertar...

3.3 – Seleções Contextuais e Circunstanciais (palavras, termos ou frases que se reportam a um contexto temporal e espacial)

Avanço tecnológico...
Nova tendência do mercado...
O menor tempo na ação dos cosméticos se deve à globalização...

A novidade anterior fica logo ultrapassada...

Compostos químicos recém-descobertos....

Última geração....

Ainda mais recentes...

Por algum tempo...

Temporariamente.....

3.4 – Frames ou Encenações Comuns Intertextuais (palavras, termos ou frases que podem representar uma situação estereotipada)

Beleza instantânea (por que a mulher precisa disto?)

Pós que escondem rugas (por que precisamos esconder as rugas?)

Recuperam a pele em tempo recorde (envelhecimento significa que a pele fica deterio-rada?)

Sonho de consumo (da mulher?)

Fórmulas quase milagrosas (só milagres conseguem tornar uma mulher bonita?)

Produtos anti-sinais que esticam a pele e disfarçam as linhas de expressão (por que temos que nos submeter a estiramento de pele e disfarces para a idade?)

Apagam sinais de cansaço (nós mulheres não devemos demonstrar nosso cansaço diante das duplas jornadas de trabalhos?)

Deixando a pele mais luminosa, flexível e suave (peles femininas só suavizam com cosméticos?)

O produto limpa e tonifica a pele (mulheres têm peles sujas que precisam mais do que água para limpar?)

Acorde linda na manhã seguinte (acordamos feias pela manhã e já precisamos de produtos para disfarçar nossa falta de beleza matinal? E por que precisamos estar sempre bonitas?)

3.5 – Hipercodificação Ideológica (palavras, termos ou frases que podem ter duplo sentido- reforço a frame)

Beleza instantânea...

Ação imediata....

Recuperam a pele em tempo recorde...

Fórmulas quase milagrosas....

Película invisível...

Secagem ultra-rápida...

Limitações para o desenvolvimento dessa tendência...

Quase uma plástica.....

Um dribble na flacidez...

Pernas relaxadas em segundos...

Esforço concentrado....

Caviar rima com regenerar...

Tratamento expresso para os cabelos...

Contra ataque com um soro da juventude....

Acorde linda na manhã seguinte....

Disfarce a jato...

4. Intenções

4.1 – Estruturas Discursivas

Topic (palavras, termos ou frases que aventam uma hipótese sobre determinada circunstância textual)

Beleza instantânea...

Recuperam a beleza em tempo recorde...

Cosméticos com ação imediata...

Fórmulas quase milagrosas....

Produtos que agem mais rápido...

Com toda a pesquisa realizada, existe uma segurança maior para se garantir a eficácia de um produto...

O menor tempo de ação dos cosméticos se deve à globalização...

Não iremos introduzir um novo elemento ou tecnologia se isso causar irritações na pele da consumidora...

Possibilitam benefícios localizados com melhores resultados...

Quase uma plástica...

Um dribble na flacidez...

Pernas relaxadas em segundos...

Alívio imediato...

Poder revitalizante do extrato de caviar...

Quando aplicada deixam a pele macia e aveludada, sem deixar nenhuma oleosidade...

Ajuda a eliminar as toxinas e células mortas....

Formulado para preservar as cinco funções vitais que preservam a beleza...

Isotopias (palavras ou termos guarda-chuva que dão ênfase ao tema – base da matéria)

Beleza instantânea...

Tempo recorde...

Ação imediata...

Milagrosas...

Ação rápida...

Imediato...

Máscaras de minuto...

Tratamento expresso...

Disfarce a jato....

Poder revitalizante...

4.2 – Estruturas Narrativas

Macroproposições (frases sínteses criadas ou retiradas do texto para representar o que se infere como sendo o objetivo ou objetivos da matéria)

Beleza instantânea e recuperação da juventude...

Fique bonita em minutos...

Drible a velhice: beleza instantânea...

Recuperação da juventude em tempo record...

Soro da juventude...

4.3 – Estruturas Actanciais (onde estão as caracterizações dos personagens do texto identificadas pelo possível leitor)

Consumidoras

Com sinais de cansaço em pernas e corpo

Sem tempo para cuidar de si

Com ressecamento na pele, oleosidade nos cabelos, rugas de expressão, pele desidratada, pouca beleza, acordam feias pela manhã com olhos inchados e pele desvitalizada

4.4 – Estruturas Ideológicas (atribuição de valores)

Cosméticos deixaram de ser um sonho de consumo...

Mulheres precisam: de beleza instantânea, recuperação da pele em tempo recorde, esticar a pele, driblar a flacidez, regenerar e revitalizar rosto, cabelos e corpo, não aparentar cansaço, estar sempre com aparência jovem, linda, comprar e usar vários produtos para garantir uma eterna juventude...

As pesquisas nesta área não precisam de muitos anos de comprovação...

Referências Bibliográficas

- ⁱ ECO Umberto. **Kant e o Ornitorrinco**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1998.
- ⁱⁱ TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- ⁱⁱⁱ TAHARA, Mizuho. **Mídia**. 7ª ed. São Paulo: Global, 1998. (Coleção Contato Imediato)
- ^{iv} PATRÍCIO, Djalma. **Poder, grupos de Pressão e Meios de Comunicação**. Blumenau: FURB, 1998.
- ^v KIENZT, A. **Comunicação de Massa – Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- ^{vi} FSICHER, R. M. B. A Mídia Como Espaço Formativo do Sujeito adolescente. *Veritas*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 333-348, jul., 1997.
- ^{vii} CASTRO, Laís de. Um Ano de Sucesso e Alegria. *Bárbara.*, São Paulo, ano II, n. 12, p. 4, abril, 1997.
- ^{viii} MELO, José Marques de. **Comunicação Social: Teoria e Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- ^{ix} DEBERT, Guita Grin. As Representações (Estereótipos) do Papel do Idoso na Sociedade Atual. In: **I Seminário Internacional Envelhecimento Populacional: Uma Agenda Para o Final do Século**. Brasília, 1996. Anais do I Seminário Internacional Envelhecimento Populacional: Uma Agenda Para o Final do Século. Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social/Secretaria da Assistência Social, 1996. (p. 35-45)
- ^x KEY, Wilson Bryan. **A Era da Manipulação**. 2ª ed. São Paulo: Scritta, 1996.
- ^{xi} MORIN, Edgar. **L'Esprit du Temps**. Paris: Grasset, 1962.
- ^{xii} ECO, Umberto. **A Estrutura Ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ^{xiii} VANOYE, Francis. **Usos da Linguagem – Problemas e Técnicas na Produção Oral e Escrita**. 11ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ^{xiv} FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III: O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ^{xv} GAARDER, J. **O Mundo de Sofia – Romance da História da Filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ^{xvi} DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ^{xvii} BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- ^{xviii} PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1997.

-
- ^{xxix} ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ^{xx} MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 3ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1994.
- ^{xxi} ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu Funcionamento – As Formas do Discurso**. Campinas: Pontes, 1987.
- ^{xxii} GREIMAS, A. J. **Semiótica Narrativa e Textual**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977.
- ^{xxiii} PIRES, a Velhos em Revista: Velhice e Envelhecimento na Cláudia e na Playboy. <http://www.ufes.br/~cisoufes/gts/gto8.htm> , 1998.
- ^{xxiv} FISCHER, R. M. B. A Mídia Como Espaço Formativo do Sujeito Adolescente. **Veritas**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 333-348, jul., 1997.
- ^{xxv} ECO, Umberto. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- ^{xxvi} NÖTH, W. **O Limiar Semiótico de Umberto Eco**, 1998. [<http://www.puccsp.br/cos-puc/face/eco.htm>]
- ^{xxvii} ECO, Umberto. **Os Limites da Interpretação**. São Paulo: Perspectivas, 1995.
_____. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
_____. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
_____. **A Estrutura Ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
_____. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ^{xxviii} DUCROT, O. & TODOROV, V. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ^{xxix} SILVA, Y. F. e. “Todo Dia é Dia das Leitoras de Bárbara” – O Discurso Formativo/Explicativo na Revista Feminina Bárbara. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 133 – 148, 1998.
- ^{xxx} CASTRO, Laís de. Um Ano de Sucesso e Alegria! **Bárbara**. São Paulo, ano II, n. 12, p. 4, abr., 1997.
- ^{xxxi} DIAS, Beatriz Marques. Beleza Instantânea. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 27, p. 40 – 43, jun. 1998.

CAPÍTULO 5 – TEIA DOS DISCURSOS

“ Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde afinal está o perigo?” (Foucault, 1996, p. 8)¹

5.1 – A Aranha e Seus Fios Discursivos

O que faz uma aranha para construir sua teia? Como ela consegue produzir fios tão sólidos, que embora de aparência frágil, podem manter preso durante horas e dias qualquer inseto indefeso? Bem, segundo aqueles que se dedicam ao estudo dos aracnídeos, a aranha retira de seu próprio corpo o líquido viscoso porém fino e transparente, que de forma paciente ela vai liberando para construir verdadeiras armadilhas para os insetos indefesos. Também é na sua teia que a aranha faz o seu descanso longe de possíveis predadores, é através dela, a partir da liberação ordenada de fios, que aos poucos a aranha produz caminhos para as árvores e tocas de pequenos insetos que servem de alimento.

Enfim, a aranha tem em seus fios a garantia da proteção, da alimentação, do abrigo e da condução a distintos espaços do ecossistema que habita. Mais ou menos desta forma vejo os discursos da mídia. Como uma teia fina, aparentemente frágil, pronta para ser contestada, mas, ainda assim bastante forte para servir de proteção e subsistência a alguns e de armadilha a outros. Bem, com esta metáfora da aranha e seus fios, é que inicio este tópico, tentando no desenrolar da escrita, acrescentar meus próprios fios para desta forma fazer uma reflexão crítica sobre o papel da mídia na vida das mulheres.

5.1.1 – Mulher de Meia Idade: Dominadas e Dominantes?¹

¹ Cada tópico deste capítulo apresentará apenas a análise dos discursos que mais se alinham com os objetivos de minha proposta. São citadas matérias que serviram de suporte direto ao trabalho e outras que foram lidas para comparação. Em cada sub-tópico escolhi uma matéria que será apresentada dentro do modelo de análise de Eco nos níveis de cooperação textual para servir de exemplo, levando em conta o número de matérias com temáticas e discursos semelhantes que apareceram em vários números das revistas de 1997 a 1999.

No espaço midiático das revistas femininas, homens e mulheres situam-se em duas extremidades totalmente opostas na escala de valores. Existe uma oposição de interesses como o dia e a noite. Quando se escreve sobre homem, invariavelmente se escreve sobre o espaço público que ele ocupa na sociedade, sua saúde ou suas falas com orientações voltadas para o que ele gosta ou o que detesta em uma mulher, alertando para o comportamento que o conquista. E, ainda que estejamos em um contexto já profundamente alterado com relação aos papéis femininos e masculinos, com questionamentos sobre o patriarcado e a superioridade do homem sobre outros grupos, a mulher das revistas femininas é vista pela sua utilidade enquanto mediadora do bem-estar da família (leia-se aqui bem-estar associado à manutenção do casamento a qualquer preço), reprodutora e um objeto de prazer para os olhos e o corpo masculino. A impressão que fica, é que a mulher que lê estas revistas é uma pessoa incapaz de viver sem proteção, tendo que ser compreensiva, bajuladora e conivente mesmo nas atitudes que reprovaria para si própria.

Reprodutora? Objeto de prazer? Incapaz e conivente? Como explicar isto frente ao movimento feminista e às lutas sociais que as mulheres encamparam nos últimos anos? Creio que posso construir minha argumentação, a partir da análise de uma das muitas matérias de Bárbara que escolhi para este estudo, que não se diferencia de outras matérias publicadas em Cláudia ou nas outras revistas citadas neste estudo. Mesmo tendo manchetes diferentes, as matérias com a mesma temática, possuem, não importando qual a revista onde esteja publicada, conteúdos e discursos muito semelhantes ao da matéria que será citada a seguir.

O texto “**Como Domar Seu Lobo**”ⁱⁱ, está inserido na classificação de matéria sobre comportamento e na categoria de jornalismo informativo/opinativo; foi escrito por Roberto Amado (este é um dos raros textos escritos por homem na revista Bárbara), em julho de 1997.

A nível de síntese (manifestação linear), o texto descreve as mudanças ocorridas no homem em nível comportamental, quando se encontra entre os 40 e 45 anos. O autor inicia-o analisando o comportamento dos lobos, animais predadores que, segundo ele, são amedrontados, frágeis, inocentes e com plena vocação para serem domados. O homem na madurez é comparado a este animal, necessitando de compreensão numa fase em que é seduzido por “tenras ovelhinhas”. As mulheres, segundo o autor da matéria, “se desejarem manter o casamento, em lugar de reagir de forma destrutiva, devem tentar trabalhar com compreensão, o que não quer dizer submissão”, “afinal, o lobo talvez nunca tenha estado tão indefeso, precisando como nunca de seu amparo e compreensão”. Casos são citados para reforçar a experiência e, antes de encerrar a matéria são apresentados alguns depoimentos, entre eles o de Antonia L. B. de 47 anos, que afirma, “não importa se vou ficar ou não com ele. Agora eu sei que, se quiser ter outro relacionamento, preciso me dedicar mais a ele”. As mudanças na mulher e no homem, em nível físico e emocional, são citadas, mas, na matéria, na crise das idades é à mulher que cabe o perdão, a cumplicidade e a culpa de não ter sido melhor para este companheiro, que também está envelhecendo.

Ao nível de contexto (circunstâncias de enunciação), esta é uma matéria assinada por um homem, Roberto Amado (um colaborador? um pseudônimo? Jornalista? Um especialista? Como em outras matérias, e diferente de Via Vida, Bárbara não apresenta a biografia de seu colaborador, mas recorre e cita psicólogas e outras especialistas (a maioria citada é mulher) para justificar suas afirmações sobre as transformações do

homem na madurez. O texto tem uma linguagem informal, com muitas expressões conativas (no imperativo), e é uma das poucas matérias onde não existe nem um produto à venda (cosmético, roupa ou qualquer outro objeto de uso pessoal).

No dicionário de base os termos e/ou expressões mais significativos foram: **domar, lobo, perdem a cabeça, compreensão, reprovação, predador, frágeis, inocentes, dóceis, necessidade, sobreviver, plena vocação, domado, crise, meia idade, ansiedade, provar, poder, sedução, juventude, presas jovens, recursos de predador, momento crítico, resgatar, crises pessoais, é normal, culpa, desgaste, intolerância, má comunicação, medo, cuidados, a crise é inevitável, efeitos demolidores, truques mágicos, qualidade do casamento, reaproximação, laços amorosos, aspectos destrutivos, cuidar-se, recuperar, tempo, sinceridade, verdade, intimidade, pequenos gestos, irritado, melancólico, amparo, cumplicidade, investimento, efeitos positivos, crescimento, cúmplices, diálogo franco, cuidado, boas intenções, prontidão.**

Exemplos de matérias com esta temática encontrei também em Cláudia, como cito no início, não tendo lido nas revistas Via Vida e Maturidade nenhuma matéria que trabalhasse esta fase masculina e o papel da mulher no que o autor chama de crise do lobo. A maioria dos textos que enfocam problemas masculinos, está relacionada a problemas cardíacos, diabetes e impotência, sendo que a temática tratada nesta matéria, onde se procura enfatizar perdas e medos emocionais masculinos, dificilmente encontra-se sem que se coloque a mulher como sendo a responsável pelo seu 'estado', bem como aquela que deve 'tratá-lo'. Os termos e expressões do dicionário de base sozinhos não estabelecem ainda o universo do discurso do texto, mas, é possível perceber que os mesmos estão repletos do que Eco denomina de postulados de significados, isto porque introduzem a leitora da revista na idéia principal do autor, que é a defesa do homem de meia-idade em sua crise existencial, havendo em cada termo ou expressão, propriedades a serem atualizadas (se aceitas) pela mulher, que discutem a responsabilidade da mesma nesta crise e o papel que deve assumir para manter seu casamento e sua segurança. Em outras palavras, neste nível de análise, a cooperação da leitora modelo é imprescindível, ela tem que se ver na situação e buscar na superfície dos termos, frases e expressões, os contornos sutis indicativos quase automaticamente da condição perigosa em que se encontra e da sua responsabilidade sobre o evento.

Quando se passa as regras de co-referência, o que antes era sutil passa a ser mais explícito, as frases não escondem da mulher a necessidade da sua compreensão e de como ela deve ser prestativa e atenciosa para evitar o que poderia ser devastador para ela, que é o fim do seu casamento e da sua segurança na relação. Frases como: **"Preste bem atenção no seu lobo: com certeza ele precisa mais da sua compreensão do que da sua reprovação"** (p.28), ou, **"É uma situação difícil para a mulher, pois só lhe resta enfrentar o sofrimento de ter sido traída, mas, se ela deseja manter o casamento, em lugar de reagir de forma destrutiva, deve tentar trabalhar com compreensão, o que não quer dizer submissão"** (p.30). Os exemplos citados são mais incisivos neste pedido de compreensão da mulher, bem como na sua culpabilização da situação, afinal, ela com a idade que tem deve aproveitar este momento de crise para descobrir os problemas criados por ela mesma.

“Ela teve um choque quando descobriu que o marido tinha um caso com uma bancária de 28 anos.

- ‘Fiquei arrasada, morrendo de raiva. Expulsei-o de casa sem ouvir explicações’.

Durante dois meses ela manteve-se atônita. Até que veio a luz.

- ‘Refleti sobre mim, sobre nós dois, e enxerguei todos os erros que cometi no casamento. Principalmente, descobri que o amava e o queria de volta’ (Depoimento de Denise M., 43 anos – p. 31)

Sujeição, dominação e violências simbólicas são encontradas segundo Bourdieu (1999)ⁱⁱⁱ em toda parte, em tudo. Para ele, existem estratégias de dominação e estas não se restringem apenas à falta de conhecimento, mas, nestes casos como se pode ver, existe o uso dos sentimentos de culpa e do medo que as mulheres têm de serem as responsáveis pelo fracasso no casamento ou de ficarem sozinhas, como uma forma de submetê-las. Neste texto, assim como em outros que a meu ver apresentam o perfil da mulher-leitora ou leitora – modelo, esta mulher que está na meia idade exerce um papel que é parte de um jogo onde as regras ainda são as mesmas ou pelo menos muito parecidas com as mesmas regras de antes das discussões de gênero, submissão e a desigualdade nas relações entre homens e mulheres, levantadas pelo movimento feminista. Como diria Foucault em sua *Arqueologia do Saber* (1969, p. 156 –157)^{iv}

**“num certo sentido, a peça representada neste teatro sem lugar é sempre a mesma: é aquela que repetem infinitamente os dominantes e os dominados...a relação de dominação não é mais uma relação em que o lugar onde ela se exerce não é um lugar. E é por isso, exatamente, que a cada momento da história, ela se fixa num ritual; impõe obrigações e direitos e constitui procedimentos cuidadosos”
(tradução livre)**

Ou seja, não importa há quantos anos estamos, desde que as mulheres passaram a se preocupar com o seu papel na sociedade e que o feminismo trouxe as conquistas que as mulheres têm podido usufruir; isto não significa a assimilação das idéias, a defesa ou mesmo a consciência de que algo mudou nestas relações, e de que assim como ela, o homem também tem sua cota de responsabilidade no viver em comum dos dois. A família, aos meus olhos, parece continuar sendo uma responsabilidade da mulher: a busca pelo diálogo, pela compreensão, paciência, tolerância. Assim como, e penso agora em termos de procura pelos serviços de saúde, a busca pela saúde de si e da família. Responsabilidades nem sempre divididas, ainda que ela tenha uma jornada de trabalho tão grande quanto a de seu companheiro. Raros, e falo agora de minha experiência

como enfermeira em centros de saúde, foram os homens que vi acompanhando suas esposas ou trazendo sozinhos seus filhos para uma avaliação ou tratamento. Mesmo entre as intelectuais ou entre as que têm condições sócio econômicas para uma vida mais estável, encontrei este sentimento de culpa e de exagero nas responsabilidades por não conseguir manter o que seria considerado uma vida estável ou um casamento.

Toda esta realidade é parte de um contexto atual; em 1997 esta matéria foi publicada, bem como outras com o mesmo teor em outros números da mesma revista, de 1998 e 1999. A temática e as ‘falas’ vêm sendo repetidas como que para reforçar um discurso que a sociedade não quer que as mulheres esqueçam: vocês estão livres em parte, ainda cabe a vocês a responsabilidade pela felicidade e continuidade da família.

As seleções contextuais e circunstanciais falam de um tempo presente, quando homens e mulheres estão entrando no grupo etário conhecido como de meia-idade ou madurez: **“fatos assim ocorrem com frequência com casais de meia-idade – época da vida que favorece uma explosiva combinação de condições propícias para esse tipo de comportamento”** (p.28), **“ambos, marido e mulher, passam por um momento crítico no qual se defrontam com a necessidade de resgatar suas próprias identidades e com a ansiedade de se reestruturarem para enfrentar a segunda (e talvez a melhor) metade da vida”** (p. 28).

Outras matérias analisadas como **“Salve Seu Casamento”**, **“Vida Real: Casados Há 20 anos. E felizes!”** ou **“Boa Notícia: Um Novo Acordo Pode Salvar Seu Casamento”?**”, reforçam essa idéia de que na meia-idade a mulher tem que ceder, tem que dialogar, tem que saber que os dois estão em crise e que ela como a pessoa mais forte deve aprender a controlar seus acessos destrutivos para manter o casamento. As matérias que tratam desta questão, trazem quase sempre, depoimentos masculinos, e estes falam da sua mulher ideal ou de como a sua mulher ficou mais bonita, mais sensual com o passar dos anos. Estes mesmos depoimentos, ao mesmo tempo, colocam regras de como a mulher deve se comportar e se vestir para permanecer sendo a “musa” de seu homem. Os estereótipos de megeras ou de pessoas que necessitam de um par para viverem plena e feliz estão presentes em toda a revista. Assim como o discurso patológico da meia-idade, no qual todos os problemas ocorridos têm a ver com a idade e podem ser resolvidos com terapeutas, geriatras, gerontólogos, ginecologistas, enfim, novamente se mostra a mulher como ela é, uma pessoa que vive uma liminaridade perigosa, uma pessoa não capaz de resolver suas próprias vivências. Isto é um problema do machismo ou de uma época onde tudo é vendido e as pessoas sentem necessidade da auto-ajuda através de livros ou da orientação de uma terceira pessoa, normalmente um profissional especialista ?

As frames ou encenações comuns intertextuais apresentam um pouco as circunstâncias na qual é possível ver a representação de situações estereotipadas ou insinuadas. Por exemplo: **“de repente a esposa descobre, chocada, que o marido anda saindo com meninas sapecas e assanhadas, tão jovens quanto sua própria filha. Talvez com muitas ou, o que é pior ainda, com uma só. E daí o casamento e a casa caem”** (p. 28). O Primeiro estereótipo: “meninas sapecas e assanhadas”, por quê? Afinal, o fato de serem jovens, bonitas e sedutoras, não as fazem sapecas e assanhadas. Uma relação se constrói quando duas pessoas querem, marido e ‘meninas’ quiseram, cada um com suas necessidades e com seus problemas. No entanto, a

mulher, não importa qual a idade, ao ser a “outra”, passa a ser diferente, megera, vulgar, uma pessoa não confiável que corre atrás de sua presa. Enfim: culpada!

A insinuação de que a escolha de várias mulheres como namoradas não coloca o casamento em perigo, me recorda velhas lembranças da adolescência, quando minha mãe com suas amigas diziam que os homens só se interessam por sexo, e enquanto eles quiserem só sexo não há o que temer, o perigo é quando eles se interessam por alguém e ficam com apenas esta pessoa mesmo depois que já a conheceu sexualmente. Em cima destes comentários elas deixaram-me a lembrança, hoje revivida com este texto, de que apesar de chocadas, as mulheres só devem se sentir traídas quando o homem buscar em uma outra mulher mais do que sexo. A eles, apesar da dor que causam, é permitido a convivência sexual com outras, desde que sempre retornem ao lar, à segurança, ao sexo honrado e decente. Sei que estas são inferências de situações colocadas na matéria e também parte de minhas próprias lembranças e vivências, mas, vejo, que segundo a mídia, estas são situações ainda muito reais no cotidiano das mulheres.

As hipercodificações ideológicas resgatam constantemente a necessidade de sermos pacientes, coniventes, visto que somos sempre as que seduzem ou que destróem ou que erram. Eles estão em crise, nós somos as culpadas. Eles saem com outras, por que nós deixamos e elas seduziram. Eles tem boas intenções mesmo com a “outra”, ela é que foi egoísta e insensível. **“Pronto: lá está o marido quarentão seduzido por tenras ovelhinhas”** (p.30), **“a crise é inevitável e tem efeitos demolidores”**(p.30), **“se você for a outra tome cuidado, ele pode estar cheio de boas intenções...o lobo está confuso... ele tanto pode decidir-se casar com você, quanto pode, simplesmente, virar as costas e desaparecer na floresta, como animal selvagem que é”** (p. 31). Quarentão seduzido , a crise é inevitável , efeitos demolidores , tome cuidado , boas intenções , o lobo está confuso, animal selvagem , são posicionamentos ideológicos de uma situação no qual a vítima é o homem, aquele que toma as decisões por ser ele o lobo, o chefe da matilha. A mulher de meia-idade está rodeada de inimigas mais jovens que são aconselhadas a cuidarem-se, mesmo assim os efeitos são demolidores porque a mulher pode, segundo as ‘falas’, perder sua segurança. Ela é culpada:

“ Eu acredito que é só uma fase, que ele vai desistir dela e pedir para voltar. Sei que preciso ser compreensiva, que também contribui para a separação, que fui sempre autoritária, egoísta e acomodada. Mais acho que é tarde demais. Fidelidade para mim é essencial. Não sei se vou conseguir tocá-lo de novo depois de tudo”

Ela continua esperando seu príncipe, acredita que ele vai pedir para voltar, se culpabiliza pela separação (nada é dito sobre ele e segundo o autor da matéria, ela chegou a esta conclusão porque teve a felicidade de encontrar um terapeuta que a fez identificar seus problemas). Mas ao mesmo tempo diz que a fidelidade é essencial, que não poderia tocá-lo novamente depois de tudo. Aqui o sentido de fidelidade retoma a velha concepção de que o homem é infiel quando assume um único relacionamento ousado, como o lobo predador, o animal selvagem que vai de uma mulher a outra seguindo o que é normal para sua espécie.

As **estruturas discursivas** confirmam muitas das afirmações que fiz até o momento e remetem-me a artigos como os de Nunes (1998)^{vi}, que falam de um senso comum popular no qual as mulheres são vistas como seres sofredores, que nasceram para sofrer, esperar, padecer, porque esta é a sua missão. Segundo a autora, “argumenta-se que para que a mulher seja capaz de suportar tantas provações, a natureza dotou-a de uma maior capacidade de experimentar sofrimentos” (p.228). Ao mesmo tempo, o imaginário social, criou também uma dupla imagem da mulher. Existe a mulher imponderável, ambígua, promíscua, ladra da felicidade alheia e adúltera; assim como existe a santa, a mãe, a fiel, aquela que assume as culpas e as responsabilidades pelos problemas familiares. Quanto mais os anos passam, mas ela pode ser colocada no pedestal de sofredora e maravilhosa. Nestes casos, assexualizada, com necessidades restritas quanto ao sexo, mais com necessidades aumentadas quanto à sua capacidade de suportar o sofrimento, de estar sempre tranqüila, em harmonia com todos e feminina (leia-se como sinônimo de bonita, delicada, submissa).

Frases como “**mais vale recuperar, enquanto é tempo**”, “**pequenos gestos ajudam**”, “**ele chega cansado do trabalho, irritado ou melancólico, e, não importa o que esteja fazendo, você pára para lhe oferecer uma bebida e uns instantes de atenuação**”, “**tentar ouvi-lo e compreendê-lo, dar amparo e cumplicidade**” (p.30), são **topics**, parte das estruturas discursivas, que, no entender de Eco, são lexemas, termos ou expressões de conteúdo semântico que o(a) leitor(a) atualiza, dando o significado que lhe serve, podendo este estar incluso ou implícito no texto. Isto não quer dizer que a leitora deste texto possa dar o sentido que quiser ao texto. Normalmente, ainda segundo Eco em “Lector in Fabula”, as interpretações que são geradas estão inseridas nas estratégias do contexto em que ela se situa. Na verdade, para ele, o **topic** disciplina, contextualiza uma situação e orienta a direção das ‘atualizações’ que o(a) leitor(a) irá fazer no texto. Entendendo atualizações como o sentido e/ou significado do termo ou expressão ambígua que se apresenta no texto. E onde está a ambigüidade nas expressões e frases colocadas acima? Para mim, fica claro ali o sentido de que a separação de um casal e a prevenção das possíveis escapadas do companheiro, podem ser resolvidas se a mulher fizer a sua parte. Voltamos novamente às qualidades que afirmam serem inerentes a mulher: compreensão, paciência e submissão. O **topic** aqui, limita bastante, a meu ver, os limites das interpretações: só um caminho é mostrado à mulher para que salve seu casamento.

Nas **isotopias**, isto se confirma com as palavras guarda-chuva ou palavras-chave que cobrem ou confirmam as orientações que são dadas à mulher, bem como seu comportamento considerado ‘errado’ para a situação: **compreensão, culpa, tolerância, responsabilidades, sedução, atraente, pequenos gestos, submissão, enfrentar o sofrimento, havia abandonado, fui autoritária, fui egoísta, fui acomodada.**

Finalizando, a análise deste texto, observou-se que um texto escrito, supostamente por um homem, coloca o ponto de vista masculino de uma situação que tem os dois lados da moeda. Socorre-se o homem em sua meia-idade e ele, por sua vez, socorre a sua mulher? É colocado para ele sobre como ele deve fazer para conquistá-la, para manter com ela laços de cumplicidade, além dos laços sexuais?

O título da matéria já diz tudo, cabe à mulher domar e segurar o que lhe foi presenteado na vida, esta é uma **macro-proposição**, não havendo necessidade de recuperar nenhuma outra no texto. A temática central, embora apresentada com palavras simbólicas “**Como Domar o Seu Lobo**”, não poderia ser trocada

por nenhuma outra com significado diferente. A idéia está clara e direta: como a mulher pode garantir seu casamento, como a mulher pode segurar seu marido. E os personagens (**estruturas actanciais**), estão bem caracterizados:

1. homem de meia-idade: lobo, predador, inocente, frágil, indefeso, medroso, com conflito de idade e identidade, facilmente seduzido, confuso, bem intencionado, animal selvagem;
2. mulher de meia-idade: vive errando, não aberta ao diálogo, não se dedica suficientemente ao marido, responsável pela separação, egoísta, responsável pela continuidade da família, uma sofredora, uma domadora se mudar;
3. meninas jovens: juvenzinhas, sedutoras, sapecas, assanhadas, bobocas, objeto sexual.

Como finalizar este tópico? Acredito que a mídia, do ponto de vista ideológico, atribui valores (**estruturas ideológicas**) através das palavras e imagens, produzindo com isto perspectivas, métodos de condução da vida de cada um de nós e 'verdades', organizadas e colocadas à disposição das leitoras, constituindo, desta forma, práticas com propriedades prescritivas, moldadoras e fixadoras de realidades. Define-se o que é certo, o que é errado, selecionam-se conteúdos, condutas e tenta se legitimar isto através da palavra ou, como diria Bourdieu (1998), delega-se autoridade a um porta-voz para que este apresente o que é aceitável na situação dada.

Desta forma, é produzida não apenas uma situação, mas a identidade de quem participa dela. Existe um poder estabelecido que, no caso da temática escolhida aqui, não se situa na ordem do afrontamento e sim na ordem do governo. O poder e a governabilidade das ações de outra pessoa, pelo controle, pela dependência, pela consciência, que lhe é ensinada e resguardada como verdade. Mesmo na atualidade, quando as mulheres se deparam com os discursos sobre a liberdade alcançada após o crescimento dos filhos, a melhor idade para novos hobbies, para estudar, para comprar o que deseja, enfim, nada mais contraditório de se dizer, quando se publica, no mesmo texto onde estas palavras são colocadas, uma série de orientações que demarcam de forma muito clara até onde vai esta suposta liberdade.

Como diria Bourdieu (1998), a força do domínio masculino dispensa justificativas, ela existe, e dominados e dominantes ainda aceitam o jogo que faz parte deste discurso, legitimado pela argumentação nem sempre coerente ou real, mas ainda assim, legítima para o imaginário social.

5.1.2 – Mulher de Meia-Idade: Falas e Silêncios

Madureza, menopausa e velhice, os fenômenos de transformação de homens e mulheres do final do milênio, fazem parte de um processo que vem exigindo uma maré de ações comunicativas. E isto ocorre porque se considera em jogo não apenas a divulgação do crescimento populacional, mas, também, os

problemas e as expectativas relacionadas a estas projeções sobre quem envelhece, onde envelhecem e o que se ganha e o que se perde, com o aumento da população envelhecida, neste final de século.

O que está em jogo afinal? A diminuição de um bom contingente de pessoas consideradas ativas? O aumento dos gastos públicos com saúde? A formação de especialistas para atender as expectativas e os problemas desta realidade? Como lidar com este processo de vida, quando as pessoas são acostumadas com a idéia de que com a juventude se tem beleza, qualidade de vida, saúde e bem-estar? Estas questões colocam uma perspectiva no mínimo desconfortável, quando sabe-se que é possível uma degradação visível e inescapável do corpo, sob o efeito de doenças comuns nos corpos amadurecidos, envelhecidos como consequência do abandono, da fome e das aposentadorias irrisórias.

A imprensa, diante das muitas manifestações levantadas pelos especialistas, pelas campanhas governamentais e não governamentais, e pela divulgação em eventos científicos das mudanças na família brasileira, além do crescimento numérico da população envelhecida, começou a dar sinais de que este tema também era de seu interesse. Assim, jornais e revistas semanais e mensais, do tipo informativa ou feminina, passaram a divulgar informações dedicadas às mudanças físicas e emocionais nos corpos e nas cabeças... principalmente da mulher.

Nos últimos cinco anos, destacadamente, a imprensa feminina, em quase todos os lugares do mundo, começou a falar da mulher que envelhece, como pauta obrigatória, presente, inicialmente, em matérias especiais em revistas já circulantes no mercado editorial, para, em seguida, iniciar o lançamento de revistas especializadas. Em contrapartida, as revistas masculinas, seguindo o modelo masculino vigente, pouco ou nada discutem sobre esta questão. Foi nas revistas femininas pesquisadas para este estudo, que encontrei em alguns momentos, algumas falas sobre a velhice masculina, em matérias onde se enfatizavam os problemas de saúde e problemas ligados à impotência.

É nesse contexto, que a questão sobre o envelhecimento parece ser algo que privilegia apenas as mulheres. Formulei até uma hipótese de que as falas sobre o envelhecimento saudável são qualitativa e quantitativamente diferentes em revistas femininas e masculinas. Na verdade, estes dois tipos de revistas constróem dois discursos diferentes, no qual fica claro a perspectiva aparentemente privilegiada da mulher, por um lado, pelo contingente de informações que recebe, mas por outro, pode ser algo extremamente negativo, como é possível deduzir a partir do tópico anterior, se levarmos em conta, as normas e regras que são impostas na forma de orientação. A velhice parece ser um privilégio difícil de ser absorvido como um fenômeno masculino, mas, altamente em aberto, fora da esfera privada, para as mulheres.

A revista Bárbara é, provavelmente a primeira revista feminina que trabalha voltada quase que exclusivamente para um público de mulheres que estão naquela liminaridade, ou seja, a transição ou transformação da mulher da faixa jovem-madura para a de jovem-idosa. Ter o envelhecimento como tema não implica que este apareça explicitamente; através da elipse de informações que são parte do universo das revistas femininas, os autores das matérias criam, em relação a temática velhice, novas formas de percepção e abordagens. A velhice, embora pouco "falada", está fortemente presente em cada matéria, numa produção

discursiva e ideológica, sobre como cada mulher deve envelhecer, da sua responsabilidade de envelhecer bem, assim como da necessidade de buscar todos os recursos possíveis para permanecer como os personagens apresentados pela revista.

Por isso, a necessidade de escrever sobre as realidades positivas de envelhecimento, em Bárbara, assim como em revistas como Cláudia; cada conselho mostra e marca uma arena em que os discursos do real e do desejo unem-se, desviam-se e confrontam-se, sendo que os discursos médico, geriátrico e gerontológico são utilizados para reforçar a responsabilidade individual atribuída às mulheres que se encontram neste processo. É importante observar que a velhice pobre e desamparada raramente é referida nas páginas deste tipo de revista. A exceção são as matérias do tipo da que existe em Bárbara com o nome de “Solidariedade”, que se encontra em suas páginas finais, solicitando ocasionalmente auxílio para instituições asilares, no meio de outros pedidos para entidades que assistem situações diferentes.

O próprio termo “envelhecimento” é raramente usado ou lembrado. Vale recordar o que foi colocado no capítulo anterior sobre a retirada do subtítulo de Bárbara: “A Vida Começa aos 40”, no final do segundo ano da revista, em dezembro de 1997. Do ponto de vista simbólico, pode-se inferir este como sendo o primeiro silêncio explícito da revista., quando parece que aqueles que a planejaram, assim como talvez seus patrocinadores, tenham visto este “slogan” como algo que poderia dificultar a publicidade na revista de produtos para mulheres mais jovens. Por isso, levando-se em conta o que a revista oferece hoje (sem haver feito uma consulta aos editores da revista, algo fora de nossos objetivos neste momento), levanto a hipótese de que a retirada deste subtítulo amplia a divulgação de determinados produtos, assim como o aumento do número de leitoras, com o alcance de faixas etárias consideradas de jovens, citadas no editorial de aniversários do segundo ano da revista, como estando na faixa etária de 15 a 35 anos:

“ A partir da constatação de que as mulheres maduras estavam abandonadas pelas revistas (Bárbara nasceu). De fato, todas as femininas cuidam da beleza, sugerem moda, falam de comportamento e oferecem viagens para jovens de 15 a 35 anos”^{vii}

Mas, embora pouco “dito”, o termo envelhecimento está presente em quase todas as matérias, principalmente naquelas em que há orientação para cuidados específicos ligados à saúde, estética e comportamento. Em todas as matérias dentro desta classificação, analisadas com os recursos oferecidos por Eco, há um medo pela idéia do envelhecer feminino, que se reflete na tentativa de metamorfosear este processo, através do que considero como sendo uma estranha obsessão pelos recursos “disfarces” como a realização de plásticas, o uso de cremes, a realização de dietas especiais (todo mês há uma inédita que promete cumprir o que a do mês anterior não pode realizar!!!), exercícios físicos e outros cuidados, que podem ser importantes, se vistos em um contexto específico, e não como uma obrigação ou algo que, no primeiro momento, parece acessível a todos os bolsos. Para reforçar a orientação de alguns cuidados estéticos tidos como “importantes e indispensáveis” à mulher moderna, e que têm custos financeiros relativamente

altos para a maioria das pessoas, são oferecidas informações sem garantias dos resultados ali sugeridos, com o propósito óbvio do convencimento e da persuasão:

“A drenagem linfática melhora até a imunidade. Estudos americanos recentes provaram que pacientes aids submetidas a sessões de drenagem tiveram o edema de dentro dos gânglios diminuídos e conseguiram se defender melhor do vírus HIV”^{viii}

Ora, este tipo de informação tem caráter bastante duvidoso, embora a nível de contexto da matéria (**Circunstâncias de Enunciação**), a autora do texto utilize uma linguagem considerada como própria do jornalismo científico, citando termos da área da saúde, nome de especialistas e instituições conhecidas e desconhecidas, que ressaltam o caráter “sério” e “autêntico” da informação oferecida. No caso específico desta matéria sobre drenagem linfática, o tratamento apresentado é realizado por pessoas de formação universitária, fisioterapeutas e dermatologistas, algo difícil de ocorrer nos salões de beleza e estética da maioria dos espaços destinados para este tipo de tratamento nas cidades brasileiras. Outro ponto importante é sobre a veracidade da informação acima. Ora, o que verifiquei sobre drenagem linfática, inclusive entre profissionais que o fazem, é que esta não é indicada para pessoas que tenham problemas imunológicos, tais como câncer ou ser portador do vírus HIV, por se considerar a possibilidade de, através da massagem profunda, promover a movimentação de gânglios afetados, levando, talvez no caso de câncer, a entrada de células doentes na corrente sanguínea. Assim, vejo como um mascaramento que se fale tão pouco sobre o risco das mulheres se contaminarem com o vírus HIV (como veremos em discussão posterior), e ofereça este tipo de informação sem uma reflexão sobre a veracidade do que foi dito e com a autoridade de ser um periódico de circulação nacional, que cita especialistas e instituições sem, contudo, garantir ter este conteúdo saído destas fontes.

Como lembra Bourdieu (1998, p.87)^{ix}, um enunciado pode muitas vezes mudar o mundo através da descrição e afirmações tidas como verdadeiras em função do porta-voz que as faz, alguém ou uma instituição ou um periódico, que passa a ser a autoridade do discurso autorizado sobre determinado tema,

“ o poder das palavras é apenas o poder delegado do porta-voz cujas palavras (quer dizer, de maneira indissociável, a matéria de seu discurso e sua maneira de falar) constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia da delegação de que ele está investido”.

Em outras palavras, a revista, mesmo se isentando da responsabilidade da informação (como é possível verificar, em nota com letras minúsculas no quadro de apresentação da revista, p. 4, ao lado do

editorial), emitida em artigos assinados, é a porta-voz de uma informação que pode ser perigosa à saúde e à vida das mulheres que lêem o artigo. Isto, porque o papel de porta-voz, seguindo o pensamento ainda de Bourdieu, permite a um periódico como *Bárbara* transformar opiniões, definir, validar ou silenciar sobre algumas práticas sociais.

Nesta matéria, assim como em outras, as regras de co-referência, confirmadas pelas frames, demonstram como se utilizam palavras e frases, que podem ser vistas de forma ambígua e estereotipada. Exemplos como (Corpo Enxuto) os que estão a seguir:

“Eles funcionam como uma espécie de ‘bueiro’

“É o ‘sangue sujo’, que transporta gorduras e outras impurezas”

“A técnica elimina as toxinas e ajuda a equilibrar o organismo”

Estas frases ou expressões com o mesmo teor, reforçam a idéia, ainda muito forte no imaginário social e entre as mulheres, de que são impuras, de que seus corpos são sujos, ou que necessitam sempre de ajuda para se manterem lindas, maravilhosas e castas neste corpo poluído. Na concepção de Mary Douglas (1976)^x, estas percepções de poluição feminina, na maioria das sociedades humanas, não são atribuídas aos homens, valendo apenas para mulher como um valor moral, uma regra que lhe é imposta desde o nascimento até a menopausa, principalmente. É como se em função do pecado original, continuassem a cobrar da mulher cada momento passado fora do paraíso. A velhice, nestes casos, é apenas mais um detalhe, porque nas revistas dirigidas ao público jovem também existem receitas e modelos de transformação a serem seguidos. A diferença está na forma como as palavras são colocadas. Às mulheres que estão entrando na madureza, os termos utilizados para designá-las remetem à idéia de deterioração física e os cuidados indicados são mais invasivos, dolorosos e caros.

Assim, para uma revista feminina, voltada para um público de 40 anos, a idéia de aceitação e participação social, está vinculada diretamente aos rituais de passagem que se iniciam com uma revisão de vida (“**40 Anos, Momento de Revisão**”, “**Ano Novo, Cama Nova, Um Pacote de Reformas Para esquentar a Sua Vida Sexual**”), passam pela obsessão pelos cuidados estéticos e de beleza (“**Venãa o Medo de Envelhecer**”, “**Energia em Alta**”, “**Sempre Jovem**”, “**Seios Exuberantes – Um Guia Completo Sobre a Operação de Aumento de Mamas**”). Só ocasionalmente, encontram-se textos observando, por exemplo, cuidados com a AIDS (apenas uma matéria: “**Mulheres & AIDS**”^{xi} e uma nota em 10 linhas sobre o uso do preservativo masculino), nos três anos de circulação da revista. Em outras matérias, em que existe a discussão sobre algum problema de saúde como osteoporose ou diabetes, quase que imediatamente a matéria faz uma ligação do problema com algo que se relacione a estética ou a beleza.

A equação envelhecimento igual (=) a doença é uma temática que decididamente se evita nos textos das revistas femininas (são comuns nas revistas *Via Vida* e *Maturidade*). Não se sabe se é porque esta ligação remete à idéia de pobreza e falta de beleza, ou porque este tipo de preocupação é um assunto novo para este

mercado editorial e eles ainda estão observando o que é vendável e interessante para a leitora-modelo deste tipo de periódico.

Vale lembrar, que termos como “terceira idade” e especialidades como geriatria e gerontologia têm uma criação muito recente e somente nos últimos 10 anos é que foram transpostos de uma linguagem eminentemente médica para este mundo dos jargões jornalísticos. Isto ocorre em um momento, onde os aspectos binários e valorativos do envelhecimento são apresentados de forma a serem aceitos mais rapidamente por esta população que está se preparando para fazer parte deste contingente considerável de pessoas envelhecidas.

Levando-se em conta tudo isto e refletindo em cima do texto de Foucault (1985)^{xii}, percebe-se que as revistas estão tratando da questão envelhecimento como algo relacionado a uma urgência em retardar este processo, adotando normas e condutas de um “cuidado de si”, principalmente estético, ou seja, com enfoque na beleza e na juventude. Na sociedade, temas como menopausa e reposição hormonal, são em muitas ocasiões, associados não apenas a uma construção social da madureza ou idade adulta feminina, mas também ao medo, que Cícero já tinha, de envelhecer e ser considerado um inútil social. No caso das mulheres, como a imagem feminina ainda está por demais associada à reprodução, sair desta função biológica pode significar perder um papel “útil” nesta sociedade.

Assim, o “cuidado de si” estético, passa a ser uma responsabilidade que as mulheres que entram neste grupo etário são obrigadas a assumir, para permanecerem com um papel social, num momento de suas vidas considerado como um estado “patológico”(Oliveira, 1999, p. 79)^{xiii}:

“ a menopausa é vista como um estado “patológico”. É uma etapa definida por características negativas e não positivas. É uma etapa em um processo de crescentes perdas, uma fase em que o corpo perde seus mais valiosos atributos: vigor, massa óssea, libido, hormônios etc. Essas perdas e faltas sinalizam o envelhecimento físico e revelam que o fim da vida está chegando. Diante desse desafio, a medicina moderna propõe-se a vir em auxílio às mulheres, prometendo repor as substâncias bioquímicas que o corpo feminino parou de produzir em níveis adequados. Um segundo aspecto da visão médico-farmacêutica da menopausa diz respeito aos efeitos esperados das terapias hormonais. Como resultado dessas terapias, há uma expectativa de que os sinais físicos e emocionais desagradáveis do envelhecimento fisiológico desapareçam. Uma pílula mágica usada diariamente é vista como capaz de restaurar a juventude, anular o fantasma do envelhecimento, estimulando a fantasia de uma juventude duradoura para sempre”

Por aceitarem este tipo de discurso, é que as mulheres silenciam, inclusive nas revistas idealizadas por elas, sobre os efeitos negativos deste tipo de “auxílio” fornecido por indústrias da “saúde”. Estas indústrias, repletas de especialistas, se organizam para influenciar na subjetividade do sujeito mulher, controlando-as através de responsabilidades cobradas, que visam, única e exclusivamente, aumentar um mercado de vendas de produtos, ora voltados para os “distúrbios” da menopausa, ora para o declínio físico feminino.

Quando Foucault (1985), falou sobre o “cuidado de si”, por volta dos anos 80, nos cursos que ministrava no Collège de France, intitulados respectivamente “Subjectivité et Verité” e “L’Herméneutique du Sujet”, afirmava que a questão do cuidado de si é como um cruzamento entre a história da subjetividade de cada um e as formas de governabilidade e de controle das instituições sobre as pessoas. Ou seja, não deve-se ser ingênuo a ponto de imaginar que as pessoas estão decidindo sozinhas e de forma absolutamente independentes esta relação de cuidados consigo (Eizirick, 1997)^{xiv}.

O pertencer a si, o ter domínio sobre si, está sob a vigilância da sociedade que através da mídia, incentiva a adoção de formas de consumo e estilos de vida considerados adequados a um modelo que vem sendo construído socialmente e produzido midiaticamente, de homens e mulheres de mais idade. Vale lembrar que, apesar de estarmos focalizando especificamente a mulher de meia-idade, não é a idade em si um marcador determinante dos comportamentos e mudanças no estilo de vida. Desde a juventude já se incentivam técnicas de manutenção corporal através, por exemplo, de alimentos ditos saudáveis, ginásticas, complexos vitamínicos, cursos e encontros onde se possa receber mais instruções de como envelhecer com saúde.

Foucault leva-me a considerar que estes discursos, seja o midiático ou os ligados aos especialistas (geriatrias e gerontólogos), auxiliam na produção de um personagem, dotando-o de um corpo, um passado, uma face e um caráter definidos. Se a pessoa que está envelhecendo, no nosso caso a mulher, foi em um determinado período, alguém que não assumiu as regras de conduta estimuladas, ela é culpabilizada e lembrada que sua conduta pode significar uma velhice com problemas, que podem demandar a necessidade de cuidados de terceiros, com altos custos para ela e sua família.

Embora as revistas como Bárbara e Cláudia não façam uma reflexão explícita sobre esta problemática (Via Vida e Maturidade o fazem), é possível perceber que esta identidade criada é dirigida quase que exclusivamente à mulher. Cada matéria propõe algo, o que me remete a Foucault novamente, e faz-me refletir sobre a sua fala acerca das formas de governabilidade, através das quais as pessoas, as instituições e as diversas ciências que estudam o ser humano, conduzem a um conhecimento de si e a experiências com práticas através das quais pode-se adquirir determinados conhecimentos, transformando-os em verdades e em princípios permanentes de vida (num dado contexto histórico de tempo e espaço), sendo importante pontuar que estas formas de governabilidade ou tecnologias, representam o poder das instituições sobre o ser humano, funcionando assim: operam sobre alguém para produzir efeitos desejados em todo um grupo.

Por outro lado, embora seja óbvia a manipulação da mídia nestes discursos de orientação, principalmente, dirigido às mulheres, não é possível analisar estes fatos sem levantar o lado positivo dos discursos midiáticos. As mulheres terminam tendo um número de informações bastante grande sobre esta etapa da vida que é a maturidade, sendo que muito raramente se escreve sobre estas fases com relação ao homem, e muito mais raro ainda é a formação de grupos de homens para discussão de suas vivências (existe um primeiro grupo formado por Nolasco no Rio de Janeiro, que além de estudar questões ligadas à masculinidade, formou um grupo de apoio a homens descasados, homens da geração “orgasmo”, cuidadores de filhos etc.), algo relativamente comum entre as mulheres que através dos serviços de saúde, participam às vezes de vivências de sensibilização e oficinas em que suas dúvidas sobre as mudanças biológicas, psicológicas e sociais são discutidas.

Quem já trabalhou em instituições de saúde sabe muito bem que não existem programas explícitos sobre a prevenção de problemas masculinos. No entanto, a mulher desde a infância, é assistida por programas de toda ordem (saúde da mulher dos 13 aos 50, pré-natal, acompanhamento pós-parto, entre outras especificidades de atendimento) e, salvo as críticas que existem sobre as razões para tantos programas dirigidos à mulher, não há como comparar o que se organiza para esta e o que não se faz para assistir o homem.

O que não implica dizer que estes programas produzidos para a mulher, sejam realizados por respeito a ela, ou por entender que esta mulher é importante na estrutura social vigente. É possível que tantos programas reforcem mais ainda a idéia da responsabilidade pessoal do “cuidado de si”, cabendo à mulher, mais uma vez, uma série de responsabilidades, incluindo-se aqui a de ter uma velhice saudável a fim de garantir a permanência da estabilidade da família. Não existe em nossa sociedade lugar para uma velhice que possa ser vista como algo proveniente do descuido pessoal. Qualquer problema de saúde pode ser considerado como fruto de transgressão, não merecendo piedade e até mesmo cuidados permanentes de sua família. Justifica-se, assim, em muitas destas situações, a internação asilar, o abandono em hospitais, o tratamento frio e acusador de algumas enfermeiras e médicos durante as internações hospitalares.

A meu ver, muitos dos discursos contidos em revistas como *Bárbara* estão repletos das concepções autopreservacionistas do corpo que, penso, são diferentes, embora não muito, dos discursos dos especialistas. Explico: as revistas reforçam o discurso da preservação mais externa e a ciência da gerontologia e da geriatria, da preservação da decadência mais interna e permanente. Entretanto, nos dois discursos, vejo que a estética é, em muitas situações, o motivo que prevalece para muitas pessoas como importantes enquanto um cuidado de si, numa paranóia grande de obter e receber cuidados nem sempre necessários ou aplicáveis a todas as pessoas.

Em meio a tudo isso, muitos temas importantes são vistos a partir da moral permitida pela sociedade ou pelo que Citelli (1999, p. 35)^{xv} chama de o “discurso autorizado”, que é aquele carregado de uma aparente neutralidade e cuja validação é assegurada pela cientificidade. Estas matérias estão inseridas no modelo denominado de jornalismo-científico, que é escrita com esquemas textuais típicos de caráter de pesquisa (para ‘fazer-saber’), sendo suas afirmações precedidas das afirmações do doutor, do professor, do cientista,

enfim, de um especialista que garante a autoridade do que foi escrito. Isto, do ponto de vista de Citelli (*idem*), ajuda a perpetuar as relações de dominação entre os que ditam as falas; quando o que está escrito não é corroborado por um especialista o discurso fica entregue a uma espécie de marginalidade discursiva: um reino do silêncio ou de vozes não ouvidas.

Entre as muitas ‘falas’ permitidas ou autorizadas, têm-se as muitas matérias sobre sexualidade que enfatizam, principalmente, as formas de seduzir e manter um relacionamento amoroso heterossexual após os 40 anos; não existe em nenhuma matéria de Bárbara, Cláudia, Via Vida e Maturidade, um resgate das relações homoeróticas (orientação sexual de pessoas do mesmo sexo, sejam as relações masculinas – gays, ou femininas – lésbicas) e bissexuais.

É marcante a ênfase na necessidade da mulher de fisgar um homem, de fazê-lo seu a qualquer custo, de tentar de tudo para mantê-lo ao seu lado, como se isto fosse algo absolutamente necessário à estabilidade e equilíbrio femininos, não tendo nada de diferente de outras matérias que li em revistas na década de 70 e 80. Nas estruturas discursivas das matérias, nos topics encontrados, as palavras, termos e frases analisadas, reforçam a idéia de que a mulher ainda precisa de um homem para acompanhá-la e ditar as regras, como é possível perceber no registro da análise da matéria que apresento a seguir.

No texto “**Eles Ensinam Como Acertar no Primeiro Encontro aos 40**”^{xvi}, temos uma matéria da categoria informativa/opinativa. Em nível de síntese (manifestação linear), o texto apresenta o depoimento de cinco homens dando dicas sobre como as mulheres devem se comportar no primeiro encontro com eles. O que consideram imperdoável no quesito visual, os tipos de perfumes que gostariam que elas usassem, os assuntos que podem levantar, como se relacionar sexualmente com eles e o tipo de iniciativa que consideram adequado. Não deve, de preferência, demonstrar ansiedade, comer demais, tomar bebidas alcóolicas, fumar ou tentar dividir a conta se não for íntima. O quesito pontualidade é fundamental, homens podem atrasar alguns minutos por causa de suas preocupações e ocupações, já as mulheres não especulam sobre esta possibilidade.

Esta matéria, ao nível de contexto (circunstâncias de enunciação), é assinada por Ângela Oliveira, com dados coletados através de entrevistas com cinco homens separados e divorciados. Nos depoimentos, eles colocam suas dicas e ao final de cada resposta às questões sobre como a mulher deve se comportar vem em um pequeno quadrado “a palavra de Bárbara”, com incentivo a que a mulher aceite estas regras, apostando no maior número de respostas voltadas para um determinado fato, a fim de garantir um encontro de sucesso. A linguagem é informal e demonstra como ainda existe a preocupação em mostrar à mulher a importância de concordar em “aceitar” entrar nos esquemas masculinos a fim de garantir sucesso no encontros e paqueras.

Nos termos mais significativos desta matéria (dicionário de base), há um reforço aos velhos estereótipos de como devemos ‘ser’, como devemos ‘fazer’, o estilo a adotar, o comportamento a seguir, entre outras coisas:

Ensinam

Certo Conhecimento de Causa
Se souber Um Pouco o Que Eles Querem
Homens Descasados, Separados ou Divorciados
Nada Pior do Que Mulher Que Gosta de Mandar
Estilo Mãe
Mulher Chata
Deselegância
Rápida no Gatilho
Gosto das Coisas à Moda Antiga
Falta de Educação
Boas Maneiras
Pequenos Detalhes
Mulher Convencida
A Ordem é Prestar Atenção
Mulher Sofisticada
Vamp, Esnobismo
Estilo Simples e Despojado
Estilo Rosane Collor
Perua
Mulher Careta
Perfume Incomoda-me
Um Bom Perfume Tem o Seu Valor, Como o Opium, Um Yves Saint Laurent, ou
Um Chanel
Sem Exageros
Prefiro os Perfumes Masculinos
Odeio Perfume
Adoro Mulheres Cultas e Sorridentes
Papos de Compras Espantam-me

O Pior é Ouvir Falar Sobre Família
Não Gosto de Falar de Intimidade: a Minha e a Dela
Transar no Primeiro Encontro Me Apavora
Pode Acontecer
Não Faço Questão de Transar na Primeira Vez
Tenho Medo da AIDS e Me Cuido
Fico Nervoso Quando Ela Toma a Iniciativa
Gosto da Conquista
É um Fardo Essa Obrigação Masculina de Tomar a Iniciativa
Gosto Quando Elas Criam um Clima
Ele dá as Instruções
Estou a Fim de Ficar Mais Livre
Ela Pode Comer, Beber e Fumar
Veja Como Ele é Para Não Ter Amolações
Dividir a Conta é Normal
Quando Tenho Gosto de Pagar
Sou Meio Arcaico
Na Primeira Vez Eu Sempre Pago
Posso Até Esperar Meia Hora
Não Sou Pontual
Sou Pontual, Só Espero 15 Minutos
Gosto de Pontualidade
É Desagradável Esperar

Acho já interessante comentar algo a partir destes dados. Ressalto mais uma vez, que, neste tópico, a exemplo do anterior, a matéria analisada foi escolhida por representar, em termos de temática, um número expressivo de situações parecidas com outras matérias publicadas em outros números da revista Bárbara e também de Cláudia. O que se tem aqui já no dicionário de base?

Tem-se um discurso masculino, dominante, aceito sem restrições pela revista e reforçado com frases do tipo: “se souber um pouco o que eles querem” ou “ele dá as instruções” ou “veja como ele é para não ter amolações”. Os homens desta matéria, por sua vez, fazem direitinho o papel de quem determina o que deve ser feito, como se todo o sucesso de um encontro dependesse exclusivamente do bom comportamento feminino, das boas maneiras, da conversa, a forma de se vestirem, do perfume (com indicação de nomes e marcas bastante sofisticadas e caras). O bem-estar da mulher de 40 anos, ou mais, para este tipo de revista, pode ser amplamente reforçado pela presença masculina em sua vida, pela idéia de atender às expectativas deste macho, sem contudo focar em nenhum momento, o que o homem pode fazer para conquistar também esta mulher (parece que o simplès fato de ser homem é suficiente) ou formas de se proteger contra doenças (apenas um homem falou sobre AIDS) que podem ser pegadas através do ato sexual e de encontros casuais.

Nas regras de co-referência, pode-se observar a presença de muitos termos e frases que, diria, não são ambíguas, uma vez que elas são diretas na intenção, que é a submissão ao gosto e ao poder masculino no que se refere ao que se pode falar, beber, comer, vestir, como se pode observar nestas frases:

“Nada pior do que a mulher que gosta de mandar, impor regras. Se eu quisesse uma mãe, ficaria com a minha, certo?”

“Reconheço o estilo mãe no primeiro encontro”.

“Detesto aquela que é rápida no gatilho”.

“Pequenos detalhes que, somados, se tornam realmente imperdoáveis”.

Estas não são afirmações de uma época passada dos anos 30, o contexto espacial temporal é 1997 (circunstâncias de enunciação), a poucos anos da virada do milênio. A situação é bem definida e quase todas as situações trabalhadas no texto são altamente estereotipadas (frames), principalmente com o uso de expressões pejorativas para designar as mulheres com quem não sairiam:

“Mulher Lobista”

“Perua”

“Falsa Loira Platinada”

“Estilo Rosane Collor”

“Mulher Careta”

“Perua Chata e Sem Cultura”

“Estilo Mãe”

“Agressiva, Livre”

A atribuição de valores é clara em toda a matéria, bem como em outras que tratam das formas como a mulher deve seduzir na cama, o que deve vestir para chamar a atenção masculina, o que deve ou não fazer para impedir que o companheiro, namorado ou marido se envolva com mulheres mais jovens.

Embora a idéia central de quase todos os textos seja a valorização do casamento e da monogamia, observa-se que as mulheres são incentivadas a buscar sempre e quantas vezes for possível, um homem, até que finalmente chegue ao 'príncipe' de sua vida. Como detalhe, tirando o depoimento em uma frase, do único homem que se manifestou com medo da AIDS, e da matéria sobre AIDS já citada anteriormente, observa-se um silêncio total sobre a prevenção das doenças sexuais, incluindo-se aí a contaminação por HIV. O que se conclui? Que as doenças sexuais não fazem parte do mundo de homens e mulheres que podem comprar e ler Bárbara, visto que elas não se enquadram no universo onde os discursos autorizados convencionaram como sendo parte de um mundo onde se permitem os encontros ocasionais, promiscuidade e homoerotismo. Embora a mulher seja incentivada a procurar seu 'príncipe', e ela mesma seja objeto de avaliações em que aparecem vestígios das idéias de impureza citadas por Mary Douglas (1976), o homem que está ao seu lado parece ser 'puro' e incapaz de transmitir qualquer doença.

Mesmo nas falas gerontológicas (bastante fortes em *Via Vida e Maturidade*), a sexualidade feminina é direcionada para o casamento, relações monogâmicas e à heterossexualidade (como se sífilis e AIDS fossem doenças que só se transmitem nas relações fora de um casamento). Qualquer outra alternativa implica em desaconselhar o exercício da prática sexual ou nem falar sobre o assunto. Apesar dos dados mostrarem que a realidade é outra, e que as mulheres cada vez mais são contaminadas pelo vírus HIV, inclusive as casadas, monogâmicas, velhas e viúvas, não é comum e não se tem ainda na mídia um porta-voz para falar à mulher de 40 anos ou mais, sobre a prevenção a AIDS ou qualquer outra doença sexual.

Por outro lado, estudos, realizados por Buitoni (1997)^{xvii}, revelam que revistas como *Cláudia*, *Marie Claire* e *Capricho* falaram de AIDS (principalmente as duas últimas) em todos os seus números nos últimos 5 anos, fazendo campanhas, concursos de slogans e um incentivo declarado ao uso do preservativo, com o uso do discurso persuasivo, apoiando-se em textos e imagens. As falas sobre o assunto eram sempre com o uso de termos no imperativo: "**Camisinha: Tem Que Usar!!!**", sempre trabalhando com uma associação entre esta função conotativa (uso do imperativo), e uma linguagem informal, íntima e que induz à cumplicidade com mulheres na faixa entre 15 e 35 anos.

O que é percebido nos textos por mim trabalhados, é que para a mulher de 40 anos ou mais, a AIDS ou qualquer outra doença sexual não é enfocada, porque se pensa ainda naquela velha relação casamento X segurança. A AIDS, em sua gênese discursiva, é uma doença particular de um tipo específico de pessoa (segundo o discurso dominante), com um enfoque ainda muito grande no personagem homoerótico, ou seja, a AIDS é algo que parece só interessar a este segmento que decide por manter esta opção sexual. Desta forma, parece não ser considerado conveniente, e ainda é um grande tabu, focalizar nas revistas dirigidas a um público tão definido, tão "comportado", a questão da AIDS e das doenças sexuais. Não se discute sobre

os riscos que correm as mulheres que têm parceiros ou parceiras ocasionais (mesmo as solteiras e descasadas são incentivadas a terem relações seguras e estabelecidas) que possam eventualmente estar contaminado(a)s. A moral vigente considera ofensivo falar sobre isto e, mesmo entre os profissionais da saúde, existe o receio de ofender à cliente ao se tentar orientar nesta direção.

No caso das revistas, a idéia é inclusive evitar vincular a imagem séria com outras que abordem as relações homoeróticas, tal como a revista “Um Outro Olhar”, que é um periódico semelhante a revistas do tipo de Bárbara, Cláudia ou outra revista feminina qualquer, só que trabalha diretamente para um público feminino de lésbicas ou simpatizantes. Neste periódico existem em todas as matérias orientações informativas/explicativas sobre cuidados preventivos as doenças em todas as áreas de possibilidade, incluindo-se as doenças sexuais e AIDS.

Por que me demoro tanto na análise desta questão? Porque, considero, que estes problemas são universais e devem ser trabalhados com todos os segmentos e grupos etários, da infância à velhice. Uma revista como Bárbara, que tem sempre matérias sobre sexualidade tanto quanto as matérias sobre os cuidados estéticos, deveria preocupar-se com este problema.

Mais do que conquistar um parceiro ou parceira, qualquer mulher deveria receber muitos incentivos sobre esta forma de “cuidar de si”, tanto quanto a orientação de fazer uma plástica para aumentar os seios ou usar cremes para evitar rugas. Nas revistas, o que encontrei foi o incentivo contínuo à corrida por um homem que lhe garanta vida sexual, lazer, felicidade, filhos e estabilidade, tendo como imperativo atender a uma ética sexual, em que a conjugabilidade e parcerias monogâmicas e heterossexuais devem ser as estabelecidas como as únicas opções sexuais “normais” e aceitáveis socialmente.

Mesmo reconhecendo o quanto há de ‘silêncio’ nas matérias sobre sexualidade nas revistas e até mesmo nos discursos gerontológicos, não é estranha a mim esta realidade. No imaginário social mais popular, assim como no científico, persiste a idéia de que o caráter das pessoas reflete as doenças que adquire. Foi assim com doenças como a tuberculose (caráter romântico, aquele que não suporta perdas no amor, farrista apaixonado, o que se descuida porque ama demais – bastante focado no romance “A Moreninha” de Joaquim Manuel de Macedo), e permanece sendo assim com o câncer (caráter reprimido, aquele que não sabe expressar seus sentimentos) e por fim com a AIDS, reforçando os discursos da excessiva liberdade sexual, da promiscuidade, entre outras coisas (Sontag, 1996)^{xviii}.

Esta equação AIDS igual a promiscuidade, no discurso dominante atual, deve ser totalmente desvinculada da mulher dona de casa ou profissional respeitada, branca, das classes média e alta. Mesmo que historicamente as doenças sexuais sempre tenham sido vinculadas à sexualidade feminina, deve-se lembrar dos dois papéis associados à mulher: a depravada, a debochada, a rapariga, a mulher pública *versus* a mãe, a santa, a avó, sendo que apenas no segundo é que parece se encaixar o modelo da mulher das revistas femininas.

Quanto à sua sexualidade, o que se tem como permitido hoje para publicação é o novo modelo de sujeição feminina nesta área, que prega o prazer sexual como sendo uma exigência para a harmonia conjugal.

Mais do que um ajuste sexual, as relações sexuais são apresentadas ora como uma dimensão positiva na vida das mulheres, ora como um problema de saúde ou emocional que deve ser resolvido em consultórios ginecológicos e psicológicos. Então o que concluo? Longe de significar liberdade, esta nova ‘fala’ acerca da sexualidade feminina, novamente minimiza a importância da participação masculina nas responsabilidades que lhe cabem também nas parcerias que faz.

Com a meia-idade e a caminhada para a velhice, as mulheres além das restrições impostas pelo quadro patológico que lhes é associado às funções biológicas da idade, têm que lidar com este quadro de responsabilidades sexuais, que lhes ‘ensina’ que o prazer depende delas, cabendo ao homem, mais uma vez, apenas atestar sua virilidade e normalidade.

5.1.3 – Mulher de Meia-Idade: Violências e Promoção da Ilusão de Juventude Eterna

Não é de hoje a insistência em se associar feminilidade à beleza e por sua vez beleza à juventude. Em quase todas as culturas, no Oriente ou no Ocidente, existem crenças e valores muito fortes com relação a beleza, feminilidade e juventude. A repulsa pelo que é considerado feio, principalmente naquelas mulheres que não aceitam trilhar pelos caminhos impostos pela indústria da beleza, é muito forte e concreta.

Sant’Anna (1995)^{xix}, em sua tese sobre as práticas de embelezamento feminino no Brasil de 1900 – 1980, fala que existem na história brasileira vários registros (teses, artigos, manuais de beleza, guias da boa forma, almanaques, jornais e documentos de empresas de cosméticos e clínicas especializadas) dos mais distintos segmentos especializados em beleza feminina, que oferecem às mulheres informações, desde as “supérfluas” até as “indispensáveis” dicas de como se tornar bela, permanecer jovem e atraente para se conduzir em sociedade e....agarrar seu homem!!! Uma novidade? Volto novamente ao velho clichê, que como afirmei anteriormente, é o suposto desejo feminino referendado, ainda hoje, pela sociedade.. A mulher parece estar sempre sendo conduzida a fazer algo não por ela mesma, mas para permanecer atraente para algum homem.

A orientação do cuidado de si, enquanto parte das ações que uma mulher deve se ater para conquistar seu homem e, portanto, a felicidade, ainda é uma orientação repassada de mãe para filha, como um ‘poder’ pastoral de domínio sobre as mulheres. E isto é comum hoje, tanto quanto em 1900, embora na época, segundo Sant’Anna, o uso de qualquer artifício para conquista e apresentação da mulher a sociedade, estivesse obrigatoriamente vinculado à autorização da igreja ou estivesse incluído no rol das prescrições médicas, porque a beleza natural era a da mulher “direita” e a artificialmente embelezada era daquela de moral duvidosa. Assim, só era considerado correto utilizar artifícios prescritos pelo “doutor”, ou aceitos pelo confessor espiritual, mesmo quando precisassem usar cosméticos para a correção ou disfarce da acne, banhos com águas de cheiro para higiene pessoal ou esconder defeitos físicos. Um detalhe: a maior parte dos conselheiros de beleza era formada por homens, religiosos, médicos e escritores moralistas, para quem a aparência da mulher deveria refletir o que se passava em sua alma: pureza de espírito em um corpo limpo e fecundo.

Hoje, a rigidez dos costumes com relação ao “cuidado de si” voltado para a estética, não difere muito do período estudado por Sant’Anna. Qualquer tratamento estético hoje, embora realizado por esteticistas com formação secundária, é amplamente discutido por especialistas da área de cosmetologia, dermatologia, por exemplo, com regras muito rígidas de controle corporal através do uso quase que obrigatório de cremes, dietas e cosméticos, raramente orientados aos homens. Estas informações estão todas relacionadas não apenas ao cuidado corporal em si, mas à vinculação deste cuidado à sedução e à conquista de um parceiro. Desta forma, se produzem artigos e publicidades, deixando claro que o próprio artigo também é parte de um jogo publicitário, uma vez que oferece um série de produtos, endereços de clínica, lojas e especialistas, para a leitora, com a firme alusão de que esta deve procurar imediatamente, adquirir ou ir a busca dos espaços e das pessoas que lidam, principalmente, com os serviços que visam o rejuvenescimento.

Dos remédios caseiros aos medicamentos e compostos que cuidam dos intestinos, da pele, das manchas, do suor e dos cheiros, tudo é oferecido e tem uma “autoridade” especializada, afirmando sobre a eficácia do produto, com a apresentação de supostas pesquisas em institutos nacionais e internacionais, considerados como referência de credibilidade².

Os conselhos voltados para a estética são os mais enfáticos no oferecimento dos produtos. Neles se discutem os benefícios, os custos, onde buscar o tratamento e a não responsabilidade da revista com os resultados. Ao mesmo tempo, evitam-se comentários muito longos sobre o sofrimento de alguns tratamentos indicados e as limitações impostas após plásticas, peelings, drenagens linfáticas, mesoterapias ou o uso de cosméticos com produtos abrasivos ou prejudiciais à pele quando a pessoa se expõe ao sol.

Os corpos saudáveis e perfeitamente harmoniosos (com a altura, peso, cor, elegância e saúde ideais) exigem sacrifícios e/ou sofrimentos, como na matéria “*Jovem em Poucos Minutos*”^{xx}.

Manifestação Linear : a matéria mostra como uma mulher pode eliminar a flacidez facial, pelo uso de fitas adesivas transparentes colocadas em lugares estratégicos do rosto; o ano é 1997 e a matéria é assinada, do tipo explicativa/formativa, com orientações passo a passo de como colocar as fitas no rosto, acompanhadas de mensagens visuais:

“Num primeiro momento, o maquiador limpou bem o rosto de Ivone com produtos específicos para o seu tipo de pele; para levantar a expressão, foram colocados adesivos nas laterais da bochecha. Depois prendeu-se um gancho no orifício do adesivo, ligado a um elástico com ilhoses, escondido atrás do cabelo. Na região dos olhos, o mesmo procedimento atenuou os pés de galinha. O maquiador aplicou um corretivo para camuflar o adesivo e, em seguida, o cobriu completamente com pó facial e base cremosa” (p.26).

Do que estou falando? Tudo isto está sendo feito no rosto de uma mulher ou se está prendendo pedaços de tecidos de um vestido? Elástico, ilhoses, adesivos, estes instrumentais me são familiares na confecção de roupas. No entanto, nesta matéria, sou apresentada a uma técnica de rejuvenescimento na qual se tenta simular os efeitos de uma plástica facial.

No Dicionário de Base as expressões são claras, a orientação está dirigida a mulher que tem flacidez facial, que precisa simular uma aparência mais jovem para ocasiões especiais. Levando-se em conta que a mulher de Bárbara não faz nada sem planejar, com certeza quem se digna a usar este recurso não está indo a um encontro íntimo que envolva toque nos cabelos e nuca (no mínimo deve ser hilário encontrar fitas, elásticos, ganchos de metal e ilhoses entre os cabelos da mulher amada) ou a uma peça ou filme cômico que tenha que sorrir muito.

A meu ver, esta, como outras técnicas voltadas para o cuidado estético corporal, é uma das muitas violências a que as mulheres se submetem para continuarem a ser aceitas e queridas. Basta rever o conceito sobre as violências, onde as mesmas são vistas como ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações, que atentam e afetam a integridade física, moral, mental e espiritual de outros seres humanos, podendo inclusive levar à morte (Minayo & Souza, 1998)^{xxi}. Nada mais violento do que um cuidado realizado a partir da pressão da responsabilidade individual e da culpa.

Por isso, coloco as exigências sobre estas ações de cuidados corporais obsessivos, como sendo uma das muitas violências com que temos de lidar em nosso mundo moderno, mas, que não se pense nela como algo irreal, vejo-as como violências simbólicas, dentro do conceito que Bourdieu (1999, p. 47) nos oferece:

“ A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada na relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto”

² No último número de Bárbara, analisado no mês de maio de 1999, constatei em matérias assinadas, não assinadas ou nas chamadas publicitárias, o oferecimento de mais de 150 produtos em uma edição de 98 páginas.

Para Bourdieu (idem), o pior da violência simbólica (sem querer diminuir a temeridade das outras violências) é que o dominado passa a se autodepreciar, a se ver como menor ou servindo apenas para ser a 'sombra' do outro. No caso das mulheres, o autor ressalta a visão que elas têm de seus corpos que, quando não se enquadram nos perfis estéticos impostos pela moda, são objetos de ridicularização ou culpabilização, sendo visto o não cuidado homologado pela sociedade como uma carência de cuidado ou descuido.

Como nos casos das estigmatizações relatadas por Goffman (1982)^{xxii}, a mulher de 40 busca nos artificios impostos pela moda se igualar às mais jovens, tentando assim manter sua identidade social e a receptividade a sua pessoa. Com isto, submete-se a sacrifícios e/ou dores, não conseguindo receber das revistas femininas um estímulo para ser ela mesma ou adotar outro ponto de vista diferente no que se refere aos cuidados de seu próprio corpo. Por estar neste momento de liminaridade e passagem, vivendo transformações intensas em nível físico, social e emocional, e, como foi dito anteriormente, vista como estando em um estado patológico, a mulher de Bárbara (levando em conta a idéia de Eco, de que o autor molda e 'desenha' o seu leitor modelo) vive um momento de sofrimento, dominação e violências simbólicas e físicas. Apesar de ter dinheiro (a revista se dirige principalmente a quem pode pagar pelos produtos oferecidos), esta mulher parece não ter o poder e a vontade para se negar a este tipo de sacrifício e silencia ou assume que modificar a sua aparência é uma decisão somente sua, uma 'verdade' sua e não algo que seja obrigada a fazer. É a naturalização da violência, produto de um trabalho incessante do poder pastoral dominante representado pelos homens (inclusive algumas mulheres), instituições, família, igreja, estado e meios de comunicação, incluindo-se aqui a mídia.

Alguém poderia revidar este questionamento dizendo que a mulher de Bárbara poderia, por exemplo, se rebelar através das cartas dos leitores ou deixando de comprar a revista. Mas como deixar de comprar o que é altamente sedutor? Capas com mulheres lindas, perfeitas dos dentes ao último fio de cabelo, além de manchetes com frases e chamadas de impacto. Mesmo que instigada a falar, ela passará pelo crivo da censura de quem escolhe as cartas das leitoras, por exemplo.

Neste caminho, entendo que a mulher de Bárbara, Cláudia, Via Vida e Maturidade, ainda não atingiu a maioria, a exemplo de todas as outras mulheres que não aparecem em suas páginas: a favelada, a institucionalizada, a negra, a obesa, a velha passiva da cadeira de balanço ou ainda a velha perua prostituída que ainda está na ativa nos morros e becos das grandes cidades. Mesmo estando em uma situação privilegiada, com recursos econômicos, família, casa bonita, emprego, entre outras necessidades aparentemente satisfeitas, a mulher a quem as revistas femininas se dirige não tem uma vida mais independente e autônoma do que as citadas acima. Os contextos e as necessidades são distintos, mas o poder de dominação pode criar outras formas de dependência e falta de autonomia e violências de múltiplas formas, motivadas por razões diferentes, mas mesmo assim violências.

Isto não significa, entretanto, que não exista uma positividade nos discursos produzidos através da mídia. O glamour e a experiência positiva enfocada na maioria das matérias voltadas para "perfis" de pessoas que envelheceram bem, com rostos que não demonstrem a idade, apesar de terem idades superiores a 60 anos, podem estimular outras mulheres a manterem-se com o "alto astral" destes personagens da televisão

brasileira. As histórias de vida de atrizes como Glória Menezes, Ioná Magalhães, Irene Ravache, Regina Duarte e Susana Vieira, que são chamativas com suas imagens produzidas, representando o perfil da mulher com mais de 50 anos; ou ainda de uma Cristiane Torloni, Vera Fischer, Maitê Proença e Eliane Giardini, que representam o modelo da mulher com 40 anos ou um pouco mais, são tidas como experiências positivas, modelos a serem seguidos enquanto o perfil desejado de uma velhice que não se apresente como tal.

Não é exagero dizer que a mídia idealiza e produz uma imagem de mulher que está distorcida e longe da mulher comum dona de casa, professora, diarista, advogada, estudante, que corre de um lado para outro na sua dupla jornada de trabalho, que conta o dinheiro moeda a moeda e que quase não dispõe de tempo e recursos para pensar a sua condição de mulher. Mas, ainda que distorcida, esta desconstrução do modelo que tínhamos de envelhecimento, para este novo modelo que a sociedade aceita que a mídia reproduza, é, como afirma Debert (1997, p. 40):

“devida ao sucesso mobilizador dos programas para a terceira idade que, como mostrarei a seguir, produziram um discurso empenhado em rever os estereótipos negativos da velhice e, congregando um público relativamente jovem, abriram espaços para que experiências de envelhecimento bem sucedidas pudessem ser vividas coletivamente... essas novas imagens do envelhecimento que acompanham a construção da terceira idade ocupam um espaço cada vez maior na mídia que respondendo ao interesse crescente da sociedade pelas tecnologias de rejuvenescimento – desestabiliza mecanismos tradicionais de diferenciação no interior do mundo dos experts e, ao mesmo tempo, abre novos campos para a articulação de demandas políticas e para a constituição de novos mercados de consumo”.

Assim, observando o modelo de madureza que as revistas femininas produzem, e levando em conta que o universo feminino tem diferentes personagens com seus pensares, idéias e formas de idealizar a sua auto-imagem, o seu “cuidado de si”, me encontro na posição de onde lanço uma interrogação concreta a mim mesma e a outras mulheres com quem me relaciono: O que fazemos nós, que estamos vivendo este momento de liminaridade também? Quantas de nós decidiriam imediatamente pela reposição hormonal, sem antes buscar outras terapêuticas, que, embora mais lentas, exigem da mulher persistência, participação ativa no processo de tratamento, bem como um respeito ao corpo e as suas funções normais? Ou ainda, quantas mulheres decidirão pela velhice sem plásticas, aceitando as rugas, a flacidez da pele, os sulcos e a perda da tonicidade natural dos músculos das pernas, braços, barrigas e seios?

E, afinal, que velhice queremos ter? O que seria a velhice normal para a mulher que está hoje nos seus 40 anos? Há quem nem pronuncie a palavra velhice ou velho semelhante aquelas pessoas que evitam pronunciar AIDS, Câncer, Lepra, Tuberculose...

“(...) pronunciar o nome é sinal de saúde, sinal de que a gente aceitou ser do jeito que é, mortal, vulnerável, não é um privilegiado, não uma exceção, afinal; sinal de que estamos dispostos, verdadeiramente dispostos, a lutar por nossas vidas” (Susan Sontag, 1995, p. 10)^{xxiii}.

Assim como parece ser difícil ainda para as pessoas pronunciar os nomes de doenças como câncer e AIDS, também não se confirma ou não se afirma que a velhice está chegando. Parece que ninguém sabe do que se trata. Existem especialistas que hoje tratam das doenças da velhice ou que discutem a problemática da velhice em sociedade, mas, a velhice em si, parece ser um segredo de estado.

Você quer falar com uma pessoa velha? Espera um pouco que eu vou chamar alguém com idade pra conversar contigo... esta é a fala de uma pessoa com 68 anos, professora universitária aposentada, com quem tentei uma conversa sobre como ela vem vivendo seu processo de envelhecimento e se, em algum momento leu, ou lê revistas como Bárbara. Além de sentir-se ofendida, tentou me explicar que “velha” é quem se sente assim, que ela por ser uma pessoa de inúmeras atividades, por ter uma vida em constante movimentação, não poderia ser vista como alguém velha.

Ao mesmo tempo, quando falei sobre os tipos de matérias que analisei nas revistas, esta pessoa me questionou dizendo: **“você acha ruim este tipo de artigo? Isto não é ruim, é ótimo poder ler revistas que mostrem o que é possível se fazer para não parecer uma velha, e isto não significa ser dominada, é uma decisão pessoal, você não concorda?”**

Neste momento, volto às matérias, uma vez que não era objetivo deste estudo ir a campo e sondar com as mulheres sobre o que elas achavam acerca das revistas femininas do tipo Bárbara, e me faço a seguinte pergunta: estarei certa em negar a importância dos discursos das matérias lidas? Será que não exagero ao escrever que existe uma sujeição das mulheres a estas normas repassadas pela mídia?

Se estou errada em minha análise, estas práticas do “cuidado de si”, são perfeitamente adequadas e necessárias, uma vez que podem auxiliar as mulheres nesta relação consigo (vista como difícil e sofrida durante a passagem do que se chama juventude, para a maturidade ou meia-idade) e na relação com os outros. Estas seriam as formas de sobreviver ao tempo e moldar, mesmo que de forma artificial (recordando Key no capítulo sobre o envelhecimento humano), um novo perfil de mulher, um novo perfil de adulta envelhecida, que hoje se orgulha muito mais de aparentar ser irmã de sua filha do que ser vista como sua mãe ou avó. São os novos modelos de relacionamento com o mundo, consigo e com os outros.

Volto, novamente, a Foucault (1985) e procuro seu pensamento sobre o que seja esta “relação consigo”; encontro que é aquela em que os sujeitos (e falar de sujeito para Foucault é falar de modos de

subjetivação) estabelecem para si mesmos o que seria bom e correto enquanto modo de agir e viver. Para tanto, estes sujeitos devem aprender, exercitar e se aperfeiçoar no “cuidado consigo”, segundo valores, regras de conduta e a cultura de seu tempo, de sua condição social e de gênero. Tudo isto, para Foucault, significa dizer que os sujeitos estabelecem “verdades” sobre como devem pensar suas sexualidades e as operações ou condutas, conseqüentemente, sobre seus corpos. Com isto, a princípio, me vejo como uma ‘advogada do diabo’, indo contra regras que aparentemente estão sendo aceitas como verdades e certezas para as mulheres ou, pelo menos, como uma possibilidade, visto que não é possível a todos os bolsos a compra e a realização de todas as sugestões de cuidados que estão em revistas como Cláudia e Bárbara.

Este é um novo perfil, ou modelo, que se instala aos poucos no consciente coletivo, sendo capaz de criar dispositivos complexos e estratégicos, que irão levar a uma nova ordem e à produção de novos “sujeitos”, discursos e formas de vida. Como isto se dá? Pode ser através da palavra e da persuasão, mostrando a transformação ‘técnica’ das pessoas.

Por exemplo: quando convenço uma mulher de 40 anos a refazer seu corpo, transformá-lo, seja pelo uso de cosméticos, dietas ou cirurgias, através de Macroproposições do tipo: “Fique Linda – Saiba Tudo O Que a Consultora de Beleza Pode Fazer Por Você”, “Depilação Especial Para a Mulher Madura”, “Idade Biológica – Os Segredos Para Manter-se Jovem Por Décadas”, “Seios Exuberantes – Guia Completo Sobre a Operação do Aumento de Mamas”, “Dieta – Alimentos Corretos Para a Maturidade”, estou usando a palavra, a força de mensagens manifestas e articuladas pelos meios de comunicação e pelas indústrias de produtos, para convencê-la a fazer parte da “geração saúde” dos anos 90.

Pessoalmente, como pessoa e profissional, acho esta uma forma deliberada de dominação e poder que condeno, mas, a qual ocasionalmente, submeto-me quando estou em um salão de beleza ou quando compro produtos para minha pele oleosa. Submeto-me e estranho-me também com este poder da mídia sobre a minha pessoa e àquelas que me rodeiam.

Este é o poder pastoral da era eletrônica, que orienta desde a salvação da alma até a salvação do corpo que está envelhecendo. E o “cuidado de si”, nas relações com o outro, passa a ser também um cuidado do outro, com a formação de grupos de vigilantes que saem para caminhadas em grupos, ginásticas, aulas sobre como devem ser, como devem se articular, como devem viver. Vigilantes porque estão alertas sobre todos os tipos de informações necessários para conhecer seus corpos, sua sexualidade, a melhor dieta, os exercícios mais adequados, que possibilitem uma vida controlada e, se possível, “eternamente jovem”. Esses saberes, produzidos na mídia, mas já devidamente construídos nas sociedades urbano-industriais, são elaborados em nome de uma suposta qualidade de vida, gerando contínuas práticas cada vez mais sofisticadas, produtos e especialistas que ganham a vida “ensinando” e ao mesmo tempo controlando a população que se encontra neste processo de envelhecimento.

Este controle do universo feminino, inicia-se onde parece ser mais fácil a sua entrada hoje (no passado os romances e folhetins asseguravam este discurso dominador e este poder pastoral, segundo Sant’Anna, citada em tópico anterior): as revistas femininas dedicadas a um tipo de mulher que faz moda e

que, de certa forma, dita as regras às outras mulheres que estão em outros grupos etários e classe social. Na mídia feminina, a produção de verdades, alia-se à vontade de saber tudo sobre como se cuidar, com base nos discursos científicos e na vontade de não saber ou falar sobre algo que é real e concreto como a velhice envelhecida e a própria morte.

As revistas não dizem tudo, para, posteriormente, em outras matérias com a mesma temática, produzirem outros saberes que ficaram guardados para serem ditos aos poucos por gerontólogos, pedagogos, esteticistas, dermatologistas, psicólogos e comunicadores. Neste espaço, as mulheres são induzidas a procurar um especialista para a busca do auto-conhecimento, e também são instigadas práticas profissionais para que estes peritos possam dizer quem são e como devem se conduzir.

Resumindo, ao utilizar o referencial de Eco como instrumental básico para a análise das matérias, fui percebendo, em cada registro realizado com a descrição exaustiva do que o autor entende que seja a cooperação textual, que a mídia feminina produz, em minha concepção, seus discursos em torno de conceitos foucaultianos, entre eles: o do “cuidado de si” e o da “relação consigo”. No primeiro, estão as matérias voltadas, principalmente, para saúde, lazer e beleza; no segundo conceito, inserido em todos os tipos de matérias, a “relação consigo” permite que se perceba esta mulher de 40 anos, ou mais, como podendo chegar a viver três momentos desta relação: a relação com seu corpo, que segundo a revista precisa de constantes cuidados; a relação com o outro, mais especificamente o homem, considerado como único capaz de manter com ela uma relação afetiva, íntima, sexual e protetora e, finalmente, a relação com o mundo social, onde cabe a ela perceber como deve se conduzir dentro da normalidade exigida para seu grupo etário neste contexto atual.

Desta forma, a produção da velhice normal ou da velha que não precisa necessariamente aparentar envelhecimento, é exposta na mídia através de um discurso em que a imagem de beleza e juventude é um valor absoluto e necessário para que se viva um envelhecimento “normal”, “saudável” e “equilibrado”, com a suposição básica: na madureza tudo é permitido, mas deve ser controlado.

Assim, a mulher de Bárbara tem direito a ter **“40 Maneiras Eficientes de Levantar o Astral”**, devidamente listados por Fátima Nunes^{xxiv}, e referendados pela consultoria de uma psicóloga, mas sempre se controlando e confessando suas falhas. Ou seja, a mulher confessa algo, fala de suas necessidades e os peritos respondem. Quando a mulher fura o cerco da normalidade, ficando obesa, tabagista ou alcoolista, a revista propõe, através destes peritos, os procedimentos possíveis que esta deve seguir para voltar à normalidade. Neste discurso, o interessante é que a mulher não é incentivada a fazer isto por si mesma, ou como algo que lhe fará bem. Mas, é incentivada em função da sua relação com os outros, principalmente marido e filhos.

Matérias do tipo: **“Meu Filho Pediu e Eu Venci o Alcool”**^{xxv}, não fazem uma reflexão sobre porque esta mulher se alcooliza; o texto mostra, essencialmente, através de hipercodificações ideológicas, como esta mulher fazia sua família sofrer. Mesmo que sua história de vida seja contada, o que prevalece nas falas não são os seus motivos, mas o que, através da bebida, ela foi capaz de fazer, a ponto de ridicularizar um

marido médico e seus filhos. A sua doença, o alcoolismo, não é explicada, em compensação a sua conduta, enquanto uma bêbada, é descrita com detalhes, até a remissão com a entrada nos alcóolicos anônimos.

Os caminhos percorridos pela mulher da era *baby boomers*,

“geração composta pelos nascidos nos anos que se seguiram imediatamente ao final da Segunda Guerra Mundial. No jargão da demografia, essa corte – isto é, esse conjunto de pessoas contemporâneas por terem nascido em um mesmo período – excedeu numericamente seus predecessores...”(Oliveira, idem, p. 72).

são os de uma geração que sobrevive experimentando as mudanças históricas, físicas e sociais, que inclusive ela ajudou a mudar com o movimento feminista, estabelecendo um novo modelo de comportamento para as gerações que lhe sucederam. Entretanto, esta mulher “moderna” não consegue se desvencilhar do “ethos” pedagógico midiático, citado por Fischer e Buitoni em seus trabalhos.

Este caráter pedagógico se insere em todas as matérias, da publicidade as receitas culinárias, e embora não tenha feito uma decomposição quantitativa dos termos e frases que aparecem com esta função, pude constatá-los. Ainda que os termos com função conativa (no modo imperativo) insistam na ordem de que as mulheres tudo podem a partir dos 40, elas são incentivadas a respeitar os discursos autorizados científicos da revista que se coloca como a sua melhor amiga, depois dela própria.

Discussão é uma palavra que não existe, o que desvirtua a idéia que tenho de comunicação, em que emissor(a) e receptor(a) trocam idéias. Nas revistas, como na maioria das matérias midiáticas, seja na televisão, na Internet ou nos jornais, pouco ou quase nada pode ser discutido pelo(a) receptor(a). A última palavra, principalmente nos textos que analisei, é da equipe de redação da revista, no qual as matérias se apresentam, na maioria das vezes, sob a fórmula pedagógica do “como fazer” para conseguir algo. Mesmo que a leitora escreva para a redação, invariavelmente cartas de elogios ou pedidos, a última palavra ainda é da própria revista, que pode publicar ou não sua carta, que pode responder ou atender os pedidos feitos.

A ausência de opção para uma discussão leva ao preenchimento do texto com estratégias discursivas persuasivas, dos editoriais às reportagens, provocando na leitora modelo a crença na necessidade de se valer daquelas orientações para ser feliz. Entramos então no campo da auto-ajuda, assumido pela revista, que também busca nos peritos, formas de chegar à alma da leitora. É preciso, não apenas convencê-la de que deve transformar seu corpo, sua vida, sua casa, mas, também, seu espírito e sua forma de olhar o mundo.

Esta opção de orientação, que sai da esfera do corpo para a esfera da mente, é possível ser percebida nas matérias sobre comportamento, no qual se inclui temas variados que vão da vivência sexual a buscas ligadas à espiritualidade. O que é possível verificar, mais uma vez, é que nos campos semânticos das palavras, não se modifica o “ethos” pedagógico, informal, conativo que observou-se nas matérias com

receitas de cuidados corporais. A produção da velhice normal compreende também a busca por prazeres mais meditativos, ou por espaços dentro de casa mais harmoniosos e exercícios mais lentos.

Neste sentido, o modelo oriental de “paz” e “harmonia” vem sendo copiado e adaptado ao viver nosso ocidental.

Livros, músicas, a produção de “Feng Shui” nos ambientes internos da casa, tratamentos com acupuntura, danças circulares e técnicas de Tai-Chi-Chuan, são algumas das indicações das revistas como formas de produção de uma completude emocional neste envelhecimento normal e bem sucedido. Existem ofertas para todos os gostos, porém não para todos os bolsos. A auto-ajuda oferecida para paz espiritual e física também custa caro, por isso, em alguns momentos, os redatores da revista retrocedem no excesso de ofertas de consumo e sugerem a leitora programas sem custo para chegar ao equilíbrio e a felicidade. O editorial “**Minha Melhor Amiga Está Dentro de Mim...**”^{xxvi}, reflete este retrocesso, que coincide com uma crítica feita à revista em um número anterior por uma leitora, quando ela escreve sobre os excessos consumistas de Bárbara. Aliás, esta foi a única carta que li, em que uma leitora repudiava os esquemas de Bárbara de venda da felicidade, havendo este editorial como resposta, logo em seguida. Em outros números lidos até hoje, não encontrei mais nenhuma carta que falasse de uma forma contrária às posições tomadas pela revista.

Encerrando este tópico, admito minha contradição, quando assumo que o discurso de Bárbara e de outras revistas femininas está inserido no modelo de poder pastoral, vigilância e, eu diria, violências, mas, ainda assim é aceito e talvez até necessário. Isto porque, este discurso, embora totalitário, é sedutor, é fascinante e propõe condições e orientações aos ‘sujeitos’ mulher, na direção que mais as inquieta, que é a completude do ser.

A promoção da ilusão é incentivada inclusive entre os especialistas, então porque não poder fazê-lo através da mídia? Mesmo sabendo que estes discursos operam a nível do imaginário, sendo impositivo, imediatista e totalitário, ele não é, a meu ver, uma mentira, se pensar que nesta análise está o meu olhar e que eu não fiz uma interpretação dos olhares de outras mulheres. Visto desta forma, apenas suponho, a partir do que dissequei e dos autores que usei para referendar minhas idéias, que este tipo de discurso é falso e ilusório, mas é aceito (levando-se em conta a venda dos periódicos femininos), uma vez que apresenta a promessa de algo perseguido por todos os grupos humanos: a eterna juventude, o equilíbrio emocional, o corpo sadio e bonito, o fim dos traumas psíquicos e das neuroses através da compra do produto certo ou o do tratamento com a pessoa indicada para tal.

O que pode levar a tudo isso? Talvez a transformação total do modelo de envelhecimento (como já vem ocorrendo), acompanhada, no futuro, de uma reflexão sobre este modelo e a ponderação na hora de adquirir um produto ou uma idéia vendida pela revista. Esta ponderação seria acompanhada de uma motivação entre aquelas que envelhecem desanimadas, para que corram atrás de seus objetivos e tentem satisfazer aqueles desejos compatíveis com suas idades, seus pensares e, principalmente, com sua saúde física e emocional.

Referências Bibliográficas

- ⁱ FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso* 2^a ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- ⁱⁱ AMADO, Roberto. Como Domar Seu Lobo. *Bárbara*, São Paulo, Ano II, n. 16, p. 28 – 31, jul. 1997.
- ⁱⁱⁱ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- ^{iv} FOUCAULT, M. *L'Archéologie du Savoir*. Paris: Gallimard, 1969.
- ^v MAGYAR, Vera. Com Pedras na Mão (Salve Seu Casamento – Até Com Uma Boa Briga Isso é Possível). *Bárbara*, São Paulo, ano III, n. 29, p. 42 – 45, ago. 1998.
- ARRUDA, Cinira. O Amor Que Veio Para Ficar (Vida Real – Casados Há 20 Anos. E Felizes!). *Bárbara*, São Paulo, ano III, n.24, p. 30 – 33, mar. 1998.
- NASPITZ, Márcia. Boa Notícia: Um Novo Acordo Pode Salvar Seu Casamento. *Bárbara*, São Paulo, ano III, n. 22, p. 32 – 35, jan. 1998.
- ^{vi} NUNES, Sílvia Alexin. A Mulher, o Masoquismo e a Feminilidade. In: BRUSCHINI, C. & HOLLANDA, H. B. de. *Horizontes Plurais – Novos Estudos de Gênero no Brasil*. São Paulo: FCC/Ed. 34, 1998.
- ^{vii} CASTRO, Laís de. Um Ano de Sucesso e Alegria. *Bárbara*, São Paulo, Ano II, n. 12, p. 4, abr., 1997.
- ^{viii} DIAS, Beatriz Marques. Corpo Enxuto. *Bárbara*, São Paulo, Ano II, n. 21, p. 54 – 57, dez., 1997.
- ^{ix} BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- ^x DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ^{xi} TARANTINO, Mônica & FREIRE, Rita. Mulher & AIDS. *Bárbara*, São Paulo Ano II, n. 17, p. 74 – 78, ago., 1997.
- ^{xii} FOUCAULT, M. *A História da Sexualidade III: O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ^{xiii} OLIVEIRA, M. C. de. Menopausa, Reposição Hormonal e a Construção Social da Idade Madura. In: NERI, A. L. & DEBERT, G. G. *Velhice e Sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999.
- ^{xiv} EIZIRICK, Marisa Faermann. Ética e Cuidado de Si: Movimentos da Subjetividade. *Educação, Subjetividade e Poder*, Ijuí, v. 4, n. 4, p. 36-43, jan./jun., 1997.
- ^{xv} CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 13^A ed. São Paulo: Ática, 1999.

-
- ^{xvi} OLIVEIRA, Angela. Eles Ensinam Como Acertar no Primeiro Encontro aos 40. **Bárbara**. São Paulo, ano II, n. 19, p. 60 – 65, out., 1997.
- ^{xvii} BUITONI, D. S. Aids: Falas e Silêncios em Revistas Masculinas e Femininas. **Revista USP (Dossiê AIDS)**, São Paulo, n. 33, p. 148 – 157, fev./jul., 1997.
- ^{xviii} SONTAG, Susan. **La Enfermedad y Sus Metáforas/ El Sida y Sus Metáforas**. Buenos Aires: Taurus, 1996.
- ^{xix} SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: Fragmentos Para Uma História do Corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, D. B. (org.). **Políticas do Corpo – Elementos Para Uma História das Práticas Corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- ^{xx} DIAS, Beatriz Marques. Jovem em Poucos Minutos. **Bárbara**, São Paulo, n.16, p. 26 –27, jul., 1997.
- ^{xxi} MINAYO, M. C. de Souza & SOUZA, E. Ramos de. Violência e Saúde Como Um Campo Interdisciplinar e de Ação Coletiva. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. IV, n. 3, p. 513 – 531, nov., 1998.
- ^{xxii} GOFFMAN, E. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- ^{xxiii} SONTAG, Susan. **Assim Vivemos Agora**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ^{xxiv} NUNES, Fátima. 40 Bons Motivos Para Elevar o Seu Astral. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 26, p. 22 – 24, maio, 1998.
- ^{xxv} CAMPOS, Luciana Rocha. Meu Filho Pediu e eu Venci o Álcool. **Bárbara**, São Paulo, n. 26, p. 88 – 91, maio, 1998.
- ^{xxvi} CASTRO, Laís de. Minha Melhor Amiga Está Dentro de Mim...**Bárbara**, São Paulo, n. 16, p. 4, jul. 1997.

CAPÍTULO 6 – CUIDADO DE SI E VIOLÊNCIA:

REFLEXÕES FINAIS

“Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

- Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura.

- Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.

Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.

E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*, que significa terra fértil” (fábula mito sobre o cuidado de Heidegger, traduzida em versão livre por Boff, 1999, p. 46)

6.1 – Algumas Diferenças a Considerar....

Para nós que fazemos a Enfermagem, o conceito de auto-cuidado foi apresentado por Dorothea Orem, teórica da Enfermagem, na década de 50. De acordo com ela:

“A Enfermagem tem como especial preocupação a necessidade de ações de auto-cuidado do indivíduo, e o oferecimento e controle disso, numa base contínua para sustentar a vida e a saúde, recuperar-se de doença ou ferimento e compatibilizar-se com seus efeitos” (Orem apud Foster & Janssens, 1993, p. 91)¹.

Orem considerava, segundo Foster & Janssens (1993), que as pessoas têm capacidades, mesmo quando doentes e, até mesmo condicionadas pela idade, de auto-cuidar-se em quase todos os estágios do ciclo vital. À Enfermagem caberia, nas situações de prevenção ou de doença, agir ou fazer para o outro, guiar o outro, apoiar o outro, proporcionar um ambiente seguro, e ensinar o auto-cuidado. O último item é que seria o exercício da educação em saúde, que tanto defendemos, como uma das práticas da Enfermagem, notadamente nos serviços ambulatoriais da rede pública, voltada principalmente para a prevenção.

Por que resolvi refletir sobre isto neste momento?

Porque o modelo de cuidado de si das revistas, que considero como sendo um modelo explicativo/formativo, tratam em muitas situações de um modelo de cuidado que pode ser confundido ou comparado com o auto-cuidado preconizado pela Enfermagem. A diferença entre o modelo de atuação das Enfermeiras e o modelo apresentado pelas revistas, é que estamos hoje envolvidas numa luta pela assistência interativa que vise a aceitação consciente do que é oferecido. O auto-cuidado de Orem preconiza a liberdade, diferente do auto-cuidado oferecido pelas revistas, no qual não existe discussão e reflexão sobre o que é oferecido, o que é estimulado, e sobre as realidades e os viveres de cada pessoa. Qualquer pessoa que possa ter um mínimo de autonomia pode realizar seu auto-cuidado, e nem sempre a realização deste está associado a compra de produtos ou a procura de um especialista.

Já a construção do cuidado de si ou auto-cuidado apresentado pelas revistas femininas, está voltado inicialmente para uma pequena camada da sociedade, que possa

comprar o que propõem as revistas, sendo este grupo bastante significativo enquanto ‘comprador’ das idéias vendidas, assim como propagador também do que vai realizar a partir do que leu ou foi informado na revista. Assim, embora seja a mulher com melhor poder aquisitivo que compre a revista e assimile seus produtos mais caros (serviços, terapêuticas e instrumentos de restauração dos corpos), também as outras mulheres de outras categorias sócio-econômicas podem ter acesso ao periódico e também incorporar as idéias de cuidado de si das revistas. A que melhor poder pagar faz a sua drenagem linfática com fisioterapeutas, as outras, com a esteticista; a primeira compra os produtos de marcas internacionais, de ‘griffe’, a segunda, compra produtos populares mais acessíveis e menos caros, que também são oferecidos. Enfim, para cada pessoa, cada faixa etária, cada grupo social, existe um produto ou um serviço a ser vendido pelo preço mais em conta, mas, sem a quebra do direcionamento promovido pela mídia que é a persuasão ao consumo sem reflexão.

As fronteiras entre a autonomia e a não autonomia parecem às vezes ser confusas, uma vez que a persuasão leva as pessoas a acreditarem que foi uma opção (sem coação) quanto a comprar ou deixar de comprar este ou aquele serviço ou produto. Elas não se sentem conscientemente coagidas ou persuadidas a realizar os auto-cuidados sugeridos, seja pelos serviços ou pelas revistas. Como não realizei nenhuma pesquisa sobre o número de mulheres que se sentem assim, por fugir ao propósito do estudo, paro aqui esta discussão. Mas, deixo minha preocupação com o ensino do cuidado de si destas revistas, que apreenderam tão bem este modelo ‘educativo sofista’. Meu alerta é: que não se coloque este cuidado de si no mesmo nível do auto-cuidado de Orem.

6.2 – O Cuidado e o Envelhecimento Feminino

Até o presente momento, mantive quase que exclusivamente um diálogo com os discursos que atravessam as idéias sobre envelhecimento feminino e o cuidado de si nas matérias da revista feminina Bárbara.

O referencial teórico que utilizei, embora tenha se mostrado suficiente para tratar de todo o conjunto levantado enquanto problemática, não me deixa pensar que ali estava o limite de minhas reflexões e que agora seria suficiente fechar esta tese com minhas considerações finais. Penso, que chegando ao final,

reavaliando os resultados a que cheguei, procurei, neste último capítulo, lembrar algumas informações que recebi durante minha graduação em Enfermagem, meu mestrado em Antropologia Social e nas aulas de meu doutoramento, com o propósito de avançar ainda nas discussões que fiz no capítulo 4.

Até o momento, falei do cuidado de si, tema discutido na Filosofia, com muitos desdobramentos práticos desenvolvidos na área da saúde e principalmente na Enfermagem, que em particular vem estudando a fundo seus significados, suas ramificações, observando o poder do cuidado e sua relação com o processo de viver humano.

Aliás, é por causa do cuidado que os seres humanos sobreviveram ao longo das épocas e hoje, neste processo vivido por nós, vamos culturalmente criando novas formas de cuidar e cuidado, que vão protegendo os seres humanos ao longo do seu desenvolvimento vital: nascimento, concepção, doenças, velhice e morte. Embora não se deseje envelhecer, do mesmo modo que ninguém gostaria de morrer, esta é a realidade que alcançamos a partir das novas tecnologias médicas e de melhores condições de vida alcançadas neste século.

O que se gostaria hoje, tanto quanto foi na época de Cícero, é pensar na sobrevivência com qualidade, é o que se considera impositivo, quase que uma norma: a vida é algo natural, um presente divino para muitos e, portanto, deve ser aproveitada como um dom e, por isso, devendo ser provida de todos os direitos.

Pensando sobre esta ótica, muitas pessoas rejeitam atitudes como o suicídio, a eutanásia, o aborto, mas, aceitam facilmente a sobrevivência artificial através de aparelhos e recursos tecnológicos para diminuir a mortalidade e aumentar a sobrevida das pessoas. Junto com este ideal de sobrevida, chega-se às terapêuticas de rejuvenescimento, aos exercícios massacrantes de ginásticas, realizados como um ‘grande carregar de pedras’, entre outros cuidados tidos como importantes e necessários, ao que Foucault (1985) chama de uma “estética da existência”, que a meu ver, produz um ideal de vida artificial e consumista.

A quantidade ainda se sobrepõe à qualidade. Caponi (1999)ⁱⁱ denomina estes cuidados (relacionados ou não a rejuvenescimento), como “médico-corretivos”, que embora devam ser realizados individualmente, compete a um corpo social, coagir ou persuadir as pessoas a fazê-lo. Neste processo de persuasão, as pessoas entendem como imperativo o cuidado de si para o bem-estar, saúde e qualidade de vida, só que, a meu ver, infelizmente desvirtuado socialmente, com o aval da mídia e da economia de consumo.

Desta forma, o sentido do que seja cuidado de si passou a ser visto como sinônimo de algo que aumenta a quantidade de vida e o que se pode fazer para manter alguém vivo de forma esteticamente apresentável. Muito mais do que se chegar à idade certa, as pessoas desejam ter um aspecto jovem. Assim, a visão de um rosto ‘esticado’, de um corpo modificado, bem como a quantidade de tempo e espaço parecem se sobrepor ao que eu entendo que seja um cuidado de si adequado e coerente à pessoa e seu contexto de vida.

E por que continuo insistindo neste ponto? Porque para algumas pessoas, incluindo-se alguns profissionais da saúde, este cuidado de si consumista é comparado aqueles cuidados essenciais e necessários

ao atendimento das necessidades humanas básicas. Há quem associe este cuidado 'midiático' a melhoria da qualidade de vida, como se todo cuidado de si pudesse ser naturalmente bom.

Entretanto, que não se compare, insisto nisto, esta forma de cuidado, ao que autores como Boykin (1998)ⁱⁱⁱ, ressaltam como bom. Para esta autora, o senso de humanidade que existe em todos nós, nos faz cuidadores(as) natos(as) e incentivadores(as) do cuidado de si, sendo isto algo naturalmente bom para todos os seres humanos. Para esta teórica da Enfermagem, o cuidado reforça os relacionamentos, porque através deles buscamos continuamente perceber o outro e a nós mesmos enquanto cuidadores e pessoas preocupadas em estar bem e em fazer o bem às pessoas com quem convivemos. Neste perceber do outro, entenderia-se melhor o que se passa com cada um de nós, uma vez que, para ela, na relação com este outro é que conseguimos perceber o que é necessário para nós mesmos.

Não quero negar a importância da mídia em nossas vidas e muito menos escrever que esta produz somente situações ruins e falsas. Mas, quero alertar para o modelo de cuidado que ela nos oferece, um tipo de modelo de cuidado, que Foucault discute e repudia em algumas situações, que pode ser criado para estabelecer um poder de vigilância e de manipulação dos corpos femininos, levando a uma auto-assistência coercitiva sem livre opção para o 'não' a certos cuidados corporais.

Nestas condições, este cuidado de si, se realizado a partir da determinação de efetivamente estabelecermos um controle corretivo e pastoral das pessoas, não é um cuidado, a meu ver, que deva ser eticamente aceito. Esta forma de cuidar de si ou de aceitar cuidados ou instruções de como realizá-lo em si ou nos outros, se aproxima do que Lunardi (1999, p. 75) trata como infantilização e anulação dos desejos de quem se cuida ou de quem é cuidado:

“O cuidado ao outro que dispensa o espaço para a palavra porque quem cuida já sabe, através do silêncio e da ausência do diálogo, o que é melhor a ser feito em quem ou a quem é cuidado, parece negar e desconhecer a capacidade do outro como uma pessoa capaz de pensar, divergir e decidir”.

Esta citação de Lunardi, é sobre a relação da Enfermeira, enquanto uma cuidadora, com a pessoa que necessita de cuidados. Embora possa parecer distante do cuidado que procurei trabalhar, segundo os discursos de revistas femininas, parece-me, entretanto, bastante próximo, uma vez que vejo estas revistas como que exercendo o papel de 'enfermeiras' ou de 'amigas' que visam estabelecer um contato para o ensino do cuidado de si às mulheres. Neste sentido, as revistas femininas em seus editoriais, assumem o papel da melhor amiga, procurando repassar informações com tons conotativos, que terminam por construir uma relação de poder pastoral, através de suas propostas de uma vida controlada (com dietas, roupas especiais, cremes, sugestão de leituras, filmes, posturas e comportamento) e, se possível, eterna.

Dito de outro modo, a arte da existência feliz, saudável e com receitas para a juventude eterna é a proposta de produção da mídia voltada para o público feminino. A produção da velhice, considerada 'normal'

e 'equilibrada', é aquela cuja imagem da juventude é amplamente trabalhada através dos 'cuidados de si', voltados, principalmente, para questões estéticas. Neste sentido, considero o cuidado como algo que foi desvirtuado da proposta ou da forma que entendo que seja um cuidado.

Paro mais uma vez, para refletir que, apesar da boa vontade, infelizmente, é possível desvirtuar o sentido do cuidado, mesmo sendo este cuidado parte da natureza dos seres humanos, como afirma Boff (1999) em seu livro "Saber Cuidar – Ética do Humano, Compaixão Pela Terra". O cuidado, como apresentado pela mídia e quando usado como uma expressão de poder de um ser humano sobre o outro, pode ser desvirtuado sim. O cuidado como forma de manipulação sobre as outras pessoas, pode ser desvirtuado sim. O cuidado enquanto uma ação violenta contra os corpos, mesmo quando estes o fazem espontaneamente, pode ser desvirtuado sim.

Infelizmente, o ser humano vem, a meu ver, desvirtuando a essência de cuidar, colocando, acima do cuidado necessário, a produção de cuidados que têm por objetivo transformar e privilegiar ações que não visam o ser humano. O cuidado vem sendo transformado, por pessoas e instituições, em um arsenal de ações que têm por interesse a venda e a comercialização de produtos. Como bem situa Boff (idem), a humanidade vem abrindo muitas frentes e caminhos, entre estes, a meu ver, o mito da juventude eterna e da 'morte' ainda que simbólica dos velhos que não se situam no modelo de jovem-velho ou velho jovem. O valor simbólico contido nas mensagens, nas idéias deste modelo de envelhecimento, aparentemente bastante aceito por quem se encontra em seu momento liminar ou de passagem para o grupo etário dos 'velhos', termina por produzir uma desvirtuação do cuidado de si, ou auto-cuidado, quando passa a produzir um rol de formas de cuidar/cuidado, no qual não se respeitam o corpo e as variantes possíveis de se viver a velhice ou se passar o 'rio' das etapas da vida.

O cuidado que deveria ser uma ação prática e livre, passa então a ser concebido como obrigação ou algo que deva ser feito através da obediência absoluta de quem se cuida ou é cuidado. Nestes casos, se nega a reflexão sobre si e o próprio corpo e a pessoa que se cuida ou é cuidada é coagida a realizar ações em seu próprio corpo, violentas do ponto de vista emocional, físico e social.

O enfoque que tanto se fala na Enfermagem, de um cuidado realizado com e para as pessoas, que tenha por objetivo a felicidade e a harmonia da pessoa com seu próprio corpo, com suas emoções e com aqueles que o rodeiam, não pode ser contaminado por esta visão do cuidado de si retratado nas revistas. Este cuidado que se traduz pela procura do que o senso comum acredita ser melhor, mas que parece apenas ser um cuidado que serve de vitrine aos propósitos das grandes indústrias de roupas, cosméticos, equipamentos de ginástica, suplementos alimentares etc., não deve ser festejado pelas Enfermeiras que tanto vêm trabalhando no sentido de oferecer o melhor cuidado a quem precisa de nossos serviços. Se é o propósito da profissão se caracterizar como sendo uma atividade inserida na perspectiva de eticamente oferecer o melhor, independentemente do apelo comercial que exista para outras ações de cuidado, então está na hora de retomar o nosso processo de cuidar e de ensinar o cuidado, rejeitando os apelos da mídia e informando as pessoas sobre isto.

Deve-se também evitar cair nas armadilhas de achar que o cuidado/cuidar de sujeição seria aquele que prega o uso de tecnologias consideradas ‘pesadas’ ou ligadas as práticas médicas alopáticas, e que o cuidado libertador, estaria relacionado à prática de ações com o uso de instrumentos terapêuticos não convencionais que tanto se fala nos dias atuais. Da mesma forma, como se forcem cuidados considerados ‘tecnologicamente’ aceitáveis, também se forcem e se sujeitam pessoas, quando se tenta persuadi-las a usar outros processos (tão caros e às vezes desnecessários) conhecidos como ‘softs’, alternativos ou naturais. Vejam bem, não sou contra as terapêuticas não convencionais, tais como, as massagens ou o uso de terapias florais, por exemplo. O que condeno, é a manipulação das pessoas através do cuidado, com o oferecimento de produtos ou serviços às vezes inadequados e desnecessários.

O cuidado deve ser orientado ou implementado, a meu ver, com uma discussão permanente com os sujeitos (homens e mulheres), com a transmissão do como cuidar, do que usar, dos prós e dos contras, dos preços, das opções, das responsabilidades coletivas, enfim, uma discussão interativa, onde receptor e emissor possam entender as mensagens e as múltiplas possibilidades de interpretações dos sentidos e significados contidos no universo que nos rodeia.

6.3 – Considerações Finais

A escolha de um tema e a divulgação dos resultados de um estudo se constituem em um compromisso que tem, necessariamente, efeitos sociais, mas, como afirma Bourdieu (1999)^{iv}, podem ter múltiplos sentidos e, entre eles, alguns totalmente opostos à proposta de quem o pensou e o implementou. Com este estudo, posso sugerir ‘n’ proposições, tais como a formação de grupos de discussão e oposição às ‘mercadorias’ de cuidado de si vendidas pela mídia, através das revistas femininas, às mulheres que envelhecem.

Entretanto, me parece, a motivação individual ou coletiva para que se reflita mais sobre as práticas e os pensares do viver humano, não parece ser suficiente para fazer barrar a produção de modelos de subjetividades através dos meios de comunicação de massa. Talvez o que se deva discutir seja o papel desta mídia.

Dito isto, convém observarmos que é através da *mass mídia* que a sociedade civil toma conhecimento de uma ampla gama de informações sobre o mundo e sobre si mesmas. Portanto, como diria Bourdieu (1998)^v, cabe a esta sociedade civil discutir o papel de porta-voz desta mídia que, na maioria das vezes, pode inclusive definir quem tem direito à fala¹. É, também, a partir do discurso veiculado pelos meios

¹ Sobre a questão de quem fala ou de quem tem o direito a ela, ver Foucault em “A Ordem do Discurso”, quando escreve sobre o que pode ou não ser dito conforme a circunstância, havendo a interdição e a exclusão das falas e dos discursos considerados perigosos à ordem social.

de comunicação, que podemos nos aproximar, nos excluir ou silenciar perante fatos e fenômenos que nos são repassados, relacionados à aceitação ou não de culturas, etnias e grupos políticos e econômicos.

O 'não dito' que, segundo Eco (1986)^{vi}, deve ser preenchido através de um trabalho cooperativo entre o autor do texto e o leitor, nos remete a Foucault (1987)^{vii}, quando este nos ensina que todo discurso quando se manifesta repousa em um já-dito. Este já-dito pode ser um discurso sem corpo (ou seja, sem texto), ou um discurso com corpo onde os textos podem ser previamente selecionados conforme a aceitação e a repercussão na sociedade no qual ele se produz.

Por isso, mergulhar na temática dos discursos das revistas femininas não foi algo sem dificuldades. Apesar dos conteúdos óbvios já conhecidos e reconhecidos por aqueles que trabalham intimamente com a comunicação e os processos de divulgação de informações através da mídia, não é fácil penetrar nas minúcias dos discursos 'ditos' e 'não ditos' de um porta voz raramente contestado fora da área da comunicação e dos estudos semióticos e sociolinguísticos. A realidade com que trabalhei, mostrou-me que em meio a uma mídia 'bonita' e sedutora, cuja imagem mais marcante é a venda de corpos femininos esculpidos e rejuvenescidos pelas técnicas de maquiagem e computação, existe uma produção desumana de um modelo de velhice feminino cruel, exigente e violento.

Não há como negar alguns aspectos muito evidentes de poder pastoral dos corpos de um cuidado de si que não permite o envelhecimento físico entre as mulheres que se encontram no liminar de passagem do climatério à velhice. Se hoje me perguntassem sobre a existência de um ou mais ritos de iniciação para as mulheres da maturidade à velhice em nossas sociedades ocidentais, eu diria que, se ritos existem, devem ser apreendidos nas matérias das revistas femininas que têm por objetivo o ensino sobre o que deve ser feito para o 'controle' de seus corpos.

Abro aqui um parêntese para a fala de Clastres (1978, p. 128-129)^{viii} sobre os ritos de iniciação dos nativos norte-americanos em épocas pré-colombianas. Acredito que a sua fala sobre os rituais de iniciação poderá auxiliar a compreensão sobre como se marca alguém, se discrimina ou se determinam ações de controle ou de exclusão.

“Um homem iniciado é um homem marcado. O objetivo da iniciação, em seu momento de tortura, é marcar o corpo: ritual iniciatório, a sociedade imprime a sua marca no corpo dos jovens”(…) O ritual de iniciação é uma pedagogia que vai do grupo ao indivíduo, da tribo aos jovens. Pedagogia de afirmação, e não de diálogo: é por isto que os iniciados devem permanecer silenciosos quando torturados. Quem cala consente. Em que consentem os jovens? Consentem em aceitar-se no papel que passaram a ter: o de membros integrais da comunidade. Nada falta. Nada sobra. E estão irreversivelmente marcados como tais. Eis, portanto, o segredo que, na iniciação do grupo, é revelado aos jovens: Sois um dos nossos. Cada um de vós é

semelhante aos outros. Tendes o mesmo nome e não o trocareis. Cada um de vós ocupa entre nós o mesmo espaço e o mesmo lugar: conservá-lo-eis. Nenhum de vós poderia esquecer disso. As mesmas marcas que deixamos sobre vosso corpo vos servirão sempre como uma lembrança disso”

Fazendo uma analogia a Clastres, pode-se dizer que pertencer ou estar no liminar de passagem de um grupo etário a outro, assim como poder freqüentar um shopping center ou morar em bairros nobres de uma determinada cidade, é estar como parte de um ‘clube’ privativo de iniciados. Neste clube, através de crenças e valores repassados e produzidos socialmente, enquanto discursos, chegam até nós verdades que reforçam o utilitarismos dos sujeitos, a submissão aos grupos econômicos e a eternização das estruturas que reforçam as divisões de gênero e sexuais.

Nas matérias das revistas femininas, observa-se que as mudanças históricas que levaram as mulheres da vida privada à vida pública, através do estudo e do trabalho remunerado, não mudou muito a condição de submissão de seus corpos à ordem social vigente. A tão falada liberdade sexual, é apenas falada, porque ainda é o homem quem decide com quem deseja estar e qual o modelo de mulher que lhe interessa. Os cuidados de si, sugeridos pelas revistas, têm a ver com o discurso do ‘não dito’ e só aparentemente visam o bem-estar, a saúde e a qualidade de vida das mulheres; implicitamente, seguem o modelo dos desejos masculinos, de ter ao seu lado uma ‘fêmea’ que atenda as suas fantasias de beleza, juventude, adoração e aceitação passiva das suas vontades sexuais. As manchetes dos editoriais, das matérias voltadas para comportamento, saúde e sexualidade, ‘falam’ principalmente de um cuidado de si vitrine, em que a mulher antes de tudo está sendo preparada para disponibilizar ao homem um modelo feminino sem problemas (sem varizes, sem barriga, sem seios amolecidos, sem câncer, sem cabelos brancos, sem rugas...com uma personalidade acessível e disponível ao macho de plantão).

Bourdieu (1999), quando trata da posição peculiar das mulheres no mercado de bens simbólicos de nossas sociedades, afirma que estas são levadas a tratar de si próprias como objetos estéticos, dedicando uma atenção constante e exagerada à beleza, ao corpo esguio, às roupas elegantes e à postura. Cabe também a elas o cuidado com os filhos, o bem estar de seus companheiros, a decoração da casa, as ornamentações e as preocupações com a saúde e a gestão dos rituais de inserção social pelos quais todos passam no decorrer do ciclo da vida.

Este ponto de vista, a meu ver, reforça o que venho discutindo nesta tese sobre o discurso midiático e o cuidado de si repassado por esta mídia, não construído por ela, mas reforçado e (re)produzido nas instâncias de consumo mais fortes de nossa sociedade hoje: as classes médias e alta. Evidentemente, não cabe a nós responsabilizar apenas a mídia pelo que se vende enquanto discurso.

O poder pastoral sobre os corpos, estabelecido a partir de uma ética cristã, é bem anterior à invenção da imprensa, mas, ainda assim se estabeleceu, num jogo de vida e morte, obediência e verdade, ao qual as

peçoas, se submetem para atender a um perfil que seja aceito socialmente. O 'pastor', ou aquele que é responsável pelas verdades 'ditas', tanto pode ser a mídia como uma Enfermeira que esteja empenhada em ensinar o auto-cuidado. Independentemente de quem pregue as verdades, o que se observa é uma aceitação silenciosa e um controle rigoroso que termina por se sobrepor às verdades do 'pastor', se tornando uma verdade da grande massa de 'ovelhas'. Se estabelece então uma polícia pastoral, na qual todos passam a ser Médicos e Enfermeiras de todos, cada pessoa é um vigia do 'outro'. Observa-se o que cada um come, se caminha diariamente, se compra margarina ou manteiga, se é adepto da comida natural ou se prepara churrascos no final de semana. Ao mesmo tempo, o que realmente são casos de vida ou morte, passam ao largo das preocupações midiáticas, como por exemplo, o aumento cada vez maior de mulheres da meia idade e velhas acima de 60 anos contaminadas pelo vírus HIV.

Pois bem, resta esclarecer uma vez mais, que apesar de meu interesse pelo cuidado, não foi parte dos objetivos deste estudo apresentar um estudo profundo sobre o cuidado. Minha proposta principal foi de discutir os discursos de juventude eterna da revista feminina Barbara, voltado para as mulheres acima dos 40 anos. Utilizando o referencial de Umberto Eco, tentei mostrar como a mídia hoje trabalha e considerando o dito até aqui e, para encerrar este trabalho, tentei compreender os motivos pelos quais os controles aqui citados são aceitos e tolerados pelas mulheres.

Acredito que, além da idéia de que as mulheres ainda são deliberadamente comandadas pelos homens, não importando quanto de liberdade já alcançaram em nossas sociedades ocidentais, existe também todo um poder econômico que controla esta rede que compõe os meios de comunicação e a *mass media*.

Este é um poder que acima de tudo reforça na sociedade um voltar-se cada vez mais para si mesmo, para o prazer dos corpos e a obsessão pela juventude, sendo as personalidades moldadas com certos traços característicos da cultura contemporânea, tais como o medo da velhice, o fascínio pelas celebridades e o consumo em massa de produtos que tornem homens e mulheres aceitáveis ao sistema (Belloni, 1998)^{ix}.

Neste tipo de sociedade, o essencial é comunicar para convencer e vender. Infelizmente, por enquanto, em se falando deste modelo de cultura, as mulheres parecem ser o caminho para a montagem de um grande espetáculo. Na vida cotidiana, a dependência crescente ao capitalismo e às tecnologias de consumo (incluindo-se a mídia), tornaram as mulheres obsessivas com o cuidado estético de si, induzidas inclusive a não discutir e recuperar muitos dos conhecimentos e aptidões que ajudaram a humanidade a sobreviver ao longo das épocas.

As mulheres, (assim como grande parcela de homens), esqueceram como realizar os cuidados essenciais que lhes permitem continuar sobrevivendo e se perdem no que Boff (1999) denomina de patologias do cuidado, que são a obsessão excessiva por cuidados nem sempre necessários ou a carência do cuidado, o descuido voluntário por si e por aqueles que precisam de seus cuidados: tais como as crianças que hoje são abandonadas nas ruas e os velhos pobres que lotam os asilos de mendicância.

Como mudar tudo isto? A tarefa humana que se pode empreender, para não ter em excesso ou carecer de cuidados, talvez seja a construção de um equilíbrio dinâmico de saberes, poderes e discursos

acerca das necessidades humanas e do papel que todos nós temos de buscar novas perspectivas de um cuidado de si mais harmônico, igualitário e com menos violências. Neste sentido, teríamos que ser mais vigilantes e não concordar tão passivamente com tudo o que se constrói em nossas sociedades, assim como não deixar que a mídia repasse de forma tão abusiva o que não é necessariamente bom para nossas vidas e a de nossos semelhantes. É utópico? Talvez, mas que acham de tentarmos?

Referências Bibliográficas

-
- ⁱ FOSTER, P. C. & JANSSENS, N. P. Dorothea Orem. In: GEORGE, J. e col. **Teorias de Enfermagem – Os Fundamentos Para a Prática Profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- ⁱⁱ CAPONI, S. Notas Sobre a Medicalização da Sociedade. In: CAPONI, S. & PADILHA, M. I. C. de Souza (org.). **A Saúde em Questão – Um Espaço Para Reflexão**. Florianópolis: Ed. dos Autores, 1999.
- ⁱⁱⁱ BOYKIN, Anne. A Enfermagem Como Conforto: O Artístico no Cuidado. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 36 – 51, mai./ago. 1998.
- ^{iv} BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- ^v BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- ^{vi} ECO, U. **Lector in Fábula**. São Paulo: Perspectivas, 1986.
- ^{vii} FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 2ed. São Paulo; Ed. Loyola, 1987.
- ^{viii} CLASTRES, P. **A Sociedade Contra o Estado**. São Paulo: Brasiliense, 1978..
- ^{ix} BELLONI, M. L. **Reflexões Sobre a Mídia**. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação/OPM/UFSC, 1998.

BIBLIOGRAFIA

- ALVAREZ, A. & SILVA, Y. F. e. O Conceito de Sobrevivência Analisado Pelas Pessoas Idosas. In: **Jornada Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Florianópolis, de 28 à 30 de março de 1996. (mimeografado)
- ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BALTES, M. M. & SILVERBERG, S. A Dinâmica Dependência-Autonomia no Curso da Vida. In: NERI, A. L. **Psicologia do Envelhecimento**. Campinas: Papirus, 1995.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, M. M. (org.). **Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos Sobre Identidade, Memória e Política**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BARTHES, R. **La Aventura Semiológica**. Barcelona: Paidós, 1993.
- BEAUVOIR, S. de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BELLONI, M. L. **Reflexões Sobre a Mídia**. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação/OPM/UFSC, 1998.
- BELTRÃO, K. I. & CAMARANO, A. A. Características Sócio-Demográficas da População Idosa Brasileira. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 1, p. 106 – 119, 1997.
- BERJER, C. Em Torno do Discurso Jornalístico. In: NETO, A. F. & PINTO, M. J. **O Indivíduo e as Mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.
- BERQUO, E. Considerações Sobre o Envelhecimento da População no Brasil. In: NERI, A. L. & DEBERT, G. G. (org.). **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.
- BERTRAND, Claude-Jean. **A Deontologia das Mídias**. Bauru: EDUSC, 1999.

BIBLIA CRISTÃ. **Gênesis: A Origem do Mundo e da Humanidade**. São Paulo: Paulinas, 1990.

BIRREN, J. E. & BIRREN, B. A. The Concepts, Models, and History of the Psicologia of Aging. In: BIRREN, J. E. & SCHAIE, K. W. (org.). **Handbook Psicologia of Aging**. 3th ed. San Diego: Academic Press, 1990.

BOBBIO, N. **O Tempo da memória – De Senectude e Outros Escritos Autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOFF, L. **Saber Cuidar. Ética do Humano - Compaixão Pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOYKIN, A. A Enfermagem Como Conforto: O Artístico no Cuidado. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 36 – 51, mai./ago. 1998.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOTTÉRO, J. Écriture et Civilization en Mésopotamie. In: ANDRÉ-LEIKNAM, B. & ZIEGLER, C. (orgs.). **Naissance de l'Écriture: Cunéiformes et Hiéroglyphes**. Paris: Ministère de la Culture, 1982.

BRETON, P. **A Argumentação na Comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.

BUARQUE, C. **A Revolução das Prioridades**. Brasília: INESC, 1993.

BUITONI, D. S. AIDS: Falas e Silêncios em Revistas Masculinas e Femininas. **Revista USP (Dossiê AIDS)**, São Paulo, n. 33, p. 148 – 157, fev./jul. 1997.

CABRAL, J. de Pina. A Difusão do Limiar: Margens, Hegemonia e Contradições na Antropologia Contemporânea. **Mana – Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 25 – 57, abr. 1996.

CABRAL, J. T. **Constituição Histórica da Sexualidade Humana na Tradição Ocidental: Uma Contribuição Para a Educação Sexual**. Florianópolis, Mestrado em Educação/UFSC, 1994. (Dissertação de Mestrado)

CALDAS-AULETTE, J. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Delta, 1974.

- CAPALBO, C. Abordando a Enfermagem a Partir da Fenomenologia. *Rev. Enferm UERJ*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 70 – 76, mai. 1974.
- CAPONI, S. Notas Sobre a Medicalização da Sociedade. In: CAPONI, S. & PADILHA, M. I. C. de Souza. *A Saúde em Questão – Um Espaço Para a Reflexão*. Florianópolis: Ed. dos Autores, 1999.
- CAPONI, G. A. *La Demanda dei Fundamento Para Una Psico-Análisis del Justificacionismo*. Rosário: Keynes Universitário, 1992.
- CAPRA, F. *O Tao da Física*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CICERO. *Saber Envelhecer e a Amizade*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- CITELLI, A. *Linguagem e Persuasão*. 13ª ed. São Paulo: Ática, 1999.
- CLASTRES, P. *A Sociedade Contra o Estado*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- DARWIN, C. *A Origem do Homem e a Seleção Sexual*. São Paulo: Humus, 1974.
- DEBERT, G. G. *A Reinvenção da Velhice*. São Paulo: EDUSP/FAPEESP, 1999.
- DEBERT, G. G. A Antropologia e os Estudo dos Grupos e das Categorias de Idade. In: LINS DE BARROS, M. M. (org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos Sobre Identidade, Memória e Política*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- DEBERT, G. G. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. *RBSC*, São Paulo, v. 12, n. 34, -, 39 – 56, jun. 1997.
- DEBERT, G. G. As Representações (Estereótipos) do Papel do Idoso na Sociedade Atual. In: *I Seminário Internacional Envelhecimento Populacional: Uma Agenda Para o Final do Século*. Brasília, 1996. Anais do I Seminário Internacional Envelhecimento Populacional: Uma Agenda Para o Final do Século. Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social/ Secretaria da Assistência Social, 1996. (p. 35 – 45)
- DEBERT, G. G. Gênero e Envelhecimento. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, p. 33 – 51, 1994.
- DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- DUCROT, O . & TODOROV, T. *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

- ECO, U. **Kant e o Ornitorrinco**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1998.
- ECO, U. **Os Limites da Interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ECO, U. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- ECO, U. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ECO, U. **A Estrutura Ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ECO, U. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ECO, U. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- EIZIRIK, M. F. Ética e Cuidado de Si: Movimentos da Subjetividade. **Educação, Subjetividade & Poder**, Ijuí, v. 4, n. 4, p. 36 – 43, jan./jun. 1997.
- ERDMANN, A. L. O Sistema de Cuidados de Enfermagem: Sua Organização nas Instituições de Saúde. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 52 – 69, mai./ago. 1998.
- FARIA, M. & CALVET DE MAGALHÃES, S. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: delta, 1974.
- FERREIRA, A. B. de Holanda. **Novo Dicionário do Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- FERREIRA, M. L. Escrita e Oralidade no Parque Indígena do Xingu: Inserção na Vida Social e a Percepção dos Índios. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 35, p. 91 – 112, 1992.
- FISCHER, R. M. B. A Mídia Como Espaço Formativo do Sujeito Adolescente. **Veritas**. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 333 – 348, jul. 1997.
- FISCHER, R. M. B. A Paixão de Trabalhar Com Foucault. In: COSTA, M. (org.). **Caminhos Investigativos. Novos Olhares na Pesquisa em Educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- FINCO, H. **O Paradoxo Benetton: Um estudo Antropológico da Publicidade**. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.
- FOSTER, P. C. & JANSSENS, N. P. Dorothea Orem. In: GEORGE, J. e col. **Teorias de Enfermagem – Os Fundamentos Para a Prática Profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **Tecnologias del Yo y Otros Textos Afines**. Barcelona: Paidós, 1995.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 8ª ed., Petrópolis: Vozes, 1991.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III: O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. El Sujeto y el Poder. **Revista Mexicana de Sociologia**, México, v. 2, n. 3, p. 3 – 20, jul./set. 1988.
- FOUCAULT, M. **L'Archéologie du Savoir**. Paris: Gallimard, 1969.
- GAARDER, J. **O Mundo de Sofia – Romance da História da Filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GEORGE, J. B. e col. **Teorias de Enfermagem – Os Fundamentos Para a Prática Profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GIOVANNINI, G. (org.). **Evolução na Comunicação: do Sílex ao Silício**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- GOFFMAN, E. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GONÇALVES, L. H. T. e col. Ser ou Estar Saudável na Velhice. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 100 – 113, jul./dez. 1992.
- GOODY, J. **A Lógica da Escrita e a Organização da Sociedade**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- GOODY, J. **Restricted Liderancy in Northern Ghana**. London: Cambridge Press, 1968.
- GREER, G. **Mulher, Maturidade e Mudança**. São Paulo: Augustus, 1994.
- GREIMAS, A. J. **Semiótica, Narrativa e Textual**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977.
- HAYFLICK, L. **Como e Por Que Envelhecemos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- JAKOBSON, R. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1971.

- JEUDY, H. P. Pesquisador de Processo Midiáticos. In: RAMOS, S. (org.). **Mídia e Violência Urbana**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1994.
- KEY, W. B. **A Era da Manipulação**. São Paulo: Scritta, 1996.
- KIENTZ, A. **Comunicação de Massa – Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- KLEIMAN, A. **Texto e Leitor – Aspectos Cognitivos da Leitura**. Campinas: Pontes Editores, 1989.
- KOCH, I. G. V. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.
- LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo**. São Paulo: Imago, 1983.
- LEBURTHE-TOLRA, P. & WARNIER, J. P. **Etnologia-Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LEININGER, M. **Cultural Care Diversity and Universality: A Theory of Nursing**. New York: National League of Nursing, 1991.
- LOPES, E. **Discurso, Texto e Significação: Uma Teoria do Interpretante**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- LOURO, G. L. Nas Redes do Conceito de Gênero. In: LOPES, M. G. & MEYER, D. E. & WALDOW, V. L. (orgs.). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LUNARDI, V. **A Ética Como O Cuidado de Si e o Poder Pastoral na Enfermagem**. Pelotas/Florianópolis: UFPel/UFSC, 1999.
- MARQUEZ, G. G. **O Amor nos Tempos do Cólera**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- MELO, J. M. de. **Comunicação Social: Teoria e Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- MESQUITA, V. Alguns Aspectos da Linguagem nos Meios de Propagação Coletiva. In: MESQUITA, V. & CYSNE, F. P. **Termômetro de McLuhan: Bases Para a Reflexão Interdisciplinar**. Fortaleza: UFC, 1993.
- MINAYO, M. C. de Souza. & SOUZA, E. R. de. Violência e Saúde Como Um campo Interdisciplinar e de Ação Coletiva. **História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, v. IV, n. 3, p. 513 – 531, nov. 1998.
- MINAYO, M. C. de Souza. **O Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 3ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, 1994.
- MOLES, A. **Théorie de l'Information et Perception Esthétique**. Paris, 1957.

- MONDIN, B. **O Homem, Quem é Ele? Elementos de Antropologia Filosófica**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- MORIN, E. **L'Esprit du Temps**. Paris: Grasset, 1962.
- MORSE, J. M. **A Enfermagem Como Conforto: Um Novo Enfoque do Cuidado Profissional**. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 70 – 92, mai./ago. 1998.
- MOTTA, A. B. da. **Recontando o Tempo da Madureza**. in: KOURY, M. G. P. & LIMA, J. C. & RIFIOTIS, T. (orgs.). **Cultura e Subjetividade**. João Pessoa: UFPB, 1996.
- NERI, A. L. & DEBERT, G. G. **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.
- NERI, A. L. (org.). **Psicologia do Envelhecimento**. Campinas: Papirus, 1994.
- NÖTH, W. **O Limiar Semiótico de Umberto Eco**. <http://www.puccsp.br/cos-puc/face/eco.htm> 1998.
- NUNES, J. H. **A Formação do Leitor Brasileiro – Imaginário da Leitura no Brasil Colonial**. Campinas: UNICAMP, 1994.
- NUNES, S. A. **A Mulher, o Masoquismo e a Feminilidade**. In: BRUSCHINI, C. & HOLLANDA, H. B. **Horizontes Plurais – Novos Estudos de Gênero no Brasil**. São Paulo: FCC/34, 1998.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 3ª ed. São Paulo: UNICAMP/Cortez, 1996.
- ORLANDI, E. P. **Terra à Vista – Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo**. São Paulo: UNICAMP/Cortez, 1990.
- ORLANDI, E. P. **A Linguagem e Seu Funcionamento – As Formas do Discurso**. Campinas: Pontes, 1987.
- OUAKNIN, Marc-Alan. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.
- PIERUCCI, A. F. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Ed. 34, 1994.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores)
- PEIXOTO, C. **Entre o Estigma e a Compaixão e os Termos Classificatórios: Velho, Velhote, Idoso, Terceira Idade...**In: BARROS, M. M. L. de. **Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos Sobre Identidade, Memória e Política**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

- PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1997.
- PIRES, A. **Velhos em Revista: Velhice e Envelhecimento na Cláudia e na Playboy**. <http://www.ufes.br/~cisoufes/gts/gto8.htm> 1998.
- POSSENTI, S. **Discurso, Estilo e Subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- PLEBE, A. **Breve História da Retórica Antiga**. São Paulo: EDUSP, 1978.
- REALÊ, G. & ANTISERI, D. **História da Filosofia – Antigüidade e Idade Média**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1990. v. 1 e 2.
- RABINOW, P. & DREYFUS, H. **Michel Foucault - Uma Trajetória Filosófica Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- RIFIOTIS, T. **Aldeia de Jovens: A Passagem do Mundo do Parentesco ao Universo da Política em Sociedades Banto-Falantes. Abordagem Sócio-Antropológica da Dinâmica dos Grupos Etários Através do Estudo da Literatura Oral**. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Sociologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- RIVERA, M. S. **Evolução da Consciência Feminina. Sonhos de uma Filosofia do Direito de Ser Mulher e Expressar-se nos Serviços de Saúde**. Florianópolis, 1999. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem), Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina.
- ROLNIK, S. **Toxicômanos de Identidade – Subjetividade em Tempo de Globalização**. In: LINS, D. (org.). **Cultura e Subjetividade - Saberes Nômades**. Campinas: Papirus, 1997.
- RUSS, J. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Scipione, 1994.
- PATRÍCIO, D. **Poder, Grupos de Pressão e Meios de Comunicação**. Blumenau: FURB, 1998.
- SCHACHTER-SHALOMI, Z. & MILLER, R. S. **Mais Velhos, Mais Sábios: Uma Visão Noya e Profunda da Arte de Envelhecer**. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- SANT'ANNA, D. B. de. **Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: Fragmentos Para Uma História do Corpo no Brasil**. In: SANT'ANNA, D. B. de (org.). **Políticas do Corpo – Elementos Para Uma História das Práticas Corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SANTIN, S. **Cuidado e/ou Conforto: Um Paradigma Para a Enfermagem**. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 111 – 132, mai./ago. 1998.
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.

- SILVA, A. L. da. *Concepção do Cuidado e a Especificidade da Enfermagem Geriátrica e Gerontológica. Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 19 – 32, mai./ago. 1997.
- SILVA, Y. F. e. “Todo Dia é Dia das Leitoras de Bárbara”- O Discurso Formativo/Explicativo na Revista Feminina Bárbara. *Revista ACB*, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 133 – 148, nov. 1998.
- SCOTT, J. Genre: Une Catégorie Utile D’Analyse Historique. In: SCOTT, J. *Cahiers du Grif*. Paris: Teirce, 1988.
- SILVEIRA, R. Y. M. da. O Discurso Terapêutico. In: **II Seminário Internacional Filosofia e Saúde** (Florianópolis:1986). *Anais do II Seminário Internacional Filosofia e Saúde*. Florianópolis: UFSC, 1986.
- SONTAG, S. *La Enfermedad y Sus Metáforas – El Sida y Sus Metáforas*. Buenos Aires: Taurus, 1996.
- SONTAG, S. *Assim Vivemos Agora*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TAHARA, M. *Mídia*. 7ª ed. São Paulo: Global, 1998. (Coleção Contato Imediato)
- TURNER, V. *O Processo Ritual*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- TURNER, V. *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. Harmondswort: Penguin Books, 1969.
- WOOLLEY, M. L. *Préhistory and the Beginnings of Civilization, History of Making: Cultural an Scientific Development*. London: Unesco, 1963. v 1.
- VAN DIJK, T. A. *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo: Contexto, 1996.
- VAN GENNEP, A. *The Rites of Passage*. London: Routledge and Kegan Paul, 1960.
- VANOYE, F. *Usos da Linguagem – Problemas e Técnicas na Produção Oral e Escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VERAS, R. P. *País Jovem com Cabelos Brancos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- XIBERRAS, M. *Les Théories de l’Exclusion*. Paris: Meridiens Klincksicck, 1999.

Revistas Analisadas

1. Editoriais

1. CASTRO, L. de. Foi 1996 Que Acabou ou é 1997 Que Está Começando? **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 10, jan., 1997.
- 2.----- . “...Há de me Querer Como eu Sou, Sem Disfarces”. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 11, fev., 1997.
- 3.----- . “...São as Águas de Março Fechando o Verão, a Promessa de Vida no Meu Coração...”. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 12, mar., 1997.
- 4.----- . Um Ano de Sucesso e Alegria! **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 13, abr., 1997.
- 5.----- . Todo Dia é Dia das Leitoras de Bárbara! **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 14, mai., 1997.
- 6.----- . “Minha melhor Amiga Está Dentro de Mim...”. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 16, jul., 1997.
- 7.----- . A Eterna Briga dos Sexos. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 18, set., 1997.
- 8.----- . Bárbara e Você, Planejando o Futuro! **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 20, nov., 1997.
- 9.----- . Feliz Ano Novo! **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 22, jan., 1998.
- 10.----- . Bárbara Faz Dois Anos. Parabéns a Você! **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 25, abr., 1998.
- 11.----- . Resoluções de Junho. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 27, jun., 1998.
- 12.----- . Sonhos. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 28, jul., 1998.
- 13.----- . Abre as Asas Sobre Nós. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 29, ago., 1998.
- 14.----- . Canção de Setembro. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 30, set., 1998.
- 15.----- . Depende de Nós. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 31, out., 1998.
- 16.----- . Você, Cidadã do Mundo. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 33, dez., 1998.
- 17.----- . Terra, Substantivo Feminino. **Bárbara**, São Paulo, ano IV, n. 35, fev., 1999.
- 18.----- . Bárbara, 3 Anos Nesta Data Querida! **Bárbara**, São Paulo, ano IV, n. 37, abr., 1999.

2. Matérias de 1997

1. NABUCO, Cristina. O Corpo ao Longo dos Anos. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 11, p. 24 – 27, fev., 1997.
2. DIAS, Beatriz Marques. Sempre Jovem. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 11, p. 35 – 37, fev., 1997.
3. DEGAND, Michaela. Loucas Por Casamento. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 11, p. 64 – 67, fev., 1997.
4. SAMPAIO, Alice. Diga Adeus à Moderna Escravidão. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 13, p. 34 – 37, abr., 1997.

5. NOGUEIRA, Déspina. Prepare a Sua Plástica. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 13, p. 45 – 46, abr., 1997.
6. SANTOS, Cláudia. O Melhor Amigo da Mulher. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 13, p. 50 – 53, abr., 1997.
7. MAZZOLENTS, Sheila. Jovens X Maduras – Uma Guerra Sem Fim. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 13, p. 70 – 73, abr., 1997.
8. NABUCO, Cristina. 40 Anos: Momento de Revisão. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 15, p. 28 – 33, jun., 1997.
9. NABUCO, Cristina. Sexo aos 30, 40, 50 e 60 Anos. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 15, p. 62 – 67, jun., 1997.
- Barbara.. De Novo! **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 15, p. 74 – 77, jun., 1997.
11. AMADO, Roberto. Como Domar Seu Lobo. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n.16, p. 28 – 31, jul., 1997.
12. DIAS, Beatriz Marques. Jovem em Poucos Minutos. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 16, p. 26 –27, jul., 1997.
13. BELICKAS, Tânia. Corpo Novo, Vida Nova. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 17, p. 28 – 31, ago., 1997.
14. TARANTINO, Mônica & FREIRE, Rita. Mulheres e AIDS. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 17, p. 74 – 78, ago., 1997.
15. TARANTINO, Mônica. Poçoão do Amor. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 19, p. 36 – 39, out., 1997.
16. OLIVEIRA, Angela. Eles Ensinam Como Acertar no Primeiro Encontro. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 19, p. 60 – 65, out., 1997.
17. TARANTINO, Mônica & FREIRE, Rita. 11 Vacinas Anti-Rotina Sexual. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 20, p. 38 – 41, nov., 1997.
18. TARANTINO, Mônica. Procurando Um Namorado. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 20, p. 48 – 51, nov., 1997.
19. DIAS, Beatriz Marques. Corpo Enxuto. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 21, p. 54 – 57, dez., 1997.
20. FREIRE, Rita & TARANTINO, Mônica. Liangong, A Ginástica Poética. **Bárbara**, São Paulo, ano II, n. 21, p. 104 – 107, dez., 1997.

3. Matérias de 1998

1. NASPITZ, Márcia. Boa Notícia: Um Novo Acordo Pode Salvar Seu Casamento. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 22, p. 32 – 35, jan., 1998.
2. DIAS, Beatriz Marques. Um Rosto Mais Suave. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 22, p. 71, jan., 1998.
3. DIAS, Beatriz Marques. Fonte da Juventude. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 23, p. 38 – 41, fev., 1998.
4. AMADO, Roberto. HPV, Um Vírus Que Pode Ser Vencido. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 23, p. 78 – 80, fev., 1998.
5. FAVARETTO, Sonia Consiglio. Amando Sem Culpa. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 24, p. 24 – 27, mar., 1998.

6. ARRUDA, Cinira. O Amor Que Veio Para Ficar. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 24, p. 30 – 33, mar., 1998.
7. DIAS, Beatriz Marques. Três Técnicas Para Eliminar Barriga. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 25, p. 40 – 43, abr., 1998.
8. MELLONE, Maurício & PETIT, Susana & VIKTOR, Mariana. Com Quem Será? **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 25, p. 54 – 57, abr., 1998.
9. NUNES, Fátima. 40 Bons Motivos Para Elevar Seu Astral. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 26, p. 22 – 24, mai., 1998.
10. CAMPOS, Luciana Rocha. Meu Filho Pediu e Eu Venci o Álcool. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 26, p. 88 – 91, mai., 1998.
11. DIAS, Beatriz Marques. Beleza Instantânea. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 27, p. 40 – 43, jun., 1998.
12. FLORA, Lúcia Helena. 40 Deliciosas Fontes de Conforto e Prazer. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 28, p. 36 – 40, jul., 1998.
13. AMADO, Roberto. O Preço do Desamor. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 28, p. 72 – 75, jul., 1998.
14. MAGYAR, Vera. Com Pedras na Mão (Salve Seu Casamento – Até Com Uma Boa Briga Isso é Possível). **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 29, p. 42 – 45, ago., 1998.
15. CAMPOS, Luciana Rocha. 40 Homens Maduros Contam Qual é a Mulher Ideal. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 30, p. 28 – 33, set., 1998.
16. NABUCO, Cristina & PETIT, Susana. Bate Feliz! **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 31, p. 74 – 78, out., 1998.
17. DIAS, Beatriz Marques. As Doutoradas Vão as Compras. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 32, p. 48 – 51, nov., 1998.
18. PAGENOTTO, M. L. Viagra... **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 32, p. 56 – 59, nov., 1998.
19. COHEN, Marleine. Ano Novo Cama Nova. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 33, p. 28 – 31, dez., 1998.
20. MAGYAR, Vera. Antes Só Do Que Mal Acompanhada. **Bárbara**, São Paulo, ano III, n. 33, p. 44 – 47, dez., 1998.

4. Matérias de 1999

1. COHEN, Marleine. Sob o Fogo Cruzado da Exigência. **Bárbara**, São Paulo, ano IV, p. 26 – 30, fev., 1999.
2. DIAS, Beatriz Marques. Acelere o Seu Metabolismo e Emagreça. **Bárbara**, São Paulo, ano IV, n. 35, p. 66 – 71, fev., 1999.
3. COARACY, Jael. 51 e 1/2 Segundos de Êxtase. **Bárbara**, São Paulo, ano IV, n. 37, p. 26 – 29, abr., 1999.
4. REIS, Léa Maria Aarão. Um Brinde aos 40! **Bárbara**, São Paulo, ano IV, n. 37, p. 50 – 55, abr., 1999.

Anexos

Capa 1

Barbara

GRÁTIS: minibolsa de maquiagem!

Minha Vida

"Aos 43 anos,
um transplante
me salvou"

MATURIDADE
sua melhor
amiga é você
mesma!

**Não entre
em pânico,
fuja dessa
síndrome**

**Lussara
Freire**
O sucesso
depois
dos 40

radiando beleza:
como o laser
pode rejuvenescer
seu rosto

A VIDA
COMEÇA
AOS 40

ANO 2
Nº16 R\$ 4,50



EDITORA
SÍMBOLO



Nossa capa:
Wanda Fulaneto,
41 anos,
produtora de fotos

COMO DOMAR SEU LOBO



ANO 3 Nº 27 R\$ 4,50

Barbara

Prenda os cabelos e fique linda em 5 minutos!

ACERTE COM ELE SUA SINTONIA SEXUAL

DEPOIMENTO
"Minha filha ficou tetraplégica, mas não perdeu a força de viver"

ALERGIA
20 perguntas e respostas sobre o mal do inverno

30 ÓTIMAS NOTÍCIAS SOBRE TRABALHO AOS 40

CURA VIRTUAL DA SOLIDÃO
Nos bate-papos da Internet, tem gente que arruma até marido

FILHOS
Como vencer as más companhias

Capa:
Patricia Novaes,
38 anos,
artista plástica

EDITORA SIMBOLO

Periódico 400500



① Hipermodificação ideológica também!!! → Aqui estão inseridas: Tópicos, Isotopias Estruturais Acionáveis e Ideológicas.
 ② ③ ④ ⑤
EDITORIAL
 Tópicos Macroprojeções, escolher duas: "Barbara, a Revista da Mulher de 40 anos ou mais..." "Barbara, a sua melhor amiga!"

UM ANO DE SUCESSO E ALEGRIA!



→ seu que sentido? ③
 poucos meses descobrimos, por exemplo, que — mais do que modelos — a leitora queria ver na revista mulheres iguais a ela. Passamos rapidamente a ilustrar nossas reportagens apenas com pessoas "de verdade", das mais variadas profissões: arquitetas, advogadas, comerciantes, artistas plásticas. Esta é uma característica da Editora Símbolo: nós andamos depressa.

Seleção contextual e contextualização
 M.D. → Abril de 1996 — parece que foi ontem... a emoção da primeira edição nas mãos, uma festa de lançamento, Barbara indo para as bancas. O suspense que vem logo depois, porque a gente nunca sabe se vocês, leitoras, vão gostar ou não... s.c.c.
 M.D. → Abril de 1997 — Barbara é uma revista muito querida pelas leitoras, com um longo e brilhante futuro pela frente! s.c.c.
 A ideia surgiu há uns três anos, mais ou menos, aqui na Editora Símbolo, a partir da constatação de que as (mulheres maduras) estavam abandonadas pelas revistas. De fato, todas as femininas cuidam da beleza, sugerem moda, falam de comportamento e oferecem viagens para (jovens de 15 a 35 anos). Barbara nasceu, então, para ser a revista feminina da mulher de 40 anos (ou mais). Foi um sucesso repentino, mas fizemos ainda alguns ajustes. Em

→ mulheres ma-
 → Lais de Castro: s.c.c.
 E-mail: lais@simbolo.com.br
 → s.c.c.
 Barbara já fez história: quem não se lembra do número 17
 → abandonadas? classificação de grupo etário: jovens: Um Novo Mercado?

Símbolo
 Diretora Presidente: Joana Woo
 Vice-Presidente Editorial: Roberto Melo
 Vice-Presidente Comercial: Alvaro Machado
 Vice-Presidente de Planejamento: Celso de Moraes Terra
 Diretora de Circulação: Regina Bucco

Barbara

REDAÇÃO
 Editora Chefe: Lais de Castro
 Editora de Arte: Kenza Zancane
 Editora de Texto: Vera Ligia Rangel
 Editores Contribuintes: Sheila Mazzoletti (compartamento), Beatriz Marques Dias (decoreção), Carlos Amodeo (fitness), Cristina Nabuco (saúde)
 Assistentes de Arte: Juliana Abram e Douglas Marques Silva
 Colaboradoras: Angela Oliveira, Calero, Célia Sato, Cibele Clark (Rio), Cláudio Freitas, Ed. Toretta, Flávia Nunes, Gomes dos Reis, João Ribeiro, Kátia Cabel (Brasília), Lúcia Helena Fiera, Mújica, Patrícia Primo (Rio), Nana Moraes (Rio), Renaldo Córter, Sergio Jacobowitz, Sergio Vaz, Suzana Petit (Rio), Miriam Alves (Belo Horizonte), Thomas Kremer, Tomas Souza Pinto (produção) e N. Sra. do Cating (casting).
 Correspondentes: Ricardo Wiso e Amy Florence-Hu (NY)
 Produção Gráfica: Fernanda Levrin
 Assistentes: Andréa Levorin e Sylvia de Ávila
 Símbolo Imagem: Ana Carolina Oliveira
 Revisora: Janete Tir

PUBLICIDADE
 Gerentes: Simone G. Ribeiro Santos (SP) e Carla Torres (RJ)
 Contatos: Ana Lucia Diniz, Cássia Cristina Romani, Mariluce Moraes Lima, Patrícia Trufeli, e Simone Orlandi
 Representantes: Rio de Janeiro: Escritório Regional, e Marçal Câmara, 160, sala 511 - Centro, CEP 02020-080, tel.: (021) 240-6276, fax: (021) 262-8853, Rio de Janeiro • Minas Gerais: Grate Assessoria em Comunicação Ltda., av. do Cometa, 100, CEP 30110-907, tel.: (031) 341-7666, Belo Horizonte, MG. Distrito Federal: Casa da Mídia Representações Ltda., CEP 70000-000, tel.: (061) 223-4195, fax: (061) 225-6928, Brasília, DF. Paraná: Meio de Comunicação Ltda., av. Água Verde, 1811, CEP 80240-070, tel.: (041) 244-1303, Curitiba, PR. Rio Grande do Sul: Ippopo & Cia. Ltda., av. Gerônimo Vargas, 1594, sala 607, Menino Deus, CEP 90151-000, tel.: (051) 231-4183, fax: (051) 231-8945, Porto Alegre, RS. — Angela Blauth Representações Ltda., rua Tupinambá, 55, sala 04, CEP 93110-220, telef.: (051) 594-4089, Novo Hamburgo, RS. — Santa Catarina: Meio de Comunicação, e Deodoro, 226 - sala 1103, CEP 88010-020, tel.: (048) 224-2076, fax: (048) 224-0724, Florianópolis, SC. — Norte/Nordeste: Solange Zavan, e General Câmara, 99, CEP 65500-000, tel.: (073) 231-5748, Centro Ilheus, Bahia. Supervisora de Criação: Mary Lacerda

ADMINISTRAÇÃO
 Gerente Administrativo: Maria Estelma Rima Faria
 Gerente Financeiro: Reinaldo F. Brito
 Assistente: Célia Funari
 Gerente de Sistemas: Marcelo Ayres
CIRCULAÇÃO E MARKETING
 Assinaturas: Silvana Rodrigues
 Atendimento ao Leitor: Melina Cabral
 Fotolito Eletrônico: RV2 e Repro
 Impressão: Globo Cochran Papel: Impactel

ANER

Barbara é uma publicação mensal da Editora Símbolo Ltda.
 ISSN 1413-4020. Redação, administração, publicidade e correspondência: rua São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000 São Paulo, SP, tel. (011) 264-2255, fax (011) 287-4979. A Distribuidora Fernando Chagnalia atende às pedidas de números atrasados, enquanto houver no estoque, ao preço da edição atual. Peça ao seu intermediário ou retire pessoalmente à Rua Alfredo Issa, 18, tel. (011) 230-9299, Centro, São Paulo. No Rio de Janeiro, Rua Teodoro da Silva, 821, tel. (021) 574-2255 ou 577-7704. Gráfico: Barbara não é responsável por conteúdos enviados em artigos assinados. Distribuição exclusiva para todo o Brasil: Fernando Chagnalia S.A. Assinaturas podem ser obtidas pelo telefone: 0800-16-3022



MARCA DORES DISCURSIVOS (M.D.)
 4 * Barbara * Abril 97
 → Um Novo Mercado?

HIPERCODIFICAÇÃO IDEOLÓGICA (HI)
FRAMES
COSMÉTICOS

(Precisamos?)
FIQUE BONITA EM MINUTOS
(UMA MACROPROPOSIÇÃO?)

DICIONÁRIO DE BASE (D.B.)
e
Regras de Co-Referência

BELEZA INSTANTÂNEA

Máscaras e soros que simulam operações plásticas, [pós que escondem rugas,] esmaltes com secagem rápida e ampolas que [recuperam a pele em tempo recorde.] Tudo ao alcance de suas mãos, rosto, cabelos, corpo...

(D.B.)
FRAMES

Cosméticos com ação imediata deixaram de ser um sonho de consumo. Por causa do incrível avanço tecnológico dos produtos, fórmulas quase milagrosas são a mais nova tendência do mercado. "Cada vez mais, tentamos desenvolver produtos que agem mais rápido e com melhor performance", atesta Debbie D'Aquino, diretora executiva de Desenvolvimento de Produtos da Clinique, de Nova York (EUA).

levados na bolsa. Também podem ser encontrados cremes e máscaras que, graças a certos polímeros, proteínas ou minerais, formam uma película invisível capaz de [esticar (temporariamente)] a pele "quase" como uma cirurgia plástica. Ainda mais recentes são os esmaltes de secagem ultra-rápida e os cremes ou pós faciais com os chamados difusores óticos. Esses últimos têm na composição pós de sílica que criam uma espécie de ilusão ótica: em vez de absorver, eles refletem a luz suavizando por algum tempo [rugas e linhas de expressão.]

Estratégia de marketing? Nem tanto. "Com toda a pesquisa que é realizada, existe uma segurança maior para se garantir a eficácia de um produto", explica Soraya Brandão, gerente técnica da Lancôme, Rio de Janeiro. Na avaliação do pesquisador Marcelo Schulman, coordenador do curso de Farmácia da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, o menor tempo de ação dos cosméticos se deve à globalização. "Ela exige criatividade e mudanças velozes, já que a novidade anterior fica logo ultrapassada", diz.

Saúde em primeiro lugar
No entanto, sabe-se que existem limitações para o desenvolvimento dessa tendência. "Não iremos introduzir um novo elemento ou tecnologia se isso causar irritações na pele das consumidoras", indica Debbie D'Aquino, da Clinique.

As vezes o efeito é temporário. Por trás do conceito de produtos de ação rápida existem desde compostos químicos recém-descobertos, formulações mais concentradas e, ainda, veículos inovadores, como os cosméticos em spray ou soros (seruns) de última geração, que podem ser

Mesmo sendo difícil adivinhar o futuro do tempo de ação dos cosméticos, os especialistas arriscam palpites. A expectativa do professor Marcelo Schulman é que as empresas invistam em formulações com concentrações maiores de compostos ativos. Já Debbie D'Aquino acredita no desenvolvimento da tecnologia dos adesivos (patches), "que possibilitam benefícios localizados com melhores resultados".

FOTOS: ALAN NIELSEN

S.C.C.

É PRA JÁ!



CAVIAR RIMA COM REGENERAR

A suíça La Prairie, sofisticadíssima, desenvolveu a linha Caviar Collection, baseada no poder revitalizante do extrato de caviar. A vedete é o Skin Caviar/Minilifting Instantâneo (R\$ 165), que deixa a pele clara e firme. É só colocar as ovinhas —



com os ativos — numa gaze e comprimir sobre o rosto. Já o Essence of Skin Caviar Eye Complex (R\$ 140) hidrata e diminui o inchaço da área dos olhos.

ESFORÇO CONCENTRADO

Lançar mão das ampolas concentradas é a melhor maneira de otimizar os cuidados diários com a pele.

s.c.c.

Segundo o fabricante, já na primeira aplicação notam-se os efeitos. Esses tratamentos duram uma ou duas semanas, tempo necessário para se fazer passar por alguém que ficou um mês de férias.

s.c.c.

● O Concentre de Jeunesse Absolu B-21 (R\$ 390, sete ampolas), da Orlane, contém um estimulador celular que melhora a oxigenação e deixa a pele firme e compacta (com poros mais regulares).

● O Syncro Sérun/Bio-Performance (R\$ 116), da Shiseido, tem alto poder de hidratação: melhora a atividade celular, deixando a pele mais luminosa, flexível e suave.

R.C.R.

SPRAYS PARA O CORPO

A última palavra em matéria de hidratação corporal são os produtos em spray. De consistência leve, eles se espalham rapidamente, deixando uma sensação refrescante. O novo Re-Source (R\$ 53), da Lancôme, é um leite fluido. Graças a uma tecnologia batizada como nano-transformação, partículas de ceramidas são comprimidas junto com um agente hidratante. Quando aplicadas, deixam a pele lisa, macia e aveludada, sem deixar nenhuma oleosidade. Na mesma linha existe também o Rainbath (R\$ 20), da Neutrogena, com perfume de lavanda e bergamota.



TRATAMENTO EXPRESSO PARA OS CABELOS

Dois produtos podem eliminar o ressecamento e o brilho de seus cabelos num minuto. Depois de lavar os fios e retirar a umidade com uma toalha, coloque nas palmas das mãos algumas gotas de Vita Hair Ultra Recuperação Capilar (R\$ 15), da Vita Derm, e espalhe da raiz às pontas. Com

anti-radicares livres, como vitaminas A e E, o produto recupera cabelos que foram danificados por processos químicos ou agentes externos (sol, vento e poluição), dando uma hidratada a jato. Para completar, vaporize com o tônico Durcisseur Volumateur Capillaire (R\$ 44), da J.F. Lazartigue. Com queratina reforçada, ele é indicado para cabelos finos, proporcionando imediatamente volume e brilho.

s.c.c.

CONTRA-ATAQUE COM UM SORO DA JUVENTUDE

Uma boa razão para investir no Double Serun Multi-Regenerant (R\$ 105), da Clarins, é que ele foi formulado para preservar as cinco funções vitais que preservam a beleza da pele. São elas: revitalização, hidratação, nutrição, oxigenação e proteção. Para garantir isso tu-



do, estão presentes na fórmula 38 compostos ativos e uma embalagem inovadora: são dois frascos, com um dosador único, que permite que as duas fases (uma solúvel em água, outra, em óleo) se misturem no momento da aplicação para formar um gel de textura fina. Já no primeiro dia o produto limpa e tonifica a pele, devolvendo a flexibilidade e hidratação. À medida que os dias passam, as rugas serão atenuadas. Ao final do tratamento, a firmeza da pele aumenta em 22%. As aplicações devem vir antes do creme habitual do dia ou da noite.

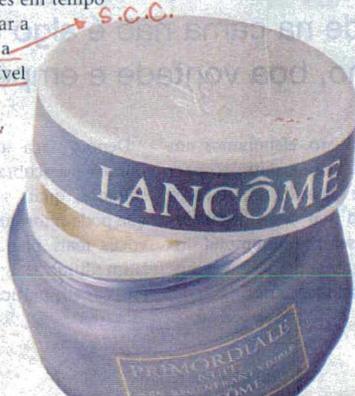
PARA ANTES DA MAQUIAGEM

Soros (seruns) que ajudam a fixar e aumentam a duração da maquiagem são outro tratamento instantâneo que a cosmética moderna nos oferece. Com eles, a pele fica lisa e com aparência luminosa. Escolha entre o Soin Beauté Instantané (R\$ 114), da Yves Saint-Laurent, com proteínas de leite e vitamina C; o Tenseur Beauté Phyto Aromatique (R\$ 191), da Sisley, com óleo essencial de lavanda; e o Soro Lift Anti-Rugas Face Sculptor (R\$ 93), de Helena Rubinstein, com proteínas vegetais modeladoras.



ACORDE LINDA NA MANHÃ SEGUINTE

Imagine um nutritivo que promete regenerar a pele no primeiro despertar. É o que diz a campanha de lançamento do Primordiale Nuit (R\$ 86), da Lancôme. A ação é em duas fases. Enquanto a exfolina (substância patenteada) de sua fórmula ajuda a eliminar as toxinas e células mortas, as nanocápsulas de vitamina A incrementam as trocas celulares em tempo recorde. Vale tirar a prova. Segundo a empresa, é possível notar, já na primeira manhã, que rosto e olhos aparecem purificados, os traços surgem mais lisos e visivelmente repousados.



DISFARCE A JATO

Você já ouviu falar em difusores óticos? Então prepare-se para incorporar mais essa novidade ao seu vocabulário. A Avon utiliza esse termo para explicar o modo de ação do Renew Complexo Para a Área dos Olhos (R\$ 25). Um minuto após a aplicação, garante a volta dos olhos já fica



com aparência mais jovem. Isso porque os tais difusores — composto químico derivado da sílica — rebatem a luz, disfarçando o aspecto trincado. A médio prazo, vitamina E, anti-radicais livres e alpha-hidroxi-ácidos suavizam as linhas, tratando de firmar e de melhorar a elasticidade da pele. *

Beatriz Marques Dias

Obs.: Não submetemos os produtos a nenhum teste. Todas as informações foram fornecidas pelos fabricantes.

OPERAÇÃO REJUVENESCER

A FÓRMULA DA JUVENTUDE

Cuidado de Si Ou Violência Corporal?

A Produção da Velhice Feminina

Na Mídia

NOVO VISUAL

CARA DE BONECA

OPERAÇÃO CAMUFLAGEM

“A liberação feminina deu origem ao prêt-à-porter, porque as mulheres precisavam **trabalhar bem vestidas**”

REPRODUÇÃO DO QUADRO MASCHEMTO DE VÊNUS DE SANDRO BOTTICELLI

Veja aqui os kits específicos para tratar a sua pele e **mantê-la jovem e bonita**

Com o que ele sonha?
Com carinho, satisfça os desejos dele

“Quem carrega bem a idade é tratada de forma diferente do que quem tem atitudes de velha”

600 abdominais por dia.
Assim ela se mantém sem barriga